

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
CENTRO DE ESTUDOS GERAIS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E FILOSOFIAS
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

MOVIMENTO ORBITAL

-

ATIVAÇÕES DO PLANO ESTÉTICO

GABRIEL DE CASTRO AUGUSTO ALVARENGA

Niterói – RJ

Agosto / 2018

MOVIMENTO ORBITAL – ATIVAÇÕES DO PLANO ESTÉTICO

GABRIEL DE CASTRO AUGUSTO ALVARENGA

**UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
QUALIFICAÇÃO DE TESE DE DOUTORADO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

ORIENTADORA: KATIA F. DE AGUIAR

Niterói – RJ

Agosto / 2018

Ficha catalográfica automática - SDC/BCG

A473m Alvarenga, Gabriel de Castro Augusto
Movimento orbital - ativações do Plano Estético / Gabriel
de Castro Augusto Alvarenga ; Katia Farias de Aguiar,
orientador. Niterói, 2018.
233 f.

Tese (doutorado)-Universidade Federal Fluminense, Niterói,
2018.

DOI: <http://dx.doi.org/10.22409/PPGP.2018.d.107.611.407-51>

1. Psicologia. 2. Estética. 3. Processo de subjetivação.
4. Arte. 5. Produção intelectual. I. Título II.
Aguiar, Katia Farias de , orientador. III. Universidade Federal
Fluminense. Instituto de Psicologia.

CDD -

BANCA EXAMINADORA

Autor: Gabriel de Castro Augusto Alvarenga

Tese: Movimento orbital – ativações do Plano Estético

Prof. Dr. Luciano Bedin da Costa – FAGED/DEBAS/UFRGS

Prof. Dr. João Batista Ferreira – Programa de Pós-graduação em Psicologia UFRJ

Prof^ª. Dr^ª. Talita Tibola – ESDI UERJ

Prof. Dr. Danichi Hausen Mizoguchi – Programa de Pós-graduação em Psicologia UFF

Prof^ª. Dr^ª. Katia Farias de Aguiar – Programa de Pós-graduação em Psicologia UFF (orientadora)

AGRADECIMENTOS

Aros concêntricos deste trabalho, camadas de um mesmo afeto, que envolvem os escritos e se fazem aqui em forma de agradecimentos. Inimagináveis presenças que emanam o incentivo, a força para seguir na escrita e o apoio ao coração.

À meus pais Luiza Maria de C. A. Alvarenga e Arlindo Gomes de Alvarenga pelo apoio sempre, a inspiração do pensamento ativo e da dedicação firme. A academia é só mais um dos lugares onde eles me ensinaram, para além das palavras, que estar em trabalho é a vida de todos nós, e que o carinho é uma das mais efetivas ferramentas de luta.

À minha potente e amorosa orientadora Katia Faria de Aguiar, com toda a sua paixão incandescente pela vida e sua energia inteligentemente afetuosa, que topou essa ousadia de escrever em Psicologia de maneira singular e a estar em parceria incondicional. Sua força te supera, o contágio é fremente e ter tido tu em meu percurso é mais que uma honra, é necessário.

À meu grupo de pesquisa, coletividade de acolhimento e expansão, onde estamos a experimentar essa companhia que nos tira da solidão da pesquisa e sabendo que se escreve e se inventa sempre junto. Em especial aos amigos: Raphaella Daros, Vanessa Monteiro, Talita Tibola, Félix Berzin, Luiza Ragonha, Flávia Fernando, Danielle Miranda, Fernanda Pinto de Tassis e Vivian Balbino, pelo amor, companhia e tantos percursos afetuosos e de pensamento. Profissionais, amigos, humanos como não poderia pedir mais.

À banca em sua presença assertiva, incentivadora e explosiva a acompanhar essa aposta de ousadia e estética. Mais que avaliadores, camaradas de criação e aposta. Em especial a Luciano Bedin, companheiro que segue meu percurso desde o mestrado e que, com suas palavras de potência e parceria, sempre me impulsionou a ir além e fazer de nossos trabalhos verdadeiras máquinas de ampliação de pensamento e de vôo pela vida.

À CAPES, instituição que fomenta meu percurso, a saber que, em tempos de desmonte de nossas políticas de educação e de muitas vezes impossibilidade de efetivar uma academia mais presente, é um privilégio poder realizar uma pesquisa como essa em uma instituição federal. Saber que este trabalho é coletivo, público e deve retornar à

sociedade não pode ser somente uma conquista pessoal, é um ato coletivo de expansão e acesso. Saber-se privilegiado não é somente celebrar a oportunidade, mas estar responsável por lutar por mais fomento, por mais efetivação e ousadia do pensamento, e afirmar uma academia pública e coletiva onde os espaços devam ser cada vez mais ocupados e trabalhados por todos nós.

Uma confabulação coletiva – é isso que define a insistência em batalhar pelo pensamento ativo e prático na luta pela vida. Psicologia, filosofia e arte estão aí para serem celebrados em amor, para a ampliação e cuidado com a vida e sempre na batalha onde ela é constrangida.

Agradeço por este trabalho existir, pois estamos aqui a pensar a vida em sua exuberante e criativa potência.

À vida enfim.

RESUMO

Partindo de uma investigação sobre o Plano Estético em Félix Guattari, tomando como principal referência seu livro *Caosmose*, pensamos arranjos possíveis de prática, usos e ativações desse conceito-máquina de nosso autor nos campos da produção de subjetividade, da Arte e da Psicologia. Tomando como metodologia de pesquisa uma proposta de Clarice Lispector de seu romance *A paixão segundo G.H.* e o formato ensaio como aposta numa política de escrita, exploramos os diversos campos e articulações possíveis de tal conceito de Plano estético, bem como a noção de estética, criação e contemporâneo apoiados fortemente nos trabalhos em Deleuze & Guattari. Plano estético esse que traz o desafio de habitar e efetivar a criação nos processos que investigamos e trabalhamos, criação essa tida como processos inerentes da vida em perene diferenciação, combinatória e mutação. Campo problemático amplo que acessamos de modo a transversalizar e pensar/produzir *in loco* elaborações potentes de conexão, debate e articulação de discussões que levem a radicalidade de tais postulações sobre estética, arte, vida e criação. Em quatro seções de ensaios, o tema da estética é trabalhado respectivamente em conexões sobre: metodologias, imagem do pensamento e políticas de escrita; vida e obra de artistas/intercessores, explorações sobre corpo e produção artística; o espaço geográfico e noções como território existencial e plano de consistência; vivências, experimentações escritas e proposições práticas advindas do aprofundamento na noção de estética e suas articulações práticas com a Psicologia e a vida. Todas as partes possuem como articulação central desdobrar a noção de criação, ativar e articular o Plano estético de Guattari, seguindo a pensar todos os nossos intercessores e campos problemáticos de forma prática sobre a questão dos processos de subjetivação no contemporâneo e potências de interferência.

Palavras chave: **estética, processo de subjetivação, psicologia, arte, contemporâneo.**

ABSTRACT

Starting from an investigation on the Aesthetic Plan in Felix Guattari, taking as its main reference his book *Caosmose*, we thought possible arrangements of practice, uses and activations of this machine-concept of our author in the fields of the production of subjectivity, Art and Psychology. Taking as research methodology a proposal of Clarice Lispector of hers novel *A paixão segundo G.H.* and the essay format as a bet in a politic of writing, we explore the various possible fields and articulations of such a concept of Aesthetic Plan, as well as the notion of aesthetics, creation and contemporary strongly supported in the works in Deleuze & Guattari. This aesthetic plan that brings the challenge of inhabiting and effecting creation in the processes we investigate and work, a creation that is considered as an inherent processes of life in perennial differentiation, combinatory and mutation. A broad problem area that we access in order to cross-train and think about / produce in situ powerful elaborations of connection, debate and articulation of discussions that lead to the radicality of such postulations about aesthetics, art, life and creation. In four sections of essays, the theme of aesthetics is worked respectively on connections on: methodologies, image of thought and writing policies; life and work of artists/intercessors, explorations of body and artistic production; the geographic space and notions as existential territory and plane of consistency; experiences, written experiments and practical propositions arising from the deepening of the notion of aesthetics and their practical articulations with Psychology and life. All parties have as central articulation to unfold the notion of creation, activate and articulate the Aesthetic Plan of Guattari, following to think all our intercessors and problematic fields in a practical way on the question of the processes of subjectivation in the contemporary and powers of interference.

Keywords: aesthetics, process of subjectivation, psychology, art, contemporary.

GUIAS – FLUXO

ÓRBITAS	11
Mão estendida – do método à diluição.....	16
Retornos, estéticas e conceitos em performance – desafios micropolíticos a nossa volta.....	28
TUDO QUE ENTRAR SERÁ DESCODIFICADO.....	38
CARNE	45
EXPERIMENTOS-CARNE: criação.....	47
Estamira e a carne viva.....	59
Galeano, comparsa mutante: por uma estética latino-americana.....	67
Os olhos de Frida Kahlo.....	76
Van Gogh – o suicidável da sociedade.....	82
Ciborgues, <i>Replicants</i> e andróides ou O manual de como se construir humanos.....	90
(D)Obra humana – Powaqatsi.....	100
CHÃO	102
Encantamento Austral.....	104
PANORAMA-EXISTENCIAL – territórios em mistura.....	114
Gira da Terra.....	128
Como sabotar as distâncias?.....	137

RESPIRAÇÃO	146
Sufocamentos – aragens contemporâneas.....	148
Impregnação.....	157
Citoplasma cósmico – algo para se ler com desleixo.....	169
Onde ainda a criação? – escrever como quem respira.....	177
Volúpia curiosa – por um porno-devir-libertino.....	185
Laroiê Exu – os <i>uivos</i> do mundo.....	196
SUAVIDADE-PULSAR – uma prática, uma afeição.....	203
Exercício de desaparecimento – Cósmica pulsátil	222
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	226

Essa subjetividade pática, aquém da relação sujeito-objeto, continua, com efeito, se atualizando através de coordenadas *enérgico-espaço-temporais*, no mundo da linguagem e de múltiplas mediações; mas o que importa, para captar o móvel da produção de subjetividade, *é apreender, através dela*, a pseudodiscursividade, o *desvio* de discursividade (...)

Félix Guattari

Caosmose, 2012, p. 37, grifos nossos.

ÓRBITAS

Entornos. Arredores nos perguntando – *como vamos compor, o que vai se passar?* Mais do que iniciar um trabalho de escrita, onde somos impelidos a escrever, habita-se por algo indeterminado, suspenso, onde pouco a pouco sentimos influências de todos os lados. Órbitas e influências gravitacionais se iniciam com no mínimo irradiações e deambulações, e sentimos levemente seus resultados. Mesmo em indefinição, sentimos a concretude das questões, os filamentos de conexão dum pensamento em ruptura que nos atravessa, e não se tratam de questões ou problemas de pesquisa tão somente, é o real e seus fluxos que nos envolvem. O movimento se empreende novamente e devemos abrir os canais de intuição e atualização para esses encontros, seja com corpos de carne, porções de terra ou criações pulsantes – o movimento e seus modos; e que o deslocamento seja signo de liberdade. Nasce um cosmos, gônada de entrada.

Tempo de início – de um caos, a palavra... Em certas mitologias de nascimento do cosmos dos indígenas tupi guarani há um som, certa vibração, irradiação inicial e sem origem precisa, que ressoa. Movimenta-se. Dela surgem seus filhos, as palavras. E só após surge Tupã, divindade muitas vezes tida como central em tais mitologias, que se mostra como força da natureza e corre a traçar o mundo enfim. Cria pontos cardeais, espaço, gente e desdobramentos. Norte, Sul, Leste e Oeste. De dentro dessas orientações, eles citam ainda mais dois traços que usualmente não constam em mapeamentos, mas que aqui nos dão o tom de como, enfim, habitar. Duas outras referências constam para indicar o espaço que se habita, o “onde” se está, que entrecruzamento se faz de nós: temos o Zênite – ponto medido da cabeça para o alto - e Nadir - da cabeça para o chão. Do espaço infinito ao concreto nada. Humanos, na figura de um primeiro homem feito por Tupã e uma mulher que nasce das águas vão a nomear o mundo, e suas vocalizações sagradas criam tudo que não existia anteriormente, bichos, plantas, lugares peculiares. Palavras, espaço, gente, habitações...¹

¹ Fontes diversas de tais relatos, sendo a cultura tupi-guarani e suas diversas etnias, essencialmente oral e muito combatida num processo de colonização sul-americana. Traços gerais e persistentes compõem esse relato que refaço novamente. Tomamos Eduardo Viveiros de Castro como forte referência de reflexão e outros relatos esparsos – incluindo seus outros trabalhos e o livro *Metafísicas Canibais*, 2015.

Anaxágoras, filósofo grego pré-socrático, diz numa cosmogonia incrivelmente semelhante. De um caos energético e disforme surgem, à partir de um movimento imemorial e arbitrário, a matéria e suas composições infinitas. Imagem recorrente até esta de um caos que se debate irascível em direção a um equilíbrio, mas esse pensador inclui aqui um posicionamento caro a nós: porque existem e mesmo qual seria o intuito das combinações? Nenhum. O caos não é ou possui essência norteadora, certa lógica, regra magna de um *teos* que colocaria intencionalmente as coisas em combinação. É movimento de início sem regra ou finalidade e se mantém assim em seus desdobramentos *ad eterno*. Muito mais que “logicizar” o que faz brotar o cosmos, há nessa colocação do filósofo outra forma de entrada: o *como* esse cosmos pulsa.²

Como nasce um cosmo? Quantos possíveis ainda estão em desdobramento sob esse que acostumamos tocar em repetição?

Pontos inicialmente desconectados, com ritmos, procedimento diferente, trilhas longínquas em sua concretude. Mas encontrar estes dois relatos deu o tom que já se empreendia para além de minha de minha pesquisa e que aqui se impôs como procedimento – esse o de transladar pontos esparsos, estar em cada um deles em combinação, tecer influências e conexões, e deixar que a influência gire as questões e experimentações por propagação. Pensar por órbitas é postar o movimento como essa rede de influências, ver que o intervalo das questões não é vácuo inócuo e sim prenhe de energia, multidimensionalizar a escrita esquecendo a linha reta da medida e apontando para diversos lados, mas principalmente perceber que permanência é ilusória e que o movimento é o crucial.

Esse caminho de escrita, a construção de uma tese de doutorado, se apresenta a mim como tais órbitas. Movimentos e influências em combinatória efusiva que demandam e orientam o caminho do pensamento e da escrita. Começo a tocar essas conjunções por meio de um vivaz interesse no plano estético – formulação potente de Guattari –, ao qual aportei após o trabalho de mestrado e tantos outros caminhos que resgato aqui. Pesquisei e me entreguei à experiência da escrita tendo como mira a relação íntima entre arte e vida dentro das formulações de pensadores como Deleuze & Guattari e Foucault.

² Enxertos e usos de Cosmogonias que nos orbitaram: a Cosmogonia do filósofo pré-socrático Anaxágoras (Fernando Bonadi Oliveira, *Coerência e comunidade em Espinosa*, 2015) e o mito tupi-guarani. Partículas, gravitações e composições. Retomamos mais a frente a noção de cosmogonia muito cara a nosso trabalho, com suas conexões e influências, por agora só um toque intuitivo.

Formulações como a estética da existência e maquinações da filosofia da diferença foram meus caminhos, num equívoco de fechamentos conclusivos dos conceitos arte e vida – tocando muito mais procedimentos criativos, movimentos constantes de mutação e potência imanente – inserido num contexto contemporâneo de produção de subjetividade para pensar em como intervir e experimentar, talvez re-ativar, processos de criação subjetiva e linhas de revolução.

E como procedimento inusitado, esse de pesquisar com tais autores e aportes performáticos do pensamento, busco aqui me debruçar com mais duração nessa intrínseca e fugidia relação onde a criação se faz. Criação não como somente o refazimento de formas em outras, ou mesmo a combinação de idéias e conceitos em expansão, mas sim como ponto imanente de constante movimento vital. Daí o aporte ao plano estético de Guattari numa primeira entrada, mesmo que, como antes havia experienciado, não se trate de responder uma pergunta de pesquisa e sim ir criando territórios do pensamento, procedimentos de experimentação e adensando essa maquinaria vital-artística no real.

Meu trabalho habita um intervalo, um interstício, uma zona indeterminada. Transversalizar áreas do pensamento ou conectar por vias de interseção incita uma ligação potente e singular do processo de pesquisa, desterritorializando a mim e ao trabalho. Expedições um tanto solitárias ou mesmo de frágil efetivação, sempre percebendo que é algo de coletivo que nos salva desse limbo. Formulo problemas de pesquisa, mas sempre os esgarço. Trabalho com psicologia, arte e filosofia, mesmo que não respeite de forma circunscrita nenhum campo de antemão – eu as incorporo e as maquino. Escrever, rabiscar, ler e experimentar outros meios. Afetar-se e perder-se em diversos meios não somente colorem essa ciência em preto e branco, são campo de vivência, são dispositivos de efetuação e experimentação da potência vital. O campo da arte em sua afirmação de pensamento em ruptura, o pensamento como imanência de encontros diversos e plurais de potência plástica, a produção de subjetividade com sua faceta em desarranjo e possibilidade de criação – aqui o plano estético de Guattari a contagiar em dispersão, numa vivência molecular das questões, num desafio de habitar com uma micropolítica provocativa e prática. Escrevo para um leitor – que busque pensar a criação artística, uma filosofia da diferença, uma psicologia não estruturante e prática – com conceitos, bibliografia e debates científicos, mas é a sensação e o deslocamento que me animam e vão além.

Pensar a psicologia, ou mesmo outros campos como a filosofia e a arte, se dá em meu trabalho como campo de intervenção firme abordado por diversas entradas. A orbitação dos problemas, as influências e conexões do pensamento se configuram aqui como ponto de experimentação, de criação – do átomo ao cosmos. Daí a intuição da cosmogonia, afastando-nos da usual investigação da cosmologia – buscando o *gonos* dos acontecimentos em mistura mais do que sua lógica apreensível. A conexão com as duas cosmogonias se fez por ressonância e contágio, desenrolaram outra forma de conexão com o trabalho, com os materiais, com a escrita. Indicam orbitações, relações temporo-espaço-afetivas e alastram minha pesquisa.

Órbitas distantes e próximas, atrações e afastamentos, movimentos e composições. Combinações que se efetivam em confluência, esplêndidas e sem propósito conclusivo. Tudo começa com um ponto a se traçar. Tudo ganha caminho e pesquisar é, enfim, habitar esse plano estético. Aqui se funda nossa imanência e dessa composição se faz o caminhar. Entremos.

Uma primeira colocação, simples e mordaz: O que fazer com uma vida?

Mão estendida – do método à diluição

A função da arte/1

Diego não conhecia o mar. O pai, Santiago Kovadloff, levou-o para que descobrisse o mar.

Viajaram para o sul.

Ele, o mar, estava do outro lado das dunas altas, esperando.

Quando o menino e o pai enfim alcançaram aquelas alturas de areia, depois de muito caminhar, o mar estava na frente de seus olhos. E foi tanta a imensidão do mar, e tanto o seu fulgor, que o menino ficou mudo de beleza.

E quando finalmente conseguiu falar, tremendo, gaguejando, pediu ao pai:

- *Me ajude a olhar!*

(Galeano, 1995, grifos do autor, p.15)

Difícil perceber as sutilezas desse método. Estamos a todo tempo fervilhando de novas informações, sejam de parco consumo desenfreado ou acúmulo do pesquisar, mas é quando um silêncio lacunar se instala – muitas vezes por um belo descuido – que começamos a discernir que existe algo a pedir pregnância. Pesquisar e pensar por vezes se afastam em termos de tarefa prescrita e processo ininterrupto, mas aqui buscamos aproximá-los vez mais. Então, como realizar uma pesquisa? Como escrever?

A maturação de cada questão – ou como uma amiga me atentou para certa *digestão* – se envolvem nesse movimento. É praticamente um momento de parada do sistema por diversas horas, deixando a atenção se aprumar para a lacuna e um cuidado para que uma mão se estenda sutil pero notável, uma fruta que bóia de dentro d’água à superfície. Aquele silêncio entre uma onda e outra, a goiaba que se desgruda do pé, o vento que suspira numa batida do coração. Constância e transformação.

Continue escrevendo. Um espaço liso. O deserto ainda, não de segura descaída de vida murcha ou fenecimento, mas grave de potência ainda indistinta – um sertão veredas. Ligeiros nós de aglutinação que se riscam por sobre uma folha branca. Primeiros marcos, pontos de condensação onde a rede, ainda que intrínseca, se faz como possível a ser adentrado, transladado com corpo e intensidade.

É preciso, antes de qualquer coisa, despojar. Desfazer, ou ao menos abrir o peito a certa frialdade, para que os rumos possam sulcar outras vias. Todo caminho que recomeça pede passagem e, a essa altura, só consigo fazer isso deitando as tais acumulações de conceitos, abrindo mão das memórias ainda cristalizadas e da aflição de não ter porto a chegar. Aceitar que diluir é preciso.

Tomando vida como vontade de potência a partir de Nietzsche, vontade vital de sempre expandir e querer o *a mais* das coisas, encontramos nossos endurecimentos, valores e tantas outras fixações que constroem o movimento. E para esse salto de afirmação e liberação da vontade de potência com o despojo das constâncias e valores morais, é Nietzsche que nos indica certo caminho. Estar no movimento do real de forma imanente no presente, fazendo nesse movimento a libertação de um passado endurecido e a quebra de um ilusório futuro que também encarcerava as potências. Esse estar requer, antes de tudo, esquecer (DIAS, 2011, pg. 80). Rosa Dias, em seu livro “Nietzsche – vida como obra de arte”, faz essa precisa costura de como o esquecimento se insere no pensamento de Nietzsche e como esse ato maquina seus conceitos. Ser infiel às memórias e às constâncias que produzem sua presença ferina a todo instante em nosso si; trair as durezas, essas que se instauram como ressentimento, com dois movimentos: do esquecimento e da recordação. Esquecer numa liberação de reinterpretações ou fontes primeiras de explicação dos fatos, liberar o presente de uma re-presentação do que se passou. Esquecer para trazer o passado para mais perto, para constituir-nos plásticos e não aprisionar nossos passos. Sair e entrar, desfazer para criar com as peças soltas, enamorar... uma simples atitude: esquecer. Nada de uma amnésia forçada e enganosa, e sim deixar que as âncoras com suas cordas fixas de nossos sujeitos erguidos e protegidos com unhas e dentes se percam enfim, nos aportando, ao revés, na candência dos acontecimentos presentes. Daí é também Nietzsche que indica o segundo movimento para se fazer um si que pulse a vontade de potência, o da recordação. Recordar no sentido de que nosso material, nossas linhas de vida históricas, preceitos históricos, processos de produção econômico-sociais, nosso corpo de carne e osso também – que tudo isso se apresente como matéria prima, material de nova reconstrução. Trazer os processos que nos constituam em recordação, revisitação e produção de diferença. Não a ilusão niilista de despojar-se enfim de tudo e ser o nada desolado do contemporâneo à mercê de quaisquer marés sejam de dor ou prazer. Muito mais a imanência com sua radicalidade dupla: desprender-se de passado e futuro, para que estes sejam nosso material sempre aqui e agora na prática constante do refazimento.

Aqui novamente tocam-se vida e arte, duplos convergentes que se comungam em um preceito: a criação. Uma pesquisa que se adensa por aqui? Ainda não, proto-problema, pré-campo, e tendemos a deixar que essa indeterminação se sustente a abrir caminhos e não conclusões. “Amo aquele que justifica os futuros e redime os passados, pois quer ir

fundo pelos presentes.” (NIETZSCHE, *Assim falou Zaratustra*, apud DIAS, 2011) É desfazendo a vida que os materiais soerguem e a potência inicia suas circunvoluções criativas.

Um método: o esquecimento como postura inicial e recordação a despontar novos arranjos, mas um método. Trabalhar pela ampliação da vida é um ataque que se apruma por diversas frentes. Diluir as concretizações em prol duma flexibilidade é estratégia de criação e sabemos que nas palavras essa encampada tem de ser afiada e pungente. Da lisura da folha branca, ir a demarcar primeiros pontos de orientação e caminhos transversais a desrespeitar as retas insuspeitas. Uma cartografia radical essa de diluir e ampliar, diluir e ampliar... Não se responde a um método, ou não se deveria. Maquina-se e é-se maquinado por ele.

Método, palavra que em sua etimologia surge de *metha*: através de, por meio de; e de *hodhos*: via, caminho³. Muito mais aqui ser fiel ao caminho pelo qual se atravessa – seja pela vida, seja pela escrita que nesse território aqui se confundem intencionalmente –, do que um esquema de raciocínio a ser respeitado. Busco apoio nas discussões de Larrosa (2004) ao se debruçar mais demoradamente sobre as noções de experiência, informação e conhecimento. Em uma retomada etimológica – onde as palavras são tratadas não como portadoras de significados comunicacionais, mas como produtoras diretas do real e do processo de subjetivação –, o autor aprofunda o debate de que tomamos nos afastamos muito da vivência dos acontecimentos como algo que nos sucede e nos toca, para usos de “leitura correta” do mundo e suas verdades. O homem da ciência moderna, baseada em um acúmulo de informações, grande velocidade de consumo e conseqüente diminuição da vivência dos acontecimentos, acaba por afastar-se da experiência e fixa-se em experimentos e fechamentos estruturais do mundo. A palavra experiência, como indica Larrosa (2004), possui radicais lingüísticos de travessia e de perigo, sendo o homem espaço de passagem dos acontecimentos, de onde um saber da experiência pode surgir. Desse saber não advém consenso, mas sim um heterologia, singulares modos de vivência, ali onde, sensivelmente, algo se passa. Buscamos empreender essa travessia perigosa, acedendo aos acontecimentos não buscando provar hipóteses, mas trazendo notas do que nos toca. Há aqui uma inversão quase cruel por sobre o pensamento e a exploração: em ciência troca-se caminho por

³ Definição do Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa, 2004.

itinerário, e vivência por técnica. Busca-se encontrar novos caminhos por sobre o asfalto muito bem sinalizado ou por sobre pegadas de tantas gerações que só fazem aplainar e sufocar mais o chão que caminhamos. Ali onde a ciência demarca o itinerário de nosso caminhar, o salvo conduto de uma investigação que não extravase os mapas anteriores, em certa complacência de floreios e sondagens tímidas, mas que devem ter um guia inicial cronometrado e inventariado. E as técnicas a assegurar uma visão apurada e legível, proporcionando sim encontros jamais imaginados em microscopia ou medições estratosféricas, mas também a nos manter na trilha, nos trilhos. A rota deve ser cambiável para que o pensamento realmente explore outros campos, outras vias, para que o caminho singular e vivencial do pensamento se mostre e reverbere um saber da experiência (LARROSA, 2001) em sua singularidade, mesmo que fuja ao itinerário e salte por sobre as técnicas.

Por isso esquecer e recordar. Diluir e ampliar. Mas onde encontrar, enfim, um modo de empreender tal proposta sem que se desvaneça por completo ou percamos capacidade de conexão? No lugar dos bustos ancestrais a serem cumprimentados pelas aléias decoradas dos conceitos e da arte fixada em totens maravilhosos, quero a mão espectral de Clarice Lispector. Em seu romance *A paixão segundo G.H.* (1998), mais do que leitores somos comparsas, cúmplices de seu caminho. A personagem narradora está a relatar o que acabara de se passar consigo e nos pede a mão a todo instante. “Estou tão assustada que só poderei aceitar que me perdi se imaginar que alguém me está dando a mão.” (LISPECTOR, 1998, p 17) Segue-se a ler, não sentindo que apertamos seus dedos em companheirismo pelo medo dela, pela fraqueza dela, mas sim comungando uma perdição. Por saber da dificuldade que é escrever, relatar, encarnar e ser transpassada pelo ocorrido, G.H. diz que se tiver uma mão à qual segurar conseguirá seguir, sem coordenadas ou entendimento final, mas seguir.

Quem sabe me aconteceu apenas uma lenta e grande dissolução? E que minha luta contra essa desintegração está sendo esta: a de tentar agora dar-lhe uma forma? Uma forma contorna o caos, uma forma dá construção à substância amorfa – a visão de uma carne infinita é a visão dos loucos, mas se eu cortar a carne em pedaços e distribuí-los pelos dias e pelas fomes – então ela não será mais a perdição e a loucura: será de novo a vida humanizada. (Lispector, 1998, p 14)

O que esta personagem nos pede arromba a metodologia, suave desmoronamento de toda a especulação científica. Quando a vida se mostra, e a tarefa da escrita emerge impositiva como uma respiração, é aí que vislumbramos nosso método: a mão de G.H.

“A fina morte que me fez manusear o proibido tecido da vida. É proibido dizer o nome da vida. E eu quase disse.” (LISPECTOR, 1998, p 15 e 16) Estender a mão à G.H. é tocar esse caminho inexplorado, cheio de crueza inicial e luminosa, onde é esquecendo e ruindo o mundo que sentimos tudo renascer e mostrar pulso ainda.

G.H. nos coloca a seu lado, se confunde com tudo e conosco, e por isso é muito mais metódica que qualquer cientista, sendo fiel na travessia desse caminho. Afirma com todas as fibras do corpo, com o assombro de ver a vida em desvelo e com toda dificuldade de formar um relato que está a criar, que é impossível ser fiel aos acontecimentos afirmando que dirá “verdades”, e sim que vai:

(...) criar o que me aconteceu. Só porque viver não é relatável. Viver não é vivível. Terei que criar sobre a vida. E sem mentir. Criar sim, mentir não. Criar não é imaginação, é correr o grande risco de se ter a realidade. Entender é uma criação, meu único modo. Precisaréi com esforço traduzir sinais de telégrafo – traduzir o desconhecido, e sem entender para que valem os sinais. Falarei nessa linguagem sonâmbula que se eu estivesse acordada não seria linguagem. (Lispector, 1998, p 21)

Essa nossa entrada metodológica: esquecimentos, recordações, diluição, ampliações, mas sempre de mãos dadas. Nietzsche e seus desafios, a ciência torcida em suas durezas, as metodologias e o entendimento em extrapolação, engendrados dentro dum singelo e estrondoso pedido de uma mulher que se senta a escrever o que vivenciou: “Dá-me tua mão desconhecida, que a vida está me doendo, e não sei como falar – a realidade é delicada demais, só a realidade é delicada, minha realidade e minha imaginação são mais pesadas.” (LISPECTOR, 1998, p 34)

Dá-me tua mão.

Uma mão, ou mesmo várias, se estendem a nós e a escrita é nosso entrelaçamento, caminho e travessia.

Dos movimentos orbitais

A suspensão não indica a falta de peso. A velocidade é relativa, onde você está? Reações, conexões, repulsão, atrito e inércia dinâmica. Arcos fractais, em cúmulos globulares de constelações e matéria escura – no vácuo pleno.

Aporto ao espaço sideral, na busca de mais nomenclatura que me auxilie a empreender e extravasar o que mais rodopia dentro dessa metodologia. Ao pensar no espaço, nas galáxias, constelações, energia e matéria em colisão e dispersão, estou buscando não visualizar uma certa última fronteira – lá onde o homem nunca foi e onde já perde quase que por completo referências de identificação possível. A dimensão titânica dos corpos celestes e suas interações é a mesma que anima e pulsa ao pensarmos o plano do real, sua rede de produção/interação – esse rizoma infinito e deambulante.

Para dar ao plano da realidade a plasticidade e a dinâmica que buscamos aqui, mirando em Guattari e sua provocação da estética como plano de habitação-choque, pensar nos movimentos orbitais dá a leveza e a magnitude necessária para tal afirmação. Os sistemas astronômicos em equilíbrio são delicadas proposições onde a ciência projeta suas funções em tão factíveis – porém tão raras – interações. Mais do que compreender e capturar as leis naturais do universo, busquemos estar nele de outra maneira, em conexão plástica. Os campos gravitacionais, os eixos, os giros, bailando em eminentes cataclismas. Alinhamentos, influências, explosões e ondas energéticas, em carrossel disperso e movente. Proporções em disparate, lerdizas à distância, vertiginosas a vizinhança. Triangulam em todas as direções pontos singulares, transpassam e enredam qualquer localidade, mas que não se mostra singular por si mesma em recorte individual, mas sim pela sua relevância, interação e peculiaridade dentro desse mapa escuro e claro. O calor, o frio, a química rica e quase irreal de termos substância de cometa em nossos cabelos. As eras, expansão e encolhimento, o tempo esgarçado a descosturar a maquete possível e transladar-se em infinitas camadas.

Ao propor as orbitações fora de uma análise astronômica, trazendo-a para o ponto imanente que habitamos, busco forçar que os astrolábios se ampliem. Que ponto habito? Em que ponto da órbita estou? Quais órbitas? Na vastidão dos fluxos e interações possíveis, abrir aí a imensidão do espaço sideral, nos tirando das linhas retas do

cotidiano, ganhando amplitude e interação. Aquele pensamento que comecei anos atrás deve estar orbitando mais comprido, tendo suas forças a emanar ainda algo a mim, voltando talvez em nova revolução ou se perdendo em meteorito ou cometa errante. Quantas voltas sobre nós mesmos, mostrando faces escondidas, levantando marés, aumentando velocidade ou a perdendo por completo, isso em um só dia comum. Uma data histórica não como dado concreto em precisão, mas como o céu multi-temporal envolvido e atravessado por tantas variáveis quantas sustentam a via láctea, em espiral rodopiante. Não temos um só itinerário, estamos a balouçar dentro de tantas influências, camadas de compromissos, fluxos monetários, estômagos com fome, Américas latinas, famílias herdadas e muito mais, movimentando essa constelação móvel que configuramos. Certo que algumas órbitas se repetem, e seus ciclos são preciosos, mas cada volta é mais uma nova influência, um possível choque – soltos no ar e amparados. Dentro do invisível, ir a sentir as afecções vindas da distância, seu ganho de força, a chuva de energia dispersa e sua possível radioatividade. A cadeia magnética que nos orbita não é fechada, é intensa e presente, mas em conexão. Não há sustentação, somente interação em arcos de diversas valências que talvez não consigamos ainda conceber, largos demais ou por vezes instantâneos demais.

Estar nas influências astrais como modo de encaixe com o real, eis as nuances de nosso método. Nada de subir estratosferas rarefeitas em uma fuga desse mundo em caos, e sim buscar nesse caos toda a amplitude e a interação criativa que o anima.

Teses, problemas de pesquisa e conceituações – Cosmogonias

Escrever e pesquisar, mais do que um trabalho a ser concluído como parte de uma formação, é campo de produção de si e do mundo, em experimentações em ato de novas formas de existência (D'Ó, 2011). A escrita como instrumento principal da produção acadêmica parece a todo instante trabalhar contra o que ela deflagra: a exploração do pensamento pela via da formalização e das premissas. Não que eu rechace por completo o aspecto comunicacional e de marcação de um processo de pesquisa acadêmico, somente indico que a escrita, como campo de atuação muito concreto, é, em si, impregnada de tantas coordenadas preestabelecidas e docilizada reiteradamente. A

escrita em seu fundamental processo de problematizar e, em meio a isso, demarcar de caminhos imanentes, acaba por ficar formatada ao máximo na busca de uma padronização, deixando a tais “franjas” singulares e de ruptura o espaço das notas de rodapé, possíveis prosseguimentos de pesquisa em outro momento ou mesmo sugestão para próximas gerações. Isso não aceito, recuso uma escrita que se baste em revisões e que se aplaine num dever informacional. Não aceito, pois o pensamento não aceita, segue.

O processo de subjetivação em sua ativação pelo paradigma estético se faz como território de habitação à guisa de campo problemático. Não temos intenção de utilizar a noção abstrata de estética num hábito do paradigma cientificista racional, como um referencial que organize e nos dê a ver certo plano da realidade. Acessamos tal noção num propósito de habitação, por uma entrada micropolítica da escrita, do enfrentamento de cada questão por diversos encaixes e potências ensaiadas nesses textos, do real.

Ensaiar, na escrita e na vida. O formato ensaio pediu passagem, se fortaleceu como tom e toque no procedimento do pensamento que ocorre ao me aproximar dessas questões. Em parceria com Larrosa (2004) e sua exploração do ensaio, estamos a utilizar mais do que um formato, na clássica definição do ensaio como um texto tanto mais íntimo e pessoal, com formatos variados e com ligeira “imprecisão” científica. Com nosso comparsa, pensar que “o ensaio é uma determinada operação no pensamento, na escrita e na vida” (LARROSA, 2004), operação essa de ensaiar-se nesses âmbitos, tendo o questionamento e a mutação como premissas, seja desse pensamento, dessa escrita, dessa vida. Uma atitude existencial como ele nos indica, que opera em nosso pensamento-escrita-vida uma estética de transformação e questionamentos constantes. Ensaio porque vai a tocar questões-tensões pertinentes sem as concluir, muito mais a lhes riscar a superfície imanente e trazer daí traços que abram a experimentações práticas de cada questão e mais problematizações imanentes. Essas operações que se parelham à minha em confabulação com Henry Miller em *A sabedoria do coração*, 1986, e Félix Guattari em *Revolução Molecular*, 1987. Nesses dois livros os autores propõem ensaios, dos mais experimentais aos mais conceituais, mas que perpassam sempre essa singularidade autoral, esse manejo dos temas de maneira transversal e a experimentação efetiva da escrita-pensamento-vida. Não queremos criar raciocínio e sim habitar tensões e criar territórios cambiantes. A faceta estética do real não é mais somente um paradigma abstrato a ser debatido com referências firmes de filosofia,

psicologia ou experimentações documentadas – a estética como via de criação de *performances* de vida, de atualizações de processos de potência a n-1⁴, ponto de mutação efetivo de diluição e ampliação de nossas coordenadas. A escrita aqui então se torna uma política, uma ética, amalgamadas e maquinadas numa estética de escrita. Pensar pela via da escrita possui suas técnicas e interferências, mas agora seguiremos Lispector que instrui:

Escrever é o modo de quem tem a palavra como isca: a palavra pescando o que não é palavra. Quando essa não-palavra – a entrelinha – morde a isca, alguma coisa se escreveu. Uma vez que se pescou a entrelinha, poder-se-ia com alívio jogar a palavra fora. Mas aí cessa a analogia: a não-palavra, ao morder a isca, incorporou-a. O que salva então é escrever distraidamente. (Lispector, 1990, p. 21)

Daí uma primeira problematização sobre o plano estético. Referenciado contundentemente a Guattari e seus textos em parceria com Deleuze, torna-se procedimento de escrita-investigação as ativações, atualizações, encarnações de nossos debates conceituais e afetivos no que eles nomeiam por faceta estética do real. Esse plano estético, essa perspectiva caosmótica que Guattari desdobra em tantos conceitos e explorações, é nosso primeiro aporte de campo problemático. A tese torna-se uma exploração de territórios em criação e desfazimento perenes. Tomar a liberdade de abordagem dos temas e rachaduras do pensamento sem a necessidade primeira de encadeamento, pois o texto sempre possui uma intuição muito maior do que suspeitamos. Pensar a escrever, em ato de escrita, é abrir caminho a multidões e entregá-las a encontros outros. Muito mais que um método, um procedimento. Clarice nos escolhe, nos estende a mão e desse procedimento seu roubamos esse convite ao indeterminado. Ensaaios não são a forma que inicialmente escolhemos para caminhar, surgiram da digestão das questões, se impuseram ao fluxo da tarefa. Daí o formato dessa tese fazer escolhas cambiáveis, em conexão profícua e posta ao desmonte e re-criação.

Como adentrar o campo do processo de subjetivação pela via da estética? Pensar a criação no século XXI, infectar e interferir em processos de subjetivação que teimamos em não acompanhar em Psicologia, sem construir necessariamente um problema de

⁴ Deleuze e Guattari, *Mil Platôs 1*, 1995a, ao indicarem a subtração do sujeito tradicional ao pensamento científico. Para quebrar uma tradição cartesiana do pensamento, que pressupõe um sujeito racional a “utilizar” o pensamento. Fazer um pensamento a n-1, subtraindo qualquer referência a um sujeito cognescente, abrindo para um pensamento-fluxo que se faz à revelia de um pensador ou sob o julgo de uma intencionalidade racional. Pensar aqui se aproxima ao processo de diferenciação-criação da vida.

pesquisa? Há aqui o abandono de um único problema inicial, pois a falsa questão é aquela que encobre ou sobrepõe o fluxo de pensamento. Isso desafia proceder ao rigor do pensamento intuitivo-atualizador e escrever em outros devires sem perder consistência ou sucumbir a solilóquios. O procedimento formal do pensamento acadêmico – aquele racional, referenciado ao extremo e construtor/criador de verdades – faz com que a cada passo de uma pesquisa sejamos sorvidos em cadeias de especialismos, na ânsia paranóica de tomar a questão “por completo” acabando por nos frustrar na falha de “explicar” o que investigamos. Ou mesmo a rigorosa construção de hipóteses que funcionariam primorosamente se fossem pistas de pesquisa, mas se transmutam em bitolas a serem provadas, com função de “desvelar” enfim funcionamentos corretos ou mesmo dominar a arte da retórica sobre assuntos específicos e abstratos ao extremo. De especialista se fazem a intelectualidade e por vezes, é essa a paralisia do pensamento. Ensaiai sobre um assunto é tratar a escrita como infinita e parca. É saber que a tarefa de maestria completa sobre qualquer temática é falsa e que o processo de pensamento é interferir no que se vai escrevendo, em meio à intuição afiada e à criação imprescindível de deslocamentos.

É com Deleuze (2010) que nos esgoelamos⁵ para criar essa estética-ética-política de escrita. Aceitamos ser pegos pelo pescoço para que os deslocamentos sejam efetuados e que nossa tarefa não seja (re)produzir conhecimento, e sim, demarcar deslocamentos. Incitar a criação à revelia da documentação, não somente uma questão, mas a proliferação de problemas. O ensaio nos surge como metodologia de lealdade aos processos, buscando o afeto da pesquisa e nos afastando um pouco das implosões do discurso acadêmico formal. *Como caminhamos?* Essa liberdade-ato de pensamento também brota por diversos outros modos. Experiencio por agora, como que para traçar a cartografia das intensidades e fazer da palavra escrita um ponto de referência cambiável e que auxilia o caminhar, o uso dos desenhos e das transparências que vão se montando durante o pensamento e a exploração da tese. Quando ainda digeriria os encontros e conceitos, foi a construção de diagramas que tomou a frente, e por tal seria impossível deixá-los somente como um planejamento fora-texto. Os diagramas dos ensaios surgiram sem alarde ou planejamento – todo caminhante faz sua marcação em meio ao

⁵ “É preciso falar da criação como traçando seu caminho entre impossibilidades... (...) A criação se faz em gargalos de estrangulamento. (...) Se um criador não é agarrado pelo pescoço por um conjunto de impossibilidades, não é um criador. Um criador é alguém que cria suas próprias impossibilidades, e ao mesmo tempo cria um possível.” Deleuze, 2010, p 171.

caminho, recortando o entorno e seus acontecimentos na construção do território que se põe em movimento – e os diagramas dão a ver mais conexões que somente o texto corrido, colocando os ensaios em relação outra. Rabiscar traços livres por sobre a folha branca como desafia Blanchot (2011) e sua obra infinita. Ou mesmo penetrar em platôs em combinatória, como sugerem Deleuze e Guattari (1995a) em quantas de devir e nuances próprios, sem cor e prontos a recombinar a todo instante, num acúmulo de sempre mais mutações, de mais potência em combinatória. De transparências fazemos nossos platôs de caminhos, seus rearranjos e encaixes, encorpando a intuição e abrindo a pele ao contato dos procedimentos⁶. E por extravasar nossa noção de metodologia chegamos a vivenciar que escrever mais uma vez é processo de criação de si e do mundo, com rigor, sensibilidade e consistência. A primeira questão indicada – *o que fazer com uma vida?* – agora nos rodeia, vai como que a nascer em singularidade cósmica... *como se processa uma vida?*

Cosmogonias – a vivência pulsar dessa experimentação. Cosmogonia, criações fugazes de orientação que surgem como configurações cambiantes de existência. A palavra vem do grego koiné κοσμογονία (de κόσμος "Cosmos, o mundo") e da raiz de γί(γ)νομαι / γέγονα ("entrar em um novo estado de ser"). Em astronomia, cosmogonia refere-se ao estudo da origem de determinados objetos ou sistemas astrofísicos, e é mais comumente usada em referência à origem do universo, o sistema solar, ou o sistema Terra-Lua além de um material acumulativo da mitologia e lendas de diversas civilizações. Mas demarcamos que utilizar o termo cosmogonia, tão encharcado de estudos comparativos em sociologia e antropologia ou mesmo de exploração muita na busca dos “signos” inteligíveis, tem aqui uma torção, um uso que indica mais potência. O cosmos a ser uma transversalização de nossas temáticas e problemas tão acostumados a condições normais de temperatura e pressão. O acesso ao plano estético, à consistência latente que Guattari nos desafia a habitar, será na medida das marcações que surgem no caminho, ou seja, em sua singularidade, e em ampla conexão com um cosmos reinventado. Dar status de cosmogonias a cada ativação do plano estético nesse caminho de pesquisa é nos

⁶ Em nosso trabalho anexamos também os croquis, diagramas e mapas moventes em transparências. Não se tratam, como dizemos anteriormente, de anexos de um discurso que venham a ilustrar melhor o pensamento. Mas sim de trazer ao texto o que o constitui, demarca e também o faz desterritorializar. Nas transparências constam cores diferentes para platôs diferentes, possíveis linhas de relação, interação entre os ensaios, arranjos de influências. Mesmo que marquem certo processo de produção e encaixe, não necessariamente são fixos, trazendo em si a potência de recombinação, saltos não textuais e afetos para além dos debates conceituais. São a pesquisa tanto quanto o texto corrido, ampliando nossa leitura para territórios não somente lingüísticos, extravasando e dando certa “brincância” de remontagem às ativações estéticas que acessamos.

propormos a dar a mão que se estende para diluir e ampliar. A criação do cosmos sem referência nos dá esse sinal de que se está a criar e ficcionar a todo instante e cartografar essas cosmogonias, sem povo ou pretensão de tradição. Essa é a potência de entrada no plano de consistência.

Três partes e um guia de diluição. Camadas, constelações ou platôs orbitais em transversalização. A escrita como plano de consistência perde referências, pois estas já nos constituem. Não numa arrogância de inovação ou mesmo ineditismo, mas um fluxo de escrita que não negue a autoria e sua marcação. Não sou eu, muito menos todos; aqui isso perde importância, a escrita esta em outro lugar, suspeito no mais íntimo dos acontecimentos e esse movimento.

Diluir, ampliar, e maquinar. O cosmos na palma da mão a se revolver. Procedimentos a nos por em movimento.

Retornos, estéticas e conceitos em performance – desafios micropolíticos a nossa volta

Recordar: Do latim *re-cordis*, voltar a passar pelo coração.

(Galeano, 1995, p. 3)

Dir-se-ia de um contemporâneo, espaço tempo configurado e em processo que habitamos, ponto que minimamente recortamos para iniciar uma fala, mas que nos questiona: *que contemporâneo é esse?* Feito de seus processos peculiares, busco em Nietzsche algo que o deflagre: a noção de eterno retorno. Se estamos em um momento – quiçá um período inteiro – trágico⁷ com grande apoio em nosso autor, há sempre certo assombro mudo e sereno nos acompanhando. Mas como esses retornos se configuram? O que portam em possibilidade de análise e de mutação?

Nietzsche indica a finitude das estabilidades (seus ideais, valores confortáveis, morais e utopias) desde que nos tornamos modernos⁸, e vemos, enfim, certo desfile de retornos. Sem um peso niilista possível, algo que não importasse adentrar por seu não ineditismo, e sim retorno em novo refazimento constante, uma potência de diferenciação, são desses retornos que nos aparceramos. Não se trata mais somente de uma modernidade que caduca, pois nem mesmo as pseudo-estabilidades pós-modernas nos dão rescaldo nos contemporâneos que temos vivido. *O que mais circunda?*

Acessando a entrada no pensamento sobre o contemporâneo tomando por referenciais autores como Foucault, Deleuze e Guattari, e por tal seria insustentável buscar definições que tragam estruturas e chaves de leituras fechadas, onde poderíamos ler o contemporâneo em perspectivas macropolíticas (categorias como sistema econômico, história recente, referenciais axiológicos, etc), ou mesmo recortes extremamente específicos e bem localizados que nos impedissem análises mais ampliadas. Com

⁷ Trágico entendido na filosofia de Nietzsche como a agonística da existência, que o autor explora através da arte em suas facetas apolínea (de beleza, perfeição e produção) e dionisíaca (destruição, mundanidade e desbunde). Sem as duas facetas da arte grega em constante combinatória e mistura, que Nietzsche acessa para pensar o processo vital, a arte não teria sua função de forçar a vida a novos modos, gestando na constante batalha a vontade de potência do real.

⁸ Acessamos diversas obras de Nietzsche em sua afirmação de uma queda da modernidade e suas estabilidades confortáveis, como *Além do Bem e do Mal* (2005a) e *Crepúsculo dos Ídolos* (2006). Dele buscamos, além da análise sobre os desafios de um pensamento ocidental, também a energia de transvaloração em ato.

nossos autores interessados pensar o contemporâneo seria: acessar a história como processualidade diretamente ligada ao presente, numa reconexão de categorias racionalmente dicotomizadas de setores do real – como exemplo sistema econômico, produção subjetiva e imagem do pensamento –, e tudo sob a transversalização da produção como analisador (FOUCAULT, 2005; DELEUZE & GUATTARI, 2001 e 2007). O sistema econômico-político do capitalismo que nos faz funcionar no ocidente não possui uma só análise, mas sim panoramas de análise e conexões fugidias e producentes, atuando dos níveis individual e planetário sob signos cambiantes, mas repertoriados.

Após as análises de Guattari (1987) sobre o CMI com seu funcionamento desterritorializado, consumista e veloz, pensa-se um contemporâneo de controle e cambialidade constante – acessando desde Deleuze e a sociedade de controle (DELEUZE, 2010) até Negri e Hardt e o império refeito (2006) –, é em nosso contexto que devemos sentir as concretudes. Um Brasil em tempos de regurgitação, dessas que já fazia náusea há certo tempo, mas que sobe a boca em corrosão. Toda uma lógica colonial a se mostrar mais premente sob a pele fina, jamais eliminada, mas que por agora sobe em esporões firmes. Brasil que consegue transmutar e conjugar colonialismo com capital intelectual (PELBART, 2009), sustentando uma moenda pós-moderna, uma escravidão multifacetada. Diversos retornos sem muito a cambiar, mas em diferença por se atualizar novamente e novamente. Atos em justiça elitista, assassinatos em massa há 500 anos, desmonte deliberado das políticas públicas (com grande foco no SUS, a saúde mental e os programas sociais e de acesso à educação), palavras de ordem fascistas a ressoar, violência e desmantelo...

Trechos tortos em seu chiste, mas que se mostram firmes de prumo e naturalizados à força de anestesia. Passariam ilesos se, nesse entorno que enredo a vida que me constitui, não houvessem rachaduras, um coração mole e certa intuição que os pega pela repetição sim, mas muito mais por suas vontades de diferença. Uma revisitação que sempre ocorreu, nessa do presente engordar de passado cicatriz e futuro cabelo branco reluzente. Mas nesse repetir-se em ritornelo, que refaz a melodia em coro, é buscar dissonar e ressonar o que aí se improvisa. Daí, então, transvalorar. *Como tem se feito o entorno?* A reorganização de movimentos sociais, novas modalidades de combate, minorias a no mínimo incomodar, experimentações em diversos níveis, certo entorse mais enérgico... O que o presente gesta? Repetições não devem ser tomadas por

niilismos elitistas de intelectuais na academia brasileira, mas sim como espasmos muito vivos do que se atualiza, a história viva a construir o presente, os dias como campo de batalha. Pôr-se nos acontecimentos *aion* – esse tempo de eterno presente onde habitam os acontecimentos⁹ – em estática repisada duma outra maneira, é um desafio. E por tal são lançadas diversas estratégias, da evacuação completa das lutas em prol do resguardo pessoal e individualizado, até modelos estreitos de luta em pautas fechadas e duras palavras de ordem. Não se valora isso, não existe grau de medida para a militância, pois está é, além de uma ética e um jogo político bem complexo, é um truque estético. O que a micropolítica ainda processa? Se a tragicidade de nosso começo de século ainda é confusa e amedrontada, é a transversalidade micropolítica, a molecularidade que Guattari nos convoca – sem amputar uma molaridade ou mesmo perigando em equivocadamente ser confundida com microscopias egoístas –, essa transversalização dos platôs e a afirmação do ato errante e contundente que pode fazer respirações ainda.

A produção como entorno onde ao mesmo tempo que se pode resistir é o procedimento de dominação mais largamente utilizado. Como, então, transversalizar? Lazzaratto (2014) toma essa questão ao pensar o homem endividado como o aporte da produção subjetiva atual. Como buscar rupturas políticas e existenciais dentro de um capitalismo que está extremamente implicado na produção subjetiva, pensando em escapes dentro duma servidão trabalhista ainda polarizada ou o enclausuramento subjetivo na figura individual, consumista, trabalhadora e endividada (LAZZARATTO, 2014)? Apoiado em uma concepção de desejo que nega uma espécie de pulsão individual ou mesmo uma somente efeito de produções massificadas, Lazzaratto afirma que é no encontro, na multiplicidade de um coletivo que o desejo age e brota. Daí brota também uma nova abertura para a noção de participação e ação política revolucionária, que deve habitar o micro e macropolítico em atravessamentos, desmontando o querer macro-dualista que nos converte em assujeitados do sistema capitalista atual, e também forçar a efetivação de modalidades subjetivas outras, numa ativação da dimensão maquínica do real.

Quais as condições para uma ruptura política e existencial num tempo em que a produção de subjetividades constitui a mais fundamental das preocupações capitalísticas? Quais são os instrumentos específicos para a produção de subjetividade de maneira que sua produção industrial e em série por parte do Estado e da empresa possa ser frustrada? Que modelo e que modalidades de

⁹ Sempre a provocação que Deleuze (*Lógica do sentido*, 2009 e *Crítica e clínica*, 1997a) rouba aos pré-socráticos de estar nos acontecimentos, em paradoxal encaixe entre o tempo *chronos* corrente onde vivemos e o tempo *aion* de onde emergem os acontecimentos. Nesse toque fazer agenciamento.

organização devem ser construídos para um processo de subjetivação que une o micro e o macropolítico? (Lazzarato, 2014, p 18)

Os braços abertos, os olhos limpos apesar dos caminhos, um livro relido, amores em acalanto e distância, os embates, um sangue latino que corre em circunvoluções e que borbulha feliz ainda em nossas ruas, os mesmo cigarros, as frustrações, a loucura, a estrada – retornos refeitos a todo instante. O silêncio. Vem a mim fragmentos, como as repetições de *Stela Manhattan* (1991)¹⁰ e seus estilhaços. A personagem Stela é fugidia, dobrada e redobrada no correr da história cronológica e suas repetições são sempre diferentes, numa metodologia potente de aparecimento-desaparecimento. Extremamente concreta, Stela é quase aversiva a fechamentos sem o perceber, pois em meios aos desafios, desencontros, choques e invenções que corre em sua história – romance esse que acessa o mundo homossexual no final da década de 60, numa mescla de concretudes duras como a ditadura militar e família tradicional brasileira, até os multi-platôs fluidos dos afetos humanos –, dentro dessa dureza em perdição, ela inventa modos de fuga. Não se trata somente de explicar, analisar as questões, dar-se ao embate, pois trata-se de ampliar a vida. Quantos encarceramentos repetitivos nos envolvem e quantas lutas ainda persistem em aniquilação, sejam de travestis e juventude negra até às experimentações de outros modos de vida fora dos modelos capital-consumista-endividado? Seriam as mesmas questões tão somente ou mesmo problemas a serem considerados por outra perspectiva? A criação é analisável?

Falsos problemas. Inflexões necessárias sim de nossa questão, a saber, a produção subjetiva pela via estética, mas que devemos entrar colocando-os em seus lugares de contra-produção do pensamento. Encarar os retornos de frente, tocar o contemporâneo com seus paradoxos e mastigamentos, cogitar esse entre da micro e macropolítica não são questões respondíveis, e sim performatizáveis. A estética, insisto, aparece como zona de habitação-experimentação. Talvez mesmo adentrar os retornos com a pose dos aparecimentos-desaparecimentos de *Stela Manhattan*, sendo na medida em que se efetiva a vontade de expansão da vida, e mantendo a migração como zona de respiro. Isso brota em nosso contemporâneo também, e desafio entrar em contato, misturar-se a essa criação, mas é inegável que temos afirmado-sendo em diversos modos.

¹⁰ *Stella Manhatthan*, 1991, romance de Silvano Santiago.

Quando a pesquisa se impõe, sinto que a vontade de explicação foge. Parece bem que repetir os passos científicos seria esgoelá-la, apaziguar vez mais essa sua outra forma de persistência. Comunicar-se é começo, crucial, mas, desse mínimo chão, tenho encontrado na calma e na franqueza uma melhor ética do que nos recheios teóricos que tanto me eduquei em realizar. Evoco ética muito mais pelos parceiros de leitura e formação – palavra cheia, agregadora e perfurante. Jamais abandonar seu uso, só penso ainda necessitar torcer um pouco mais seu sentido, pois se falamos de processo de subjetivação e criação, então ser artista-filósofo-vivente é mais que tranquilo, é necessário.

Como proceder com a criação? Se não analisável, como então contatar? A cartografia de nossos autores é enérgica fonte. Cartografia essa que acessamos em parceria com Bedin (2014) e suas instruções sensíveis-metodológicas. Ao trazer pontos cruciais para o entendimento e contato com a perspectiva de Deleuze e Guattari (1995a) da cartografia – ou micropolítica, esquizoanálise – encontramos pontos de apoio e florescimento. Uma composição com os encontros, uma perspectiva de estar no entre dos problemas e explorações, tendo um corpo de pesquisador que se confunde com o caminho – essas as posturas que adensamos com o texto de Bedin. Uma pesquisa que pede ao cartógrafo um corpo poroso, sensível e errante, para uma habitação estética dos agenciamentos, abertura e pulsação. Arte intervenção cotidiana. A mão estendida de Clarice que me lateraliza. Aperto e sigo a refazer as voltas dos relógios, descosturando as frases prontas, energizando com as lutas, diluindo os conceitos abstratos puros, adocicando o cheiro de gente grudada e, enfim, aquecendo a alma com acontecimentos. Passado e futuro, tudo agora. Não há possível e impossível, há o instante. Ser artista é coisa viva, coisa viva crua que cria enquanto caminha. Método delicado e fugidio, uma levada de sementeira, certo *timing* ainda em como expor, como debater, como criar com consistência. Nada de endurecer ou conduzir interpretações, algo de quebra e deslize. Essa perdição, de dois gumes, num desalento gigantesco sem referência e também a imensidão incomensurável e ainda assim concreta, essa perdição que me abre a carne vez mais e me entrega só o encontro. Essa que habitamos, juntos, com limites borrados, sem tempo corrente, desembestado num sorriso sem som.

O *amor fatti* retorna. Da luz do dia firme, onde a rotina se costura em amigos, comparsas e batalhas, à noite estrelada de magia vital e nutrição potente. Esse amor ainda que se repete impiedoso por sobre nossa fatigada carcaça e a cinge outra vez. É

questão de agregar como pensamos e sentimos, estratégias de luta. Mas é a intuição e a escrita que devem retornar por agora, fazendo da estética o ato de transformação dentro mesmo da psicologia, da academia, acendendo diversos pavios ao mesmo tempo com coletivo, afeto e pulso. A estética sem prévias recomendações ou licenças, deixar as palavras, que tem vindo com calma e peso, terem seu caminho. Dar a mão – é isso. Então vamos, andar.

Plano estético – o que afirmamos com isso? Tateando um sentido...

Mais do que um ponto a ser esclarecido a essa tese que se propõe buscar as ativações do plano estético, seria de bom grado um ligeira parada anterior a se questionar: como se constitui, enfim, a noção de plano estético?

Não dados à explicações ou raízes pivotantes encadeando conceitos¹¹, vamos a traçar que território conceitual é esse da estética como plano de constituição do real e a entrada de nossa aposta intuitiva. É com Félix Guattari (2012) que nos aparceramos, comungamos de suas provocações, habitações e tomadas de atitude. Fazer com que a palavra Estética, em conjunção com as outras dimensões, Política e Ética, de composição do real, seja mais do que somente a face formatada e marcada de atualização dos acontecimentos¹². Trazer para superfície profunda da pele que é pela via da estética – ou seja, do plano de transfiguração das formas, da destruição e combinatória, da grande potência vital e agonística de criação – que a atuação, o pensamento, a experimentação de nossa filosofia prática e da intervenção nos modos de produção subjetiva no contemporâneo se efetiva com grande potência. Os usos e explorações sobre as perspectivas política – o emaranhado de forças e seus choques que compõem o real – e ética – a dobra dos processos e os posicionamentos imanentes com relação aos processos – mostram-se por vezes mais acessíveis a nossos debates em

¹¹ Crítica ao modelo racionalista de pensamento axiomático que encontramos em Deleuze & Guattari, 1995a, *Rizoma*.

¹² Essa configuração do paradigma ético-estético-político em Deleuze e Guattari encontra-se espalhada em diversas alturas da obra conjunta dos dois autores, sem ser concretamente nomeada sob essa égide por eles mesmo. Mas aqui tomamos como referência os textos *20 de novembro de 1923 - postulados sobre a lingüística*, 1995b e *Micropolítica e segmentaridade*, 2007, onde nossos autores adentram a discussão das facetas do real, e trazem a tona a discussão da ética, estética e política como dimensões do real inseparáveis, mas com valências diferenciadas.

filosofia, psicologia e pensamento sobre o contemporâneo. Como se tais dimensões fossem mais “visíveis” ou mais habitadas por nossas pesquisas, tendo a dimensão estética numa entrada como que à revelia dos outros planos, ou certo “efeito” estético, ponto de precipitação dos embates “crucias” ético-políticos, ou mesmo somente face formatada dos processos. Não por desleixo metodológico ou desinteresse, mas a impressão de certo aspecto fugidivo da dimensão estética se apresenta pungente muitas vezes quando dominamos nossos debates com questionamentos éticos e diagramas políticos e exatamente por essa processualidade que se desvanece. Aí sobeja então a questão que move minha escrita: como movimentar isso? Como ativar tais processos não analisáveis ou ainda como reafirmar a estética como dimensão de criação em nosso real?

Da molecularidade de Guattari (1987) ao incitar à revolução, buscar o caráter contagioso que a criação estética da vida – da arte, dos modos de convivência, das políticas, da natureza, etc – possuem. Permanecer em mutação e sempre numa fuga nova, esse que é quase que completamente a criação em movimento, buscando habitar planos fugidios, mas impregnados de potência, fluxos heterogêneos e pontos macios de atuação. Fazer da transversalização não somente mais um conceito que nos auxilie a tatear os campos de intervenção, mas como uma postura de entrada nos planos de criação. Mais do que responder e combinar conceitualmente cada platô que nos constitui, é intrínseco ao movimento estético fazer com que os choques aconteçam antes de analisarmos, avaliarmos, e praticamente neutralizarmos o perigo da criação. O que as formatações do movimento comunista da década de 60, o aparelho psíquico psicanalítico e a heteronormarividade possuem em comum? Uma forma estreita, que busca uma univocidade, essa mesmo que escorrega por todos os lados em um maio de 68, em um inconsciente maquinico e com Dzi croquettes espalhafatosas. É questão de forma, mas dentro dessa forma ver o que transborda.

Porém, essas são órbitas um tanto mais amplas. A aposta em outro paradigma é questão radical e penso que devemos adentrá-la com parcimônia. A parceria aqui indicada por Guattari – que traz toda uma rede de intercessores indo de Deleuze, Foucault, Nietzsche e Espinosa –, vai a transladar radicalmente o paradigma e a imagem do pensamento. Por pensamento temos a convenção de ir direto a pensamento racional, métodos acumulativos, estruturados e hierárquicos de pesquisa e, por tais postulações, uma vivência do real que aponta para busca de verdades e estabilidades no mundo de padrões

e técnicas bem delimitadas. Tal paradigma racional-científico tem conseqüências não somente no terreno da academia ou do pensamento, ele é eixo de codificação e sobre-codificações em camadas infindáveis de nossa vivência, subjetivação e organização do real. Há uma “limpeza” do real de suas variações, dando a ver em discursos bem escanhoados, repetidamente abandonando-se os acontecimentos em sua complexidade, e tamponando a sensibilidade do corpo para somente canais habituais. Daí a grande contundência em se apostar em um novo paradigma, o apresentado aqui por Guattari como ético-estético-político. Não há somente uma abertura do paradigma tradicional a considerar, então, maiores variabilidades e classificações possíveis, e sim um tombamento da verticalidade racional em favor da vivência numa rede de relações emaranhadas de processos de composição, poder, transformação e resistência. Isso não requer somente uma mudança da ordem da escrita ou do pensamento, e sim a transformação de nossas relações com os afetos, com a intuição, com a diferenciação e perpétua transformação do real. Pede outro agenciamento, outro fôlego para que conceitos, pensamentos, experimentações se tornem estratégias de ampliação, movimentação e práticas de liberdade do real.

Em *Caosmose* (2012), nosso autor vai às raias de toda a decodificação lingüística estrutural que se insere quase que completamente nos raciocínios da produção do humano, dos modos de estruturação do que chamamos de psique, bem como nesse encontro com os diversos discursos que nos atravessam. Guattari, além de toda a volta conceitual e do encaixe *proto-produtivo* das dimensões em conluio no processo produtivo da subjetividade, vai além e nos incita a uma reentrada. Dominar tais conceitos, transversalizá-los e encontrar ali, nessa constituição dos paradigmas de pensamento, o furo onde se inserem as estabilizações e dominações dos processos produtivos de subjetividade e do real. Uma reentrada que busque ativar a diferenciação produtiva, ali onde se serializa a vida, ali onde ela é dominada é também onde co-habita a potência de criação e as rupturas. Por plano estético, também nomeado como plano de consistência, Guattari (2012, p. 43) maquina os encaixes de dimensões como: fluxos e *phyluns* – dimensões de fluxos desejantes procedentes ao real e maquinas e cadeias significantes –, os universos de referências – organizados à partir de tendências subjetivantes que referenciam a produção em determinadas tendências –, e os territórios existenciais – aportados pelo autor como “repetições intensivas, lancinantes afirmações existenciais” (GUATTARI, 2012, p. 40). Tais dimensões são extremamente complexas

e serão trabalhadas com mais calma em outras alturas da pesquisa. Aqui a marcação importante é perceber que a montagem da máquina de Guattari supõe uma constante produção e re-produção que conecta fluxos afetivo-abstratos, cadeias significantes e subjetivações (sejam existenciais singulares ou repetições em certa conformidade) sempre a buscar brechas onde a criação e o rearranjo possa ser inserido. O plano de consistência é a ampliação da faceta estética do real, fagocitando a ética e a política não as subsumindo, mas sendo plano de atualização dessas facetas em conjunção. O plano do real plasticizado, maleabilizado em sua processualidade, plano que habitamos, uma certa usina dos agenciamentos e placentário do real.. Por tal um paradigma estético, toda uma maquinaria que possui a estética, ou seja, a produção-reprodução-destruição-diferenciação, como procedimento.

A subjetivação ganha uma rede extensa e cambiável de processos e nos muda o prumo e a formulação de problemas. O multifacetado do processo de subjetivação mostra dimensões onde podemos tocar com mais consistência ao se abordar uma questão: um indivíduo em sofrimento não é somente mais um inconsciente em fluxos desejanter e formatações adoecidas e cambiáveis, mas cresce em amplitude e em conexão com outros fluxos de signos, explorações territoriais que implodem a individualização patologizante e dá a ver outras estratégias de rearranjo do pulso criativo. Um panorama econômico não seria a conjunção de discursos teóricos, forças políticas globais e efeitos coletivos, mas uma maior e complexa rede de esteiras de repetição, efeitos diretos na produção da determinada situação da população, além de trazer em si diversas experimentações outras coletivas que o causam resistência efetiva. Uma transversalização dos platôs em ato, nos forçando a entrar em contato com as formas e fluxos presentes em cada situação sem necessitar de um mapa prévio e “puro” das temáticas, e nos dando a perceber o movimento produtivo, em mistura e insistente.

A criação está a todo tempo a se fazer, nada de pólos estratificados ou mesmo caos indiferenciado. Encontrar a flexibilidade dos processos, sem a perda nos fluxos dessubjetivantes ou mesmo a identificação total e endurecida. Laminando os processos de produção, o desafio é transversalizar nossas análises, tencionando que o plano de consistência seja habitado e que a liberdade seja praticada em sua radicalidade. Como indica nosso autor:

O que importa aqui não é unicamente o confronto com uma nova matéria de expressão, é a constituição de complexos de subjetivação: indivíduo-grupo-

máquina-trocas múltiplas, que oferecem à pessoa possibilidades diversificadas de recompor uma corporeidade existencial, de sair de seus impasses repetitivos e, de alguma forma, de se ressingularizar. (Guattari, 2012, p. 17)

A subjetividade em tons de complexificação e polifonia. A ativação de um paradigma estético pela via de Guattari não se dá só como uma nova construção de conceitos que os auxiliariam a “transformar vidas”, não há um ponto fixo onde a estética está, ela é procedimento. Roubamos ainda mais de Guattari o que ele enuncia como uma função *poético-existencial* na subjetivação, uma consideração de incidirmos nos processos na busca de subjetividades estéticas. Nosso autor coloca grande interesse em experimentações, imagens, discursos e tantos outros materiais que façam rupturas nos universos de referência usuais e processos de modelizações de subjetivação vivenciados. Processos esses de quebra criadora que teriam uma função de catalizar as poéticas-existenciais, trazendo recomposições de novos universos de referência e a efetivação explorativa de nossos territórios existenciais possíveis. Certa *subjetividade pática* que estaria sempre a se fazer em meio às subjetivações atualizadas, que faz-se em coordenadas *enérgico-espaço-temporais* (Guattari, 2012, p 37), mas que também incita a criação potente. Tem a arte, e seus diversos discursos plásticos, como uma grande arma em tais rupturas pensando sempre sua eficácia por meio de:

(...) sua capacidade de promover rupturas ativas, processuais, no interior de tecido significacionais e denotativos semioticamente estruturados, a partir dos quais ela colocará em funcionamento uma subjetividade da emergência (...) (GUATTARI, 2012, p. 31)

Processos políticos, um conflito pessoal, uma instituição, um movimento artístico, amor, extermínios, todos levados para uma análise política, um posicionamento ético, mas acima de tudo – ou antes, por entre tudo isso –, a criação estética a nos dar a ação.

TUDO QUE ENTRAR SERÁ DESCODIFICADO

A arte de viver baseia-se no ritmo, no dar e receber, no fluxo e no refluxo, na luz e na treva, na vida e na morte. Pela aceitação de *todos* os aspectos da vida, bons e maus, certos e errados, seus e meus, a vida estática e defensiva, a que a maioria das pessoas está condenada, converte-se numa dança, “a dança da vida”, (...). A função real da dança é a *metamorfose*. Pode-se dançar de tristeza e de alegria, pode-se mesmo dançar abstratamente, (...). Mas a questão é simples ato de dançar, os elementos que compõem a dança se transformam; a dança é um fim em si mesma, exatamente como a vida. (Miller, 1986, p. 31, grifos do autor)

Agüentar o agenciamento – eu mesmo escrevi tempos atrás com relação a tal aproximação artística de ver o real com suas misturas e dar passagem às criações. À ocasião pensávamos eu e um caro amigo sobre onde estaria a ação dentro de nossas reflexões. Duro demais ter as idéias e os incentivos de nossos autores a pedirem mais e mais ações, e ao mesmo tempo perceber que nessa sutileza da ação mora nossa covardia e uma pretensa intelectualidade entreguista.

A sintonia com o sensível e com o intuitivo é mais que necessário para conectar com as forças de ação. Encontrar como fazer passar os fluxos sem sucumbir, seja pelo retraimento, seja ao estouro coletivo dissolvente. Agüentar, suportar um agenciamento acesso em positivação, não querendo indicar um intolerável ou extremo peso que um agenciamento nos faz acessar, mas sim intolerar certa parcialidade que estamos habituados a performatizar ao pensar o agenciamento. Querer o intolerável não em seu desespero e destruição tão somente, mas dele a prática do movimento, das recombinações, da imanência radical multifacetada.

Nessa empreitada de pesquisa bruxuleiam muitas vezes campos problemáticos, problemas de pesquisa e técnicas de cada área de conhecimento, e vamos a manter essa tensão. Não por certa inconsistência ou falta de organização, mas pensando que minha conexão intuitiva e frutífera se faz na dissolução dos limites. Não abandonar tais definições pela crítica de esvaziamento e evasão dos problemas teórico-científicos, mas encher cada ponto acessado com pensamento transversal, afetivo, provocativo/convocatório com uma única premissa paradoxal: TUDO QUE ENTRAR SERÁ DESCODIFICADO. Que a pesquisa seja calma em sua fidedignidade de caminho singular de pensamento. Que seja enérgica e ousada de estética, pois é nesse

pêndulo-pulso que nos aproximamos das forças de nossos intercessores em sua expansão. Onde conseguimos parar um momento e provar da saturação proposta por Virgínia Woolf (DELEUZE & GUATTARI, 1992), onde e como nos aproximamos dessa prática de liberdade de uma vida imanente e despojada de preocupações dominantes e friamente organizativas. Onde olhamos a barata de G.H. (LISPECTOR, 1998) e, em par com ela, provamos o neutro da vida em seu fim em si mesma.

O primeiro desconforto da dissolvência só é feliz quando conseguimos efetuar a dobra petulante de criar. Arisco movimento, jogo de “corpo” nosso para dar passagem ao fluxo. Desse desconforto se faz o risco afirmativo de pesquisa transversal, traquinando ferramentas conceituais, encarnando intervenções em Psicologia, bebendo dos artistas a coragem e a alegria de seguir. Alquímico? Anímico talvez tais proposições? Não mesmo, *Bullshit*. É nas dominações que nos constituem que implantamos bombas: na ansiedade sem rosto que rói a todos no contemporâneo a “roubar” o formigamento com da criação pelo frio medo; nesse pensamento desencarnado de nossos comentários e sugestões acadêmicas que sobrevoam a vida trazendo mil sugestões e evitar a real leitura dos caminhos do outro; nos fascismos que nos habitam ainda e transformam em violência um espelho, um beijo e uma olhada para a vida que anda na calçada. Bombas por eles: pelas travestis que seguem morrendo trucidadas pelo ódio de todos nós desde que o mundo é mundo (a cabeça dos frágeis primeiro, pois as “importantes” criaram o “mundo” e vão mantê-lo assim); pelo sangue negro que ainda jorra; pela ignorância que nos habita quando não somos nem coxinhas nem esclarecidos niilistas no Rio de Janeiro; pelo cansaço dos trabalhadores; pelos usuários de saúde mental e sua carne barata, porém extremamente resistente e feliz; pelas crianças exploradas em todos os níveis; pelas nossas escolhas de tristeza no lugar de amor e alegria; pela covardia agressiva de quando não toleramos o outro; pela singularidade dos que acessamos em nossas intervenções em psicologia; pela insistência em usar da arte seu fio cortante e não sua decoração de interiores; pela vida que soerge ainda... Será decodificado sim, até que nos dissolvam até os ossos, pois as durezas das verdades e o poder não dormem e são duradouros em suas amarras.

Que esse perigo seja premissa, pois não há mais lugar para prazeres mesquinhos e acanhados.

Cartas celestes ou Em quantas partes se divide um processo

É como um conjunto de anéis quebrados. Eles podem penetrar uns nos outros. Cada anel, ou cada platô, deveria ter seu clima próprio, seu próprio tom ou seu timbre. (...) Com efeito, o que nos interessa são os modos de individuação que já não são os de uma coisa, de uma pessoa ou de um sujeito: por exemplo, a individuação de uma hora do dia, de uma região, de um clima, de um rio ou de um vento, de um acontecimento. E talvez seja um equívoco acreditar na existência das coisas, pessoas ou sujeitos. (Deleuze, 2010, p. 37 e 38)

Quase que um processo de exaustão de meus hábitos, esse procedimento que faz chegar à escrita por outra entrada que não a educada racionalidade comunicativa, para que a intuição ganhe prumo. Passo períodos de bonança lerda e silenciosa (digo sobre a escrita, pois estou sempre super-estimulado no sentido sinestésico) e outros onde a produção me acessa com velocidade vertiginosa. Tento pendular por entre esses estados, mais abrindo frentes de intuição do que chegando a procedimentos habituais. Nesses meio descobri em diversos estímulos sensoriais – música, imagens, conversas, encontros, paisagens, silêncios, etc – minha gestação dos processos. Não me fechando os olhos e desligando o pensamento, no hábito da “emoção” introspectiva, mas os abrindo muito mais, sentindo as idéias ao invés de ruminá-las coerentemente, vendo como brotam pensamentos pelo corpo e pelo mundo. Vem-me Artaud ao escrever *O Pesa Nervos* (1983). Sua fúria com os porcos intelectuais e pensadores, a inutilidade e mesmo a violência que consiste escrever e definir a vida. Sua denúncia me atinge, me desloca o trabalho de escrita e entrar em pensamento deve ser outra via. Intuir e escrever em refazimento sempre. Da proliferação de questões surge outra modulação: *Como acessamos uma vida, como ela nos transpassa?*

Não deveria ser preciso conter uma vida no simples momento em que a vida individual confronta o morto universal. Uma vida está em toda parte, em todos os momentos que tal ou qual sujeito vivo atravessa e que tais objetos vividos medem: vida imanente que transporta os acontecimentos ou singularidades que não fazem mais do que se atualizar nos sujeitos e nos objetos. Essa vida indefinida não tem, ela própria, momentos, por mais próximos que sejam uns dos outros, mas apenas entre-tempos, entre-momentos. Ela não sobrevém nem sucede, mas apresenta a imensidão do tempo vazio no qual vemos o acontecimento ainda por vir e já ocorrido, no absoluto de uma consciência imediata. (Deleuze, 1997b, p. 3)

Perceber o ritmo dos acessos. Dias sim, dias não, eu vou sobrevivendo com alguns arranhões da caridade do mundo. Nada detestável. Cru. É preciso atenção e cuidado para não espantar os devires, e espremer isso dentro da rotina é um trabalho de submersão (subversão, estoporação e decolagem) que se empreende de forma lateral. Não se trata de paranóia porque não são idéias na cabeça, e sim nossa cabeça em todos os fluxos ao redor. Um resgate. Uma respiração. Minha atenção não está aqui a maioria do tempo quando entro nessa sintonia. Está perfeita, mas lateral, como que bêbada sem alterar nada. Algo que passa, a tradução corpórea deve se parear, mas uma atmosfera intensiva. Pensa-se e cria-se nessas interseções, fico a recriar-me junto nessa caneta. O desejo de criação e abolição de mãos dadas, algo brota na queda de algo, e eu buscando não sucumbir.

Como falar da vida se não de forma ensaística? Tomás e o rascunho da vida¹³. Desses esboços, traços e efetivações inusitadas, afirmar a escrita como aura-arma de transformação – atualização, descodificação, criação – do pensamento e de contágio para os outros campos do real. Intuir, sentir, isso não se escolhe com a razão. Por tal, os ensaios surgem inicialmente como pontos afastados, ou mesmo núcleos de afetos, sem cronologia prévia ou organização temática. São cartas celestes¹⁴, mapeamentos orbitais que o são em passagem. Montagens em profundidade, conexões almeçadas, golpes de olhar que são entrada e englobam circulações. Constelações que se aproximam ou afastam dependendo de onde estamos a olhar daqui da Terra e de que tempo se mira o céu. O plano estético não possui lados, é ao redor, e foi abrindo-se em nosso trabalho por quatro seções. Essa primeira seção, orbital à guisa duma metodologia-procedimento, surge a traçar o espaço e dar cadência temporal ao trabalho. O plano estético nos acede e vamos a sentir que transformações nos pedem. Daí a questão dispara, e vai a se depositar em outras três seções: carne – ensaios sobre a arte encarnada, artistas diversos e todo o procedimento humano-individual que tem a experimentação como terreno de ativação da estética; chão – o contato com o espaço geográfico, o agenciamento a implodir o individual e trazendo outras dimensões à produção subjetiva; e respiração – seção experimento onde os acontecimentos estéticos buscam atualização e é na

¹³ Personagem de *A insustentável leveza do ser*, 1985, de Milan Kundera, ao falar sobre a vida ser sempre um esboço, um rascunho de uma obra prima que jamais será realmente executada.

¹⁴ Nome dado aos mapeamentos de constelações e seções do céu em astronomia. Tais mapas são constantemente renovados, refeitos e estão diretamente ligados à orientação espacial do espectador e demarcam uma temporalidade orbital também sendo inerente à visão estelar estar sempre em movimento. Tais cartas nos ajudam a visualizar *à posteriori*, mas aqui nos auxiliam a criar planos de viagem e exploração.

respiração da vida que encontramos as ativações e tantas outras sensibilizações. Cada seção demarca um conceito, a saber: experimento-carne, paisagem existencial e afeição, mas estes surgem como marcas atuais de processos outros de pensamento e práxis. Dobradiças e rupturas que nos levam a adentrar as demarcações siderais, mas que também não englobam em resumo o que se passou, e sim depuram novas aberturas e contatos sensíveis.

Em quantas partes se divide um processo? Falsa questão. O processo nos supera, é contínuo e cambiável. Caminhos em desfolhamento, então ensaiar é tracejar em mistura e afirmação.

Esfoliação, contato e as intensidades

Imaginemos uma entidade autopoietica, cujas partículas seriam edificadas a partir das galáxias. Ou, inversamente, uma cognitividade se constituindo na escala dos *quarks*. Outro panorama, outra consistência ontológica. (...) A existência, enquanto processo de desterritorialização, é uma operação intermaquínica específica que se superpõe à promoção de intensidades existenciais singularizadas. E, repito, não existe sintaxe generalizada dessas desterritorializações. A existência não é dialética, não é representável. Mas se consegue vivê-la! (...) O jogo de intensidade da constelação ontológica é de alguma forma uma escolha de ser não apenas para si, mas para toda a alteridade do cosmos e para o infinito dos tempos. (Guattari, 2012, p 63, 64 e 65)

Acho que minhas vísceras estão em desacordo com certo cérebro que ainda habita em mim. Não em despropósito ou coisa que racha, mas essas são em mim certo termômetro de dissonância das vontades. Mesmo que de material semelhante, entram em descompasso por vezes e quem sofre – ou melhor, seguram a onda toda de diferir, destilar e desgastar –, são elas: as vísceras.

Para seguir um conselho estranho, inusitado e certo que recebi há certo tempo, no qual eu deveria colocar a cabeça antes do coração, preciso cadenciar minhas afecções, entendendo que coração é terra de ninguém e que precisa ser meu antes de ser do mundo. Golpe firme em peito mole, mas resolvi seguir as recomendações. Aplaquei, respirei, dei às vísceras um descanso de distração, ao coração uma soneca mesmo que atordoada. Mas o resto da dica talvez fosse mais importante ainda, a de que meu

coração precisava de um carinho, de ser massageado de vez em quando. Desde então sonho muito sobre isso, tendo o afeto, o sentimento e essa intuição profunda se mostrando como o que me faz ser em planos outros, missão coletiva e alimento... Alimento.

Então percebi que, como tenho a escrita feito algo que me conecta epidermicamente a certo entorno, deveria, pelo escrever, dar o descanso das vísceras sem desligá-las, e sim pulsando com elas em seu mistério sensível. Suspeitava disso devido a um estilo *spleen* e uma verborragia sentimental e adjetiva que me acompanham em crescente. O mais importante talvez de *Sexus*, *Nexus* e *Plexus*¹⁵ de Henry Miller são os *Exus*.

Uma ponta desse *como escrever* se iniciou pelo convite de Clarice ao me pedir uma mão estendida, e aqui se completa mais uma órbita infinita em pêndulo: Henry Miller ao ensaiar em *A sabedoria do Coração* (1986), mais do que indicar uma estilo de escrita que acabei por me afeiçoar e encarnar o pensamento que se passa nessa tese, fez com que as letras tivessem pulso cardíaco e que ensaiar não se tornasse apenas aprofundar-se em certa temática, e sim fazer do ato de escrever o eterno retorno de construção-destruição no qual compomos com as forças mais potentes da natureza. O pulso vital é perene, nossa tarefa de escriba se inicia com esse sentir da pulsação e seguir a escrever como efetuação dessa retumbância.

Nesse jogo das intensidades, a mistura onde a desterritorialização torna-se procedimento e seguimos pulsos de experimentação, é o contágio que aparece como efeito. Como aceder a uma estética que se quer fugidia, que quer contagiar não de códigos corretos a serem replicados, mas que busca a deflagração de potência frente aos cerceamentos? Tal postura pode se tornar em escrita, que muitas vezes vem como uma inoculação. É uma possibilidade, muitas vezes do combate é escancarado e rude, mas aqui, ao inocular o desenrolar da criação estética, muito do perigo é isolamento por não entendimento ou mesmo do abandono em retração. Busco também outro procedimento. Se Guattari aponta certa sensibilização da subjetivação por meio das rupturas de criação (GUATTARI, 2012), imagino uma escrita de esfoliação, de toque generalizado e experimental. Escrever em respiração, desgaste e ativação, na busca de outras sensibilidades, sem economia alguma aos sentidos, mas com o acalanto de uma parceria

¹⁵ Jogo de palavras com os títulos das obras *Sexus*, *Nexus* e *Plexus*, que compõem a *Trilogia do corpo crucificado*, de Henry Miller, 1967. Anedota: Jamais concluí sua leitura completa!

que nos acolha. Clarice e sua mão que se multiplica, espalhada em enxame, e a sensibilização que Guattari nos conclama.

Agora escrever parece ter se apumado e, enfim, posso dizer que toquei minha tarefa: escrever com as vísceras, escrever com o coração.

CARNE

O que se faz para escolher a arte como ferramenta de pensamento? Nossa pele.

Afirmar a conexão da estética não carece justificativa. Falar de arte aqui explodindo o usual acesso às obras de artistas e seu refino de pensamento ou experimentação. Estamos partindo da carne dos artistas. Vida e arte já estão conectadas. Efetivações em revezamento.

Carne nossa, essa vida plástica que nos constitui e de onde partimos para acessar a estética da vida.

EXPERIMENTOS-CARNE: criação

Primeiro Ato: arte encarnada – De Nietzsche à Virgínia Woolf

A arte começa talvez como animal, ao menos com o animal que recorta um território e faz uma casa (os dois são correlativos ou até mesmo se confundem por vezes no que se chama de *habitat*) (Deleuze e Guattari, 1992)

Um ser vivo, um terreno, uma entrada. A arte começa no recorte dum habitat, dizem Deleuze e Guattari. Sem um foco necessário no animal em si ou mesmo no território adentrado, mas sim no procedimento de recorte. Arte, dizem, como movimento de criação e efetivação que se processa por experimentação, formatação, rearranjo e exploração. Um habitat, processo de mistura entre animal e terreno a criar certa casa. Qual o habitat criado pela arte, pelo processo das obras de arte, enfim?

A noção de criação e o procedimento de pensamento empreendido pela arte é matéria de debate de nosso trabalho anterior (ALVARENGA, 2017) onde, referenciados principalmente a Deleuze e Guattari, aproximamos a experiência criativa da arte como efetivação estética de uma modalidade do pensamento. Pensamento este que nossos autores definem como ruptura, deslize, processo de diferença. Na arte, tal ruptura aponta para transformação, conservação e contágio. Aí estamos a pensar efeitos possíveis das obras de arte, ou agregados sensíveis como nomeiam nossos autores, onde há, paradoxalmente, a conservação de processos e entradas em devir entre obra e seus agenciamentos. Ciência, filosofia e arte – as três modalidades de exercício do pensamento – se aproximam como procedimentos de afirmação, diferença e quebra, e as obras de arte tidas como aberturas materiais a ostentar tais experimentações e composições.

Daí partimos novamente. As obras em si se sustentam sem o autor (DELEUZE e GUATTARI, 1992), conservando-se em processo de composição e interferência onde é o plano estético se abre e ganha potência. Tendo a filosofia e a ciência a proceder com esse pensamento da diferença pela produção de conceitos e de funções respectivamente, nos interessamos pelo procedimento artístico pela abundância na experimentação do pensamento e pela infinita possibilidade de traçados que elas comportam.

Experimentação esta que surge da capacidade dos também chamados monumentos (ibidem), as produções artísticas em si, não chegarem a concluir um pensamento deslizado em ruptura, mas sim ostentam experimentações afetivo-perceptivas que se descolam de seu autor e de certa aparente finalidade. Não nos importa fazer a enciclopédia das obras de arte potentes e de outras tantas que não possuem mais certa “potência de afetação”, pois este procedimento não se cristaliza em processos numeráveis, estamos na busca do movimento e sua efetivação. A ligação desse trabalho do pensamento pela via artística tem como centralidade a ruptura e a criação, essa ascese ao plano estético que no terreno artístico soergue em obras com inúmeros meios de efetivação, e que nos interessa por sua potência de experimentação e efetivação de novas linhas de vida. Um arranjo de afecções e percepções a formar um processo de pensamento, e daí a contaminação, a combinação e mutação das linhas de vida podem ganhar ainda mais potência. Por isso uma nova aproximação se coloca: como se dão tais efetivações de criação artístico-vital? Há necessidade de deslocar autor e obra para uma análise de potências e capturas? Como aproximar a vida e arte vez mais nessa vibração afetiva da criação? Conceitos operativos, os quais precisamos tomar como passagens possíveis do pensamento. Vamos a construir então esse pulso da estética e sua potência.

Como um tema de grande exploração na filosofia, a estética possui diversas conceituações e aportes, sendo tradicionalmente associada ao estudo de noções como o belo e a perfeição. A estética seria o campo da beleza ou mesmo busca da beleza como sublime, equilíbrio e metafísica ideal. Tais conceitos possuem um corpo firme em termos de debate, mas conceitos extremamente abstratos e praticamente judicativos com relação aos ditos “valores e parâmetros estéticos”¹⁶. Mas acessamos Nietzsche – tomando como referência o livro de Rosa Dias (2011) que explora essas conexões de Nietzsche, arte e vida – que em todo seu trabalho de combate à moral e aos modelos transcendentais como conceitos impregnados no pensamento ocidental, trazendo a noção de beleza por outra perspectiva. Não sendo um valor de medido por perfeição ou harmonia homeostática, a beleza, com Nietzsche, se define como aumento de potência, pelos graus de expansão e ampliação de uma força, se afastando dos juízos estéticos que

¹⁶ Dentro da filosofia diversos pensadores exploram o campo da estética, indo de Platão onde o belo indica a reaproximação mais perfeita da Idéia transcendental das coisas, até Kant que identifica no exercício da estética bela a busca em alcançar o sentimento de sublime numa aproximação do êxtase religioso. Tais noções possuem diversos desdobramentos, mas como ainda se fundam em parâmetros unificantes e análises que não questionam o belo fazendo da estética um campo muito mais de análise e avaliação, nos afastamos nesse momento, buscando parcerias em outras conexões com uma estética mais aproximada da habitada por Guattari e nossos problemas de pesquisa.

muito se concentram em denominar por belo o humano em sua conservação e positividade e como o feio o que ameaça ou indica a destruição deste mesmo humano (NIETZSCHE, 2006). O filósofo traz a arte para pensar a objetivo transvalorante da filosofia e do pensamento, afirmando a potência estética de atingir a beleza numa afirmação das forças, numa cumulação de trágico da existência e suas diferenças. Em análises da tragédia grega, Nietzsche (*O nascimento da tragédia*, 1992) traz com a noção de trágico ao pensar a condição humana explorado pela cultura grega, e aponta dois modos de vivência artística: a apolínea referida a Apolo e com aspirações de perfeição e força, e a dimensão dionisíaca, referenciada a Dionísio, onde a arte reverbera destruição, o gozo e a experimentação. A tragicidade da do humano em sua agonística na criação da vida é então explorada pelos gregos em duas forças aparentemente opostas, mas que Nietzsche vai a explorar como dimensões criadoras e em conexão em si. Uma arte com nuances de destruição e vitalismo, que tem como potência maior a transformação e a ampliação das forças do real. Cruel enfrentamento que o artista toca.

A valentia e liberdade de sentimento ante um inimigo poderoso, ante uma sublime adversidade, ante um problema que suscita horror – é esse estado *vitioso* que o artista trágico escolhe, que ele glorifica. Diante da tragédia, o que há de guerreiro em nossa alma festeja suas saturnais; aquele que está habituado ao sofrimento, aquele que busca o sofrimento, o homem *heróico* exalta a sua existência com a tragédia – apenas a ele o artista trágico oferece o trago dessa dulcíssima crueldade. (Nietzsche, 2006, p 78)

Não há mais beleza como perfeição ou um estado sublime, aqui arte é criação potente e mutante a se embrenhar nos conflitos e desdobramentos do humano. Nem uma arte pela arte, muito menos uma arte que trabalhe sob o julga de uma moral, mas sim uma arte que é vontade de potência, de afirmação da vida em todas as suas facetas (NIETZSCHE, 2006).

Muito desse aporte conceitual, essa perspectiva da potência e da transvaloração dos valores¹⁷, o pensador alemão também leva à noção de vida. Ao postular a vida como rede de forças que buscam sempre se efetivar e ampliar sua potência, questiona a noção tradicional em ciência onde vida é tida como dado de realidade ou um processo homeostático reduzido muitas vezes à dimensão biológica. Nietzsche (*Ecce homo*, 2008 e *A gaia ciência*, 2001) traz à discussão que mesmo o processo de adaptação tão querido

¹⁷ Conceitos trabalhados por Nietzsche em diversos pontos de sua obra incluindo Genealogia da Moral (2009), Crepúsculo dos ídolos (2006), Assim falou Zaratustra (2003) que buscamos resgatar como um modo de operação do pensamento nietzscheano.

por teóricos como Darwin e modelo utilizado para a preservação da vida, é utilizado de maneira a visibilizar tão mais a conservação e os padrões do mundo que dar a ver o processo de diferenciação e mutação presente. Pensar o real como heterogêneo e dinâmico faz com que o pensamento da adaptação vital ganhe movimento. Qualquer forma de vida, seja ela uma célula ou uma complexidade de sistemas extremamente específicos, se faz como um processo sempre da ordem da intensificação de suas forças onde, na luta pela sobrevivência, há a necessidade da criação e a apropriação de novas formas. Viver é da ordem da intensificação das potências, de lutar pela afirmação e adaptação em relação de contingência específica, criando novas combinações e seguir nesses processos dinâmicos pela manutenção desses mesmos processos. Viver é intensificar, criar, transformar. Pensar a vida como obra de arte trata de aproximar em um paradigma imanente os dois conceitos – arte e vida como a *intensificação* da potência e mutação –, tendo como ponto de toque o procedimento de criação.

Outro ponto pulsátil a nós é o trabalho intenso de Deleuze e Guattari por sobre o campo da arte. Em *O que é a filosofia?* (DELEUZE e GUATTARI, 1992), nossos autores exploram toda a conceituação sobre arte no aporte do pensamento da diferença e seus procedimentos, utilizam diversas referências artísticas, trazendo a experimentação de diversos campos (música, artes plásticas, literatura, cinema, etc), o uso de materiais e a vivências singulares de autores ao tocar esse proceder da arte e da criação. Aqui me salta com grande energia uma citação por eles acessada de Virgínia Woolf sobre seu processo de escrita:

Como tornar um momento do mundo durável ou fazê-lo por si? Virgínia Woolf dá uma resposta que vale para a pintura ou a música tanto quanto para a escrita: ‘*Saturar cada átomo*’, ‘Eliminar tudo o que é resto, morte e superfluidade’, tudo o que gruda em nossas percepções correntes e vividas, tudo o que alimenta o romancista medíocre, só guarda a saturação que nos dá um percepto, ‘Incluir no momento o absurdo, os fatos, o sórdido, mas tratados em transparência’, ‘*Colocar aí tudo e contudo saturar*’. (Deleuze e Guattari, 1992, p. 223, grifos nossos)

Aqui a escritora indica como fazer com que uma obra de arte consiga tocar o mundo, trazer do mundo sua potência, e sustentar essa potência para além do acontecimento de onde se referencia. Virgínia Woolf afirma que o procedimento deve ser *saturar*, num paralelo muito forte entre a intensificação de Nietzsche. Saturar cada átomo, no processo de escrita, para que as palavras tenham uma maior potência, que o percepto se descole das coisas e os afectos de tantas outras forças presentes e conserve um

acontecimento potente e durável¹⁸. Saturar intensificando essa falsa pretensão de exatidão a um acontecimento real e criar uma nova conexão potente. Com Virgínia e sua saturação, Deleuze e Guattari delinham um pouco mais o agregado sensível, a obra de arte que conserva um acontecimento sem somente atualizá-lo tendo a impossibilidade dessa fidedignidade como ponto de partida. Essa é a função da arte indicada pelos autores, onde a arte constrói à partir de perceptos e afectos do autor algo para além de suas percepções e afecções, algo que encarna um processo de criação e conserva uma potência de criação.

– Agora, foram-se todos – disse Louis. – Estou completamente só. Entraram em casa para o café da manhã e deixaram-me parado junto ao muro entra as flores. É muito cedo, antes da hora das aulas. Cada flor é uma pequena nódoa nos verdes profundos. As pétalas são arlequins. Caules erguem-se das cavidades negras. Flores bóiam como peixes de luz nas águas escuras e verdes. Pego um caule na mão. Sou o caule. Minhas raízes descem às profundezas do mundo, varando a terra seca e a terra úmida, atravessando veios de chumbo e prata. Sou todo fibras. Tremores sacodem-me, o peso da terra pressiona minhas costelas. Aqui em cima meus olhos são verdes folhas cegas. Sou um menino em calças de flanela cinza, o cinto preso por uma serpente de latão. Meus olhos lá embaixo são os olhos sem pálpebra de uma estátua de pedra num deserto do Nilo. Vejo mulheres que passam com cântaros vermelhos em direção ao rio; vejo camelos balouçando e homens com turbantes. A meu redor ouço pisadas, tremores, agitação. (Woolf, 1980, p 10)

Virgínia indica uma vivência, então, do procedimento de criação que se aproxima dos acontecimentos da vida, indo dos acontecimentos concretos buscando novos encaixes, texturas, intensificações diversas ao criar uma obra que adense um processo de ruptura e afirmação, uma criação. Uma fabulação, imaginária linha entre a realidade e a ficção que a autora explora em diversas de suas obras. Não há em Virginia Wolff qualquer ímpeto em comunicar ou retificar uma experiência real, seja ao descrever com exatidão a cidade de Londres com suas ruas e parques no trajeto de Clarissa Dollaway (WOOLF, 2012) ou mesmo ao brincar com os reflexos e a existência duvidosa de sua personagem no conto *A dama do espelho* (WOOLF, 2017). A autora a veracidade é de pouca importância, pois os acontecimentos não se distinguem ou se valoram em termos de concretude humana quantificável, mas sim por seu desenrolar, seus efeitos e fluxos de mutação.

¹⁸ Aqui já associamos as noções de Deleuze e Guattari ao afirmarmos quem um agregado-sensível se forma a partir de percepções e afetações do autor que se transmitem em perceptos e afectos que possuem uma correspondência com as termos anteriores, mas que adquirem uma potência de arte diferente na ostentação do processo de pensamento-criação. Discutimos mais a fundo tais encaixes da noção de obra de arte em Deleuze e Guattari em nosso trabalho anterior, por agora só devemos assentar tais correspondências.

– Agora – disse Louis –, antes de nos levantarmos, antes de irmos tomar chá, deixem-me tentar fixar o momento, num supremo esforço de vontade. *É preciso que este momento perdure.* Estamos separando-nos; alguns vão para o chá; outros, para as redes de ténis; mostrarei meu ensaio ao Sr. Baker. *É preciso que este momento perdure.* A partir da discórdia, do ódio (desprezo quem é diletante na imaginação; ressinto-me intensamente da ascendência exercida por Percival), minha mente fragmentada se sente reconstruída por uma súbita percepção. Tomo as árvores e as nuvens como testemunhas da minha completa integração. Eu, Louis, eu, que deverei andar pela terra nos próximos setenta anos, nasço inteiro, fora do ódio, fora da discórdia. Aqui neste círculo de relva sentamo-nos juntos, ligados pelo tremendo poder de uma compulsão interna. As árvores acenam, as nuvens passam, chegará o tempo em que todos esses solilóquios serão partilhados. Nem sempre emitiremos sons como os de um gongo que percute quando as sensações o golpeiam sucessivamente. Crianças, nossas vidas foram gongos golpeados; clamor e orgulho; gritos de desespero; toques na nuca em meio aos jardins. (Woolf, 1980, grifos nossos, p 30 e 31)

Os acontecimentos ao redor e a saturação não buscando uma documentação fidedigna, mas compondo uma perduração. Cria-se não ao abstrair um mundo imperfeito ou até feio em direção a sua essência mais sublime, mas sim ao adentrar nos acontecimentos desse mundo e ir a intensificar suas múltiplas formas, modos, cenas, afetos, sem distinção inicial do que seria belo para ser arte.

Paradoxal aproximação, a vida e arte de Nietzsche e a escrita de Virgínia.

Segundo Ato: A carne e seus experimentos

o verdadeiro agente da ação é a vontade de potência. Essa, como agente da ação, é um querer, um fazer, uma atividade, e não um sujeito: ‘Não há nenhum ser atrás do fazer, do atuar, do devir, o agente foi ‘ficticiamente’ acrescentado ao fazer, o fazer é ‘tudo’ (Nietzsche, *Genealogia da moral* apud Dias, 2011, p. 43)

Diluindo, então, a cisão entre autor e obra produzida – por se formar como falsa questão em nosso pensamento –, um procedimento, a criação, ganha mais relevância. Tendo a criação como ponto de dobra, é na carne dos artistas que muitas vezes algumas notícias dos processos se evidenciam. A forma final de uma obra é esplêndida de marcas e encaixes que o artista faz com seu próprio corpo em dispersão e rearranjo, cada um em seu método singular, também sendo marca cabal desse processo criativo. Mas como então seguir esse traçado da criação ao pensar os modos de vida e os fluxos da vida? O

criar não se aloja no autor, tampouco se confina em uma obra, ele flui e é aí onde buscamos manejos.

Percebemos a forte aproximação da dissecação de Nietzsche e a vivência carnal e potente de Virgínia Woolf. O procedimento de saturação indicado por Virgínia, que incide numa transfiguração da experiência perceptivo-afetiva em algo mais intenso em si mesmo, é pungente. A noção de beleza, numa afirmação cruel e expansiva das forças no real que estupora a vida a partir de sua luta por sobrevivência e mutação aderente, é radical. Então como trazer esses dois procedimentos para adensar o desafio de pensar a criação?

Enquanto corria, cada vez mais depressa, eu gritava. O que movia as folhas? O que move meu coração, minhas pernas? E irrompi aqui, vendo você verde como um arbusto, como um ramo, Louis, muito quieto, os olhos fixos. “Está morto?”, pensei e beijei você, meu coração saltando debaixo da roupa cor-de-rosa como as folhas que continuam a se mover, embora nada faça com que se movam. Danço. Agito-me. Sou lançada sobre você como uma rede de luz. E fico deitada sobre você, tremendo. (Woolf, 1980, p 11)

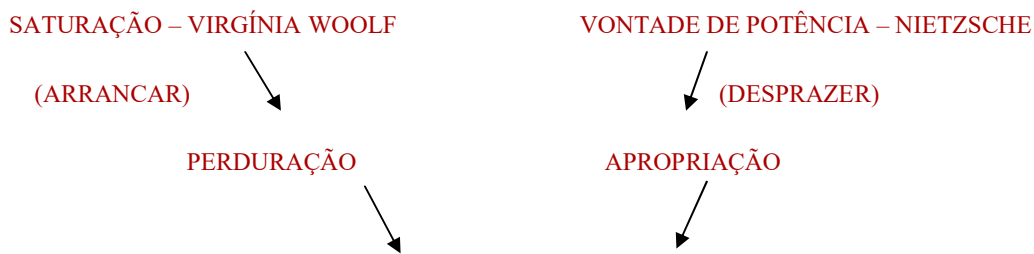
Vontade de potência, em Nietzsche um conceito amplo que diz do procedimento da vida que se expande e luta pela sobrevivência por meio de suas mutação e incorporações. Buscando apoio em Rosa Dias, percebemos que tal conceito, o de vontade de potência, se mostra complexo na obra de Nietzsche, indicando todo um encaixe do pensamento do filósofo sobre a transvaloração, mas que busca alojar-se no mais íntimo da vida. Sendo a vida um processo de busca pela sobrevivência e que requer uma adaptação dos organismos – aqui percebemos a esteira bem habitual de um pensamento darwinista – Nietzsche busca encontrar nesse mesmo processo demonstrar que nosso pensamento ocidental acaba por vezes a estacionar a atenção nas repetições e padrões que são por vezes abstratos e um tanto quanto dogmáticos. A vontade de potência, força esse de ampliação de uma força, de querer um *a mais* das forças, acarreta um desprazer ao nos focarmos na luta pela sobrevivência. Tal luta, esse embate de forças, vai a traçar adaptações que devem aqui ser valoradas não como adequações ou mesmo padronizações em vias de perfeição, mas sim como criações forçadas em meio ao desprazer no sentido de ampliar a potência e a sobrevivência. Tal processo vai em direção à vida, de maneira ininterrupta e sempre numa agonística, com a potência a

buscar expansão sem necessariamente ter um prévio objetivo ou ponto ótimo de funcionamento¹⁹.

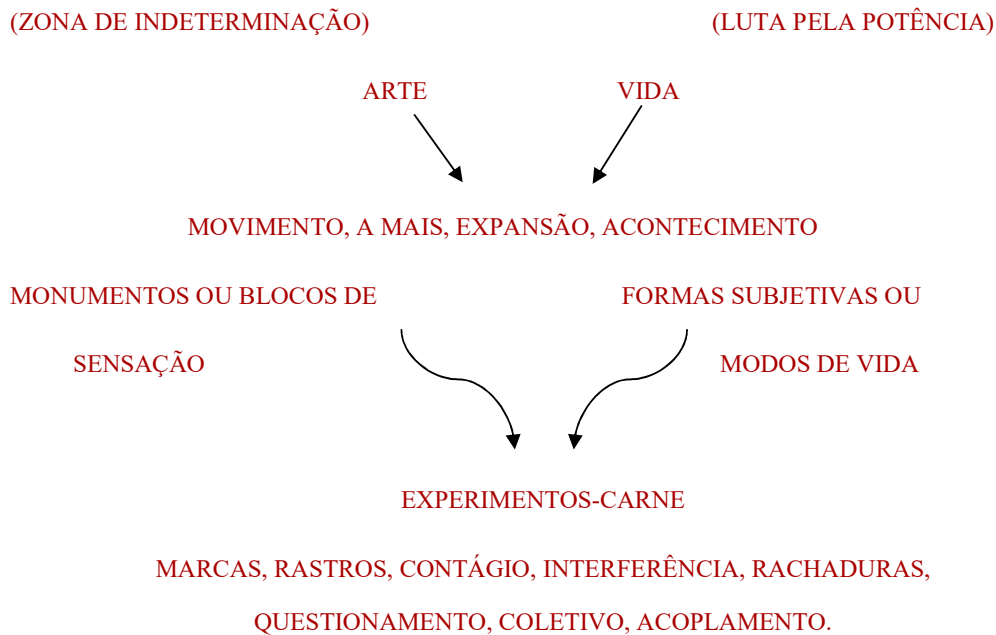
A saturação de Virgínia como conceito procedimento que adensa as pulsações afeto-perceptivas presentes perpassando uma zona de indeterminação numa conservação artística dos acontecimentos (DELEUZE e GUATTARI, 1992). Apoiados em Deleuze e Guattari poderíamos tatear um pouco da saturação de Woolf ao colocar em tal processo os termos dos dois pensadores. A arte e seu aspecto de conservação vai a “arrancar” de percepções e afecções concretas dos artistas elementos para a construção de uma obra. A saturação de Virgínia viria de um processo de “arrancagem” do real, termos que impulsionem a perduração dos acontecimentos em arte.

A partir dessas aproximações e para maquinar tais passagens – para potencializar, ampliar e diluir os pólos obra e autor, além de criar uma ligação para pensar os processos de subjetivação de modo potente – propomos um encaixe: os EXPERIMENTOS-CARNE. Se a vida se faz por expansão, se a arte é saturação potente e afirmativa das forças, pensar os artistas – e por conseguinte de nossos debates anteriores o processo vital em si – seria sempre o de acompanhar um processo singular de experimentação artístico-vital que se atualiza numa singularização cárnea em movimento. Cada carne é um experimento de criação em meio à sobrevivência, cada experimentação tem de ter substrato e o corpo é parte integrante do processo.

Pensando a aproximação do caminho de pensamento de Nietzsche e Woolf, a construção dos Experimentos-carne se mostra assim:



¹⁹ Tal debate sobre a noção de adaptação e sobrevivência possui largo interesse e complexidade, principalmente ao considerarmos usos inadequados dos conceitos de Darwin ou de suas premissas que realizam, por vezes, um uso valorativo e de dominação ao utilizar conceitos como sobrevivência e adaptação. Nietzsche indica muito do pensamento de Darwin como uma valorização do processo adaptativo do que as enciclopédias e a catalogação que a ciência e o pensamento do senso comum realiza ao considerar tais idéias. Afastamos-nos aqui de noções que tragam em si os paradigmas da estrutura prévia, da hierarquia pelo “melhor” ou “mais forte”, afirmando sim a expansão da vida como experimento de criação constante e em movimento.



A aproximação entre vida e arte se mostra firme em meio à agonística da criação. Processos de singularização e flexibilização de nossa carne, em experimentação...

Encorpendo nossa aproximação, acessamos Deleuze e Guattari (1992) quando trazem, em toda a sua análise da arte como maquinação do pensamento, que a construção dos agregados-sensíveis – por se tratarem de ostentação de processos de ruptura-composição na conservação paradoxal de linhas de fuga –, que tal empreendimento do procedimento artístico, sempre se dirige ao infinito. Infinito aqui considerado não como dimensão misteriosa e indistinta, mas como uma abertura ao cosmos, ao Fora em sua perene potência de diferenciação. E em meio a tal destrinchamento ao pensar os artistas e seus procedimentos de criação, os autores indicam o que seriam dimensões da criação. Partindo desse primeiro procedimento de adensar e deslocar afecções e percepções pessoais para o estatuto de afectos e perceptos, o artista inicia a criação a partir da *carne* – seu primeiro aporte de sensibilidade – na construção de uma *casa* – tomada como a arquitetura dos agregados-sensíveis – em uma relação íntima de abertura para o *infinito* que vai a deslocar essa construção. Um encadeamento não preciso e meticuloso, mas dimensões ou camadas que mostram relações ou facetas do processo criativo.

O monumento não atualiza o acontecimento virtual, mas o incorpora ou o encarna: dá-lhe um corpo, uma vida, um universo. (...) Estes universos não são nem virtuais, nem atuais, são possíveis, o possível como categoria (“possível, por favor, senão eu sufoco”), a existência do possível, enquanto

que os acontecimentos são a realidade do virtual, formas de um pensamento-Natureza que sobrevoam todos os universos possíveis. (Deleuze e Guattari, 1992, p. 229 e 230)

E por nossa aproximação entre vida e arte, nos chega a carne. Carne pórtico do sensível, superfície densa de marcações, não somente o corpo carbônico do humano, e sim expansão obscura e plástica desse. Carne essa também casa e também infinito, mas que se aproxima da experiência singular como um abraço constitutivo e misterioso. Dizem nossos autores que “a carne não é a sensação, mesmo ela participa de sua revelação. (...) A carne é tenra demais” (DELEUZE E GUATTARI, 1992, p. 231) e nos fazem pensar que talvez essa dimensão fosse parcial ou limitadora, sendo que como continuam eles “O corpo desabrocha na casa (ou num equivalente, numa fonte, num bosque)” (ibidem, p. 231). Mas tomamos aqui a insistência de que a valorização do processo criativo somente num foco da peculiaridade, solidez ou inexistência de paredes, cores e texturas, que formam a casa-obra acaba por nos fazer incorrer no erro talvez de pegar o processo por seus subprodutos. É esta mesma carne que não se confunde com a obra, mas que suporta e abre o ser de sensações que nos impulsiona ao criar. “A carne é somente o revelador que desaparece no que revela: o composto de sensações.” (ibidem, p. 227) Nossos autores não valorizam qualquer uma dessas dimensões por sobre as outros, sendo um processo indistinto de produção de si e das obras, mas aqui nos fica caro pensar a base cárnea, a matéria prima, que lidamos constantemente. Não se pode abstrair a criação, não se foge para longe se ter consistência de partida, não se deriva em tantas linhas potentes em completa transformação. Se algo se cria começa nesse mistério recombinante e pulsante: nossa carne.

Se temos como desafio a maquinação de um vida como obra de arte, uma entrada e ativação do plano estético com todos seus procedimentos de grande interesse à Guattari, há um combate de interesses a ser efetivado. Com Suely Rolnik, em *O mal estar na diferença* (1995), temos que os modos de subjetivação estão em uma íntima relação com o que autora nomeia, numa grande inspiração de Nietzsche, como transhumano, dimensão essa de proliferação de diferenças que endossa a relação trágica da existência. A diferenciação da existência faz dela um nomadismo de constante ruína e criação. Nessa relação, tradicionalmente negativamos o mal estar que as diferenças trazem ao processo de subjetivação – sejam por meio de teorias em psicologia que buscam estabilidades personológicas e noções morais de constância de caráter, ou prerrogativas morais de constância e constrição –, pensando como sentimentos de dor, criando

sintomas de abafamento, buscando calar os processos de diferenciação (ROLNIK, 1995). Nesse abalo se insere nossa questão. Se é inerente à subjetivação ser habitada de diferenciações de si mesma e estar em contato com o transhumano, é a criação e a mutação que a constituem como processos vital de produção de potência e não somente o abafamento aflito ou a sintomatização repetitiva. Maquinar uma subjetivação com a ativação de uma estética é atingir diretamente uma nova relação a ser estabelecida com a própria carne, tendo esta como matéria e material da proliferação de diferenças e suas experimentações.

A carne como ponto de contato, substrato de experimentação e fértil de diferenciação. “A carne é apenas o termômetro de um devir” dizem Deleuze e Guattari (1992), mas apenas se ela se fecha em si mesma numa tentativa de aplacar ou rechaçar esse processo de vir a ser. Acoplamos a idéia de experimento a nossa carne para empreender que o movimento, essa perene destruição-criação, esse eixo de experimentação reiterada deve ser guia para que a carne, além de demarcar *quantas* de devir, mostre-se plástica e efetiva em sua singularização.

Toquemos a vontade de potência tendo a carne como experimento. Não há notícias a serem recolhidas em cada carne que analisamos, isso seria pretender a vontade como instância transcendental que somente utilizaria corpos finitos e obsoletos para se mostrar – um caquético platonismo a corroer toda transvaloração de Nietzsche. A carne é a vontade de potência em processo, o pulso mais potente que a imaginação, e nos aproximar dela é entrar em conexão com essa potencia de criação nos afastando dos pólos artista - obra de arte. Carne eixo, imanência radical que se desdobra em múltiplas potências e efetivações. Há uma abolição criativa a se fazer na vivência da carne, uma tragédia que ela encarna e faz prosseguir em potencia afirmativa, no sentido de entrarem em contato com o desarranjo da vida, para dar brecha de efetivação a essa vontade de potência. Entram em dissolução na saturação exercida nos materiais e criar, perdurando os acontecimentos que a transmutam e que a tingem como tatuagem. Abolir-renascer sua própria vida num experimento em devir feito de carne e hetero-multi-combinações, eis o pulso dessa experimentação. Um experimento-carne traz em si as marcas e os rastros de acontecimentos sem memória, onde é na efetivação singular de tantas coletivas conexões que um novo modo surge.

Monumentos-modo de vida, agregados sensíveis de subjetivação. Se de carne já é feita arte, experimentar é dar-se a essa construção de casas e corpos que pulsam todo um cosmos.

Viver a vida como obra de arte. Fazer-se experimento-carne.

Estamira e a carne viva

Por isso que eu to na carne (...) Ah lá, os morro, as serras, as montanhas... Paisagem e Estamira..., esta-mar, esta-serra, estamira tá em tudo quanto é canto, tudo quanto é lado. Até meu sentimento mermo vê, todo mundo vê Estamira. (ESTAMIRA, 7', *sic*, 2006)

Um corpo de mulher a beira-mar, carne e sangue, humana, par – como ela mesma se designa. Esse encontro se dá na última cena do documentário que leva seu nome próprio²⁰. Ondas caóticas e uma mulher. O mar revoltado faz névoa forte, turva a areia e, esbranquiçado, faz voz de trovão. A mulher mira serena e abraça a arrebatada, esta mesma mulher que espuma em ternura, que traz no corpo a ira pela vida. Ira. Se seus delírios a mutilam e magoam em diversos pontos de sua trajetória, tanto mais cozem uma ferina lucidez na linearidade de sua vida. Sua imagem, seu som, seu corpo são pequenas explosões de uma cruzada contra a destruição e a enganação. O rugido do mar é pouco frente o rosnado firme da mulher, onça da vida. Ninguém sai ileso ao tocar Estamira. Ela que nos ajuda a adensar um corpo, que nos precipita e posiciona: “*a minha missão, além de eu ser Estamira, é revelar,... ensinar, amostrar o que eles não sabem*” (ESTAMIRA, 2006, minuto 5). Revelar.

Adensar. Me porto como um encantado por vezes, a tocar os processos da vida. Numa fruição outra, suspeitando em intuição uma potência de expansão em cada segundo de nosso percurso, em cada ponto de nossa pele. Meu encanto se liga muito firme ao desenrolar da vida, a experiência limite que é ver o quão potente é o vivo em toda sua valentia, pluralidade e exuberância. Junto a isso a arte, e em muito a literatura, também se acopla a esse deslumbre por esta ir a catalisar essa vida, transpassando-nos em experimentações e abrindo à força tudo que ainda está por se fazer. Sinto essa junção, esse amálgama arte e vida, e lutei muito nessa afirmação que por vezes se mostra inexistente em nosso cotidiano, insuspeita no correr veloz dos afazeres ou abstrata demais para outrem. Mas Estamira passa na frente. Meu contato com o documentário Estamira (2006) se fez no fim de minha graduação em Psicologia, já imerso no trabalho em saúde mental e incursões sobre a arte e pensamento e tudo se compôs não como perfeitos encaixes, e sim como expansão e adensamento. Tudo se apequena junto a esta mulher inflamável, tudo se sensibiliza a seu lado, e dessa marca indelével em potência ela perena, quem sabe feito o cometa que tanto clamou encarnar a emanar energia.

²⁰ *Estamira*, diretor Marcos Prado, 2006.

Reafirma-me que sim, há um pulso a ser afirmado, há uma criação constante a ser refeita, que a existência é combinatória – e tudo isso em muita, mas muita luta. Uma presença e a vida explode em carne e sangue reiteradas vezes. Não há mundo concreto, há mundo por se fazer. Propagar.

Mas eu, não, comigo é esquisito. A solução é fogo. A única solução é o fogo. Queimar todos os espaços, os seres, e pôr outros seres nos espaços. A Terra disse, ela falava, agora ela ta morta, ela disse que então ela não seria testemunha de nada. Olha o quê aconteceu com ela. Eu fiquei de mal com ela uma porção de tempo, e falei pra ela que até que ela provasse o contrário. Ela provou o contrário, a Terra. Ela me provou o contrário porque ela é indefesa. A Terra é indefesa. A minha carne, o sangue, é indefesa, como a Terra; mas eu, a minha áurea não é indefesa, não. Se queimar meu sentimento, minha carne, meu sangue, se for pro bem, se for pra verdade, pra o bem, pela lucidez de todos os seres, pra mim pode ser agora, nesse segundo, e eu agradeço ainda. (Souza, 2013, p 55 e 56)

Como seguir a afirmar que a vida não se resume a nossos conceitos e experimentações e incidir repetidamente na arte em seu procedimento de criação se isso é o mais próximo que conseguimos chegar junto ao pulso vital? Como saltar das palavras, análises e planejamentos nesse cultivo da face incandescente da vida? Como, após tocar Estamira, não explodir? Trazer o conceito para a pele, a arte para a carne – é Estamira mesma quem nos auxilia nesse processo. Não devemos dividir o mundo em acontecimentos reais de um lado e pensamentos abstratos do outro, pois isso é ilusório, é evitar a explosão. É em ato, na carne que tudo se processa. Para essa mulher documentada, este é um único fio que se espalha em rizoma por todos os lados, sem limites de divisão entre o concreto e o virtual, sem precisar raciocinar para agir. Trovão de tempestade, descarga elétrica em proliferação.

A criação toda é abstrata. Os espaço inteiro é abstrato. A água é abstrato. O fogo é abstrato. Tudo é abstrato. Estamira também é abstrato. Visivelmente, naturalmente, se eu me desencarnar, eu tenho a impressão que eu serei muito feliz e talvez eu poderia ajudar alguém. Porque meu prazer sempre foi esse: ajudar alguém, ajudar um bichinho. Tem vinte anos que eu trabalho aqui. Eu adoro isso aqui, a coisa que eu mais adoro é trabalhar. E eu ainda agüento trabalhar, mas agora eu não posso mais. Agora eu não to podendo mais trabalhar. (Souza, 2013, p 16)

Um corpo violado, analisado e medicado – pelos homens, pelos astros ruins, pela psiquiatria, pela ganância, pelo “experto ao contrário” –, é o que constituem as marcas da história dessa mulher, brasileira, catadora de recicláveis no lixão Jardim Gramacho em Duque de Caxias, ex-interna de hospitais psiquiátricos, usuária dos serviços de saúde mental do estado do Rio de Janeiro. Muitas Estamiras, mas antes de tudo um corpo devassável. Sua carne, essa a mágoa maculosa que ela carrega e também o motor de sua fala imperiosa. Não seríamos nós a refazer uma nova entrada invasora a ela.

Vamos a encontrá-la num ponto de passagem, entre sua travessia concreta de vida e o documentário que a filmou, entre nosso percurso orbital e a influência das imagens-sons do filme com seu nome, entre sua carne pulsante e sincera e nossas aproximações com a vida em desenrolo, entre sua fala e nosso pulso. Nossos corpos, aos intervalos, no vão desse planeta. Como suportar esse intervalo?

Há de se perder a pretensão de absorver Estamira Gomes de Souza, falecida em 28 de setembro de 2011 aos 70 anos de idade – deixemo-la em descanso, sem tornar-se mais uma encarnação de nossas análises. Não buscamos nela mais uma peça de anatomia, algo expiatório para nossa revolta ou pórtico de uma palavra de ordem libertadora. Estamira falece de septicemia em um hospital público da cidade após dois dias de espera por atendimento onde foi buscar tratamento para uma grave infecção no braço. Não há como não incluir essas marcas no documentário, não queremos descolá-lo da concretude dessa mulher, mas também não deixemos que uma certa realidade engula toda a irradiação que esta mulher possui. Entre uma senhora de 70 anos cidadã da cidade do Rio de Janeiro sem acesso a seus direitos e a profeta da revelação e do combate contra a judiação, é aí que nosso ensaio se aloja na companhia de Estamira. Contagiar.

O que se sustenta em uma imagem de filme além de acontecimentos? Entre ela e nós, um monumento à companhia, uma energia que se desprende dela para o mundo, uma incursão do universo pelos “fios elétricos” dessa mulher que aceita a missão de conectar. Verdades, acontecimentos e concatenações tão amplas quanto as paisagens do filme. Corpos tão despojados quanto o aterro sanitário, mecanismos filosóficos explicados á exaustão, palavras simples e uma tenacidade em costurar novamente o entorno adornando a rotina com vigor. Surpresas pela vida, que de tão real se depura em experiência latejante por Estamira. Ela nos conduz, não pastoreando, mas fendendo o caminho. Riscar.

Arrombar o plano estético, esquentar deveras o real e em movimento. Afirmo isso sobre o conceito de Guattari (2012), pois Estamira pouco se importa em transladar por entre as linhas políticas, os desafios éticos que se montam, e segue, a mulher vai com sua própria carne. Imagino que nosso autor não se importaria nem um pouco em preservar a limpidez de seu debate, pois, como ela, Guattari nos impele ao embate criativo e às intensidades. Estamira traz em seu próprio discurso que seu corpo é a todo o tempo invadido, cortado, pinçado pelos ferros e antenas de controle dos “trocadilhos”. Este que treme ao efeito dos medicamentos, que se lava como numa benção cansada por sobre uma mulher que não existe somente dentro da própria pele. E é este mesmo corpo que

vai a desvelar que estamos a todo instante tentados a adentrar essa dimensão criativo-processual da realidade, mas dominados e acuados. Aqui se instala nossa potência de combinatória com Estamira: acessar o processo criativo da vida, que não se circunscreve a nenhuma materialidade única por ser processo, deve ser feito antes de tudo em nossa carne, em nosso corpo lacunar, nesse encontro. Revelar, para Estamira, nos parece ser fazer de seus delírios e esteiras de pensamento paranóico o que podemos resgatar como um processo acesso à uma subjetividade pática (GUATTARI, 2012) em descarrego. Para Guattari (2012), há uma dimensão do processo de subjetivação que ele nomeia como subjetividade pática, dimensão esta de constante potência, de afetação, troca e contato livre com as forças do mundo. Em meio às atualizações e formatações que os discursos incidentes fazem na produção subjetiva há certa dimensão fugidia e enérgica que se mostra chave do pulso vital. A subjetividade é deveras coletiva e individuada (GUATTARI e ROLNIK, 2013), com produções hegemônicas e costuras atualizadas em um processo singular, mas essa dimensão pática parece insistir como emanação de potência e criação em meio aos processos – não se identificando com um estado final e insistindo em energizar um processo de singularização. Mostra-se, então, como dimensão das mais firmes no acesso ao plano estético, essa faceta de criação potente dos processos subjetivantes. Pática, palavra de sentido libertino, e aí mesmo que vamos a nos inserir, nesse trânsito conectivo com o plano da realidade sem pudores. Esta dimensão também, afirma nosso autor, é onde devem se fundam os agenciamentos de enunciação, e exerce uma função existencial (2012), dando existência às múltiplas cadeias de signos e discursos que nos subjetivam. Tenra ligação entre os Territórios existenciais em sua perpétua criação e conectada aos Universos de Referência em suas demarcações, mas em perpétua pulsação de existência. Pática de apaixonada, afeita ao contato e ao contágio, este *pathos* emanador da vida em candência. Como adentrar a dimensão pática de nossos processos de subjetivação? Não se entra, é caminho de singularidade e, antes de tudo, é preciso encarnar e adensar a carne, como Estamira urra em diversos modos. Urrar.

Perversa eu não sou, não, mas ruim eu sou. E não adianta. Antes, d’eu nascer eu já sabia disso tudo. Antes d’eu ta com carne e sangue, é claro, se eu sou a beira do mundo. Eu sou Estamira. Eu sou a beira. Eu tô lá, eu tô cá, eu tô em tudo quanto é lugar. E todos dependem de mim. Todos dependem de mim, de Estamira. Todos! E quando desencarnar vou fazer muito pior. (Souza, 2013, p 33)

Sua fúria vem muitas vezes da pequenez ignorante dos que estão a sua volta, dos que conseguem suportar a pressão de olhar o mundo todo a se revolver em processos pulsantes e somente renegar tais apelos. Sua revolta é porque todos permanecemos a olhar esse mundo e não vê-lo, optando por enxergar somente as estáticas do mundo, as desigualdades medidas à distância, as belezas modeladas em caixotes, e toda uma perdição de dor e uso do humano. Seu choro é por desconsolo frente à violência que é transformar toda a força criativa e amorosa da vida em pedaços de detrito e uso curto. Sua inteligência carnal esgota tudo que se propõe aprumado e eterno, seus olhos não enxergam somente o agora, mas diferentemente dos olhos “desligados” dos humanos enganados que temos sido, ela vê além, sem transcendência, vê movimento, vê em energia, lá da beira.

Estamira mora no entre, vê o intervalo, sente a lacuna de onde a vida brota e como é ali que tudo se engancha quando cogitamos as dominações e fascismos contra a vida. Nasce dela uma lógica, uma ordem onde o mundo tende muitas vezes a ser assassinado ou enganado pelo Trocadilo, pelos copiadores, pelo medo e pelo bruto – como uma orda de dominadores, indo do capitalismo a um Deus católico subjulgador. E tal lógica, não a coloca somente como a sabedora dos caminhos, mas a apenas com um corpo sensível de toque, com o truque da vida. Há uma revolta dela contra qualquer sistema de ordenação humana, um combate ferrenho à pretensa proteção que os sistemas do homem ordeiro fazem cair por sobre nossas cabeças. Ao ver as estruturas e os regimes de controle, é numa lucidez enegeirante que Estamira segue a recontar o mundo para nós diretamente com seu corpo. Pensamos a todo o tempo sobre os complexos arranjos econômico-sociais, sobre os discursos e produções de verdades, sobre os exercícios de poder contidos em cada estrutura do pensamento racional, sobre os preconceitos e violações diversas possíveis em nosso modo de subjetivação contemporâneo e o que Estamira faz? Encarna.

Em nenhum momento estou a deitar ao despojo nosso trabalho de escrita, de pensamento e debate e, potentemente, o que aí ainda se cultiva em linhas de militância, de proteção da vida e de combate. Mas ao habitar a lacuna – que muitas vezes se mostra um abismo para nós que seguimos certa ordem subjetiva –, Estamira destapa os processos, ruge as produções, infecta o mundo estabilizado com as tripas em putrefração que este mesmo mundo muito bem esconde em suas bordas. A saúde mental e seus percursos muitas vezes de violação de direitos e pouco acolhimento, os sistemas

religiosos em sua manutenção ilusória de uma bondade hipócrita, a fragilidade de um corpo de mulher que ainda é prato a ser devorado e esgarçado sob a vontade do macho-modelo-opressor, a miséria que os bem alimentados não querem imaginar ao descartar mais uma embalagem reciclada em seu lixo seco, o abandono como palavra fundadora de nosso arranjo social e o uso do outro como pilar de nossos interesses... toda a crueldade que muitas vezes é silenciada em nosso pensamento... Ela toma pra si a missão de revelar, e brada:

Felizmente nesse período que eu comecei a revelar e cobrar a verdade, sabe o quê que aconteceu? Felizmente ta quase todo mundo alerta. Erra só quem quer. (...) Ó, se quer saber, eu não tenho raiva de homem nenhum, eu tenho é dó. Eu tenho raiva sabe de quê? Do Trocadilo, do esperto ao contrário, do mentiroso, do traidor, desse que eu tenho raiva, ódio, nojo. (Souza, 2013, p 13 e 23)

O luxo de um conceito como o de Plano Estético é algo a ser literalmente despojado. Deitado longe se for somente conceito, se ficar meramente a sobrevoar os processos, a ser apenas superfície de reflexão sobre o real. Guattari não quer isso, não queremos isso, Estamira destrói isso. Estéticas são as bolhas ferventes no chorume do lixão, o fogo que arde do metano em transmutação, as pernas envelhecidas e em fortaleza dessa mulher que insiste em caminhar, seu olhar longínquo a ver o cosmos em revolução. Estético não é conceito que nos abre o mundo para podermos pôr luvas de látex e inspecionar os processos com nosso clínico olhar de especialista para, enfim, vislumbrar algumas belezas na decadência dessa esquizofrênica brasileira empobrecida e embrutecida por diversas mazelas interseccionais²¹ em sua pequena história de vida marginal. Estético é o sangue, a carne, o corpo homem-par, de Estamira. É do avesso. Aqui, em abertura, em processo que a subjetivação tece e rompe tantas formas em cadeia de significações e semióticas heterogêneas. No lixão o contemporâneo suspira sua sobrecodificação²² a

²¹ Interseccionalidade é um conceito muito utilizado nas pesquisas e debates sobre as diversas facetas presentes em uma situação de marginalidade ou de violação de direitos. Conceito surgido nos movimentos feministas principalmente e nos estudos de gênero, que busca indicar e reafirmar que há diversas variáveis subjetivas e sociais que categorizam um indivíduo e o colocam em situações de preconceito e violação de direitos. Estamira nos aparece com muita força junto a esse conceito, pois em si encarna a mulher, a negra, a louca, a pobre, a catadora de lixo, dentre outros. Não é nossa intenção nesse ensaio realizar o debate aprofundado desse conceito, mas seria ignorar a singularidade de Estamira não perceber a especificidade de sua posição de marginalidade, bem como não mencionar que o que a constitui são todas essas características. Não estamos falando de um homem, ou de uma branca, ou de uma pessoa com condições financeiras estáveis... Estamira encarna muitas e não devemos apagar essa singularidade ao falar com ela.

²² A noção de sobrecodificação é utilizada em diversos pontos da obra de Deleuze e Guattari, em especial em *Anti-Édipo* (2011), se referindo aos discursos hegemônicos que tendem a se sobrepor às experiências singulares, indo a codificar a sua maneira seja uma vivência pessoal ou mesmo um processo histórico. A sobrecodificação que acessamos aqui é entendida em sua amplitude, desde códigos morais à

matizar as interpretações, ações, anseios, decepções e comportamentos não somente da população que trabalha e se alimenta de seus restos, mas também as reafirmações produtivas do humano – aqui se bafora o centro da cidade, as indústrias, os meninos de rua, as escolas trilingues, o mercado financeiro, a medicalização dos modos de vida, o desinvestimento nas políticas de proteção da vida – e muito disso sem testemunho de qualquer pseudo intelectual que os analise. É em criação que Estamira faz sua vida, indo dos tempos de abandono do pai, passando pelo casamento bruto, os estupros, os delírios, as internações, as torturas, e a gana de permanecer nesse mundo ainda a fazer a vida se espalhar. Esse intervalo, essa brecha de onde jorra potência é onde nos abrigamos, ali onde se trava a batalha mais delicada e mais crua. Ali, com Estamira, o mundo se abre por sua carne, as conexões soerguem e é em cuidado que se continua a luta. Combater.

Eu, Estamira, eu não concordo com a vida; eu não vou mudar o meu ser, eu fui visada assim, eu nasci assim, e eu não admito as ocorrências que existe, que tem existido com os seres sanguíneos, carnívoros, terrestre. (Souza, 2013, p 70)

Revelar. Propagar. Contagiar. Riscar. Encarnar. Combater. Afirmar. Cuidar. Isso não se fecha, tais são as marcas de Estamira em pulsação. Uma máquina de guerra (DELEUZE e GUATTARI, 2008b) adensada e em constante fuga, essa mulher se suplanta, não indo mais além, mas indo a cada fala um pouco mais pungentemente na fatia tenra dos processos. De sua carne ela tudo acessa, nos contamina, revelando os desarrazoados atos de nossos encontros, e, numa sensibilidade em ato, imolando seu tempo em amplo cuidado.

“A tua lucidez não te deixa ver...” A inlucidez e a lucidez. A lucidez e a inlucidez. Tá bom. E o sentimento né? Consciente, lúcido e ciente, e tem o sentimento. Tá bom. O que fica pegando a... colhendo, gravando, é o sentimento. Agora, por exemplo, sentimentalmente, visivelmente, invisivelmente, formato transparente, conforme eu já te disse, eu estou num lugar bem longe, num espaço bem longe. (...) Estamira ta longe. Estamira está em todo lugar. Estamira podia ser irmã. Ou filha, ou esposa de espaço, mas não é. Espera aí que eu tô descendo. (Souza, 2013, p 36 e 37)

Estamira nos demonstra em suas poses-atos-palavras que é tudo simples e intenso, nos revela os martírios desse mundo que humanizamos em subjugo, nos urra as enganações, encarna a potência vital, e nos cuida ao abrir essa brecha de brotamento infinito e concreto. Esse pathos que acessamos tem de extravasar, contagiar, se fazer em ação

funcionamentos econômicos-sociais, e aqui buscamos acessar como tais funcionamento habitualmente automatizados tendem a se fragilizar em experiências tem grande intensidade como a que buscamos acessar com Estamira.

apaixonada e afirmativa. Tudo tem inteligência, só precisamos nos despojar das pré concepções para tocar enfim a matéria mole e pululante do real.

Esta em todo lugar, fazendo do abismo uma presença, abrindo a fenda do mundo. Adensando, encarnando, e seguindo.

Esta aqui? Não importa, é na carne que se faz vida. Estamos amplos e com ela alhures.

Galeano, comparsa mutante: por uma estética latino-americana

Galeano: Acho que o exercício da solidariedade, quando se pratica de verdade, no dia-a-dia é também um exercício de humildade que te ensina a reconhecer-se nos outros e a reconhecer a grandeza escondida nas coisas pequenininhas, o que implica denunciar a falsa grandeza das coisas grandinhas em um mundo que confunde grandeza com grandinho. (Sangue latino, 2009, 16', tradução livre)²³

A ordem das coisas em recombinação, uma beleza exuberante que desfaça as violências. Um procedimento Galeano que, numa inversão, adentra certa paixão antes pela vida do que pelos conceitos trazendo do cotidiano algo de procedimentos artísticos, debates filosóficos ou desafios éticos. Pensar, com ele, é pulso, pensar ao avesso, de *patas arriba*²⁴.

Os que se embrenham na discussão da estética em meio aos processos de subjetivação muitas vezes trazem do dia a dia certos procedimentos e quase como que técnicas de intervir e “artistificar” a subjetivação. Uma usual conexão na tentativa de maquinar o pensamento, uma coleção de experimentos. Vão das denúncias de macro-processos sociais de exclusão a detalhes rotineiros de cuidado pessoal, nessa intenta de pensar de que maneira “viveríamos melhor na atualidade”, de afirmar, enfim, qual seria a melhor “forma de viver” no contemporâneo. Engolidas no procedimento de abafamento ou deglutição do capitalismo atual, muitas dessas estratégias acabam se firmando como receitas de casa ou análises deveras distanciadas. Dentro do terreno de pesquisa acadêmica e escrita em geral o caso às vezes é mais contundente. A estética fica refém muitas vezes da rede conceitual e multi-causal das análises abstratas se pensamos a filosofia, montagens em psicologia e seus desdobramentos. Ou mesmo se torna detalhe final ao ponto de resumir-se ao compartilhamento no campo das artes aplicadas de

²³ Programa Sangue Latino, Canal Brasil 2009, o jornalista e escritor Eric Nepomuceno entrevista Eduardo Galeano sobre diversos assuntos, trazendo importantes reflexões do autor de maneira transversal sobre suas obras, posicionamentos e vivências. Utilizaremos durante o ensaio diversas passagens dessa entrevista em seu poder de adensamento dos debates do autor e radicalidade de suas colocações.

²⁴ *De pernas pro ar: a escola do mundo pelo avesso*, livro de Galeano de 2013, em que o autor resgata muitos dos temas do modo de vida latino-americano e suas marcas de exploração e violência em um tom irônico ácido, dedicando seções de “ensino” de cátedras como medo, exploração, machismo, consumismo e justiça. Essa inversão dá a ver os paradoxos de uma produção sistemática de nosso modo de vida sujeitado e colonial, e é salpicado por recortes e reflexões da vida cotidiana, de passagens concretas e notícias de jornal de países da América do Sul, partindo e acessando nossa pele para a análise ampliada, num avesso das análises tradicionais em ciências humanas mais afeitas a contextos ampliados.

produções plásticas em geral. Afirmam conexões, praticam explorações, sim, mas muitas empreitadas acabam por vezes presas em debates acumulativos, onde o pontapé inicial do pensamento que se desdobrava vai perdendo força concreta e se tornando mera ponte de reflexão. Fica-se apenas com opacas referências do dia a dia, pequenos rastros arrefecidos que viram metáfora por sobre as páginas filosóficas dos pensamentos que, foucaultinamente pensando a academia e os saberes, acabam por possuir bem mais poder do que nós. A forma das coisas que nós adentramos, considerando o pensamento acadêmico em especial, se faz muitas vezes em capturas arrefecidas, em fechamento...

Mas aí reside certa entrada-avesso, a inversão estética que pode intensificar o real. Não devemos pensar a estética pelas formas finais, pelos exemplos, por preceitos pelos quais encontraremos conclusões, por fim, após um caos criativo e combativo de encontros. Ela é o plano de ação, a estratégia cambiante e afirmativa. Começamos e terminamos em estética, pois não se sai da agonística de criar. Estar em meio aos processos requer estar na estética, habitando esse plano estético (GUATTARI, 2012) todo o tempo. Dos acontecimentos, com referência à Deleuze (2009) em suas incursões nos universos incorporais e suas marcas nos processos do real, sim acessamos apenas rastros, mas de incandescência tão pungente que nosso discurso extravasa para eles e com eles, os transfigurando em saturação e combinatória. Então, pensemos, que para uma ativação estética dos processos do mundo é, mais que necessário, saber-se de que nos constituímos, que caminhos nos trouxeram aqui, quem está presente, quantos ausentes, que correntes são essas e que teor se faz nossa volta... Isso pareceria homérica missão se fossemos a dividir o homem em processos miúdos, precisaríamos de: história, psicologia, sociologia, economia, antropologia, lingüística, e tantas outras só para balizar um ponto de partida. Isso somente pensando na breve pergunta “como nos constituímos?”.

Aqui mora o truque, o avesso. Essa divisão é artificial, cartesiana de nascença e positivada a força. O acontecimento é heterogêneo, processual, mas antes de tudo nos abraça transversalmente. Então, para acessá-lo, é necessário uma sensibilidade outra, certo sensível que desfça as usuais barreiras racionais, certo plano de conexão anterior à análise, lá onde a forma é viva e não exemplo. Esse avesso da racionalidade deve ser entrada efetiva no plano estético do real. Uma entrada estética desse “como nos constituímos?” que comece em nossa carne, que se faça em nosso sangue. Galeano nos projeta a essa entrada inusitada: estamos no Brasil, 2018, América latina... É preciso

marcar onde estamos, de onde falamos, para daí ir acessando nossa constituição não pelos parâmetros iniciais, mas partindo dos acontecimentos, dos encontros, dos encontros que nos constituem.

Sangue latino. América latina. Povo multicolor latino. Línguas latinas. Todo um continente que não é mapa, e sim vivo combate e florescimento. Por aqui se faz de outro jeito, da cruel coerção explorativa à conexão abundantemente mística dessas terras. Há de se saber latino, sentir esses chãos, saber de suas carnes nesses hemisférios ao sul, tocar a terra, adentrar esse plano estético latino... Eduardo Galeano é um desses xamãs latinos de nossa estética, de nossa forma incandescente. Essas línguas em imposição e também tantas sonoridades ainda retumbando de dentro do povo latino americano. Quinhentos anos de “colonização” e eras de história forçosamente apagada – muitos corpos e diversos caminhos insistentes em existir. Impérios e misérias. Riquezas e genocídios. A latino-américa que nos constitui em sua exuberância horrenda. Galeano é desses aferrado aos acontecimentos e descolado deles, habitando um território intermediário, onde cultiva um grito constante encarnado de transição viva entre o macro e o micropolítico, aportando à vida com intensidade. *Como nos constituímos?* Pelo avesso, Galeano vai a deflorar tal questão. Escritos vivos e duma ironia doce de afeto, em íntima ligação com esses terrenos, em deslumbre e denúncia.

Eduardo conta diversas histórias, resgata em recombinação nossas constituições e destruições, nesse toque efetivo do mundo em costuras temporais múltiplas. Diz, em entrevista para o programa Sangue Latino do Canal Brasil em 2009, sobre as histórias, referenciando a escritora americana Muriel Rukeyser que afirma que o mundo não é feito de átomos e sim de histórias, e adiciona seu proceder:

Galeano: E eu acredito sim, o mundo deve ser feito de histórias porque são as histórias que a gente conta, que a gente escuta, recria, multiplica, as histórias são as que permitem transformar o passado em presente, e que também permitam transformar o distante em algo próximo, possível e visível. (Sangue latino, 2009, 4’ 36”, tradução livre)

Esse avesso que Galeano porta para nós se aproxima em urgência à ferrenha proposição de Guattari (2012) e toda sua estética. Propõe nosso camarada francês que façamos transitar as ciências humanas de seus tradicionais paradigmas científicos para paradigmas ético-estéticos, não fornecendo respostas finais aos problemas do humano, em uma pretensa precisão a replicar modelos de funcionamento ótimo da psique humana e todos os outros processos que se desfraldam concomitantemente. Afirmar

uma produção de subjetividade pelo paradigma ético-estético é englobar os dispositivos institucionais, as marcas históricas, os setores da *mass media*, o mundo econômico-social, e tantos outros domínios diversos numa confabulação que produz formas de viver, subjetividades em constante mutação (GUATTARI, 2012). Desafio por ser prática, essa ativação do plano estético de Guattari transversaliza as análises, efetivando a singularidade dos processos de produção subjetiva presente em cada grupo social, em cada conjugação de fatores e demarcações. Se essa modelização subjetiva sempre é local e singular, é ela também potencial de sabotagem, de cartografia de tais fatores e linhas produtivas. Nossa constituição se inicia nessa entrada cartográfica na estética de nossos processos. Nossos não em posse, mas em participação – sejam elas configurações de homogeneização e dominação, ou mesmo pontos afirmativos de dobra e afirmação da diferença. É uma entrada no heterogêneo do mundo em vontade de contato, em criação e sensibilização.

Que processos se desenrolam em uma consciência com o choque do inusitado? Como se operam as modificações de um modo de pensamento, de uma aptidão para apreender o mundo circundante em plena mutação? Como mudar as representações desse mundo exterior, ele mesmo em processo de mudança? (...) Face a essas convulsões, a melhor atitude consiste em visar ao trabalho de cartografia e de modelização psicológica em uma relação dialética com os interessados, os indivíduos e os grupos concernidos, quer dizer, indo no sentido de uma cogestão da produção de subjetividade, renunciando às atitudes de autoridade, de sugestão, que ocupam um lugar tão destacado na psicanálise, a despeito de ela pretender ter escapado disto. (Guattari, 2012, p 22)

Cogestões requeridas, um toque conjunto ao inusitado. Há tal procedimento na carne de Galeano, em sua sudamérica reavivada. Todas as suas obras possuem esse impulso, o de uma sensibilização extremamente referenciada a fatos históricos e situações concretas e que, simultaneamente, faz a com que o movimento se desprenda de tais concretudes e ribombe por todos os lados. Penso que, se estamos a cartografar modos de ativação desse plano estético em uma mudança paradigmática, Galeano atinge diretamente nossa coluna vertebral latino americana: deflagra mecanismos de funcionamento, resgata histórias invisíveis, fazendo deslizar nosso racionalismo apaziguado e o inverte em proliferações de sensibilização. A questão de “*como nos constituímos?*” não é respondida, e sim explodida e projetada em todas as direções nos conectando a nosso entorno, a nossa carne. A estética de Guattari não é receita européia a ser decalcada em nossos ares americanos, e sim um convite-provocação a ativar nossos próprios caminhos, a adentrar nossa própria carne e se aparcerar de sua singularidade potente.

Então, que essa entrada se dê por nosso comparsa: Galeano sabotador, somos latino-americanos; Galeano potente, somos múltiplos; Galeano abraço, somos afetos.

As veias abertas da América Latina (2000), primeira obra que tive contato do autor, é um talho na arrefecida história das colônias. Colônia que ainda nos constitui, que se gesta incrustada e renovada em tecnologias leves e fascismos novo-arcaicos, mas a todo tempo girando as moendas da exploração. Todo um continente sangrado, sagrado em sua diversidade, sadicamente drenado em modelo integral: o uso e o ganho. Os livros que se seguiram foram empreitadas e poesias encarnadas dessas terras²⁵. Galeano constrói em sua sensibilização paradoxal – que mescla notícias de mídia, ruas múltiplas e periféricas, relatos mitológicos e sonhos correntes – por sobre esse território, buscando o que some e o que soma nessas terras. Sendo um latino que quer mais dessa América, ativa essa estética inversa de desventrar o valor dos fatos na busca da vida pungente desse continente usurpado. Se é coletivamente que se gestam os modos de subjetivação, é nessa radical conexão e filiações latino americanas que podemos criar procedimentos, que podemos olhar para nossos processos um pouco mais encorpados. Galeano, esteta-xamã da defloração e da resistência. Ser Cuba e Cuzco, Vila Rica e Rio de la Plata, Amazônia e Andes, numa latinidade insistente de panamericanizar nossos sentidos, um procedimento de nos abraçar em meio à luta.

Hay un único lugar donde ayer y hoy se encuentran y se reconocen y se abrazan, y esse lugar és mañana.

Suenan muy futuras ciertas vocês del pasado americano muy pasado. Las antiguas voces, pongando por acaso, que todavía nos dicen que somos hijos de la tierra, y que la madre no se vende ni se alquila. Mientras llueven pájaros muertos sobre la ciudad de México, y se convierten los rios em cloacas, los mares em basureros y las selvas en desiertos, esas voces porfiadamente vivas nos anuncian outro mundo que nos es este mundo envenenador del agua, el suelo, el aire y el alma.

También nos anuncian outro mundo posible las voces antiguas que nos hablan de comunidad. La comunidad, el modo comunitario de producción y de vida, es la más remota tradición de las Américas, la más americana de todas: pertenece a los primeros tiempos y a las primeras gentes, pero también pertenece a los tiempos que vienen y presente un Nuevo Mundo. Porque nada hay menos foráneo que el socialismo em estar tierras nuestras. Foráneo es, em cambio, el capitalismo: como la viruela, como la gripe, vino de afuera. (Galeano, trecho de *O livro dos Abraços*, presente em 2012, p 33)

²⁵ Dos muitos livros de Galeano podemos indicar alguns que se mostram explosivos e diversos sentidos nessa empreitada de uma ferrenha estética latino-americana. Referenciamos aqui, além de *As veias abertas da América Latina* (2000), o incrível curso de um ano sem fim em *Los hijos de los dias* (2013b), os contos e crônicas espalhadas em exemplares como *Vagamundo* (2014), e o gérmen de amor e luta o *Livro dos Abraços* (1995). Não há a intenção aqui de criar certo roteiro de leitura de nosso comparsa, mas indicar alguns dos textos que deslocam e movem a caldeira desse ensaio.

Quando Galeano resgata os índios não o faz numa romântica expedição antropológica que os manteria “bárbaros” espécimes analisáveis em penas e místicas. É no esmiuçar de uma imanência prenhe de passado e mole de futuro que Galeano encontra uma sudamericana metodologia para falar sobre a estética. Não utiliza propriamente tal nomenclatura ou busca esse campo de estudo, mas dos modos de vida e dos processos faz emergir toda a processualidade contundente que é pensar o real e agir no e com o real. É na terra colonizada que tal metodologia se põe a rir da Metrópole refinada e acuada que insiste em subsistir em nossa academia frágil de saúde. São Paulo dos anos 90, Medellín em todo o século XX, Montevideu em eras ancestrais, o autor afetuoso cria linhas errantes entre os processos históricos e constituintes de um continente plural e diverso, e assim, extrapola essas terras para falar de gente, de mundo e de afeto. Uma vida de encontros, desencontros, perdas e potências é o que marca esse solo explorado e fértil, e que nos nutre de estratégias de vida e resistência que precisam ser cultivadas. Diz nosso autor sobre seu ofício de escrever e como tocar todo esse processo da vida que “Na verdade eu escrevo para celebrá-la e a celebrando denuncio tudo que impede que a gente reconheça nos outros e em nós mesmo as múltiplas cores do arco-íris terrestre. Somos muitíssimo mais do que nos dizem que somos” (Sangue Latino, 6’ 00”, 2009). A celebração escrita de falar de nós por nós, nessa inversão da colônia nomeadora ao ter corpo em sinestesia e concretude. Localizar-se no meio, entre os processos, e daí sensibilizar o corpo com toques, sons, gostos, dores e prazeres que emergem de nosso caminho.

Parte da carne do povo, das cicatrizes de uma latino-américa... Como transformá-la se não por sensibilizações potentes nos processos de subjetivação? Tomada de consciência é pouco, pois só a racionalidade não desmonta um modo de vida que se faz em processos. Não se combate subjetivação múltipla somente pelo raciocínio, ainda mais levando em consideração que nosso axioma mestre é o extremo racionalismo paradoxal e cacofônico da colônia, onde se “ocupa para prosperar nessas terras que Deus esqueceu” – o branco colonizador ainda brama em nossos peitos mestiços e acossados. A chave uso-ganho ainda está a dar lastro à complacência de aceitação – ela pesa nos ossos da dominação e da exploração como nossas primeiras entradas a todo tempo. Combate-se cartesianismo com sensibilização, com nossas danças, modos e braços afirmativos e singulares, nesse conclave que nos quer vivos e estéticos como diria Guattari (2012) a desfazer a paranóia unívoca do entendimento desigual e da estrutura

imperial. É com o corpo e com a carne que ainda resistimos, mesmo que seja também essa carne invadida por retidões violentas e sectárias. Fazer da carne que morre a carne que renasce de outra forma. Outro pulso sensível, a desembocar outros processos de criação e rearranjo que nos drene essa colônia feroz que nos subjetiva como americanos de última classe.

A ativação estética de Galeano se adensa: vamos a atingir a racionalidade desigual da colônia, que nos agencia sempre pela chave uso-ganho, invertendo essa lógica endurecida por meio de sensibilizações sistemáticas que brotam do cotidiano, das plurais experimentações e dos corpos vivos de nosso continente... Não receita, convite de toque, pois sim. Entrar na opressão concreta pela pele do índio e do negro para afirmar redes histórico-sociais é negar-se a utilizar sistemas pré-estruturados que se colocam por sobre o povo mais uma vez. Entrar nos canaviais, na prata e no ouro para texturizar a cadeia desigual que nos montou democracias oligárquicas é chacoalhar as civilizadas projeções especulativas de exportação-importação que nos escalonam de fluxos econômicos a valores monetário-pessoais. Tocar primeiro a carne miraculosa dessa abundância latina é afastar do humano a mão fria do racionalismo e dar-nos novamente os afetos inteligentes da coletividade amorosa que pinga feito mel no sorriso das crianças perdidas das terras do sul. Uma costura da história viva do presente, num traquejo muitas vezes anedótico, é das maiores potências do discurso de Galeano. Fazer a América Latina ter veias pulsantes é acender a história e as relações com brasa e muito fogo.

Los latinoamericanos tenemos una jodida fama de charlatanes, vaganundos, buscobroncas, calentones y fiesteros, que por algo será. Nos han enseñado que, por ley del mercado, lo que no tiene precio no tiene valor, y sabemos que nuestra cotización no es muy alta. Sin embargo, nuestro fino olfato para los negocios nos hace pagar por todo lo que vendemos y nos permite comprar todos los espejos que nos tracionan la cara.

Llevamos quinientos años aprendiendo a odiarnos entre nosotros y a trabajar con alma y vida por nuestra propia perdición, y en eso estamos; pero todavía no hemos podido corregir nuestra porfiada costumbre de abrazos, nuestra manía de andar soñado despiertos y chocándonos con todo y cierta tendencia a la resurrección inexplicable. (Galeano, 2012, p 119)

Uma insistência que mesmo em meio à replicação do abuso neo-colonial, explode em singularidade e invenção coletiva de resistência. Há uma combinatória a ser efetivada com Galeano, certa vivência sensível do pensamento que nos potencializa na batalha duma estética mais latino-americana. Pensamos o real com suas dimensões políticas, jogos de poder, conflitos e opressão, buscando pontos de ação para atingirmos uma

“transformação” ou buscando um “além” da situação, recolhendo e processando elementos dos processos em curso para “visualizar” situações “naturalizadas”. Mas talvez aí ainda nos resvale certo vício em usar da ciência analítica com suas posturas de afastamento e elaboração, deixando o desafio da ação integrada e multifacetada para outro momento ou outro espaço. Ainda que cheios de energia para intervir e transversalizar, nos carece certa ousadia em fazer dos conceitos algo integrado à vida. É de outro encontro que nos fala Galeano, de outro uso do pensamento, onde é no desenrolar das concretudes que surgem as conexões, e um conceito ou análise filosófica nos faz compor com os percalços ao invés de nos blindar dos conflitos. Provocação direta que nos deixa de débeis de pernas... Mas há tenro afeto e energia no caminho compartilhado junto a Galeano. Não podemos evitar, essa Colônia transmutada e subjetivante está viva a roer tudo a sua volta, cancerígena como sempre, movida a ganância e desprezo aos humanos e seus direitos. E por tal o combate deve ser afirmativo nessa ponte ativa entre nossas análises e o desenrolar dos acontecimentos, no interstício singular onde habitamos. Aí onde a luta é ato de dança. Onde o sangue é ritual e não exploração e distração. Corroer a exploração por dentro, reverberar as história e falas, destapar os corpos marcados, afirmar-se múltiplo e históricos, embrenhar-se no hoje infinito, américa latina.

Echado em la estera, boca arriba, el sacerdote-jaguar de Yucatán escuchó el mensaje de los dioses. Ellos la hablaron a través del tejado, montados a horcajadas sobre su casa, en un idioma que nadie más entendía.

Chilam Balam, el que era boca de los dioses, recuerdo lo que todavía no había ocurrido y anunció lo que será:

*– Se levantarán el palo e la piedra para la pelea... Morderán a sus amos los perros... Los de trono prestado han de echar lo que tragan. Muy Dulce, muy sabroso fue lo que tragan, pero lo vomitarán. Los usurpadores se irán a los confines del agua... Ya no habrá devoradores de hombres... Al terminar la codicia, se desatará la cara, se destarán las manos, se desatarán los pies del mundo. (Galeano, trecho de *Memoria del fuego: Las caras y las máscaras*, presente em 2012, p 183)*

Pegar pelos chifres a ação macro e micro política é tarefa latino-americana de nascimento, ou permaneceremos e reafirmação de colonizados, colonizáveis – nos pegamos a todos instante ainda pedindo permissão de existência e aceitando a violência como fardo pelo berço ruim e reafirmando ser dessas terras a sina de ter as veias abertas para o mundo (GALEANO, 2000). A descolonização é fundamental movimento de Galeano e são as diversas facetas das Américas quem ditam qualquer de seus textos, renegando o academicismo que nos invade até em programas vespertinos de TV. Aqui, apontando que a razão fria nos faz perder contato com o território, Galeano traz os fogos

e o contato. A vida dessas terras é luxuosa em resistência, ampla em gestação abundante e selvageria, e Galeano nos reconecta a isso, sensibiliza tudo isso. Presenteia-nos com não só estratégias de luta, muito mais com vida que ruga e se afirma exuberante. Esse avesso, esse sul caótico frente ao norte estrito é sua estratégia de encorpar nossa América sulista. Começamos por nós, sentimos nossas singularidades, tocamos nossas proximidades e afastamentos, co-gestamos esses múltiplos modos de viver nessas terras de alturas e costas sem fim. O avesso do racionalismo é a sensibilidade latino-americana inflamada.

Risonho, cortante, fogo que arde firme e em proliferação. Constituímos-nos se seguimos amplos a atizar as fagulhas da vida. Galeano cavouca, retorce, acende pavios múltiplos e pulsa, enfim, mais firme essa carne americana latinamente plástica. Sim, sabotamos juntos e seguimos potentes e abraçados. Não mais colônias somente, mas latinos cósmicamente múltiplos nessas terras de afeto.

Os olhos de Frida Kahlo

Cada tic-tac es un segundo de la vida que pasa, huye, y no se repite. Y hay en ella tanta intensidad, tanto interés, que el problema es solo saberla vivir. Que cada uno lo resuelva como pueda. (trecho do Diário de Frida Kahlo, 1954 apud Cerro, 2016)

Frida viveu 47 anos. Pintou-se todo o tempo: auto-retratos, fotografias, travestimentos, duplicatas e refrações mutantes. Decorou seu ortopédico busto de gesso, seu diário, tendo seu rosto andrógono e peculiar como primeira matéria plástica para no levar junto a suas explorações e desafios. Parece indignada, deslocada mesmo em uma vida de curso acidentado que escolhe, ao invés de resignação, um renascimento perene e volumoso.

Jovem, de família sem maiores problemas financeiros e com uma carreira de estudo para a medicina, Frida se mostrava uma moça peculiar, gostos e interesses não esperados a uma mulher de um México do início do século XX e certa impetuosidade acolhida e até incentivada por seu pai. Sua presença era sempre relevante ou não seria ela. Mulher que realiza atividades masculinas, mulher de cabelos curtos, mulher de vários amantes sexuais, mulher que bebe e debate política – primeiros deslocamentos que adensam seu caminho singular. Surrealista mexicana, socialista latino-americana, mas sempre além, a intensidade singular de uma mulher que pinta.

Um acidente aos 18 anos fere sua bacia e coluna de maneira profunda, cicatrizes e fraturas que a acompanham e se agravam durante toda a vida. Já portadora de uma pequena deficiência na perna esquerda devido à poliomielite, Frida Kahlo agora tem um corpo convalescente e dolorido constantemente. Sua coluna nunca mais se restabelece, seus tratamentos de dor e imobilização vão se cronificando e seqüelas do acidente a impossibilitam de levar uma gravidez à frente. Por sobre o substrato dolorido de seu corpo, Frida vai erguendo novos corpos, trazendo a beleza, o adorno, a construção de novos brotamentos por sobre o seu chão, sendo o autorretrato o trajeto firme para sua vida e para sua obra. Mulher que aborta, mulher imobilizada, mulher fraturada, mulher que chora e mulher séria que endurece, mulher que nutre mundo e pede dele nutrição, adensamentos de seu modo de vida que não cabe e parece que nunca caberá.

Frida vai também ao resgate de muitas de suas próprias raízes e de fontes da cultura e folclore mexicanos. Elementos que ela vai a montar com roupas, adereços, hábitos de família, adornando de uma “mexicanidade” seu rosto, seu corpo, sua casa, suas obras e infiltrando uma ancestralidade em toda arte plástica surrealista de imensa tradição européia. Esse México ainda extremamente voltado para a “metrópole”, como toda a América latina, vai se descobrindo obtuso e colonizado, sem lidar bem com suas marcas ameríndias. Usava roupas típicas de etnias mexicanas em Nova York, brincos de pedra e flores no cabelo em Paris. Tem uma ligação amorosa fortíssima com Diego Rivera, marido amante e com muitos conflitos e traições, coabitando momentos de completa dependência e subjugação e outros de ter seus amantes ela mesma e viver sozinha. Mulher latina, mulher adereço, mulher sedutora e ancestral, Frida balança entre uma completa independência e uma ligação à antiguidade da humanidade.²⁶

Sabia e revoltava-se com as amarras. Incorporando tudo isso, faz um giro. De machismos, acidentes, dores, perdas, fez brotar flores, revolução, fitas, animais e sangue latino. Mas o que seria falar sobre uma artista mexicana da primeira metade do século XX baseado quase que completamente em seus dados biográficos ou mesmo em reafirmações de que sua obra está “explicada” por sua “condição”? Todas as dimensões que Frida acessa, encarna, transfigura, colore e despedaça são contundentes, mas não a possuem por completo. Seria no mínimo opressivo utilizar novamente da condição feminina de uma artista para poder devassar suas obras em símbolos explicativos da “dor feminina” ou mesmo colocar a resistência e a transformação da mulher como pórtico que Frida levanta. Isso é raso, Frida é maremoto.

É a partir disso que a arte de Frida parece avançar, não se fixando em análises significacionais ou representativas. Fala de si, sem querer explicar sobre si, e isso a abre para um mundo imenso e feminino de começo. Sendo ela em diversos modos, vai a ser tantas outras mulheres. Tais mulheres são brotamentos de sua incorporação. Tais obras, cores, símbolos, conexões e rompimentos são Frida em movimento... Se nos

²⁶ As referências utilizadas nos parágrafos acima vêm dos livros: “*El diario de Frida Kahlo – un íntimo autorretrato*” de Carlos Fuentes e Sarah M. Lowe, 2001, com dados biográficos, trechos completos do diário da artista e ensaios dos autores; o artigo “*El legado manuscrito de Frida Kahlo: Viva la vida*” de Sandra M^a Cerro, disponível na internet em 2016, com trechos escritos de Frida da coleção “*El corazón de Frida*” e reflexões da autora; “*Frida – a biografia*” de Hayden Herrera, 2015, bem como o documentário “*The life and times of Frida Kahlo*” de 2004, Daylightfilms produções. Trazem relatos históricos costurados com a produção da artista. Há certa constância em tais análises biográficas e artísticas e procurei trazer elementos gerais, num panorama das informações relevantes desse percurso da artista, mas também reafirmadas pela produção e análise acadêmica e artística sobre sua obra.

contentamos a ler seus diários em busca de anedotas e justificativas para a produção artística, perdemos Kahlo. Se vímos sua presença somente por seu corpo dolorido e maltratado, condescendemos que é sim uma ferida incurável ser mulher e que essa é a batalha a ser travada – Frida se deita novamente na cama e perdemos Kahlo. Se o rosto dessa mexicana é tendência de mercado ou resquício de sentimentalismo rotulável que escolhemos para definir nosso consumo, Frida corta o cordão e mata intencionalmente Kahlo. Calar Frida em sua “exuberância” mexicana é fenecer seu impacto, mais uma captura e consumo fácil em duas fragilidades inventadas: essa de ser artista que nos entretém, e essa de ser mulher que, violentamente, parece também feita para nos entreter. Espelhar-nos, compor com ela, colorir e vibrar com a força de Frida é imprescindível frente sua potência. O que traz todo esse universo em constante nascimento de Frida Kahlo e que ainda assim perdura radical?

Uma exposição das obras da artista na cidade do Rio de Janeiro, 2016²⁷, brilhante oportunidade de me aproximar dessa artista que me atrai, mas que nunca havia visto concretamente sua produção. Minha ligação com Frida Kahlo e o estudo de diversas fontes fez desse encontro algo necessário e obscuro. Encontrar as obras era algo coerente, mas havia certa apreensão e expectativa. Algo sempre emanou e desafio-me em Frida Kahlo, e ver suas obras seria enfrentar, enfim, esse afeto de que se fala demais *sobre* Frida e a legítima impressão de que pouco habitamos e compomos *com* Frida. *Conexões, mulheres surrealistas do México*, esse o nome da exposição, contando com obras de algumas artistas contemporâneas a Frida Kahlo, textos de André Breton em sua visita ao México, recortes de jornal, diversos quadros da artista desde naturezas mortas a famosos quadros e auto-retratos, vestimentas e tantos outros elementos – uma exposição densa e presente dela. Fui, como numa expedição, como num encontro. Rachadura. Algo me transpassou em estrondo mudo: os olhos de Frida Kahlo em seus quadros.

Autorretrato con monos, 1943 – primeiro quadro que vi frente a frente dela em minha vida; paralisei. O olhar de Frida, a hipnose de seus olhos em seus auto-retratos. O busto da mulher, cabelos trançados e presos sobre a cabeça, folhagem rica e macacos prego a sua volta. Todos os elementos de suas obras muito coloridos, trabalhados e

²⁷ Exposição “Frida Kahlo – Conexões ente Mulheres Surrealistas no México” realizada na Caixa Cultural Rio de Janeiro, de 29 de janeiro a 27 de março de 2016. Continha, além da exposição das obras e outros elementos durante todo o período, também a exibição de filmes, documentários e uma programação de meses de debates.

ornamentados encham nosso olhos de informações e expedições sensoriais, mas os olhos da artista no centro do quadro emanam outra energia. Tentei mesmo distrair-me pelas bordas do quadro, drenar o choque afetuoso daqueles olhos com certa imposição de presença. Imensos em sua superfície úmida, densos em sua singeleza, pintados como que à exaustão de tanta precisão, brilham vivos e te ficam um olhar de volta: uma conexão. Fiquei realmente a fitar seus olhos durante algum tempo, mais em intuição afetiva que mirada analítica, sem perfazer resultado do onde vinha essa atração. Os olhos mais vivos que já vi em qualquer lugar, pintados com uma destreza afetuosa. Não digo isso pensando em detalhismos ou na celebração técnica dum realismo incrível – visto que em diversos pontos de sua produção Frida acata temas fantásticos, dimensões não tão objetivadas em precisão e pontos até numa incompletude intencional de finalizações –, mas afirmando um encontro. Esses olhos que parecem que foram pintados diversas vezes, muitas camadas, toques de pincel insaciáveis: uma absorção. Camadas não só de tinta, extratos de afeto.

Autorretrato con colar, 1933; *Autorretrato con trança*, 1941; *Autorretrato como Tehuana o Diego Rivera en mi pensamiento*, 1943. Três temas diferentes de Frida Kahlo, três pontos específicos de cronologia e exploração. No primeiro quadro ela retrata-se jovem com vestido branco, sendo um quadro pequeno com foco em seu rosto. O segundo ela está em sua pose de busto em auto-retratos com certa vegetação a sua volta, ao ar livre, com os cabelos trançados em arco por sobre a cabeça como galhos de árvores, nós de raízes, aéreos e fixos. O terceiro é um dos quadros mais conhecidos da artista que se retrata no traje tradicional de casamento da etnia *Tehuana* com somente o rosto à mostra circundado com uma grande renda, o fundo com raízes a subir pelas paredes, a figura de Diego Rivera retratado por entre as sobrancelhas de Frida que chora lágrimas grossas que lhe escorrem do rosto. Três quadros, aportes singulares dela mesma, composições outras, e os olhos fixos em nós. Diferentes de si mesmos, mas numa linha potente que os comunga de maneira incrível: olhos molhados, sérios, imensos e sempre te atingem reiteradamente, furando seus mesmos olhos, dissolvendo o espectador em olhos, em cor, em Frida. Um nó central em suas pinturas que dissolve tudo à volta, emanando inomináveis sensações: uma perdição. *Aguaeros*, ocos plenos que me acessavam em vibrações incontáveis.

A exposição continha diversas outras obras como *Fruta de la tierra*, 1938, *Frida y el aborto*, 1932, e *Colage con dos moscas*, 1953, obras essas que tem por temática outras

expedições plásticas de Kahlo, de naturezas mortas tropicais e exuberantes (usando temas mexicanos e coloridos frente à tradição comedida e estática da natureza morta em pintura), todas as elaborações muitas vezes em gravuras e rabiscos em papel e lápis de sua experiência com os abortos espontâneos que viveu em seu corpo lesionado pelo acidente, bem como a experimentação de outros meios como colagens e fotografias manipuladas. Obras fortes, presentes e intrigantes em diversos aspectos, mas que utilizei com refúgio e digestão da experiência de olhar Frida nos olhos. Marejei a pensar sobre o Surrealismo, a já clássica vanguarda européia que sempre me atraiu em incandescência, com sua impetuosidade e tantos maquinismos de ativar uma criação efusiva – desses exercícios de suspensão do julgamento, de exploração combinatória, vendo aí uma ponta firme de explorar a arte em sua potência de interferência. Os artistas da imaginário, do sonho, que afirmavam a experimentação como premissa. Vibra ainda, apesar de diversos caminhos que o Surrealismo traça em caos, o perigo que Breton evoca, no primeiro Manifesto Surrealista de 1924, ao se declarar: “Querida imaginação, aquilo que mais amo em ti é o fasto de não perdoares.”(BRETON, 2001). Frida foi chamada de Surrealista, mas ela mesma afirma “Eu não pinto sonhos nem pesadelos. Pinto minha própria realidade.” (KAHLO, 2012), nunca precisou de um rótulo definitivo, perdurava diferente. Seguiu a sentir os choques desses pensamentos, buscando apoio nessas obras “sem os olhos” que como que iam a dar-me outros pontos de apoio, outras cores e texturas de Kahlo para que os olhos não me transfigurassem por completo. Era Frida que não perdoava, mas sem nenhuma ameaça a não ser ver a vida em intensidade a minha frente: uma explosão. Com sede, segui a conectar-me com as obras.

Então avistei *El abrazo de amor del univierso*, 1949. Percebi que não havia escapatória, não deveria haver susto e tudo é questão de entrega e expansão. Pólos distinguíveis, mas em mistura. O claro e o escuro, a mulher e a criança, Frida e Diego, a nutrição e a morte, a Terra e o céu, o brotamento e a destruição, o vermelho do sangue o invisível leitoso de lágrimas e leite, a Lua e o Sol, espinhos ásperos e raízes túrgidas, num abraço circular de renascimento. Opostos em dissolução, em cor e forma concreta, pontos de concretização parcial e singular de um fluxo de vida. Frida chora outra vez nesse quadro, mesmo que não haja um compadecimento requerido a nós. Chora como quem nutre o rosto com afeto, chora como um jorro que deve transpassá-la. Chora por nós e por si mesma, extravasando seus olhos para chegar aos nossos, chora para molhar a terra

árida com umidade universal. Chora e carrega tudo em si, explode no coração em sangue líquido, liquefazendo as durezas do mundo sendo mulher em expansão. Olhos de entrega, de bote, mirada de comunhão radiante, olhos de bicho firme e certo. Olhos de amor: um amor.

Ali estava há algum tempo já, muitos passavam pelo quadro, paravam instantes e seguiam no correr da exposição, mas eu estacava. Como seguir após as lágrimas de Frida Kahlo? Atingido, fui a perceber que não se trata de dor ou de cor somente, isso é substrato firme para o salto mais amplo que ela nos ascende. Toda a concretização singular que configurou a vida de Frida Kahlo emanava por todos os lados, inconfundível, irreproduzível. E o que me invadia era, como que a partir de um extremo adensamento de si e sua criação, Kahlo nos faz tocar o universo através de seus olhos. Fazer de seu corpo, sua arte e seu caminho de vida o mais Frida Kahlo possível, foi a dobra que ela fez para fugir de si mesma. Sendo tão si e estando em seu processo com todo o sangue, faz de sua obra uma ponte para a potência da vida. E aproximar-se dela é primeiro impregnar-se de Frida, para deflorar por Kahlo, saltar de seus olhos e tocar certo ciclo da vida: uma efusão.

Voltei aos olhos de *Autorretrato con monos*, lá ainda estavam a mirar com expressão múltipla. Apreensivos, sérios, receosos, inertes e volteados, emoldurados pelas sobrelhas marcantes, escuros e claros de brilho. Cá está o universo: os olhos de Frida Kahlo em seus quadros a ultrapassar. Esse o como de Frida, a intensidade de se despojar do medo e saltar potente, de si para o cosmos. São a mulher, a mexicana, a surrealista, a corporalmente traída, a comunista, a humana, a folclórica, a latina, e abertos a muito mais. Olho d'água dos plurais e infinitos afetos do mundo.

Olhos de carne. Viva.

Van Gogh – o suicidável da sociedade

Contudo a vida é curta, especialmente os anos em que nos sentimos forte o suficiente para enfrentar tudo. (VAN GOGH, 1986, p 198) ²⁸

Qual um dos mais intensos e catastróficos artistas encarnados que já me aproximei, Van Gogh mostra-se, em toda a minha vivência, como um perigo. Perigo em eu ser pequeno demais para tocar suas cores; perigo de, por hipnose, ser queimado em seus sóis âmbar e não ser capaz de distinguir mais o que me fazia espectador em segurança; perigo de virar volteio de luz no céu negro anil dele; perigo de ver demais... Daí certa precaução para com ele, para com sua obra. Não por mim, buscando resguardar o que em mim ainda não estava deveras – e sei da ilusão parca dessa afirmação – em prumo para estar com ele, mas por ter sua obra uma tal vivacidade que me seria um movimento de arrogância falar dele, falar de sua obra... Não seria respeito. Ele me pede gravidade, me ameaça, me mata de tanta vida...

Tanta vida. Mas a obra – mesmo sendo com seu autor, parte dele e já também uma transformação destacada do caminho terreno do corpo humano que a produz²⁹ – segue em abertura, tão vibrante que é impossível saber aonde vai nos arrastar próximo instante nem mesmo o que transborda por ela. Mas os homens o sabem. Tudo que tem brilho demais, ou mesmo trevas espessas, deve ser domado, digerido, enclausurado em vidro a prova de balas, para que seu efeito seja aplacado e para que, assim acuada, entre, enfim, num uso digno de sua existência ou faça algum valor à sociedade. Valor. Relevância não em experiência vibrante, mas valor contido, embrulhado e muito bem retinto em seu percurso esperado e repetido em manter o mundo como está, ali circunscrito, para que possamos somente admirá-lo no que tem de belo.

Belo. Palavra singela que possibilita tanta matança. O debate sobre a estética, classicamente entendida na filosofia e na arte como setor de estudo do *belo*, recai muitas

²⁸ Indico a leitura das citações de maneira independente. Vincent jamais precisaria de meu texto para ostentar suas cartas e palavras de extrema lucidez e compaixão. Esse ensaio se faz em carrilhão, em jorro único, feito bala de revólver – sugiro uma leitura nesse feitio. Mas o homem calado que pintava deve falar. Ouçamos.

²⁹ Esse ensaio se refugia em Deleuze e Guattari nesse momento em seu texto *Percepto, afecto, conceito em O que é a filosofia?* (1992) para evitar divagações exaustivas sobre a arte, pensamento e ruptura. Daí ele salta, o ensaio, para o enfrentamento direto.

vezes sobre valores canonizados e avaliações de especialistas privilegiados. Pouco me importa por agora, o que busco em beleza é a potência de transformação.

Não acredito que esta sociedade durasse indefinidamente, mas creio que enquanto ela estivesse viva, viveríamos com mais ânimo e produziríamos. Prefiro as coisas tais como são sem mudar nada, a reformá-las pela metade.
A grande revolução: a arte aos artistas, meu Deus, talvez seja uma utopia e então tanto pior. Acho que a vida é tão curta e passa tão rápido; ora, sendo pintor é preciso portanto pintar. (Van Gogh, 1986, grifos nossos, p167)

Van Gogh não se colocava a pintar para embelezar as coisas ou mesmo traduzir o mundo em sua perfeita formosura. Outro arroubo, o da existência crua, abundante e degradável de qualquer coisa. Era a potência inegável de se mostrar o redor em crueza que o fazia avassalador pintor, aferrado à beleza incontestável de tudo, tudo.

Tudo. É isso parece ser a “partícula de insuportável” no terreno da arte profissional. Não se pode almejar muito; não se pode esperar de iletrados poemas; não queira da selvageria a fascinação refinada. Mas às vezes isso espirra, algo escorrega insuspeito, e, assim, as pinturas de Van Gogh insistiram, como mancha indelével e inegavelmente visível. Ele pereceu, sua arte se firmou, mas além de fazer apanhados históricos e reflexivos do caminho artístico de Vincent Van Gogh, o que ressoa premente é: fazer arte viva é possível? como a arte é processada em nossos tempos, ou mais, o que se faz de tudo isso?

Isso. Temia muito em escrever sobre Van Gogh. Não me achava capaz de traduzir em palavras algo que seria mesquinho frente à experiência de suas pinturas. Não poderia fazê-lo medíocre, pois minhas falas soariam muito pouco. O intraduzível de vislumbrar suas obras me silencia em potência, e é em cuidado que miro sua energia candente. Mas parece ser exatamente o oposto que temos visto acontecer...

Acontece. Após certa espera ansiosa, pois os frames aos quais tinha acesso e a pompa que adornava o trabalho em tons muito febris e ao mesmo tempo cálidos como o famigerado pintor, fui assistir o filme “Com amor, Van Gogh”. O longa lançado em 2017 com certo frenesi de propaganda e alarme meu ante um possível êxtase se faz numa animação completamente pintada a óleo no estilo expressionista de Vincent e baseado em diversos quadros e temas retratados por ele em suas pinturas. Aí acaba a força desse filme. O assombro das pinturas em movimento, as cores e a ressuscitação das imagens fixas tão conhecidas, é completamente sepultado por uma escolha. O enredo – o *script*, se podemos falar em termos cinematográficos, o argumento, se

falamos de crônicas ou literatura – é uma escolha. Uma investigação do suposto suicídio do pintor: em um curto melodrama que transforma o jovem indócil Armand em perseguidor de certa verdade atroz que justifique os atos do pintor lunático, e que, numa parca virada de belo anti-herói, se faz paladino de justiça, indo a “compreender” as circunstâncias de vida do artista e chegando mesmo a defender que o homem Vincent era um gênio, que deveria de toda maneira ter sido assassinado em círculos de inveja, intolerância e desastres familiares-econômicos. Isso é uma escolha. Transformar a possibilidade de adentrar as cores de Van Gogh para contar o homem frágil, mas formidável, chega a ser patético. Fragiliza-se o que já é carne podre. Pode-se fazer isso com ele, já o foi feito certa vez. A incompreensão dissimulada é uma cortina cristã violácea e culposa, leve demais para cobrir um fardo ensangüentado e esquartejado minutos antes.

É certamente um estranho fenômeno que todos os artistas, poetas, músicos, pintores, sejam materialmente infelizes – inclusive os felizes (...) Isto renova a eterna questão: a vida é inteiramente visível para nós, ou antes da morte só lhe conhecemos um hemisfério? Os pintores – para falar só deles –, estando mortos e enterrados, falam à geração seguinte ou a várias gerações seguintes por suas obras. Isso é tudo, ou há ainda algo mais? Na vida de um pintor, talvez a morte não seja o mais difícil. (Van Gogh, 1986, p 174)

Antes. O corpo já estava seco, sua própria ligação com o mundo já o consumia e o cadáver foi deitado ao chão há mais de século. Mas opta-se, novamente, pela pedrada. Em nenhuma altura do filme entra-se em contato com a revolução que um homem louco causa ao deflorar o mundo em cores e urgência de beleza apocalíptica; melhor pensar nele como um viciado fraco torpe, mas de coração cálido e que se resigna em seu assassinato ao salvar – como um cristo caridoso e de cabelos ruivos – seus opressores. Muito mais simples pensar que a falência deve-se ao fato de que ele não se contentava em ter um humor difícil de lidar e que a família consistia-se de homens fracos, além do mau agouro de nascer sob o signo do irmão morto e – obviamente – da clausura na castração familiar de nunca ter amor da mamãe ou aprovação do sisudo papai. Melhor transformar tudo numa noveleta muito mais instigante, que faz flertarem com maestria Agatha Christie e Dr. Freud, escalando personagens em sua mínima superfície, mais rasos que as pinceladas originais do pintor holandês.

Seus amores sempre foram a reprodução de seu conflito familiar mal resolvido. Seus ataques de loucura geraram o afastamento e, coitado desse cão morto de fome, foi sempre chacota. Um homem à frente de seu tempo, que caiu nas garras gananciosas de

um psiquiatra tão retrógrado e invejoso que fez seu nome da doença que aterrorizava o tal pintor obsessivo. Homem santo e bobo nesse mundo cruel de luxúrias monetárias e mesquinhas... – Não há misericórdia quando a dominação e o fechamento fecham as mãos. Feito uma linha torta de tempo inusitada, Van Gogh retrata certo Prometeu acorrentado a ser consumido em perpétua regeneração para o fastio de Deuses frente a petulância de enxergar demais. Ou mesmo da Geni³⁰, a quem todos devem rogar piedade em sua preciosa entrega, mas que ao descer ao solo deve novamente ser escoraçada e embostada, pois tais seres estranhos foram feitos pra apanhar, são bons de cuspir.

Cuspir. Um filme não é um texto. O orçamento de uma produção cinematográfica como a de “Com amor, Van Gogh” (2017) deixaria vários projetos artísticos boquiabertos a contar migalhas. Mais de cem anos depois e ainda é intragável o que Van Gogh nos faz tocar. Após a quase completa plastificação, reprodução, dissecação, venda e revenda, suas pinturas parecem ainda uma farpa nos olhos. Mesmo que este maníaco tenha merecido morrer vendendo um só quadro e que agora, nós, modernos, que o compreendemos e, enfim, nomeamos as contas mais gordas de um certo banco com seu brilhante nome, talvez esteja ainda a cheirar a falta de banho e amoníaco infundáveis tinta óleo. Não se trata de perder uma “chance de ouro”, ter o inimaginável em termo de qualidade, impacto, experiência visual e completa primorosidade que as imagens do filme portam, com uma narrativa que foi por demais diluída para que as massas que acendem às grandes salas de projeção pudessem ter um acesso, alguma ligação com a história do pintor ou mesmo compreender o magnífico luxuoso de tais obras primas. Não. Isso é um ato, uma produção, uma afirmação. Pois se isso é cogitado, estamos nós deitados no chão junto ao pintor, a esperar as pauladas em nossos corpos vira-latas burros e selvagens.

O que certamente é verdadeiro neste raciocínio, é que estando *na vida* nós *não* podemos ir a uma estrela, assim como estando mortos não podemos tomar o trem. Enfim, não me parece impossível que a cólera, as pedras, a tísica, o câncer, sejam meios de locomoção celeste, assim como os barcos a vapor, os ônibus e a estrada de ferro são meios terrestres. Morrer tranquilamente de velhice seria ir a pé. (Van Gogh, 1986, grifos do autor, p 175)

É uma escolha não entrar tão em contato com o que Van Gogh em sua radical afirmação do mundo em fascinação deliberada. Uma escolha ter uma vida recontada de certa

³⁰ Personagem da música de Chico Buarque de Holanda “Geni e o Zeppelin”, 1979.

forma monótona, onde não cabem as pinturas, onde não cabe o irascível. É melhor imaginar sua doença dos nervos a suportar que não toleramos olhar o sol por tempo demais. Mais seguro ver as imagens pictóricas por detrás do véu psicanalítico e psiquiátrico, com suas confortáveis bordas, repetições, padrões, perversões de zoológico e claras demonstrações exemplares, do que olhar o pintor de frente e ver a fúria que a vida possui. Muito mais interessante, em termos de entretenimento, assistir à caça da bem-aventurada verdade por trás de um homem injustamente incriminado, do que incomodar-se com um enxame do mundo ao pensar numa morte sem propósito.

Se um pintor arruína seu caráter trabalhando duro na pintura, que o torna estéril para muitas coisas, para a vida familiar, etc., etc. Se, conseqüentemente, ele pinta não somente com cores, mas também com abnegação e renúncia, e com o coração partido – o seu trabalho não somente também não é pago, mas também lhe custa, exatamente como para um pintor, essa dissipação meio voluntária, meio fortuita, da personalidade. Tudo isso para lhe dizer que, se você faz pintura, *indiretamente*, você é mais produtivo, por exemplo, que eu. (...) Assim como eu espero estar no mesmo caso... quanto mais fico dissipado, doente, alquebrado, mais também me torno artista, criador, nesta grande renascença da arte na qual falávamos. Essas coisas, claro, são assim, mas esta arte existindo eternamente, e esta renascença, este broto verde saído das raízes do velho tronco cortado, são coisas tão espirituais, que nos resta uma certa melancolia quando pensamos que com menos despesas poderíamos ter vivido a vida ao invés de viver a arte. (Van Gogh, 1986, grifos do autor, p181)

Quem é o público? Quem é Van Gogh? Ele nunca se importou em decifrar tais falsas questões, mas sua carne suicidável chega a parecer as cabeças decepadas por sobre os postes da praça central a indicar que: sim, somos misericordiosos, vejam, até lhes demos a extrema-unção! Pobre diabo, mas que teve seu fim em perdão, pois não sabia o que fazia. Ou ainda o gozo histórico de todos os peritos a quem uma figura atroz lhes dá a deliciosa possibilidade da projeção segura, como numa decalcomania, serem loucos, serem gênios, fazerem sexo, serem impetuoso, ao invés de meros pedaços de gente que repete, há décadas, certos jargões que jamais sentiram apego por fim.

Fim. Ele é um rasgo, uma ferida. Van Gogh não existe, se refaz em luz e morte, na beleza por todos os lados. Não quis compreensão, não se importava com isso, porque o mundo dos homens é só violento, nada mais. Ele se retira, porque não precisou estar ali em nenhum momento. Descarta-se, pois mora no encontro do mundo com sua cor na ponta do pincel, e só. Quem suporta essa fenda? Como tomar o café de toda manhã em sua caneca dos famosos girassóis – que nunca achastes realmente tão bem pintados assim –, que são lindos em amarelo – como que te alegam todas as manhãs –, e ver que Van Gogh não os achava belos, mas sim impossivelmente vivos? Na podridão da vida.

Como imaginar que a ternura de tantas flores foi pintada a base de monótonas repetições e drogas? Onde colocar o asco ao pensar esse homem que cortou a orelha quando vemos as tão lindas matizes de seu quarto praticamente infantil? Onde trocar o valor do ingresso desse museu que expõe obras de um homem que transava com prostitutas? Como admirar e refletir sobre como a pintura é beatificante ao ver a solidão de Van Gogh? Como não imaginar que o amor entre irmãos é coisa tão valiosa e que vou a dar um grande abraço no meu irmão como Théo não o pode fazer com Vincent, mesmo que eu não suporte nem o meu vizinho? Espelho quebrado e ausência de reflexo. Como sair da hipnótica sedução de um psicopata tão genial e amoroso e ver que somos todos matéria orgânica em pulsação? Onde enfiar minha ignorância quando não me emociono com as cores da noite estrelada sendo que esse homem só pode ser um profeta da beatitude pura descida de algum céu, como disseram amigos meus na galeria? Onde colocar minha pena se não em um coitado?

Enfie no cu. Van Gogh não está. Escapou aos cacos.

Cacos. Só a rejeição pode explicar um homem que pinta tão caoticamente quanto este, não é?

Você deveria, se puder, fazer-me sentir que a arte está viva, você que talvez ame a arte mais que eu. Digo a mim mesmo que isso não se deve tanto à arte quanto a mim mesmo; que a única maneira de recobrar o equilíbrio e a serenidade é *fazer melhor*. (Van Gogh, 1986, grifos do autor, p 181)

Só um milagre racional que nos faz brindar certo primor estonteante de graça, tão incompreendida pelos atozes arcaicos do século XIX! Só um bom coração de perdão para justificar todos os pecados desse homem torto, coitado!

Coitado. A hipocrisia escorre, cruelmente, daquele filme... Vincent falou de amor todo o tempo, mas esse não foi um ato de amor humano, e sim dum avesso bem sucedido. Amor elementar o pintor clamava, e acabou por ter esse, numa ironia caquética, roubado de suas cartas como título do filme... Uma ironia cega: Há diversas versões de uma história, um homem não é só louco, coitado, ele sofreu muito. Que tal, ao invés de escutá-lo, a gente só faça a ligação dos pontos dessas pessoas más para descobrir e – finalmente – compreender porque ele pensava dessa maneira? Realmente agora entendo seu isolamento, suas técnicas e cores inusitadas, mas aí está, sua redenção: um homem doente, traumatizado, mal compreendido, pobre, explorado, mas que de tanta

compaixão vira uma obra prima do coração humano de todos nós. O que seria do ritual se o corpo não fosse novamente exibido, torturado, expiado e redimido no minuto final?

Não se escuta Vincent. Não se busca viver com ele, e sim compreender uma verdade atrás dessa maldição. Insuportável ele, desde sempre, feito uma ftofobia, um grito mudo em matiz. Não quero saber o que ele pintou, foi um homem do Bem ou do Mal? Não quero ver as cores e sentir essas coisas sem nome, e imaginar o que é arrancar a própria orelha! Qual o final da história? Quem quer saber em que transformamos a arte, quero meu broche exclusivo para ser hipster o bastante. Lindo demais esse filme, recomendo, tadinho dele, ele sofreu demais, mas lá eles explicam tudo bem direitinho, ô gente ruim a que rodeava ele... É tão lindo, parece um sonho sabe, ele realmente transformava tudo coisas boas... Se vivesse hoje seria rico...

Rico. A animação quase que se descola do enredo e da trilha sonora policial-sentimentalóide, chega a quase pingar de tão incrível, mas some junto no mesmo ralo do ato: vamos a matar Van Gogh como ele merecia desde o começo; urgente calar, sempre mais urgente, pois os contratos são milionários, os direitos autorais todos em processo bem fresquinho, e as filas estão a crescer; venham ver o louco genial, venham a preços módicos, leve pra casa seu souvenir desse famigerado homem celestial, mas andem logo, há mais gente atrás. Tais corpos pouco importam, os suicidamos como diria nosso irritantemente sonoro e tenaz amante da vida radical Artaud³¹... Mastigamos devagar o torto, sugamos o tutano aproveitável, enlatamos em comunhão, distribuímos e vigiamos á espreita do próximo demente em potencial. Processa, dilui, vai que dá pra vender?

Mais do que respeitar e pagar tributos às obras, o que cria uma catividade da obra em um interpretacionismo atroz, devemos deixar que as obras nos matem, suicidem em nós o que se mantém fixo, escarnem o habitual e resguardado do cidadão comum, enlouqueçam esse círculo que fechado que refazemos todo dia, colapsem nossa veras vigas da mediocridade, trucidem em nós a covardia de estar vivo. Que nos estourem e nos empurrem dos penhascos.

Penhascos. Da tentativa desesperada de tamponar a sensibilidade brota esse nojo. Toda doçura amarga frente esse uso, essa parca parcela de optar pelo menos, pelo seguro,

³¹ Antonin Artaud (1983) clamou o “suicidamento” de Van Gogh na década de 40 do século XX, mas isso deve calar, um pouco mais, mais à frente... Psiquiatras, especialistas, anatomistas da vida normal temos aos montes, mas a fúria não tem descanso também, ela insiste.

pelo coquete, pelo dinheiro, pelo uso alegre das heranças de gaveta... O dia passa, a luz sublime deve ser a morte mesmo, pois todos a temem, não por sua verdade final em desvelo, mas por sua cruza sobre a epiderme e pela explosão de nossa idiotice incontestável ao tocar o mundo.

Mundo. Persiste em deslumbre, em desbunde. Um filme, um ato, mas toda e fúria de um certo Vincent que abre-lhes, repetidas vezes, um talho na carne. Esse de onde ele inocula, no cru, todo o arroubo desse real em profusão. Intolerável, como raio solar e breu completo, nos fende outra vez.

E nós que, pelo quanto estou levado a crer, não estamos de modo algum tão perto de morrer, sentimos contudo que a coisa é maior do que nós, e mais longa que a nossa vida.

Não nos sentimos à morte, mas sentimos a realidade de sermos muito pouca coisa, e que, para sermos um elo na corrente dos artistas, pagamos um preço muito alto em saúde, em juventude, em liberdade, as quais não desfrutamos nem um pouco, não mais que um burro de carga que puxa uma carroça cheia de gente que, essa sim, desfrutará da primavera. (Van Gogh, 1986, p 159)

Morto, nos faz viver.

Ciborgues, *Replicants* e andróides ou O manual de como construir humanos

Humanóide, do sentido de ter forma ou característica humana, mas como se a casca-invólucro fosse de veras cópia, mesmo que aperfeiçoada e desbastada da variabilidade corpórea, falsidade hominídea. Humanóide também do que parece ou age como humano, nessa de mimetizar, mesmo que parcialmente, especificidades que só o humano possui. Onde está o ponto ótimo de se dizer: humano? O que nossa carne possui como traço humanóide?

De genes e filios zoológicos estamos abastados, mas pensar aqui a noção de humano, de carne humana, diz de outras definições por vezes embaçadas. Organismo de partes anatomo-fisiologicamente encontradas no contemporâneo como *Homo Sapiens Sapiens*, repetidos em variação e constância numa estreita cadeia de proteínas, minerais e muita água – *humano elemento*. Humano aquele que deriva da acumulação meramente instintiva ou mutacional para construir sob seu intelecto e relação grupal algo chamado de cultura, receptáculo de seus acúmulos seculares em hibridação muito mais veloz que a celular e muito mais efetivo em estoque – *humano símbolo*. Dessa luz que nos ilumina o avantajado cérebro vem as profecias de outros planos que nos escolhem como ferramenta de conexão, numa metafísica construída entorno de um homem que, por toque divino, lê e usa o mundo a seu dispor – *humano deus*. Diz-se de direitos humanos, algo que definiria por meio de convenções “elementares de sobrevivência” algo de uma raça animal que se abriga sobre o nome de “humana”, apontando aqui atos e usos da vida humana que se afastam a todo tempo dessas premissas de preservação e salvaguarda racial – *humano indivíduo*. Outro ponto seria o tão falado adjetivo de humanizar, utilizado de maneira muito parcial e em larga escala em nossos tempos atuais a apontar atitudes, comportamentos, ambientes e regulações coletivas que apontam para uma “suavização” ou certa proteção do humano ainda em nós – *humano frágil*. Tanto mais a palavra humanizar também se desloca para afetos e comportamentos que o real pode possuir e que se aproximam de certa manifestação humana de sensibilidade, inteligência ou arbítrio (desde nossos cachorros adestrados a forças da natureza divinizadas em inteligência e indulgência) – *humano sábio e/ou sensível*. Sem questionar nenhum segundo é com nossos rostos, números de registro geral, aquisições de propriedade e nome próprio que seguimos humanos sem atenção

alguma nesse ser – *humano rebanho*. Dum antropocentrismo tiramos nossas balizas lingüísticas, nossas coordenadas de habitação e nossa imaginária e bem vincada linha de divisão entre humano e resto.

Mas o que define algo de humano em cada corpo elementar-simbólico-divino-individual-frágil-sensível-sábio-arrebanhado? Qual limite de existência nos faz adquirir o status de humanos que há tantos de nossa estirpe parece ser negado?

Índios, loucos, trans, mulheres, bichos, inteligências artificiais, tudo sendo humano sem o ser. Um nome de família mais humanizado que um menino do tráfico. Discursos de dignidade na boca de humanos que tem como objetivo a seleção de nós são escolhidos em meio aos “sujos de índole”. Uma indústria de metal manipulado tendo quase um coração forjado e marketings afetuosa erguida sobre uma floresta viva, mas que é de veras selvagem para ser humana. Uma desintegração é o que aparenta. Talvez uma agonística que desvelam relações de poder e seus discursos íntimos.

Mas por aqui uso os ainda metafóricos ciborgues como pedra de torção. Máquinas habitantes dos discursos da ficção científica, os ciborgues, robôs de diversas formas e funcionamentos, são uma plataforma-espelho onde o humano em nós se confronta com seu próprio reflexo. Sejam robôs completos, inteligências artificiais ou mesmo combinações multifacetadas entre o orgânico e o tecnológico, tais humanóides encarnam essa experimentação, refratando a questão humana ao infinito. E esse reflexo é parco, de tão real e sublime de tão questionador.

Há uma ininteligibilidade na natureza, uma perdição de nossa origem que desestabiliza a raça numa constante tentativa de se apartar em algum momento da arbitrariedade dessa, ou pelo menos remontar rastros perdidos do que nos formou. Humano que manipula do mundo e do tempo refazendo sempre uma imagem sua ou triangulando caminhos. Esse que muitas vezes nega sua organicidade busca no criar do ainda mais humano uma experimentação. Andróides são humanos filhos de uma humanidade, em experimentações especializadas de nossos ideais e aspirações. O que se perde no caminho? Imagem do humano, melhora planejada de aspectos funcionais, esses seres artificiais perdem a sujeira natural e a miscelânea do mundo, indo para um aperfeiçoamento abstrato sem base vital para tal. Humano bizarro, repuxado em partes específicas, humanóide disforme, a-natural. O que nos torna humanos é ser natureza suja e imemorial, violência rude de ter célula, mas os experimentos tocam algo

indomável. Num disparate da fabricação o mecano-humanos refletem inflam e racham nossas perfeições, vivificando para nós que só uma célula não garante a solução de nossa pergunta.

Blade Runner (Ridley Scott, 1982), *Ghost in the Shell* (Mamoru Oshii, 1995) e *2046* (Wong Kar-Wai 2006). Três filmes que tem a questão ciborgue como ponto de exploração. Três entradas distintas, usos e materiais que incorporam esse traslado de limites. Fronteiras diluídas, desafios presentificados e pulsantes, essas obras abordam a figura do andróide em suas diversas funções – uma futurística ação bélica de revolta dos andróides escravos, a ação policial e a caçada por dispositivos especializados de inteligências artificiais, o amor e presença do outro – fazendo da vivência concreta tão natural a todos nós uma questão complexa: o que faz um humano, humano? Como se constrói um humano?

*

1 - Replicants – os que devem replicar, repetir, mimetizar e não mais que isso. Assim são chamados os andróides de *Blade Runner*, 1982, onde, num futuro não muito distante eles são produzidos como corpos de trabalho para colônias interplanetárias e tantos outros usos. Durante a trama do filme alguns replicants são caçados pelos chamados Blade runners, clandestinos na Terra após revoltas nas colônias extraterrestres. “Tyrel: Comércio é nosso objetivo aqui na Tyrel. Mais humano que o humano é nosso modo.” (Blade Runner, 1982, 21’46”, tradução livre) – enuncia efusivamente o presidente da corporação produtora dos andróides ao conversar com Deckart, personagem principal contratado para matar os replicants revoltosos. Algo foge do planejado e a extinção das máquinas defeituosas é necessário para manter o sistema. Toda a cidade, uma Los Angeles distópica, mostra-se um grande caos de sujeira, tecnologia, consumo e entrecruzamentos de miséria e luxo, e isso deve permanecer assim por meio do controle e da vigilância constante.

Diversos modelos, um negócio de trabalhadores braçais a companhia distrativas, mas sempre um negócio. “Deckard: Replicants são como qualquer outra máquina. Ou são um benefício ou um risco. Se forem um benefício não é meu problema.” (Blade Runner,

1982, 17'27", tradução livre) como repete Deckard, ao demonstrar seu teste de averiguação de replicants.

A presença dos andróides é baseada na fuga, na invisibilização de suas diferenças em meio aos humanos para evitar em extinção em massa. Inicialmente meras máquinas repetidoras, agora caçados por se tornarem humanos demais. Salto esse de sua inteligência artificial que além de somente seguir procedimentos pré-programados criaram novas conexões e atingiram a mais vital das dádivas: o afeto. Baseados em memórias implantadas ou programações bem estabelecidas os replicants tornam-se problema quando dobram sua repetição desenvolvendo uma autonomia que a máquinas jamais seria concedido. Afeto esse que é a base do teste que detecta andróides, sendo que se espera deles respostas emocionais inconclusas ou inexistentes. Mas alguns começam a florescer em afetos e isso embaralha os códigos. Insuportável ter essa dádiva compartilhada com máquinas, impossível suportar essa alforria que denuncia a pobreza do humano orgânico. Intolerável audácia esse acesso à transformação.

Afeto e autonomia, aspectos tão profundamente humanos tornados movimentações que fazem da existência algo fora do controle eletrônico. Deckart está a todo tempo na perseguição dos robôs amotinados por caminhos diversos que questionam sua própria missão. Suas investigações para “aposentar” (eufemismo para assassinar utilizado no filme) os andróides o levam em encontros violentos e perseguições pela cidade, mas também é uma andróide que faz experienciar outras conexões: a paixão. Com Rachel, replicant dócil e programada para ser praticamente humana, acaba por desenvolver uma relação amorosa – como amar algo que aprendeu o afeto baseado em memórias implantadas falsamente? O que difere as respostas de placas e fios eletrônicos do coração de músculo e neurônios?

Todos os andróides são mortos por Deckart e o encontro final com o líder do bando marca a torção de toda a nossa questão. Numa das cenas mais marcantes do filme, Deckart luta com Batty, o líder, e acaba dependurado em uma viga de metal pronto a cair “Batty: Uma experiência viver com medo, não é? Isso é o que é ser um escravo. Eu vi coisas que as pessoas não iriam acreditar.” (Blade Runner, 1982, 1: 40' 56, tradução livre). Após isso estranhamente Batty resgata Deckart da queda, o coloca no telhado enquanto chove bastante. Aproxima-se com uma pomba em uma das mãos e completa sua fala: “Naves de ataque em chamas fora por sobre o ombro de Orion. Eu assisti C-

beans brilharem no escuro perto do portão Tannhauser. Todos esses momentos se perderão no tempo... como lágrimas na chuva... Hora de morrer.” (Blade Runner, 1982, 1:43’ 26, tradução livre). A batalha se resolve com a morte de Batty, mas não sem antes deixar estranhas conexões. A morte é um medo tão original do humano que ele se compadece de Deckart, comungando com ele uma mesma existência. O que faz dum robô algo além? Memórias? Emoções? Inteligência? Liberdade? De todas as camadas da cidade caótica e sofisticada (ALLIEZ, 1988), com seus estratos de vigilância, invisibilidades e deslizes, sobeja ainda a existência como errância. A repetição que se quebra na vivência titânica dos andróides destrói toda a perseguição, injetando o humano com sua pungência de que existir talvez seja pra além de matéria orgânica ou nascimento biológico.

2 - O chamado que impele Major Motoko Kasunagi, personagem central de *Ghost in the Shell*, 1995, de se aprofundar e conectar com o mundo é não codificável, escapa. Na animação passada no ano 2029, temos como personagem principal Motoko, uma agente biônica da polícia especial de um departamento (divisão política do mundo no filme, algo como grandes impérios sempre em conflito) futurista. Biônica no sentido de ser uma simbiose entre o biológico e o eletrônico, sendo que Major possui um corpo robótico e melhorado em diversos sentidos, resguardando alguns tecidos e partes de um corpo humano “original”. Cito original por ser esta a questão crucial da personagem, saber se teve uma vida humana progressiva, se foi completamente fabricada ou se é algo ainda por decifrar. Há a distinção entre o *ghost* (algo como o fantasma ou alma) e *shell* (concha, casca) que os personagens se referem todo o tempo como sendo vivências de dimensões distintas. A primeira refere-se a uma vivência individual do nível da consciência ou espírito que tem valor maior e certa singularidade de cada ser, e a outra a vivência corporal e concreta que, pelo contexto de tecnologia, pode ser refeita, manipulada ou substituída. Em uma passagem, um dos agentes parceiros de Major indica que, mesmo com tal distinção, não se tratam de dimensões somente biônicas ou estáveis quando diz: “Battú: Experiências virtuais, sonhos... Todo dado que existe são ao mesmo tempo realidade e fantasia. O que quer que seja isso, os dados que uma pessoa recolhe em tempo de vida é minúsculo pedaço comparado ao todo.” (Ghost in the Shell, 1995, 27’40”, tradução livre) Os limites de tais dimensões se confundem, pondo tudo em processo de questionamento e fabricação. O reflexo, elementos mais

importantes do filme em cenas e falas diversas, aparece aqui como elemento de identificação e falsidade, imergindo uma faceta na outra, indicando que a criação não respeita fronteiras nem lida com materiais puros – ela invade e vitaliza de circuitos computadorizados à células cerebrais.

Há um alvo a ser perseguido e eliminado no enredo, o chamado Puppet Master (Mestre de marionetes), entidade que habita a rede interligada de informações. Inicialmente um programa de espionagem que entra em colapso e se autonomiza. Ele se identifica como uma produção inteligente da imensa rede de conexão computadorizada, esta mesma que ele busca transladar da existência virtual para outro nível de existência. Suas falas trazem quebras importantes ao se pensar a vida, quando diz ao argumentar com um dos chefes do departamento que o mantinha em prisão:

Puppet Master: Também pode-se argumentar que o DNA é nada mais do que um programa concebido para preservar a si mesmo. A vida tornou-se mais complexa no esmagador mar de informações. E a vida, quando organizada em espécies, depende de genes para ser seu sistema de memória. Assim, o homem é um indivíduo apenas por causa de sua memória intangível... e memória não pode ser definida, mas define a humanidade. O advento dos computadores, e a subsequente acumulação de dados incalculáveis deu origem a um novo sistema de memória e pensamento paralelo ao seu. A humanidade tem subestimado as consequências da informatização.

(...)

Nakamura: Absurdo! Não há nenhuma prova de que você é uma vivente, pensante forma de vida!

Puppet Master: E você pode me oferecer a prova da sua existência? Como você pode, quando nem a ciência moderna nem a filosofia podem explicar o que é a vida? (Ghost in the Shell, 1995, 48'27", tradução livre)

Em um enredo onde a falsidade de memórias, ideais e a existência concreta são questionadas, o filme explora desde uma cidade moderna e decrépita a conexões expansivas de consciência que questionam a realidade em seu todo. Alçando mergulhos profundos em questões filosóficas insolúveis, a animação de extrema ação e perseguições bélicas se monta por sobre os caminhos de questionamento da personagem principal. O estilo cyber-punk mesclado com amplas e vagarosas reflexões tecem um estranho balanço entre a decadência e o renascimento, tendo corpos em explosão e a experiência da conectividade infinita como subprodutos desse processo. Major Motoko pulsa entre a inexistência de qualquer afeto para o questionamento completo de sua identidade. Ataca e reflete a todo instante, escorrendo pelas frestas de estabilidades tão firmes quanto um esqueleto de titânio e a árvore de vida evolutiva. Brechas estas que indicam outro salto, outra expansão. Em uma cena marcante do anime Motoko está

realizando um mergulho profundo no mar em seu dia de folga, atitude essa questionada por seu companheiro Battú também policial biônico, que pergunta para quê uma ciborgue mergulha em profundidade com um corpo que não flutua, o que ela busca, o que sente. No que Motoko responde com frases curtas e secas sobre tocar sentimentos como perda, ansiedade, solidão, mas também certa esperança. Um lampejo de que ao emergir possa ser outra pessoa. Ela mesma lança cruciais reflexões nesse momento:

Há inúmeros ingredientes que compõem o corpo e a mente humanos, como todos os componentes que produzem a mim como um indivíduo com a minha própria personalidade. Claro que eu tenho um rosto e uma voz para me distinguir dos outros, mas meus pensamentos e memórias são exclusivos apenas para mim, e eu carrego um sentimento de destino próprio. Cada uma dessas coisas são apenas uma pequena parte disso. Eu coletei informações para usar de meu próprio jeito. Tudo isso se combina para criar uma mistura que forma a mim e dá suporte a minha consciência. Sinto-me confinada, somente livre para expandir-me dentro de limites. (Ghost in the Shell, 1995, 31'43", tradução livre)

Seu cérebro orgânico entrelaçado com um corpo ciborgue não é prisão, são nós de conexão, visto que sua maior rebeldia é conseguir fazer da base bio-mecânica somente estação de transição, forma de expressão de processos inteligentes virtuais e concretos. Esse descontrolo vital de uma rede virtual é impalpável à existência mundana, que vê amolecer sua base firme do atual e perder a rede firme do fluxo informativo. A combinação é o trunfo para algo além do real sem seu aniquilamento, mas numa expansão incontrolável. A perseguição de Major Motoko e seu encontro com o Puppet Master concluem-se numa fusão entre sua existência e a dele, num convite de tornarem-se um só ser em outro nível de existência que não a parca realidade. A proposta de fusão surge para poderem realizar certa “reprodução” ao deixar que o novo ser em combinação deles dois traga outra existência possível, buscando a variabilidade que a vida demonstra frente aos procedimentos de cópia que os circuitos utilizam.

Puppet Master: Refiro-me a mim mesmo como uma forma de vida inteligente, porque eu sou senciante e capaz de reconhecer minha própria existência, mas no meu estado atual ainda estou incompleto. Faltam-me os processos mais básicos inerentes a todos os organismos vivos: reproduzir-se e morrer.

Major Motoko Kusanagi: Mas você pode copiar a si mesmo.

Puppet Master: Uma cópia é apenas uma imagem idêntica. Existe a possibilidade de que um único vírus poderia destruir todo um conjunto de sistemas e cópias não dão origem a variedade e originalidade. A vida se perpetua através da diversidade e isso inclui a capacidade de sacrificar-se quando necessário. Células repetem o processo de degeneração e regeneração até que um dia eles morrem, obliterando todo um conjunto de memória e informações. Só permanecem genes. Por que repetir continuamente este

ciclo? Simplesmente para sobreviver, evitando os pontos fracos de um sistema imutável.

(...)

Motoko: Outra coisa. O que garante que eu vou continuar sendo “eu”?

Puppet Master: Nada. Mas ser humano é continuamente mudar. Seu desejo de permanecer como está é o que, em última análise, te limita. (Ghost in the Shell, 1995, 1:09’35” e 1:12’03”, tradução livre)

O que te torna real? Qual o limite? O que nos fica são os abalos, uma vontade de existência e uma imensa combinatória que nos apequena, mas nos dando multifaces em um espelho luxuoso.

3 - Mas é em *2046*, filme do coreano Wong Kar-wai de 2006, que o limite dos ciborgues e do humano se dissolvem em comunhão. O filme ambientado em uma atmosfera dos anos finais de 1960 em Hong-Kong, traz como personagem principal um escritor Chon Mo Wan desiludido com uma antiga história de amor, e que por diversos descaminhos e encontros com amantes e passantes vai a explorar qual a matéria do amor e da vida. Está escrevendo uma história, uma história dentro da narrativa do filme se passa no ano de 2046. A sequência futurista é ambientada em um trem tecnológico que leva as pessoas um lugar chamado 2046, onde vão em busca de alguma lembrança perdida. Muitos vão a 2046 depositar segredos para se livrarem deles, mas nunca ninguém havia retornado de lá, somente o escritor-narrador da história. “Chow Mo Wan: Sempre que alguém pergunta por que eu saí de 2046, eu sempre lhe dou alguma resposta vaga. Era mais fácil.” (2046, 2006, 2’46”, tradução livre). Baseado em uma história oriental – a de que quando se possui um segredo inconfessável pode-se procurar uma árvore, cavar um buraco em seu tronco, contar a esse buraco seu segredo e depois fechar-lo com argila para não se descoberto por ninguém –, chega-se a esse local em um trem de longa viagem servido por andróides. Ali se passa toda a sequência no futuro, não há paradas, estão sempre em deslocamento e certa desolação. Há sempre o entrecruzamento entre a vida real do escritor e suas incursões no enredo de seu livro, numa mistura de resgate de memórias perdidas, novas experiências e uma busca incessante na decifração das relações humanas. Por que partimos? A que retornamos ou o que nos fixa aqui? “Chow Mo Wan: Amor é sempre questão de timing. Não é bom encontrar a pessoa certa muito cedo ou tarde demais. Se eu tivesse vivido em outro tempo ou lugar ... minha história poderia ter tido um final muito diferente.” (2046, 2006, 1:36’29”, tradução livre).

Serviçais de início, as andróides – todas mulheres – estão para realizar qualquer pedido dos viajantes, mas Chow Mo Wan, que viaja no trem acaba por se envolver. Sozinho durante todo o percurso, ele tem como companhia uma andróide. E por ela se apaixona. Ele, desolado por um amor perdido, encontra nela outra chance. Perdeu o amor por não saber se era correspondido e hesitar se declarar, mas decide declarar-se a andróide. Ela também o ama, mas por um defeito de programação que retardava seu tempo de reação, não consegue confessar seu afeto tendo um *delay*, certo atraso de resposta, em todas as suas reações e respostas. Ele insiste em se declarar e querer que ela vá com ele, mas, sem resposta, acaba por desistir. Esquecer, abandonar, refazer-se. Os segredos e as expectativas dão sempre o tom do enredo de todo o filme, vivenciando que o encontro mais do que ser uma escolha é uma combinação, um convite. “Chow Mo Wan: Eu tenho um segredo para contar a você. Você partirá comigo?” (2046, 2006, 1: 25’05”, tradução livre) O pensamento é um *delay*, o afeto uma conexão e segredar isso é fenecer em partida. Corpos tecnológicos ou não, estamos sempre a refazer programações, repetir movimentos e acumulando informações, tendo que nos liga ao mundo como único dado confiável. Não importam aqui os corpos, mas as conexões. Não importam os pontos de chegada e sim o deslocamento. Não importa o segredo, mas o afeto.

Sutil humanidade, essa que se desenrola em apaixonamento.

*

Como se medem graus de humanidade? Qual o corte entre humano e resto? Processos lógicos e raciocínios são parcos. Transformar o mundo para certo objetivo, isso os fungos já fazem há milênios e a própria atmosfera se revolve em mutações todo o tempo. Autonomia, afeto, combinação, virtualidade, conexão, palavras técnicas para nossa constituição, mas afiadas ao tocar nossa precíval existência. Os humanóides-espelho nos mostram nossa processualidade: reprogramam-se para emocionar, escapam dos limites preestabelecidos, mutacionam com o mundo por sobre bases eletromagnéticas, constroem carne humana com metais e plástico nos encontrando na margem do toque. A fabricação de humanos é feita a todo instante, fabrica-se. Mas é na integração com o entorno que surgem singularizações e a vida se mostra humanóide em

dispersão. Conexões que nos refletem em existência, limites a serem torcidos em singularidade na agonística que é estar humano, estar real. E uma mistura necessária que nos aqueça o corpo.

O que queremos desses supostos falsos-gente, o que eles fazem que precisamos tanto deles? Não precisamos de seus corpos cibernéticos para brincar de eternidade ou mesmo aguçar suas faculdades mentais supra-humanas para experienciar a perfeição. Deles só podemos ouvir uma coisa: a singularidade do grito que eles podem dar e nós não.

(D) Obra humana - Powaqqatsi

Da carne em Serra pelada que é mais chão que gente. Garimpeiros lama, valas de hemácias e metais preciosos. Homens de mercúrio, terra de suor – imiscuídos.

Powaqqatsi (1988) se inicia com uma sequência em Serra Pelada – PA que dura 7 minutos. Tectonismo, platôs em abalo afetivo, concreto, corporal, conceitual, vivente, e nos brota esse ensaio. O segundo filme da trilogia *Qatsi*, de Godfrey Reggio, utiliza como regra dos outros irmãos a língua *hopi* como referencial artístico-filosófico de cada filme arte. Digo filme arte por uma definição não minha e sim de sinopses e análises cinematográficas, por se tratar de um filme no estilo documentário de cidades, paisagens, humanos, animais e ações reais, bem como ter uma íntima relação de criação e argumento estético com trilhas originais compostas por Philip Glass.

Os filmes são intitulados *Koyaanisqatsi* (Vida fora de equilíbrio, 1983), *Powaqqatsi* (Vida em transformação, 1988) e *Naqoyqatsi* (Vida é guerra, 2002) e cada um tem por tema a humanidade e suas relações ecológicas com o planeta. Ecológicas nos aparceirando com as definições e usos de Guattari (1989) ao postular um ecosofia, uma filosofia das relações. Em tais filmes, o elemento humano é trazido não como um dado, mas colocado sempre em relação de composição-decomposição seja com o planeta Terra, com a natureza, com o trabalho e a sociedade em geral, pensando as misturas que cada relação põe em movimento.

Desses saltos e experimentações apoteóticas da trilogia poderíamos pinçar diversos pontos de reflexão ou mesmo alegoria para nossas análises conceituais, mas por agora me acede a primeira seção de tomadas de *Powaqqatsi*. A câmera está instalada em um imenso garimpo de Serra Pelada no Pará na década de 80, em plena “febre do ouro”. As tomadas são alternadas entre o close muito íntimo e amplitudes imensas, na impressão dum olhar que salta da pele humana para o formigueiro de sacos, da lentidão das escadas e os corpos fervilhante em lama. A música traz um apito em marcha, uma convocação cadenciada em tambores em seguida, trazendo as batidas para os passos vacilantes dos garimpeiros, oprimindo esse bailado de esforço e ganância. Ali, onde o ouro transformou homens em toupeiras, corpos frágeis em fortalezas, terra viva e rica em lama cancerígena. A câmera lenta nos quebra a percepção habitual, fazendo dos detalhes todo um mundo que não apreendemos. Pequenas expressões, gotas que

escorrem em esforço, músculos fatigados e o balanço duma romaria pagã e resignada em sua penitência laboral. O que os leva ao topo da vala, o que os traga novamente ao leito causticado do garimpo? Entramos em outra sintonia com tais questões, pois estas perdem sentido ou pouco dizem do que se desenrola. É a plasticidade dessa terra e desses homens que se impõe. Torrão humano em quieta convulsão.

Ali se instala o começo desse filme, e então um homem desacordado é trazido para cima do barranco por sobre os ombros de tantos outros. Sobem escadas sem jeito, segurando onde podem o corpo escorregadio do homem, patinando seus tênis gastos também pelos frágeis degraus de escadas de ripas. Sobem. A música cresce e vai cadenciando o cortejo ascendente do corpo do homem, tantas mãos o seguram que se perdem os limites. Sobem. Braços vão repassando o peso para os de mais acima, sacos alternam a passagem desse outro peso que não possui o virtual valor contido nos outros de lama virgem ainda. Sobem. Camisetas rasgadas, calções amarrados a corda, mangas compridas para proteger a pele ou peitos nus, bonés rotos amarrados com trapos, tudo com o mesmo tom de barro do homem desfalecido que segue erguido em esforço e constância. Sobem. A lentidão da câmera adensa o peso do corpo desacordado frente o movimento constante dos despertos, homem que pesa sem valor sacos que valem sem pesar, operários que carregam sem estar. Sobem. Dessas camadas cavadas no chão a terra se desdobra do avesso em enxurrada, desses membros indistintos de humanos se dobram uma pele maior nesse tecido de obrigação, desses andares para o subsolo andam dobras que o texturizam com vida por todos os lados, dobram-se as costas, flexionam-se dedos enrugando a lisura estática do garimpo e lhe dando concretude singular. O corpo se dobra em gravidade, os joelhos dos carregadores arqueiam em tendões de pedras. Sobem. Dobram o esforço, pregueiam o espaço, se fazem nós nessa rede terra-homem-ação movente e sobem.

Não é mais um homem. Não são homens. Não é mais chão. É tudo lama em enxurrada e abstrata riqueza. Bizarro movimento cadenciado em síncope. Dessa mistura o formigueiro segue a gestar seus venenos do sangue, sua luxúria dourada, mas a carne humana continua. Sobem para descer novamente, mas sobem.

CHÃO

Que chão é esse que pisamos? De que somos feitos? Como se movimenta o mundo?

Estar é processo de conexão e pensar o espaço é necessária sensibilização. Ter corpo nos ilude por vezes, pois o contornamos quase impermeável. Deslocar-se ajuda no deslize dessa ilusão corpórea, e daí partimos vez mais.

É no entorno, na paisagem, que as contaminações se fazem. Em composição, decompondo e recompondo isso que se singulariza em nós, que é o mais mundo de nosso traçado.

Encantamento Austral

Quem alcançou em alguma medida a liberdade da razão não pode se sentir mais do que um andarilho sobre a Terra – e não um viajante que se dirige a uma meta final: pois essa não existe. (Nietzsche, *Humano, demasiado humano*, 2005b)

Um tango argentino não vai bem melhor que o blues³² pelo simples fato do nascimento abaixo da imaginária linha equatorial. *Volver al sur* é algo como que um anti-pólo magnético, um revés das auroras boreais onde é em busca das baleias jubarte que voltamos; cada vez mais distante na bola do globo. Hoje acordei *libertango* e volvendo ao sul – algum sul desse dia, desses tempos, de mim, de tudo –, suspiro, choro e vontade de amar. Piazzolla é algo que transpassa, algo que domina todos os momentos com certa melancolia vingativa. Densa e vivaz, faz a vida se aprumar e dramatizar as energias que ela mesma esquece ou dúvida ainda possuir. Rápido e ácido de começo, e depois lento e carinhoso, desse afeto latino americano incurável e firme. Aquela seriedade não de humor negligenciado, muito mais uma saudade fraca de quem percorreu caminhos outros e mesmo assim ainda tem ganas de andar ainda mais. Sina caminhante. E me retorna então a jornada que realizei com uma amiga no começo do ano de 2015, que avivou o caminhar, ampliou os caminhos e se fez como diluição sempre um pouco mais ao sul.

Fomos de carro do ES–Brasil ao Uruguai, país ainda misterioso a mim, mas com um chamado firme a se fazer e me atrair. Jornada que nos lançou em mais incontáveis encontros, cheia de uma veloz sentimentalidade que não desfez qualquer mistério da terra austral, só o adensou encantadoramente mais. Partimos ao Uruguai com certa expectativa e audácia, seguindo mais os passos imaginários de Vivian, minha companheira de viagem, que já havia percorrido tais terras anteriormente do que os meus. Digo imaginários, pois de carro nunca havia sido feita a viagem, daí a estrada era de certa maneira sim completamente nova. Planos, expectativas, mapas e pontos de parada prestabelecidos, mesmo que nada antecipe realmente romper às estradas e iniciar o caminho. Partir faz-nos entrar em outro ponto de tempo, certa suspensão ou êxtase onde vivenciamos algumas vezes um encantamento que, ao mesmo tempo que

³² Trecho da música *À palo seco*, Belchior, 1976.

nos conectava completamente a tudo e também nos suspende do relógio. Certo estado de paixão, onde perdemos o reflexo do ato repetido do tédio de ter uma rotina, vendo e vivendo diversos tempos em um só. Hora de estrada pareciam minutos, cada música uma odisséia, e, mesmo assim, os segundos passam e nos corroem devagar as energias. Mas elas se refaziam na próxima curva, sem problema. E era no balanço da familiaridade e da estrangeirice que seguíamos o caminho ao sul.

Escolhemos ser guiados por um livro e talvez tenha sido aí que tudo principiou em se mostrar de maneira mais afetiva para nós. *Oceano mar* (1997) de Alessandro Baricco, esse foi o chamado para chegarmos *ao mar pelo rio*. O itinerário traçado por um romancista italiano nos pareceu óbvio de tão intenso. Partindo de Piúma-ES, seguiríamos proativamente direto a Colônia del Sacramento, tocando aquela imensa largura do Río de la Plata inicialmente para poder ir demarcando o retorno pelo litoral Uruguaio: Montevidéo, Punta del diablo e Cabo Polônio. Seguimos diretamente a BR 101, bordejando um litoral e pelo interior posteriormente desde o Rio Grande do Sul à foz do rio imenso. Rodovias, cidades transpassadas de relance, paradas estratégicas em casas de parentes e a estrada chamando mais ao sul. A água doce que nos recebeu no extremo nos parecia estranha naquelas terras de cheiros frescos, pores do sol sem fim, marujos e tantos outros andarilhos e foi sendo demarcada com o sal do oceano Atlântico que nos trazia de volta para casa com encantamento, amplidão e calma. Efusivo no começo, o caminho foi nos colocando em outra sintonia com o chão aquoso da estrada até o Uruguai e nos brindando com um firmamento que durante vários meses nos roubou a fala. Ainda sinto o silêncio que se espalhou em mim em Cabo Polônio, e suspeito que este agora é parte de mim. Como eu me desfaço nele... É somente depois de muitos meses que enfim consigo pensar e escrever sobre a *roadtrip*, essa que não se resume no que digo por agora, que é uma rede incrível de vivências e caminhos tortuosamente místicos, que se mostrou pela primeira vez como esse apaixonamento que nos coloca no presente de forma a mostrar que, sim, o plano real é poroso, relativo e mutável.

O espaço e sua vasta singularidade, era isso que nos ia encantando na travessia. As mudanças em gradações de percursos muito diferentes, iam surgindo para nós que, estrangeiros mesmo dentro de nosso próprio país, seguíamos a descobrindo outros modos de trilhar. O que constitui um espaço? O que torna familiar ou estrangeiro? Ou ainda, como se constitui um espaço?

Dorren Massey, geógrafa e cientista social, adentra tal questão de maneira potente para pensar nossas bifurcações. Ao pensar o espaço, referenciados a seu livro *Pelo espaço: uma nova política da espacialidade* (2008), Massey inicia indagações sobre como usualmente pensamos tal conceito. O espaço, diz a autora, usualmente é uma noção que se dá sobre o entorno, sobre a terra que habitamos e tudo que nela se fixa e a compõe. Um espaço dado, certo e garantido, território que se fixa e que se compreende centrados em nossos conceitos e modo de habitação. Espaço que, por tal conceituação estruturada, vai a se estender ao infinito de maneira uniforme ao qual mapeamos em sua permanência garantida e controlável. Pensamos espaço sempre o relacionando ao tempo, colocando o este como corrente e aquele como estático. Um espaço plano, liso e com uma única maneira de entendimento. Mas, pensando junto com a geógrafa, tal atitude “aplaina” a vivência do espaço, o transforma em algo dominável, arrastando junto atitudes e dominações redutoras, bem como concepções unilaterais ao pensarmos os povos e suas relações. Discutindo sobre os conflitos e relações surgidas durante a colonização das Américas como exemplo, Massey vai a pontuar atitudes dos conquistadores como prenes de tais concepções, onde outros povos não alteram esse espaço a ser dominado. Os habitantes regionais podem ser peculiares, mas sem teor de singularidade ou influência com relação à terra. Esse modo de compreender – e todas as conseqüências advindas com relação à gestão e modo de habitação da terra – demonstram como ignoramos os outros habitantes, o considerando somente obstáculos a serem superados, e como adentramos e utilizamos os lugares da mesma maneira. O espaço é fixado, circunscrito e controlado, é tomado como um lugar, dominável e ao nosso alcance e consumo. Mas guarda em si outros desafios. Nas palavras de Massey:

Está implícito que se considera o espaço como solo e mar, como a terra que se estende ao nosso redor. Implicitamente, também, faz o espaço parecer uma superfície, contínuo e tido como algo dado. (...) É uma cosmologia impensável, para usar o termo mais brando, mas leva consigo efeitos sociais e políticos. Portanto, esse modo de conceber o espaço pode assim, facilmente, nos levar a conceber outros lugares, povos, culturas, simplesmente como um fenômeno “sobre” essa superfície. Não é uma manobra inocente. Desta forma, eles ficam desprovidos de história. (...) O que poderia significar reorientar essa imaginação, questionar esse hábito de pensar o espaço como uma superfície? Se, em vez disso, concebêssemos um encontro de histórias, o que aconteceria às nossas imaginações implícitas de tempo e espaço? (Massey, 2008, p 23)

Histórias. Talvez a distração ao ingressar os caminhos de nossa jornada tenha sido chave para que não tomássemos o deslocamento por linhas retas sobre espaços lisos e somente distanciados entre si somente. Seguíamos percebendo que o que nos envolvia

não se resumia ao entorno estático, e sim um cosmos todo extremamente singular e que emergia ao nosso contato.

A narrativa de uma viagem é usualmente feita por diários, relatos de acontecimentos em cadeia cronológica onde se pode misturar as percepções e afecções, tudo montado sobre um curso. Esse ensaio não é um diário, é recordação afetiva. Da mesma forma como a viagem nos transpassa ainda, por agora vou transpassá-la a recolher encontros. Um ponto de partida é de partida somente para quem buscar vislumbrar pontos finais num mapa. Aqui estamos a relatar da beira de um cais afetivo, que nos transforma em borda dos encontros e que se refaz ao tocarmos os agenciamentos. O paradoxal de viajar é ter as coordenadas e os acontecimentos a se ampliarem em platôs de conexão, vias de vida e mesmo assim correr as distâncias em um caminho concreto. Pela impossibilidade de entregar a experiência ao outro, pois a vida é sempre maior que nossa parca comunicação, vamos abrindo as recordações e ver-lhes as dispersões condensadas.

O cais inventado. Uma quebra radical da rotina, de qualquer rotina. Para que dessa fragilidade surja outra maneira de estar, a maneira do andarilho. Nietzsche (2005b) diz do andarilho e amaldiçoa alegremente nossa *road-trip* como não tínhamos antevisto. Andar, debandar em transformação – cuidando para que as mínimas estabilidades pudessem ser sustentadas sem perder a porosidade que o caminho requeria. E foi nesse encontro que mudamos. Um pouco de sol daquela terra de céu infinito, o breu da noite plena de estrelas, a língua misturada que nos aproximava aos gaguejos, a água que falta sal e o cheiro da paisagem outra a recriar a pele dos brasileiros fugitivos.

Quebramos. Todos precisam de choques. Não é o Uruguai que mudou ou nossa pretensa vontade de encontrar lá alguma coisa que nos diferisse. É o encontro que nos mistura em aquarela nova, é na diluição de nossas certezas naquelas terras de água abundante que deixamos certa cor diferente em areias sem fim. *Al fin y Al cabo*, diziam as palavras soltas ao vento em um pórtico de madeira – portal sem paredes – na praia surreal de Cabo Polônio, num endereçar-se a todos que lá buscam deitar a carcaça e energizar-se de algo austral. O sul, que a nós foi dado geograficamente, foi muito mais radical do que somente uma visita aos *hermanos*, pois isso poderíamos ter realizado com câmeras e consumos mil tamponando o contato real. Podemos viajar sem sair do lugar como provoca Deleuze (1992) ao pensar as viagens de consumo em contraste às viagens de deslocamento potente do pensamento. Dispomos tais potências sim, mas dispor a cara

para o inesperado cataliza em nós os afetos engrossados em permanecer em repetições e tarefas mapeadas. Andar de pés descalços em outra terra faz com que a caminhada em nossas casas se torne mais afetuosa, mais sul, mais tango, mais viva.

Caso inusitado: pensar no Uruguai foi como suspeitar de um caminho mais longínquo que os próprios 2.964 quilômetros de distância. Passavam por nossas mãos e corações a esse tempo de encontros sulistas e batimentos de pássaros de gaiola o livro que evoquei inicialmente, *Oceano mar*, de Alessandro Baricco (1997). O assombro do romance que, até onde minhas experiências têm alcançado faz brilhantíssimos estragos em todos os que lêem suas páginas, mostrou-se uma profecia do que fazer. Um oráculo de *como* – mais do que por que – viver, como andar, levar a vida e um pra quê, então, zarpar ao Uruguai. Seguimos o roteiro do livro da mesma forma com que olhávamos o mapa das rodovias cortantes de terras desconhecidas. A mesma forma intensa com seus materiais diferentes, pois das concretas estradas precisávamos de precisão e seguimento contínuo, e de *Oceano mar* era o afeto e uma intuição profunda que nos fazia abrir as páginas aleatórias e encontrar o próximo estágio da andança. Foi mesmo na estrada que entendemos enfim que nosso itinerário nos faria chegar “ao mar pelo rio” como instruíra o romance e seus personagens.

Chegaríamos primeiro naquele estuário imenso como mar para rebordar de volta até praias de dunas e oceano aberto. Profecia seguida à risca, nos redemoinhos do faro apurado aos afetos. Lemos antes de sair das praias do Espírito Santo. Lemos suspensos no carro nas rodovias dos seis estados cortados por nós. Lemos no primeiro píer de Colônia ao pôr do sol. Lemos na cabana tempestuosa em Punta Del Diablo. Lemos muito na varanda perdida e silenciosa no breu de Cabo Polônio. “Areia a perder de vista, entre as últimas colinas e o mar – *o mar* – no ar frio de uma tarde quase ida. E abençoado pelo vento que sempre sopra do norte. A praia. E o mar.” (BARRICO, 1997, p. 11). Lemos como se respira.

O que define um local, uma vida? Ou tantos logradouros em deslocamento? Ler sobre o desfazer do sujeito em uma entrada de processo incessante de composição é curto e aterrador. Viver o deslocamento na costura de outro modo de vida com sorriso, apreensão, paixão pela rua e tudo mais do inominável é duma experiência mais curta de visualização e tão mais aterradora como o profundo céu sem fim uruguaio. No romance há uma estalagem à beira do mar onde se entrecruzam diversas histórias de diversos

personagens e ali, na borda da praia, é o mar que dissolve, mistura, amplia e refaz a todos:

Sabe o que há de bonito, aqui? Olha: nós andamos, deixamos todas aquelas pegadas na areia, e elas ficam lá, precisas, ordenadas. Mas amanhã você vai se levantar, vai olhar esta grande praia e não haverá mais nada, uma pegada um sinal qualquer, nada.. O mar apaga, à noite. A maré esconde. É como se nunca tivesse passado ninguém. É como se nós nunca tivéssemos existido. Se há um lugar, no mundo, em que você pode pensar em nada, este lugar é aqui. Não é mais terra, não é mar ainda. Não é vida falsa, não é vida verdadeira. É *tempo*. Tempo que passa. E só. (BARICCO, 1997, p. 80)

O traçado de cada um é singular, o processo de combinação se encarna em uma borda morfoclimática³³ em deambulação, imensa e potente. Nosso deslocamento talvez fosse um anseio por esse mar, que sabíamos não ser somente aquela imensa quantidade de água do estuário *platense* ou do atlântico azul escuro, mas esse deslocamento é fazer de nós mar também, beira de reconstrução e composição outra – essa mistura de limites os quais somos conformados. O contato radical que a jornada fazia em nós se parecia com a intervenção constante das palavras do livro. Desterritorializar em todas as direções, compor com inusitados materiais, deslocando a criação de forma veloz e afetuosa. Qual procedimento se desvelou?

Poderia ser a perfeição – imagem para olhos divinos – mundo que simplesmente acontece, a muda existência de água e terra, obra acabada e exata, verdade – verdade – uma vez mais, porém, é o salvífico grãozinho do homem que emperra o mecanismo daquele paraíso, uma inépcia que por si só é o que basta para suspender todo o enorme aparato de inexorável verdade, uma coisinha à-toa, mas plantada na areia, imperceptível rasgo na superfície daquele ícone santo, minúscula exceção que posou na superfície da praia sem fim. Ao vê-lo na distância não passaria de um pequeno ponto preto: no nada, o nada de um homem e de um cavalete de pintor. (BARICCO, 1997, p. 12)

O nada de um homem... esse o efeito do mar em Plasson, personagem pintor. O rasgo da paisagem... esse o efeito do homem na praia perfeita. O pintor que não consegue concluir o mar, essa imensidão sem olhos que impede o retratista de finalizar qualquer obra final. Esse nada é a diluição do pintor no oceano, desse nada que se abre a brecha do mundo, esse ponto cego na paisagem que é o humano, essa paisagem sem olhos que é a amplidão.

É como uma sentinela – isso é preciso compreender – em pé, defendendo aquela porção de mundo da invasão silenciosa da perfeição, pequena

³³ Conceito de geografia que define áreas intermediárias entre biomas que possuem características de dois ou mais regiões e suas peculiaridades como clima, vegetação, relevo, dentre outros.

trincadura que despedaça aquela espetacular cenografia do ser. Já que sempre é assim, basta o vislumbre de um homem para ferir o repouso do que estaria a um segundo de se tornar *verdade* e, ao contrário, imediatamente volta a ser espera e questão, pelo simples e infinito poder daquele homem que é fenda e fresta, porta pequena, pela qual voltam os rios de histórias e o imenso repertório do que *poderia* ser, rasgo infinito, ferida maravilhosa, sendeiro de passos aos milhares, onde nada mais poderá ser verdadeiro mas tudo *será* – exatamente como *são* os passos daquela mulher envolvida num manto violeta, cabeça coberta, mede lentamente a praia, ladeando a ressaca do mar, e risca, da direita à esquerda, a já perdida perfeição do grande quadro consumindo a distância que a separa do homem e de seu cavalete até chegar a alguns passos dele e, exatamente ao seu lado, onde para se torna um nada – e, calando, observar. (BARICCO, 1997, p. 12)

Ir mais ao sul, proceder como o pintor personagem do romance, foi nos impregnando numa amplidão que, ao passo de ir nos diluindo, singularizava cada movimento e deixando pouco mais do que o procedimento de seguir um pouco mais adiante. “Maravilhoso vento, oceano mar.” (BARRICO, 1997) – ressona durante todo o romance de Barrico e foi nos integrando aos caminhos austrais num “oceanamento” maravilhoso que nos invadia, e uma ventania delineando-nos no segundo que passa. O incapturável daquela imensidão denomina-se, segundo o pintor, a inexistência de olhos. Os nossos, inúteis, pareciam abarrotados de algo sem forma, sem nome ou concretude, mas plenamente de uma substância. Impalpável às retinas em espera e, ainda assim, a acelerar o coração e fazer do equilíbrio uma vontade se perder. Certa surreal substância que, tal como o ar invisível, faz-se ainda mais sutil sem nos esvoaçar os cabelos, mas de veras mais contundente, numa completa impregnação.

A saturação dos afetos de cada encontro, de cada paisagem, que nos postam a infinitamente começar um quadro sublimado e que nos dilui em tanto mais afeto quantas vezes voltamos a pisar qualquer paragem. Colônia Del Sacramento é um beiramar sem maresia. Talvez essa presença ausente, como nos diria Blanchot (2011) ao tocar o Fora e o procedimento da escrita infindável, se desvelou levemente por ali – seus píeres, seu pôr do sol sem fim, suas andorinhas planadoras fixas, a inodoridade desse cúmulo de afetos. Todo lugar possui isso: certo magnetismo. Trata-se de exercitar esse novo regime de afetos, deixar o invisível – o afetar – nos tomar em diluição caótica.

Paisagens, para todos os humanos da rotina, são espaços geográficos especiais, paragens cheias de energia e beleza, mas sempre pensadas como algo ao qual devemos assistir, ou mesmo algo que se fecha completo em si mesmo – como quando andamos por uma locação bela que ou nos anula de tanto esplendor ou se mostra tão completa que nossa

vontade é de congelar em fotos os instantes que se passam. Como nos dizem por diversas passagens Deleuze & Guattari³⁴, espaço não é o mesmo espaço da geografia, mapeado e quantificável como elemento isolado do processo da vida – daí um salto para pensar o território. Conceito esse que funde desde processos afetivos coletivos, modos de vida, forças política, convenções sociais, corpos os mais diversos, e tudo em conexão. Conceito acatado, entendido, mas de vivência tão imensa que usualmente nos amedronta, pois tal diluição conectiva pede que o sujeito em nós pereça e se faça território. Daí, então, como adentrar os espaços e fluxos coletivos que comungamos com esse paradigma estético (GUATTARI, 2012), mesclando a rede política, o posicionamento ético de se colocar nos acontecimentos de forma imanente, mas que diz bastante dessa criação estética de modos possíveis de mistura.

Por isso imaginemos por agora a experiência radical dessa conexão estética imanente de dissolução que temos dificuldade em manejar. Cada lugar tem suas maneiras (peculiaridades, concretudes, marcações históricas, etc) e é nesse mergulho que conseguimos nos dissolver em meio a ele, efetivando a movente brecha de singularizar. A diluição é irrefreável, quiçá necessária para que a transformação não se estanque. Em uma viagem, muitos são os que consomem paisagens e espaços, transformando seu tempo de duração em somente um momento de recolhimento de memórias que não devem se mostrar tão ameaçadoras assim a nossa constituição inicial que deve estar intacta no retorno à “vida real”. Mas há uma insistência, um sul que atrai em amplidão, que combate esse “norte” subjetivo endurecido, mas em diluição e acolhimento.

A paisagem e os afetos. O que acessamos como paisagem esgarça um pouco toda a convenção de espaço geográfico. Usualmente algum longínquo horizonte onde se entra em “tranqüilidade”, certa contemplação tácita e convencionada, quase como uma etiqueta em surdina dos turistas em visita. Sina que tais espaços possuam mesmo certo efeito “pasmante”, mas indico aqui uma abertura sinestésica em direção ao questionamento: que paisagem outra compomos aqui? Como estamos a compor essa fresta no mundo?

³⁴ As diversas referências dizem respeito às dobraduras que os autores realizam tanto com a noção de território quanto de espaço propriamente dito. Tenho como pontos de exploração os volumes 1, 3 e 5 de Mil Platôs (1995, 2007 e 2008b, respectivamente) em especial, onde tais noções são manejadas pensando a noções como rizoma, linhas de segmentaridade e micropolítica, espaço liso e estriado, dentre outros. Por agora não aprofundamos nenhum debate em específico, mas ficam as conexões potentes a se fazer com nossa exploração da paisagem e dos territórios existenciais.

Num procedimento semelhante à formação dos Territórios subjetivos (GUATTARI, 2012), acessamos essa paisagem em conexão como criação constante. Transformar o território singular – essa fenda, fresta que o pintor Plasson indicou, que impede o fechamento da paisagem – e o espaço geográfico – mundo que simplesmente acontece, essa quase verdade que Massey nos ajuda a dinamizar – num acoplamento em vazão e fazimento constantes – relação incapturável, agenciamento que nos mistura, movimento vivo de tudo. É a fineza de deixar a invasão dos afetos se fazer em pequenas quebras e arrombos cardíacos, insistir em abrir nossos territórios existenciais e fender o espaço ao redor. Essa conexão que precipitamos. E se pudéssemos ativar essa conexão perene entre nós e o espaço?

Então, em reposta: e se...? E se nos recusássemos a expressar espaço em tempo? E se ampliássemos a imaginação da única narrativa para oferecer espaço (literalmente) a uma multiplicidade de trajetórias? Que tipos de conceituação de tempo e espaço e de suas relações isso poderia revelar? (Massey, 2008, p 24)

Ao acessar a estética e a dinâmica dos afetos das concretudes geográficas, o que ganhamos não é somente uma vida plural – uma praia grávida de histórias e caminhos tortuosos, um cômodo quieto rebordado de memórias, uma praça viva e pululante, árvores em frescor de entorno, tráfego que nos espreme e dá suco de história urbana, planícies em outras línguas que jamais alcançaremos porque elas andam sempre um pouco mais à frente, onda de mar e de amor, curso de rio tristonho, asfalto de malta em levante, e ainda mais. Não só. Aqui, nessa mesma pose, dilaceramos nosso território, que se faz singular e pleno, transversal em invisíveis e consistentes afetos e processos além de todas as concretudes ásperas. E vamos, em conexão ,com a paisagem agora também nós.

Maravilhoso ventar, somos oceano todos mar. Onde eu seja pedra e vento, gente e brilho, em encontros irremediáveis porque tocam, porque trocam. Colônia abriu um céu multicolor; Punta Del Diablo com casas sem cerca, praias e areias infundáveis; Cabo Polônio com vida a brotar de todos os lados em quietude e ciclo; a estrada abraçou nossa queda livre, as pessoas que apertavam a mão dos estrangeiros deslumbrados e sem jeito; as paradas e os caminhos brasileiros que iam se transmutando e nos impulsionando; tudo pulsante de presenças incontáveis e ainda assim ali – presente. Tomar de assalto esse nosso território, como numa abordagem pirata, que se apossa e – já com essa antrope-geo-afeto-deslocamento-cosmo-fagia vigorando sobre a pele –

conectar-se, perdendo o prumo para ser em conjunto o movimento dos mundos. “E se recusarmos essa distinção, por mais sedutora que pareça, entre lugar (como sentido, vivido e cotidiano) e espaço (como o que? o exterior? o abstrato? o sem significação?)?” (MASSEY, 2008, p 35). Afeição.

De memórias e memorização fazemos o caminho que não deve nos invadir. Que a memória nos falte, pois por vezes teima em ser afoita na busca de apreender o que estamos a vivenciar. Deixemos que ela se deposite aos cacos. Memórias de nós no horizonte, o sol impresso em nossos cabelos e o vento a dispersar-nos. É necessário transformar os itinerários em vias, os mapas em passos dados no chão, as fotografias em meros apontamentos datáveis dessa experimentação constante que é “*tempo* que passa. E só.” (BARRICO, 1997, p 10). Ir a algum lugar na busca de algo que ainda não se imagina parece até metafísico quando dizemos de dias e deslocamentos reais. Buscar em estradas, mares, areias e desconhecidos, o que não entendemos ainda é um perigo que nos espreita a todo tempo. Está no entorno sempre à espera, sem necessidade de longas jornadas e sem susto. Mesmo que uma boa lonjura adense isso bem, não está somente no Uruguai que reside o perigo da diluição maravilhosa, ou mesmo nas páginas de Barrico com o ventre de um mar implacável e incansável. É em cada batida do coração que ela, a diluição, persiste como potência. É em cada passo que a amplidão nos envolve em potência de ser o entorno vibrante. E encontrar nos espaços geográficos os afetos soltos que suspeitávamos, e tantos outros mais, é dum transbordamento que não se antevê.

Abrir os poros aos afetos, diluir o corpo para poder estar em pedaços em todos os fluxos circundantes requer sim um ruína, mas também nos amplia com a força dum horizonte austral.

PANORAMA-EXISTENCIAL – Territórios em mistura

Torrão: desfazer limites, existir aos pedaços

Log-book – No futuro, desperto ou adormecido, escrevendo ou cozinhando, o meu tempo é controlado por um tiquetaque maquinal, objetivo, irrefutável, exato, verificável. Que fome eu tenho destes epítetos que definem outras tantas vitórias sobre as forças do mal! Quero, exijo, que tudo à minha volta passe a ser medido, provado, certificado, matemático, racional. (...) Não terei descanso enquanto esta ilha opaca, impenetrável, cheia de surdas fermentações e de maléficis remoinhos, não se metamorfosear numa construção abstrata, transparente, inteligível até aos ossos. Mas terei eu a força de levar a cabo uma tão formidável tarefa? Esta dose maciça de racionalidade que pretendo administrar para *Speranza*, encontrar-lhe-ei o recurso em mim próprio? (...) Inútil é dissimular: todo o meu edifício cerebral vacila. (TOURNIER, 1985, p. 59, 60 e 61)

Abstratos exploradores de um mundo que nos circunda, como pilotos de uma máquina de carbono – com precisas antenas de análises, barômetros, receptores de luz e som e processadores de alto desempenho. Essa a fábula do estar vivo que nos codifica em humanos racionais a cintilografar a realidade que nos envolve. Fábula, pois tais traços firmes nos antecipam, nos esquadriham, em suposto controle e exploração planejada. Tendemos a organizar o mundo a partir de nós, mesmo que a vivência corporal, subjetiva, histórica de estar vivo muitas vezes seja além e aquém de nós e qualquer experiência. Daí um edifício cerebral extremamente equilibrado e firme para a tarefa de viver. Daí uma fragilidade, talvez um ponto macio de entrada. A definição dos limites, que muitas vezes não residem nem em nossa própria pele e vai a se mostrar muito anterior e mesmo ausente em ilusões de personalidade estrutural ou idéias recorrentemente fixas, é onde reside nosso alvo. Como definir os limites? Ou antes, o que produz limite e o que se processa a partir de tais bordas?

Esse ensaio se inicia por todos os lados. Ensaio que surge da sensação persistente de conexão com um entorno, e que com a leitura de “Sexta-feira ou os limbos do Pacífico” de Michel Tournier, 1985, se adensou ainda mais. Estamos a cartografar o processo de subjetivação pela ativação do que Guattari nomeia como plano estético, essa faceta do real que gesta as formas em processo constante de destruição e criação, mutação e transversalização. Há uma radicalidade na afirmação de Guattari que nos atrai com tal conceito, que busca a práxis, a performance, a efetivação dos processos de transformação do real, para acessarmos a potência e a grande energia de choque e

combinatória vivaz em tal plano estético. Dos corpos que somos vamos agora a ampliar a sensibilização que buscamos, acessando o que por agora nomeamos de *entorno*. A concretude do chão, a presença do ar, e tudo não como unidades macro fechadas e pré-definidas em si mesmas, mas como plano de entrecruzamento de multiplicidades de agenciamentos que nos acessam em simultâneo e se fazem em movimento vivo. O estético nesse espaço, a transversalização nesse intervalo, a vida como relação. Diluir essa barreira. Ampliar a sensibilidade. Acessar o instante suspenso no presente onde estamos em processo de composição.

Um instante de parada, de vislumbre. Esse ensaio se faz como Robinson Crusóé no romance de Tournier. Refazendo a famosa história do sobrevivente Crusóé, o romance explora como um humano se faz vivo em um cenário. O recorte de um homem só e isolamento parece laboratório do agenciamento, dissecando e habitando esse intervalo. Um naufrago, único sobrevivente. Vivo, porém isolado. Há uma ruptura. Há a solidão. E há uma ilha. Diversas entradas, desfolhando-se em potência e explosão. “Esperava-me nestas margens, desde a origem dos tempos, a solidão, ela e o seu companheiro habitual, o silêncio...” (TOURNIER, 1985, p 74)

Acessar o plano estético nos surge como uma tarefa de contato firme com a imanência, sendo a existência em si, sem depender de conceitos ou determinações externos. Tal debate possui grande tradição na filosofia dita da imanência. A refutação de um parâmetro transcendente – a saber como instância exterior, superior, além do tempo dos acontecimento – é postulada em diversos pontos da história da filosofia. Tocada pelos estoícos, radicalmente afirmada por Espinosa, refeita por Nietzsche e tantos outros, torna-se linha de desmonte da máquina ordenadora do pensamento transcendente no ocidente. Mas onde a imanência, essa que buscamos acessar como plano estético de existência dos acontecimentos, se ativa para além dos debates conceituais? Como se faz a conexão com o *entorno*?

Com Espinosa, a imanência é afirmada como plano de existência da substância e de seus modos. A substância, entendida como Deus e natureza em sinônimos, seria a causa não capturável em si de todas as outras existências, e coexistente à imanência. Substância e imanência em conexão completa, de onde tudo existe e se interconecta. Plano de existência sem medida, onde as composições se fazem sem nada estar fora. Plano real de onde a Substância se desdobra em infinitos modos, em presença, conexão

e combinatória. Essa radicalidade de Espinosa ao nomear a imanência diz que tudo o que existe é tido como perfeito: coisas e idéias, por terem existência, já o são numa definição de perfeição; pois perfeito é o que é real, o que se afirma, afastando um uso comum de algum modelo perfeito/abstrato de um pensamento da transcendência. Existir é afirmar sua potência de existir como modo da Substância (Deus, Natureza) e isso é imanente e perfeito. Tal procedimento, aparentemente complexo ao pensamento acostumado que temos que procede por meio de estabilidades e classificações paralizadas, faz com que tudo seja tragado para a imanência. Não há fora da existência, há potência de existir, encontros e composições que não escapam e que estão em processo.

Pois a perfeição das coisas é a estimar pela só natureza e potência delas, e por isso as coisas não são mais nem menos perfeitas em vista de deleitarem ou ofenderem o sentido dos homens, de contribuírem ou repugnarem à natureza humana. Àqueles, porém, que indagam por que Deus não criou todos os homens de tal maneira que fossem governados exclusivamente pelo comando da razão, nada outro respondo senão: porque não lhe faltou matéria para criar tudo, desde o sumo até o ífimo grau de perfeição ou, mais propriamente falando, porque as leis da natureza foram tão amplas que bastaram para produzir tudo que pode ser concebido pelo intelecto infinito (...). (Espinosa, 2015, apêndice, proposição XXVI, parte I, pg 121)

Robinson se vê em uma ilha tropical, após o desastre de seu navio e a morte de toda a tripulação, completamente só. Sem humanos diríamos, pois *Tenn*, o cachorro do capitão, também sobrevive e vira seu companheiro. Atônito, amedrontado, sem compreender como se portar nessa nova paisagem selvagem que o envolve. Vai inicialmente a se ocupar com planos de fuga, de retorno à sociedade humana, numa ânsia que o coloca ainda em certo perigo constante. A ele, a ilha parece caótica, perigosa, inóspita. Talvez ele também o parecesse assim a ela nesse primeiro momento.

Aqui me tornei, pouco a pouco, num gênero especialista do silêncio, melhor diria: dos silêncios. Com todo o meu corpo tenso como grande orelha, aprecio a qualidade particular do silêncio em que me banho. Há silêncios aéreos e perfumados como noite de junho na Inglaterra, outros têm a consistência glauca do lameiro, outros, ainda, são duros e sonoros como o ébano. Até chego a sondar a profundidade sepulcral do silêncio noturno da gruta com uma volúpia vagamente nauseada que me inspira certa inquietação. Já durante o dia, não tenho para me prender à vida uma mulher, filhos, amigos, inimigos, criados, clientes, que são outras tantas âncoras fincadas à terra. Porque será ainda necessário que, no coração da noite, me deixe para cúmulo afundar tão longe e tão profundo no escuro? Talvez aconteça um dia que eu desapareça sem rastro, aspirado pelo nada que terei feito nascer à minha volta. (Tournier, 1985, p 74 e 75)

A imanência também pode referir-se diretamente ao tempo. Os filósofos estoicos, que acessamos aqui por Deleuze (lógica do sentido), distinguem dois modos do tempo: o

tempo *cronos* – tempo do presente que habitamos em fluxo constante e que se estende em passado e futuro, em corrente contínua – e tempo *aion* – tempo sem espessura, um não-tempo, tempo do acontecimento que subdivide passado e futuro, mas não é contido por eles. Modos radicalmente diferentes de acessar o presente: um corrente e encadeado, e outro em eterna e suspensa fruição. A nós, é duma experiência de imensa dificuldade desencadear o tempo, buscando perceber nosso processo vital descolado de um passado e rumo a um futuro. Mas o tempo dos acontecimentos arrasta uma entrada na imanência em sua inevitabilidade. Não se está mais em uma concatenação em “linha reta”, mas imersos, agindo e sendo afetados, por acontecimentos em todas as direções e de maneira ininterrupta, numa mistura perene. Tal vivência, a de buscar atentar-se aos acontecimentos, não nos coloca como possíveis controladores dos acontecimentos ou mesmo mais próximos de uma realidade mais “real”, e sim faz com que estejamos mais atentos às marcas que os acontecimentos fazem no real – pois não se “pega na mão” um acontecimento – e nos imprime uma pose mais porosa com relação aos processos que nos acedem – numa aproximação à Nietzsche, em sermos dignos do que nos acontece. O tempo não flui diferente, mas nosso corpo se aviva.

Organizar a ilha. Humanizar esta que ele nomeou de *Speranza*. Após fuga frustrada, Robinson, num ímpeto de proteção de si e também de ocupação usual, se volta à ilha que deve ser arada de todas as maneiras para conter certa humanidade. É a escrita de um diário que o dá um primeiro suporte de discurso e que o ajuda a entrar em exploração pelo o que o novo território significa para ele. Ele escreve, e planeja maneiras de habitar como cidadão civilizado esse terreno confuso³⁵. Plantar, criar animais, organizar os espaços, construir uma casa, legislar, mas, essencialmente, marcar o tempo; este que foi para Robinson a possibilidade de efetivar tal empreendimento. Artefatos de medição de tempo, tarefas e regras, tudo a inflar de “civilidade” a fantasia que Robinson decalca sobre *Speranza*. Mas, indestrutível, o espaço e o tempo intocável dessa paisagem demonstram a extrema fragilidade de tal “ordem”. Excedentes de produção, inutilidades, contradições das leis da ilha, toda uma inutilidade silenciosa dos esforços do homem frente à ilha, impassível. Robinson derrete, reorganiza, mas a todo tempo se

³⁵ Todo o romance de Tournier, 1985, é baseado em um discurso do narrador e também em passagens completas do diário de Robinson chamado “Log-book”. Discursos que se fundem, se afastam e se misturam, criando diversas linhas de vivência que nos interessam. Em nossos trechos vamos indicar quem está como “autor” do discurso somente para demarcar a composição do romance.

extravasa para essa vivência suspensa, sem tempo ou rotinas, numa radical concretude com a terra.

Esta vigorosa antipatia preparou-me para uma visão de mim que só em Speranza tomou toda a amplidão. Já há algum tempo, efetivamente, que me exercito nesta operação que consiste em arrancar sucessivamente, uns atrás dos outros, todos os meus atributos – digo *todos* – como sucessivas cascas de cebolas. E, ao fazê-lo, constituo longe de mim um indivíduo que tem apelido de Crusoe, nome Robinson, seis pés de altura, etc . (Tournier, 1985, p 77, 78 e 79)

Deleuze (1997b) diz que a imanência é uma vida. O artigo indefinido acessa essa dimensão que dispensa os modos específicos – percíveis – do viver, acessando a imanência como uma vida ampla, em processo e em proliferação. Não como uma dimensão larga e infinita que ficasse apartada do plano real em “flutuação”, e sim como tempo de acontecimento e efetivação de vida em si mesma. Se há algo que persiste em certa transcendência é uma vida imanente, essa é a postulação de Deleuze ao radicalizar uma entrada nos modos de vida na imanência. Há certo despojo das especificidades no que elas contêm de limite e teleologia, tendo como efeito uma potente visualização das singularidades de cada modo. A imanência demonstra que uma vida é entrecruzamento, multiplicidades multifacetadas, não tendo como subproduto um corpo ou sujeito em separado, e sim sendo um processo perene de combinatória. Potência completa, sem se identificar com qualquer menção de sujeito ou de objeto. Pulso em desenrolo.

Vejo-o viver e evoluir na ilha sem me aproveitar de suas venturas. *Eu*, quem? A pergunta está longe de ser ociosa. Nem sequer é insolúvel. *Porque se não é ele, então é Speranza*. Há, portanto, um *eu* volante que vai pousar-se, ora no homem, ora na ilha, e que faz de mim ora um, ora outra. (Tournier, 1985, p 77, 78 e 79)

Tantas ilhas, tantos Robinsons, uma paisagem, uma existência. Robinson segue a secretar outros modos de ser ele mesmo e vai a encontrar diferentes paragens na ilha. O naufrago transmuta-se durante todo o livro, indo da solidão atônita do humano acuado a devires mineral-vegetal que se funde a ilha. Uma porção de terra que de praias, bichos, grutas e folhagens múltiplas se converte em ser de presença, com tantas faces e afetos quanto um cosmos inteiro. A certa altura chega a ilha um homem, dito por ele como “selvagem” araucano³⁶ que sobrevive de uma ritual de execução devida a intervenção de Robinson. Esse homem, nomeado por Robinson como Sexta-feira, fica na ilha e vai a

³⁶ Também nomeados Mapuches na língua local, araucano é o nome de uma etnia indígena habitante da costa pacífica centro-sul do Chile e de outras regiões da Argentina. No romance não há uma menção precisa da etnia ou mesmo da localização da ilha que ajudasse a definir mais características para Sexta-feira, mas Robinson utiliza diversas vezes o nome araucano para definir o companheiro na ilha.

criar outros desafios para a existência do antes náufrago solitário. Um outro modo de ser humano, um homem que se mistura com a natureza em crueza e que se afasta dela também em momentos de completa agressividade com bichos e espaços. Entre o humano e o animal, Sexta-feira incita Robinson mais deslocamentos. Mostra outras *Speranzas*, ignora quase por completo a “humanidade” de Robinson.

Na massa transparente da íris encontra-se imersa numa ínfima corola de plumas de vidro, uma teneu rosácea, infinitamente preciosa e delicada. Robinson está fascinado por este órgão tão sutilmente composto, tão perfeitamente novo e brilhante. Como é que uma tal maravilha pode estar incorporada num ser tão grosseiro, ingrato e vulgar? E se, neste instante preciso, descobre por acaso a beleza anatômica, espantosa, do olho de Sexta-feira, não deverá, honestamente, perguntar-se se o araucano não é todo ele uma adição de coisas igualmente admiráveis que ele ignora só por cegueira?

Robinson debate-se interiormente com esta dúvida. Pela primeira vez, entrevê nitidamente, no mestiço grosseiro e estúpido que o irrita, a possível existência de *um outro Sexta-feira* – tal como outrora pressentira, antes de descobrir a gruta e o combo, *uma outra ilha*, escondida na ilha administrada.

Mas esta visão devia durar apenas um instante fugitivo, e a vida devia tomar ainda o seu curso monótono e laborioso. (Tournier, 1986, p 160 e 161, voz do narrador)

A vida e seus limites ilusórios vão a tecer, então, outras entradas na imanência, outros modos de ativação desse plano estético. Os contatos ativados performatizam o agenciamento sempre em trocas múltiplas, seja a potencializar ou constranger, mas em mutação. Outro autor que se debruça sobre a questão dos espaços e dessa vida que se gesta em coletivo é Lapoujade. Em seu livro, *Deleuze, os movimentos aberrantes* (2015), levanta a questão de como codificamos os espaços em modelos de subjetivação que mais afastam nossa vivência do que seria a *uma vida* que Deleuze persegue em todo seu trabalho filosófico. Tanto nosso processo de subjetivação quanto o espaço concreto são instância plenamente sobrecodificadas, reafirmando relações de poder, identificações endurecidas e axiomas coletivos. E adentrar os territórios, movimentar as terras, Lapoujade nomeia a filosofia de Deleuze como a que persegue os movimentos aberrantes. Movimentos inerentes da terra, movimentos dos nômades, movimento do pensamento. Fugir dessa ontologia esfriada do sujeito capitalista é política de gestão, de relação. Tais movimentos são substratos para a vida, essa vida em imanência que se mostra imbricada com múltiplas linhas de produção – sejam elas linhas tectônicas, capitalistas, morais, etc. Esse contexto que nos emerge também ao entrar na imanência, o entrecruzamento de todo um diagrama político, em suas facetas atualizadas e virtuais, mas nessa busca de ativar a criação movimentos aberrantes e inusitados. Chegar ao

limite da vida para poder daí, de dentro do diagrama, empreender criações, sem uma questão de vida.

Há algo “forte demais” na vida, intenso demais, que só podemos viver no limite de nós mesmo. É como um risco que faz com que já não nos atenhamos mais à **nossa** vida no que ela tem de pessoal, mas ao impessoal que ela permite atingir, ver, criar, sentir através dela. A vida só passa a valer na ponta dela própria. *Quid vitae?* (Lapoujade, 2015, p 23)

Quando os limites se borram não estamos a tratar mais somente de inflexões de pensamento e experimentos abstratos de análises de possibilidades. Pensar um corpo não a partir de prévios códigos de definição, mas sim por seus atributos-afetos-ações e potências que só emergem em processo e em contato, não se faz com a perda de da compreensão a qual estamos acostumados a possuir. Digo compreensão como uma estabilidade fechada onde podemos não esperar mais mudanças, seja em conceito seja em expectativa que fixem externamente nossas vivências. Um corpo se define no que se toca, traça consistências ao se dinamizar, mostra-se em reações e ações quando em interação com tantos outros corpos, mas, acima de tudo, é em conexão que as consistências se adensam. Por tal não devemos ficar a lamentar que não temos mais os limites ao qual nos acostumamos, mas sim perceber como eles o são em movimento e plásticos, como ganhamos dimensões em enxurrada, como estamos a ser não em solidão, mas em abundância pluri-direcional e afetiva.

Existir, o que significa? Significa *estar de fora, sistere ex*. O que está no exterior existe. O que está no interior não existe. As minhas idéias, imagens, sonhos, não existem. Se Speranza não é mais do que uma sensação ou um feixe de sensações, não existe. E eu próprio só existo quando me evado de mim para outrem. (Tournier, 1985, p 114)

Viva, assim é a ilha com Robinson dentro. Cósmico e concreto, assim é Robinson sob o sol que inunda aquele ponto pequeno do pacífico sul. E não se trata de porções que cada um dá para o outro, em somente uma dádiva por terem tido de conviver, não, porque eles estão em multiplicidade, em conexão. Um entorno.

Extensão: ser em horizontes, o panorama-existencial

Há neste estádio ingênuo, primário e como que impulsivo, que é o nosso modo normal de existência, uma feliz solidão do conhecimento, uma virgindade das coisas que, todas elas, possuem em si próprias, como outros tantos atributos da sua última essência – cor, odor, sabor e forma. Então Robinson é Speranza. Só tem consciência de si através das frondes dos mirtos, onde o sol dardeja um punhado de flechas, só se conhece na espuma da onde deslizando sobre a areia dourada. (Tournier, 1985, p 87)

A imanência. Estamos em algum lugar. Se nos alojamos em agenciamento, se estamos a perder as barreiras que nos definem, como acessar esse entorno? O que se passa nesse intervalo?

Se a experiência singular de buscar sensibilizar nossos sentidos para vivenciar essa “deslimitização” e “consistencialização” do próprio corpo já é extremamente dificultosa, imaginemos que conseqüências isso tudo acarreta ao considerarmos os grandes fluxos de produção subjetiva ou mesmo no campo do exercício do pensamento. Essa dificuldade de misturar os limites (ou mesmo afrouxá-los pelo menos) e perceber os processamentos da vida em emanações de diversos pontos da produção subjetiva coletiva desestabiliza o que vivenciamos como individualidade e amedronta. Os discursos sobre o indivíduo, a personalidade e os encaixotamentos em termo de ciência nos sobrecodificam a experiência – seja em nomear/interpretar a experiência antes dela se dar propriamente ou mesmo significações *à posteriori* com diversos interpretacionismos – reafirmando essa individualidade imaculada do sujeito. Ou mesmo a perspectiva oposta que busca uma padronização das influências sociais como principal determinação de cada indivíduo, afirmando em médias o que se faz de um humano em cada etapa histórica e como este deve se movimentar em tais variáveis. Em terrenos das ciências humanas, em especial em Psicologia, é extremamente custoso abandonar os modelos, grades de interpretação e estruturas do ser humano. Por isso acessar essa experiência, tocando essa mistura e vendo seus procedimentos na produção e no processamento da vida humana (que seja de um corpo em especial ou mesmo considerando os limites de nossas conceituações), nos é extremamente caro.

Considerar o acontecimento da vida e do plano da realidade a partir da visão dessa nossa construção é destrutivamente potente. A radical processualidade texturizada proposta pelo filósofo nos torce do avesso. Em nosso contemporâneo, tais postulações como que defloram o padrão de nossa produção subjetiva, evidencia o modelo homem-branco-burguês-racional-heterossexual-etc que se endurece em homogeneizações de linha múltiplas. A imanência radical e os corpos em combinatória chacoalham esse mundo apático e repetitivo em perspectivas de controle global e reprodutibilidade. Esses abstratos homem-e-mundo, colocados em paralisia analisável e categoricamente arrumados em perfeições, desmoronam quando cogitamos o agenciamento. Não somente como uma proposta de analisar com mais atenção o inusitado de um encontro entre corpos definidos e daí afirmar como isso poderia ser uma nova maneira de chegar

aos finos detalhes microscópicos de nossas premissas positivistas, não. Aqui findam os corpos, findam as estabilidades como garantia e todo o atrito do real se intensifica. O agenciamento é o intervalo. É o toque em mistura.

Um humano: sua pele, seus pulmões, seu cérebro, sua fome, seus pés a erguer seu peso, os cabelos que tocam o ar, olhos que piscam úmidos, sua história, sua cidade, está como? Não está, é em conexão. Deveras radical ruir todas essas coordenadas topográfico-subjetivas as quais estamos acostumados a firmar nosso fluxo vital. Porém a inversão espinosista nos põe em relação, não em controle. Um corpo é o que se faz em seus encontros, suas performances e atributos que só surgem em relação. Sem limites pré-estabelecidos, pois o ponto de toque não está interessado em onde estão as fronteiras, mas sim como esse processo está acontecendo, como se desenrola. Um corpo que se define, se é que cabe essa expressão, no que se faz em encontro. Somos infinitos corpos em modulação constante. É-se, vai-se sendo, no que se processa. Sem limites, mas com margens, marcas e tracejados em pseudópodes multifacetados.

Deleuze (2009) e os estóicos colocam ainda mais potencia nessa formação em processo. O tempo dos acontecimentos a tracejar e com-formar corpos, e todo um jogo lingüístico a transpassar as definições fugazes. E aí a pulsação indeterminada de uma vida em complexa criação e mutação a ser transladada. Como ainda ter a experiência da existência nessa radical imanência que transtorna a dimensão do tempo e nossas parcas estabilidades? A adição estóica e deleuziana não nos dá correntes de tempo, e sim acontecimento impessoal conosco. Novamente o entorno, esse que nos bordejia além do corpo orgânico em intrínseca composição.

Mas o que seria esse entorno? A paisagem, o terreno? Esse território que nos encontramos? Como migrar, enfim, de usos do espaço e das relações de maneira estruturada para essa dinâmica conexão com o entorno que buscamos ativar?

Conceitos de geografia, seus conceitos e termos aparecem como recurso de investigação, mas buscamos nesse uso o que pode trazer mais potência e movimento. Ao acessar essa perspectiva topográfica, alguns conceitos precisam ser articulados a essa altura. A noção de território, usualmente tida como fixa em diversas noções como a geografia clássica – como espaço geográfico ligado muitas vezes à suas características específicas de clima e vegetação (geografia física e geomorfologia); ou mesmo referenciada aos espaços ocupados pelos humanos (cartografia e geografia humana) –, é

recorrente utilizada por autores que buscam pensar a vida humana, o processo de subjetivação e outros usos da subjetivação ao se afastar da noção de sujeito.

Deleuze e Guattari trazem a noção de território em diversos pontos de suas obras. Em *Mil Platôs* (já no título uma clara referência ao espaço e à geografia) há várias associações com tal noção, indo da organização do espaço e relações sociais – micropolítica e segmentaridade (2007) – até pontos de associação direta com a arte e pensamento quando nomeiam que “a arte começa talvez com um animal, ao menos com um animal que recorta um território e faz uma casa.” (DELEUZE e GUATTARI, 1992). O território, então, é tomado como processo vivo e transformador num emaranhado de relações ecológicas. Outro ponto crucial em sua perspectiva é o duplo territorialização e desterritorialização, pólos não separáveis de materializar – estratificar, codificar, adensar – e seu avesso de destruir – esfarelar, compor em devires outros, criar – de processos que nos aproximamos, sejam de um fato histórico, um pensamento ou composições corporais. Território este que requisita uma intenção de cartógrafo para sua leitura; cartógrafo como quem vai a entrar em um espaço não para somente delimitar a partir de categorias fechadas de mensuração e topografia, mas em contato com todo um universo que vai a se mostrar a ele que entra em conexão direta.

Na esteira desse desfazer-se das topografias do sujeito em nós acessamos aqui outro conceito potente, o de Território Existencial (GUATTARI, 2012). Félix Guattari traz em toda sua obra uma abertura para pensar o processo de subjetivação, numa invasão do agenciamento e suas relações de criação. Em *Caosmose* (2012), indica o plano estético como proposta de vivência e pensamento do real, propondo quatro planos que co-habitam e engendram o plano real: dos *Phyluns*, dos Fluxos, do Território existencial e dos Universos de referência. Aqui acessamos com mais duração a proposição do Território existencial como um nó de singularização dos outros planos. Guattari resgata toda a potência já presente na noção de território já trabalhado em outras obras dele e em parceria com Deleuze, e adiciona o termo *existencial*, sintetizando assim uma dimensão estética de habitação que se mostra consistente e porosa a substituir as noções de sujeito e seus derivados. Jamais deveríamos pensar que a palavra existencial – utilizada em larga escala na área da Psicologia e de sentido muitas vezes ligada a experiências individuais, com fim em si mesma ou intimista –, como uma dimensão humana central dessa maquinaria, não seria isso de maneira alguma.

Há uma radicalidade nesse conceito, um processo de ampliação da existência, de multidimensionalização da vivência pessoal, que agora ganha em texturas, relevos, climas e tantas outras dobras e estrias que um espaço pode possuir. Não conforma um local fechado, e sim um substrato atualizado que habitamos sem possuímos poder de mando ou posse. Coletivo e existencial, tal Território existencial se faz como uma concretização em processo de constante reinvenção que emerge do emaranhado dos Universos de referência (sejam coordenadas morais, valores ou mesmo universos referenciais que cada singularidade secreta), é poroso aos Fluxos e adensa e quebra os *Phyluns* em constante rearranjo e novo uso. Conexões múltiplas que se atualizam em uma singularização. A audácia desse conceito se aproxima muito da arrojo espinosista ao postular os atributos de um corpo. Guattari dá textura aos atributos, incluindo aí uma maquinaria mais intensa, mas sem se distanciar do postulado de Espinosa. Um corpo se determina por seus atributos, então só em agenciamento e em processo constante de combinatória e mutação, que emergem tais atributos. Um Território existencial mostra-se como tais atributos e radicaliza em termos de conexão com mais dimensões em simultâneos, acessando linhas de história, referenciais coletivos, correntes de desejo e atração, dando densidade aos atributos sem que percam seu movimento de mistura. Estamos aqui a pensar o processo de conexão que se presentifica no processo de subjetivação, mas no sentido de explodir o intimismo ou antropocentrismo de tais análises, colocando o humano como mais uma parte integrante desse plano de criação-mutação-combinação que o plano estético afirma.

O processo de subjetivação vai a ganhar diversas texturas e movimentos, vai a emergir toda uma nova topografia existencial possível. Mas ainda reverbera o entorno, como ativar essa dimensão do entorno em termos de vivência e sensibilização-performance de tal entorno? Propomos uma adição à Guattari, de seu Território existencial fazemos nossa sensibilização pelo *Panorama-Existencial*.

De nada vale falar sempre em voz alta, de nada vale nunca deixar passar uma reflexão, uma idéia, sem imediatamente a transmitir às árvores ou às nuvens: vejo ruir de dia para dia quantidades inteiras da cidadela cerebral onde o nosso pensamento se abriga e se move familiarmente, como a toupeira na sua rede de galerias. Aqueles pontos fixos sobre os quais o pensamento se apóia para progredir – como quando caminhamos sobre as pedras que emergem do leito de uma corrente – desfazem-se, afundam-se. Invadem-me dúvidas quanto ao sentido das palavras que não designam coisas concretas. Só consigo agora falar *à letra*. A metáfora, a litotes, a hipérbole exigem um desmedido esforço de atenção cujo inesperado efeito é o de mostrar o que há de absurdo e de convencional nessas figuras de retórica. Imagino que o processo de que sou teatro seria pão bendito para um gramático ou filólogo

que vivesse em sociedade: para mim é luxo a um tempo inútil e criminoso.
(...) (Tournier, 1985, p. 59, 60 e 61)

Partindo da postulação de Guattari sobre o Território existencial, adicionando o radical *panorama* na busca de trazer ao contato desse conceito todo um entorno que compõe em nosso processo constante de subjetivação. Sem preceder do território, buscamos evitar cristalizações de tal termo, é uma ampliação que buscamos, em diversas direções. Somos em relação, isso envolve linhas de produção macropolíticas, marcas de uma história pessoal e familiar, um corpo concreto, toda a paisagem que nos circunda, o tempo que divide nossa deambulação, nosso alimento, os afetos que nos atravessam, que país habitamos e em que ano, as tensões sociais, as horas de sono, os sons que nos envolvem em um passeio ou dentro de um ônibus lotado, uma doença que nos acomete, os remédios, as rezas, as brigas, os livros que lemos, a água que bebemos e o ilimitado que se desfralda na linha do horizonte. Essa paisagem que é espaço e tempo em simultâneo, que em distância é conectada conosco, a formar mais do que uma fixação circundante, mas uma explosão constante e panorâmica.

Robinson, nosso personagem experimento chega às raias de tal noção. Aporta em um território, vai a descobrir paisagens, mas isso não fecha a experiência vivenciada por ele. A ausência “humana” da ilha mostrou-se um imenso experimento de devir, de sensibilização das conexões, de intensa transmutação do humano Robinson em nova aragem pacífica. A alteridade sem o outro – assim nomeou Deleuze, *Michel Tournier e o Mundo sem Outrem* (Lógica do sentido, lançado em 1969, 2009) ao acessar certo devir-solar do personagem, mas imagino que isso toca só a metade da ruptura presente no romance. O que se passa após essa alteridade sem o outro é a completa mistura entre a ilha e Robson, a partir daquele instante, essa total solidão que o humano Robinson se encontra, sim tudo se torna uma panorama existencial onde *Speranza* torna-se humana e Robson insular. E daí que vamos, à partir de Deleuze que chegou até o tensionamento criado por Robson quando destrói o indivíduo indica alteridade sem o outro como limite de deflagração. Mas vamos além, nessa mistura, nesse nicho onde as coordenadas do indivíduo em agenciamento tornam-se completamente inúteis. O agenciamento é máquina de mistura singularidade, estamos sempre em panoramas multidimensionais.

Onde começa sua vivência, sua existência? Não há esse começo, mas sim um centro de esfera, uma existência que se espraia e que começa aqui, exatamente onde estamos e segue desembestada. Uma sensibilização conceitual que busque ampliar a

transversalização proposta por nossos autores, adentrando o acontecimento da vida evitando que as categorias de análise – tão usuais e estratégicas por vezes em nossas produções de pensamento – se colem a nossa experiência. O plano estético pediu uma dobra diferente, não mais uma categoria ou crescimento de um conceito, mas sim uma outra pose que conecte de outra forma, de uma forma mais sensível, processual, enérgica, uma forma sensível ao acontecimento, a imanência a circundar.

Infinitas camadas, toda essa amplidão, esse encanto que a gente sente dos lugares que habitamos – estamos muito mais neles do que podemos supor. Falar do local, do território concreto, fazendo dele um vivo e fazendo de nós também um processo vívido de conexão. Forçar a entrada de uma geografia, de uma economia (de uma política, de uma história, de uma psicologia, de uma arte, etc) por outro caminho que não seja tão analítico e sim vivencial. Pensamos e vivenciamos a categoria do processo de subjetivação: sem sujeito, em processo de conexão, produtivo-produtor, em vias de ser produzido, com dobras de resistência criativa de linhas de fuga, afirmativo em sua singularização etc... Pensamos e vivenciamos a noção de território: vivo, conexão de relações, interdependências, atributos dos corpos, etc... A ruína de me entender como sujeito em relação foi feita pelos afetos, pela explosão afirmativa do contato.

A palavra panorama é largamente utilizada em contextos de pretensas análises ampliadas, repetidas vezes utilizada junto a perspectivas econômicas, ou mesmo análises mais superficiais e de tendência generalizadora sobre dada situação social ou coletiva. Esse uso pelo mundo corporativo, em significados de “resumo geral” e/ou “média das variáveis” é deixado de lado por nós. Escolhemos mesmo essa inorganicidade desse termo para nos imputar a amplidão, a diluição e a mistura que buscamos quando acessamos as existências e seus diversos modos. O entorno: difícil de ser agarrado por soerguer numa contemplação distante do horizonte em sua imposição estática e fatídica de estarmos em um determinado ponto do globo, ou parece ir se travestindo em outras relações quando vamos a ver mais de perto o que “alcançamos com as mãos”, seja a casa onde moramos, a marca do refrigerante que tomamos ou a cor da estrada que pisamos. Ativar esse entorno em existência, mas que seja panorâmica. Panorama como a visão ampla de um mirante. Panorama como todas as direções cardiais que nos circundam e demonstram a especificidade de nossa localização. Panorama como a busca de horizontes, dos ínfimos que não nos atentamos até os supostos infinitos cósmicos em co-relação. Panorama, à vista de nossa existência.

Isso busca avivar, movimentar a noção de Guattari de Território Existencial (2012). Tal conceito já é fortemente movente e acessa a multiplicidade em atualizações mais adensadas em existências. Território como um habitat, uma terra múltipla que se firma mesmo dinâmica e nos dá à vida em movimento. Sem perder a terra e todos os seus grãos em abundância, visamos ativar aqui o espaço geográfico que nos circunda, as diversas profundidades que não se baseiam somente na perspectiva ocular e sim nas densidades-velocidades-gradientes-sínteses-sinestesias-mutações as quais estamos imersos. Esses horizontes extremamente concretos, mas vivos como nós.

(...) Um mecanismo semelhante, que range quando o meu pensamento pretende agora utilizá-lo, valoriza a interioridade à custa da exterioridade. Os seres seriam tesouros encerrados numa casca sem valor, e quanto mais se penetrasse neles, maiores seriam as riquezas a que se chegaria. E se não houvesse tesouros? E se a estátua estivesse *cheia* com um recheio monótono, homogêneo, como o de uma boneca de farelo? Bem sei que eu, eu a quem ninguém empresta agora um rosto e quaisquer segredos, não sou mais do que um buraco escuro a meio de *Speranza*, um ponto de vista sobre *Speranza*, um ponto, isto é: nada. Creio que a alma só começa a ter um conteúdo assinalável para além da cortina da pele que separa o interior do exterior, e que ela se enriquece infinitamente à medida que se anexa aos círculos mais amplos em torno do ponto-eu. Robinson só é infinitamente rico no momento em que coincide com *Speranza*, toda ela. (Tournier, 1985, p. 59, 60 e 61)

Uma pedra me ensinou isso. A paisagem não vai a lugar nenhum, os panoramas estão sempre aí, mas sempre em movimento. É questão de sensibilização, de abertura, ativação, diluição e pulso. Vivenciar a panorama existencial nos amplia como Território existencial. Da ao horizonte a noção sentidos vivos e percepções de gradação infinitas de movimento. Não somente estamos no entorno, mas o somos em processos de conexão panorâmica.

A imanência, olhe em volta. O entorno.

Gira da Terra

N.S. – Que foi que fizeram pra você padecer tanta tristeza ansim Maria?
M – Ara, dá-se o caso que quando eu vejo as água do ribeirão, ansim andando, me garra uma maniconía...
N.S. – E por que rezão fia?
M – Um tanto de tristeza, tanto mal há de sôdade...
(...)
N.S. – Sua mãe lhe vê, lá donde ta. No lugar donde toda vida brota. Num lugar sem fim, que nem as água do mar.
M – E porque bondade ansim que nem a da mãe tem de morrer?
N.S. – Porque, daz vez, bondade tem de ser fortaleza, tem de ter gana de lutá pra não fenecê. Arreda tristeza Maria, o que há de ser tem muita força, arreda tristeza que o seu dia há de chegá!
M – O que eu queria mais do que tudo nessa minha vida era ir lá pras terra da beirada do mar. Queria tanto, tanto ser essa água...
N.S. – Então põe atenção nelas. Escuta! Não é deitando pranto que elas vão pro mar, escuta bem! Elas vão cantando!
(Hoje é dia de Maria, temporada 1, 2005, *sic*, episódio 1)³⁷

Cada vez mais as andanças se mostram veios nutritivos para forjar entradas em movimento. Caminhar, sendo por estradas concretas, vielas da cidade, campos abertos ou dentro do alquímico pensamento expansivo.

Um imperativo sem sujeito ou sujeição, caminhar, esse ato tão cheio de modos diferentes e que resgatamos aqui pelos passos de Frédéric Gros (2010) que encontra nesse deslocamento corpóreo a potência de mutação da vida, um pensamento em corpo, em ato. Este livro, uma longínqua órbita que nos espreitava, talvez se fazia em gatilho já e à espera do corpo erguido que as jornadas requerem. Tão longínqua quanto a viagem que desemboca essas palavras, a ida ao interior de Minas Gerais e seus cidades de pedra, mas com um presença repetida, uma ligação perene entre este mesmo corpo que se ergue e os modos de se desdobrar um caminho. Ligeira volta ancestral, deambulações que retornam, como a série *Hoje é dia de Maria* (2005) e Sebastião Salgado com seu trabalho refeito no filme *O sal da Terra* (2015). Revoluções em afeto e em mistério, desses que não nos atentamos por serem vida em desenrolo, presentes em vagareza e ternura densa. Os caminhos co-mover a vida, porque um acontecimento não se antecipa, ele precipita e segue.

Acho que uma prévia localização se faz necessária. A vida pediu passagem, mesmo que durante esses últimos anos tenha ficado sem compreender muito o tortuoso desses

³⁷ Na citação: M. – Maria (personagem principal da série); N.S. (Nossa Senhora do Catolicismo que aparece para Maria). O diálogo foi mantido da forma como as personagens falam, com sotaques e maneiras “regionais” de linguagem.

caminhos. Mas meu tempo de vida singular foi levado a esta aprendizagem: a vida é movimento. Estranho movimento, enérgico e destrutivo, a vida me ergueu certa plasticidade para que dessa proximidade o real se desnudasse das supostas fixações ou do tédio. Moro em uma cidade, estudo noutra, trabalho em mais outra, tenho família em outra ainda, além dos amigos espalhados pelo país – uma condição de andarilho se adensou que não se mostra como escolha sabática, e sim constituição perene de passagem e busca de florescimentos difíceis. O deslocamento se fez inerente à minha rotina e, sendo em rotina ou descanso, percebi que as viagens se mostraram mais do que alternâncias entre lugares, mas fortemente uma potência de marcar o movimento de maneira mais sensível. A inteligência que habita os acontecimentos se faz presente mesmo sem darmos atenção ou deliberadamente ignorando, pois o movimento se empreende – talvez não onde esperássemos ou deixássemos –, e nos talha e cinde. E dessa fenda de muita lembrança e cansaço, também brota beleza imensa e amor. Permaneço em deslocamento, habito simultaneamente diversos locais, numa suspensão entre o estar e um perambular concomitantes. Olhar a vida se desfazendo em estabilidades nos aparta certas vezes, mas enche o peito de energia. Vendo, não com a visão viciada dos olhos, que a realidade é plástica e maleável afaga pelo menos um pouco os que têm por sina alguma interferência nessa matéria vital afetiva. Expande, mas mesmo assim a gente fraqueja, sente os venenos dos maus encontros a acidar o estômago, o cansaço a permanecer nos músculos e uma desatenção alerta nas diversas rotinas. Sinto isso a me acompanhar, e percebi não ser vivência particular, muitos de meus companheiros relatam semelhanças, estamos muitos sempre em deslocamentos. Vai-se fechando a pele em si mesmo enquanto os agenciamentos outros pulsam, e uma desorientação dispersiva insiste em nos invadir.

Como se fazem os passos consistentes que nos erguem sobre a terra? O descanso e a distração têm efeitos curtos, não resguardam da dispersão. Tempos intolerantes, nada surpreendente sendo que cada período tem seus afrouxos e coerções, mas em nosso contemporâneo os enfrentamentos têm se mostrado com uma dureza desolada, dispersivo ao desapego e de grande violência. Ser pessoa em nosso tempo tem pedido energia extra e nós, fatigados e iludidos pela vida de prazer rápido e individual, nos afastamos, acuamos, evitamos a dor da vida abafando-a, à apneia – desmaio. Riscamos circuitos curtos, itinerários repetitivos o bastante que nos protejam, e ao mesmo tempo suspiramos em inconsistência, na busca de liberações estrangeiras do roteiro medíocre.

Rompidos e girar em nós mesmo, buscando contatos irreais e evitando os esbarrões da rotina. Fraquejar os passos de amar-falar-abraçar-gracejar, sentir a solidão desoladora da falta de contato que tanto nos tem colado os dedos e secado nossas bocas. Minha estratégia é sempre mais velocidade, sangue quente e palpitação para combater essa paralisia, essa minha postura inicial. Mas esgota, queima, periga consumir certo rompimento ou implodir... andava assim, queimando mais e mais a pele.

Como se faz um caminho? O que desse ambiente que nos circunda é ainda caminho em meio aos itinerários e como, então, reabrir os movimentos?

Tenho uma amiga-irmã que fez a proposta: viajar. Pegar o carro de Vitória-ES à Sabará-MG, para visitar um outro amigo-irmão que mora em Ouro Preto. Viagem combinada sem combinação. Necessária, se fez com tranquilidade. Conheço os dois há décadas, cada um com seu caminho em meus dias, e devia a Minas Gerais e a Daniel uma visita sempre adiada pelos compromissos ou pelo cansaço. Fernanda, a companheira fraterna, também mineira vinha a recolocar a questão de quando, enfim, teríamos o ímpeto de ir na jornada. Aconteceu, feriado prolongado e uma nova odisséia se fez sem alarde. Sentíamos que precisávamos ir, nos deslocar, viajar novamente, mas com outra postura pra além de uma visita. Queríamos o deslocamento que nos mudasse a sintonia da percepção, que nos transportasse para outras paisagens, para que a pele arisca se refizesse. Aquela viagem se mostrava como uma fuga do aqui que Gros (2010) acessa ao falar sobre Rimbaud e suas partidas:

Aqui, é impossível. Impossível aqui um dia a mais. Aqui, é “atroz”.

É preciso partir. “Avante para a estrada!” Qualquer estrada que se possa tomar, qualquer caminho rumo ao sol, rumo a mais luz, mais ofuscamento apagado. Certamente não é melhor que em outro lugar, mas pelo menos fica longe daqui. Tem-se de pegar a estrada para ir até lá. “Os punhos nos bolsos furados.” Só mesmo a caminho, nas trilhas, nas estradas, é que não é *aqui*. (Gros, 2010, p. 54)

Outra viagem me rescalda o corpo, principalmente o coração. A terra, o úmido da mata, pedras firmes e rebuscadas, os *Gerais*, de onde certa constância parecia erguer sustentação. Caminho e singeleza nascem nessas aragens mais altas. A estrada sinuosa ia mostrando em altura que a terra é sim bem grande, vasta em suas veredas, pontões, verde escura em mistério. Soltos no ar, os navegantes davam as mãos com tranquilidade para vagar tantos anos em minutos. É simples o encontro, e ele existe.

Cânions, a capital, ladeiras e lonjuras, as diferentes alturas com um frio profundo do mês de junho, esse mesmo que nos dava contorno ao mesmo tempo que nos renunciava o sem fim do espaço nos toca a todo instante. Íamos, eu e Fernanda, juntos com Daniel pelas ruas das cidades – Sabará, Belo Horizonte, Ouro Preto e Mariana –, descobrindo que não percorríamos mais só um horizonte, e que havia sempre um mais a cima e um mais abaixo em nosso caminho. Não em importância, mas em substratos. Degraus, alturas e profundezas que para os da região não surtiam susto, mas que nos ia a abrir outras poses em nossos corpos, outras fendas e dobraduras em nosso afeto. Experienciar uma nova composição que acessa por pontos cardeais inusuais a mim, habitante do litoral, se fez como abraço, pois não havia beira de mar que nos orientasse o crescimento da cidade colonial. Essa colônia aqui se fez espalhada, empilhada, cavoucada, longínqua e de traçado rente em hierarquias. Há linhas idênticas: as casas de eira e beira dos ricos, as ruas principais de igrejas e casas de moeda, as periferias e se embolarem mais longínquas, os heróis estáticos em militares postos ou pelo menos em “europeizadas” formas nas pedras, isso se conserva no território Brasil como lastro inicial de como se habitar esse espaço latino americano há pelo menos 500 anos. Mas essas mesmas linhas se acomodam tanto na visão que parece que somente as percebemos quando estamos em espaços outros. O ouro barroco das igrejas é o mesmo, a exploração é gêmea em toda a *terra brasilis*. Mas é o deslocamento, essa mudança de horizonte, que muitas vezes se faz espelho paradoxal onde estranhemos nosso corpo ao avesso, trocando direita por esquerda, e, ao mesmo tempo que nos fascina, nos embrulha em não conseguir des-ver e reparar o que nos constitui. Um abraço, um espanto. Brasileiro, essa pele marcada de acontecimentos que teimamos em não perceber, do chicote à maquiagem, deixando apagar a tatuagem indígena. Estratos, histórias, fábulas, apagamentos, camadas e mais camadas de uma terra encharcada, a mão do homem a buscar domar essas pedras, os discursos a se fazer em floreios de uma porta ou no pelourinho, e ainda aí, os furos e veios que a terra ainda inventa para escapar.

Os estratos eram capturas; eram como “buracos negros” ou oclusões que se esforçam para reter tudo o que passasse ao seu alcance. Operavam por codificação e territorialização na terra, procediam simultaneamente por código e territorialidade. Os estratos eram juízos de Deus, a estratificação geral era todo o sistema do juízo de Deus (*mas a terra, ou o corpo sem órgãos, não parava de se esquivar ao juízo, de fugir e se desestratificar, se decodificar, se desterritorializar*). (Deleuze e Guattari, 1995, grifo nosso)

A terra não é dócil, mas caótica quando sensibilizamos sua heterogeneidade, sua costura retalhada. A terra não é estática, move-se em tantos ritmos inusitados que temos dificuldade de acompanhar. A terra não é inanimada, adensa multi-tempos, multi-dimensões, estando a nos envolver com infinitos platôs de entrada. A terra é nós em conexão, indo de Xica da Silva à nossas mães, dos capitães do mato a nossos próprios pés. A terra é tenra, presente, sedimentar, mas antes de tudo, viva.

A viagem refaz recordações, as colocando em outro prumo inusitado, onde não ficamos ancorados em memórias, mas feitos como pontos de celebração, fazendo da existência não uma garantia biológico-química cerebral ou retrato com inscrições, e sim um aterramento no presente, dando um despertar dos acontecimentos pelo corpo do outro, pelo sorriso, pelo por do sol, pelos caminhos, “porque o caminhar nos posiciona na vertical do eixo da vida: arrastados pela torrente que jorra logo abaixo de nós.” (GROS, 2010, p 14).

O plural da vida, seus embates e perecimentos. O filme *O sal da Terra* (2015), de Win Wenders e Juliano Salgado, estava presente nessa jornada. Sem nenhuma referência às imagens do filme ou mesmo a paisagens fotografadas pelo artista, foi o contato com o filme que se pareceu com o contato com a terra em sua radicalidade. No documentário há uma retomada do percurso de Sebastião realizada pelo próprio artista, com pinceladas de biografia, projetos e cronologias. Suas imagens, viagens e livros são visitados seja pelas fotografias em si, sejam em campo com o próprio artista. E dali se depura uma linha semelhante à que me acessou a jornada dos Gerias – a calma e o solavanco da vida em explosão. Uma ferida cálida, indelével, luxo em talhos e brotamentos. A textura irreal do couro, plumas e jorros impensáveis, folhagens de humanos e pedras, marchas sem fim, vida e morte em proximidades assombrosas, o planeta aberto pelo ventre. “Cada pessoa que morre é um pedaço do mundo que morre” (Fala de Sebastião Salgado, *O sal da Terra*, 2015, 51’10”) Sangue a correr, horizontes abertos, rostos fechados, líquidos correndo em veios sejam translúcido igarapés ou turvações de lama e fogo. Um ciclo, como o fotógrafo mesmo diz, a celebração duma tragédia incansável e interminável a perecer e refazer-se bizarra e esplêndida. “Somos um animal muito feroz. Nós humanos, somos um animal terrível. Seja na Europa, seja na África, na América Latina, em toda parte. Somos de uma violência extrema de verdade.” (Fala de Sebastião Salgado, *O sal da Terra*, 2015, 1h11’11”) Olhar isso é render algo, mas render o que? Toda essa escavação e sobrevôo pelos platôs do mundo, todos esses caminhos

singulares e plenos de violência e doçura, que efeito tem em nós? Sebastião caminhou bastante, e muitas vezes se aproximou daqueles que se exilaram, que foram expulsos de alguma maneira. Pensando com Gros, há no caminho do fotógrafo também essa aproximação da experiência do real que todo caminhante entra. O filósofo diz de uma realidade, mas

Não da realidade enquanto pura exterioridade física nem como aquilo que conta para um sujeito, mas a realidade como o que agüenta firme: princípio de solidez, de resistência. Caminhar é, a cada passo, colocá-la à prova: *a terra agüenta firme*. A cada passo, é o peso de meu corpo que se apóia e salta para a frente, toma novo impulso. (GROS, grifo nosso, 2010, p 98)

Os brilhos de tudo a enegrecer nossos bobos olhares acomodados. Somos pó, mas sem mística alguma, só uma ponta de dor e de sorriso que dobra essa terra com tanta vastidão que infinita a vida. Esta não pede permissão, flui tão somente. E labor nosso é olhar e liberar onde ela engasta e magoa, lá onde ela se acossa e, perceba, é sobre os próprios pés que se começa qualquer movimento de liberdade. Os acontecimentos pulsam em seu corpo-chão e deves seguir a ver e tocar esse mundo. Da mesma maneira como Sebastião evoca o olhar de cada fotógrafo como algo singular e coalhado da história de cada um, vamos riscando a terra com nossa singularidade e a ver tantas marcas e reentrâncias. A terra, que nas palavras do diretor Win Wenders foi o que curou a alma de Salgado e suas andanças por entre os genocídios e história de violência da humanidade (*O sal da Terra*, 2015), é nossa conexão, é aí onde estamos a cultivar que encontros nos adensam, que caminhos ainda estão a se traçar. Onde inventar o novo? Em sedimentação, na experiência real de um caminho infinitamente marcado e cambiante.

De um certo chão brota firme o apego, de tantas formas que desacostumamos de percebemos brotar. Os olhos dos cachorros e nos fitar laterais quando nos acompanham na rua, as décadas de intimidade que são simples e sinceras, o inusitado feliz e frutífero dos nossos companheiros moços, a dissolvência do tempo em nossas carcaças velhas e novas, a revolução alegre que ainda é tocar violão a madrugada inteira a atrair comparsas de todos os lados, os amplos horizontes, o cuidado em um chá com canela, a rocha dura que vem brilhar em nossas mãos, o caminho compartilhado, os solos habitáveis, conversas sem palavras, músicas antigas ainda a nos encher; dias que nos colorem do mundo – onde a morte é recomeço alto e sonoro quando estamos tranquilamente juntos. O perecimento está sempre na estrada. Deslocar é ativar o pulso

da vida e da morte, remarcando nossos passos com a vivacidade de insistir em ser vivente. Terra lembra morte, cheia de refazendas onde o perecimento é adubo e o broto transformação larga. Essa terra, essas matas, essas pedras imemoriais despiram nossos dias dos caminhos repisados para poder ter a pele vibrando no único instante que vivemos pelo menos um pouco.

O elementar revela-se plenitude da presença. (...) O elementar já não se opõe: ele é tudo para aquele que não tem nada. O elementar é a camada primeira, arcaica, cuja consistência pode-se sentir só minimamente, pois ela se dá em sua pureza apenas àquele que em algum momento despojou-se do necessário. A caminhada, às vezes, por alguns instantes, faz sentir isso. Senão, para alcançá-lo, é preciso uma conversão brutal, perigosa, extrema. (...) Caminhar sem ter sequer o necessário é *abandonar-se* aos elementos. Dali em diante nada mais conta, nada mais de cálculos, nada de estar seguro de si. Mas uma confiança plena, total na generosidade do mundo. As pedras, o céu, as árvores: tudo se torna para nós auxílio, dádiva, socorro inesgotável. Abandonando-se a isso, adquire-se uma confiança desconhecida que preenche o coração porque faz depender absolutamente de um Outro e nos descarrega até da preocupação com nossa preservação. O elementar é aquilo a que nos entregamos e que nos é entregue de modo absoluto. Mas para sentir sua consistência, é preciso arcar com o risco, o risco de transcender o necessário. (GROS, 2010, p 191)

Normalmente se começa pelo amor, agora quero começar pela força. Em Ouro Preto há um campo secular onde se localizava a famigerada força, local de execução e suplício dos condenados da cidade colonial. Resolvemos visitar tal local numa das noites da viagem. Houve ali um encontro nodal para mim. Vê-se toda a cidade, todas as suas alturas e profundezas, e se é visto por toda a cidade, num elevado mediano de onde qualquer cidadão teria acesso à mórbida presença da lei. Degradante local, macabro em seu significado, mas que abriu a cidade em presépio sob nossos olhares. Uma cidade erguida por sobre cadáveres, a escravidão a exalar de todos os cantos, porões-senzalas inteiros agora aplacados emanando um desalento imemorial, pedras imensas que suam sangue negro ainda... e ela ali inteira, feita branca, pouquíssima menção dessa marca de grilhões em sua formação tropical extrativista. Suspensa, Ouro Preto é o Brasil inteiro: mata, pedra, passeio público, escravidão, luxo caipira, um império retrógrado em pose, e, como uma voz constante em meio ao silêncio, uma vida que explode por entre os paralelepípedos, uma resistência sertaneja e se reinventar por sobre a hipocrisia... Começa-se pela vida, pelo cuidado, mas a partir daquele encontro resolvi começar pela força esse encontro com a terra. Há certa violência na vida que precisamos acolher – essa do perecimento e da transmutação – para conseguir combater a maior violência do homem: a intolerância e as dominações. E se a todo instante os micro-facismos nos infestam ou os atos de ódio macro-sociais nos endurecem e azedam, é lembrando-nos do

movimento da vida que buscamos uma re-conexão que alimenta. A força que mata os homens em humanidade ferrenha abriu o ventre da terra pululante de nutrição, sedimento e mistério – combinação mineral que nos desfaz e constitui. Um debruçar sobre a terra, a ver nosso caminho tortuoso até aqui, é alteridade múltipla. A terra é fofa, move-se, implacável em sua gestação longa, ela que nos esgarça em presença ampla. A diluição de nosso sujeito tem de ser ferruginosa, folhada, mineral e aérea, em pele e neblina, com os olhos de outrem e o cheiro bom de abraço. Essa medida nos devolve ao presente, a certa atenção mais liberta onde a ação e o entendimento podem enfim perder autoria e virar algo de fluxo intensivo.

Maria. A menina caminha. Não como eu a quem os passos parecem ter entrado na vida de maneira fácil. Fácil até me debruçar por sobre as vidas que se partem. Partem pelo entorno que os expulsa, partem pra sobreviver, partem ao se racharem em mil pedaços pequenos e espalhados, partem evadidos da destruição, partem transformando saudade em carne e casco duro sob os pés, partem sem chorar porque a fadiga não dá trégua, partem em caminhos velhos, mas que partem cingindo a terra vez mais. “O sertão cobra um preço pra quem nele entre e peregrina.” (Fala do cangaceiro 1, *Hoje é dia de Maria*, temporada 1, 2006)³⁸ A minissérie *Hoje é dia de Maria*, do diretor Luis Fernando Carvalho, em suas duas temporadas traz a personagem Maria em duas caminhadas. A criança está sempre a andar, costurando a todos o tempo figuras do imaginário brasileiro, referências de diversas obras de arte e uma narrativa do fantástico, mas o crucial é o caminho. Encarna os retirantes do sertão que vão em busca da promissora vida “nas franjas do mar”, vai a entrar em tentações e desvios encarnados pelo “diabo” e suas facetas, desvia diversas vezes ao encontrar inusitadas personagens pela jornada, indo numa narrativa bem próximo do tradicional cordel brasileiro, mesclando a pureza de uma criança frente aos desafios e percalços do mundo, “Se ocê não fizé reparo em nossa pobreza, a gente reparte com ocê nossas outras riquezas: todas as estrelas o céu, todas as estradas mundo afora, toda a liberdade de andar ao léu...” (Fala da personagem Rosa uma artista mambembe, *Hoje é dia de Maria*, *sic*, temporada 1, 2006) É um universo inteiro o que ronda a minissérie, desde poesias e enredos pungentes, até toda a ousada cenografia e artefatos visuais que a compõem. Mas é a caminhada, a jornada da menina que nos salta. Como ela atravessa as aragens, os relevos diferentes, os climas e suas peculiaridades é o que demonstra a composição de um deslocamento. “É pelos

³⁸ Falas retiradas do livro de fotos coletânea e trechos do roteiro sobre a série *Hoje é dia de Maria*, 2006.

sonhos que vamos. (...) Chegando ou não chegando. Haja ou não haja frutos... É pelos sonhos que vamos.” (Fala de Dom Chico Chicote, Hoje é dia Maria, temporada 2, 2006) Maria é criança, daí a pensar certa inocência dela ao se misturar com o caminho – talvez até pensar que é necessária uma moral constante que nos salve do entorno “selva” que é o mundo real – é um erro. Seus descaminhos e inocências podem apresentar perigo, mas também são a forma como ela abre o mundo com muito mais potência. “Num há nada que apresse nem há força que enfraquece o jorro das coisas que vêm!” (Fala da lavadeira. Hoje é dia de Maria, temporada 2, 2006) A personagem mesma canta para si várias vezes “constante sempre serei”, mas aqui se trata de outra matiz de constância. A constância é o movimento, é a terra ser labirinto, é a gente ser quando caminha, é o perecimento das coisas e aí dentro a floração de tudo também. Maria busca o mar, sua imensidão para fugir da aridez de seu sertão afetivo e concreto, mas não é a chegada que rescalda tudo isso. É caminhando, sondando, respirando e tocando cada passo de sua travessia que faz com que o caminho se mostre a ela. Não saber o caminho correto é a premissa de sua deambulação, por que nunca se tratou de ir ao ponto final, mas de compor o caminho. “O que voa não são as asas, Dom Chicote. (...) É o coração, a vontade, o desejo!” (Memória de Dom Chico Chicote, Hoje é dia de Maria, temporada 2, 2006) A dureza se derrete com constância, como o vento que rói a pedra, como o mar que mastiga areia, como um coração que ama em encantamento, constantemente caminhando.

O vento e o torrão, a nutrição, o exílio e o aconchego de ser gente-mundo-natureza-movimento. Devemos escolher as batalhas pelo apego, pela energia, pela vida. Meu curto deslocamento foi um reencontro com essa terra, com a mistura dos encontros. Daí não se sai mais forte ou recarregado, e sim espalhado pelo chão, em agenciamentos múltiplos. Andar é sempre um novo caminho, qualquer que seja, é uma questão de estar sensível, de suspeitar do finalizado, de tocar esse pulso do chão. Ritmo e prática coletiva de apego, isso já ajuda bastante para matizar pouco mais o dia e cuidar de todos. Nessa sutileza de sermos terra e movimento mutante, conseguimos atingir alguma centelha vital. Gira, todo o tempo. Num apagamento curto de passado e futuro aprisionados, há um salto onde a ação e conexão-fluxo onde, como nos sinaliza cordel, podemos ser violentos, vaidosos e avoadores³⁹.

³⁹ Outra órbita que se apresentou, ouvimos Cordel do Fogo Encantado, há tempos sem ouvir, e esse trecho se gravou novamente em nós. Música “Boi Luzeiro (ou A Pega de Violento, Vaidoso e Avoador)”, 2001.

Como sabotar as distâncias?

Passagens diversas, triangulações que não se apegam a pontos fixos. Deslocamento, apego, víveres.

Um percurso, tantos trechos.

Nós em passagem.

Carregar a casa é muito pesado, alguém sabe onde ela fica? Movimentos, sobrevivência e todos os passos. Onde ela fixa? Fazer a mala, piscadelas e seguir trançando os intervalos. Somos algo que se desloca ou o próprio deslocamento? Como se vivencia o caminho?

Estar em dinamismo faz com que a fugacidade das coisas ganhe drama. As deambulações se constituem em quilômetros de asfalto ou nesse salto constante dentro do peito – sempre certa turbulência, certa trajetória. Fixar pontos, medir a terra em contenções métricas, demarcar imaginárias retas, planos que buscam assentar de algum modo os deslocamentos, mas que não salvaguardam o que constitui esse caminhar. É questão de como entrar nos movimentos, de sentir que efeitos a debandada dispara nesses encontros, questão de como, enfim, trafegar. Deixam-nos a flutuar nos contatos, essas passagens – estamos perpetuamente nos desgarrando e ao mesmo tempo em abertura sensível, nesse cabal estar com os lugares. Mais uma paradoxal postura, pois nesse deslizar conseguimos estranhar o entorno, entornando todas as texturas que os olhos dos “de casa” já não enxergam mais, acessando-o radicalmente no instante da despedida – fugindo e encarnando simultaneamente. Estrangeiro afeto, desses que deflagramos ao partir, mas de potente cultivo a qualquer altura da estadia. Estranhar é ver o movimento mesmo em parada: o tempo que passa com cronologia mais lerda, enchido de muitos anos e fugacidades, e o espaço que se conjura com detalhes e presenças impensadas. Cada encontro mostra-se mais diverso e a miscelânea nos impregna de mais vida, enquanto nos esvai em desconcertos e rupturas. Tudo parece medir-se pela transposição. O tempo, que agora quebrado, está nos espaços. Também o espaço se fende e não se desenrola estático mais, temporalizado em decorrências em avanço. Múltiplos e misturados, tempo e espaço numa comunhão única que nós artificialmente recortamos em relógios e tarefas.

Cada momento que experienciamos possui um pedaço de movimento, até as pedras pulsam a seu tempo, nossas recordações são frames de cinema – densas e voláteis. Afável concomitância, essa de sermos em deslocamento, essa sanha da unidade mínima ser sempre a mutação pulsátil. A vizinhança renovada e matizada de memórias, os novos lugares a nos recombinar insuspeitadamente nos desabitando de nós mesmos. É por estar chegando que essas primeiras novidades se mostram tão heterogêneas e de encaixes inusitados. É por estar partindo que desabitamos as vivências e destapamos o movimento. Não há tempo de maturação ou apego firme dos territórios, não há cultivo que cerceie a debandada. Esse pulso perene transforma esse chão que nos sustenta em algo um pouco fluido, mesmo que estejamos pisando com a maior consistência que jamais acessamos. Quem planta ventos colhe tempestades, mas também acaba por criar a ânsia de seguir e tocar terras novas. Não se cria nada em completo movimento de expansão, mas muito menos se dobra outras potências firmando pilares inertes. São necessárias raízes aéreas, pés firmes e nus, para que não se fixe por completo ou se deslize tão somente. Então, é o espaço que transmuta ou o tempo que se desdobra? Tempo e espaço tornam-se experimentação simultânea que a mim se depuram em uma só palavra: distância. Por fim, como estar em meio a tantas distâncias?

Paisagens, rostos e toda uma transitoriedade de territórios, como diriam Deleuze e Guattari (2007). Somos um rosto, nossa subjetivação vai a apresentar certa feição no contato com o mundo, um rosto que, para nossos autores, não se identifica a um sujeito ou mesmo o define, mas que se dá por coordenadas e procedimentos territoriais. A fabricação de um rosto é um procedimento de desterritorialização de nosso organismo humanóide e uma sobrecodificação em marcas e redundâncias. Por sobre o substrato de um corpo se cria um intervalo que opera, à distância, uma estruturação que se quer fixa. Um rosto, em si, é uma distância, uma fixação que sobrevoa em separado e que nos organiza em repetições. Já partindo da idéia do processo de subjetivação que abole a noção de sujeito, o rosto ganha funcionamentos de produção coletiva e atualizações pontuais. Nossa subjetivação se inicia pelos olhos, buracos-negros iniciais que traçam as outras marcas. Não mais meus olhos carbônicos, mas atratores forjados, centros de demarcação de subjetivação por sobre o muro-branco dos discursos e cadeias de signos (DELEUZE e GUATTARI, 2007). Nossos autores não buscam desvendar um real rosto sob a sobrecodificação, ou mesmo destruir por completo as sintetizações de um rosto consistente e sim destrinchar o constante processo de produção que habitamos, pois “o

rosto é uma superfície: traços, linhas, rugas do rosto, rosto comprido, quadrado, triangular; o rosto é um mapa” (DELEUZE e GUATTARI, 2007, p 35). Mas aqui nos vibra essa distância, essa trajetória de desterritorialização, essa reterritorialização e as tantas fugas que envolvem o processo de subjetivação. Uma distância, diferenciações, múltiplos distanciamentos. E ainda há com eles uma outra ligação forte com nossa questão-vivência: o rosto é correlato à paisagem, esta entendida como o espaço também em estado de desterritorialização e sobrecodificação em acoplamento com o rosto. Esta máquina abstrata de rostificação (DELEUZE e GUATTARI, 2007) vai a funcionar nas conexões, por entre os encontros, e nos dá estratos capturados e etiquetados que se estendem de nós aos espaços, uma certa fixação da desterritorialização absoluta dessa distância (DELEUZE e GUATTARI, 2007, p 35). Fixação por sobre descolamento, evocações repetitivas e costurada de signos, envolvendo rosto-paisagem a evitar movimentos bruscos demais. Uma busca de não vivenciar a distância, de não tocar esse intervalo não capturado em signos usuais? Nosso rosto, a paisagem que habitamos, o que se passa, ou ainda, como vibram estas distâncias? Há a distância, mas como temos habitado esse hiato?

Em nossas vivências contemporâneas de diluições ilusórias das fronteiras e de instantaneidade comunicacional, o que, enfim, significa distância? A lonjura, anteriormente cruel e decisiva, vem ganhando cada vez mais experiência de algo manejável, quase inexistente, superável ao ponto de perder importância. O distante pode ser visualizado, convivido em fusos simultâneos e extremos, plataformas de contato virtual, um infinito espaço negro adentrado por nossas sondas. O peso some, o contato possível e praticamente instantâneo nos expõe da distância antiga, nos dando outras. Cartas caem no desuso pelo clique eletrônico e estamos na companhia constante de ausentes. Trajetos se evolvem a pontos em mapas eletrônicos e corridas mais eficazes de traslado. Distar ganha outras vivências, sem nostalgia de tempos de descobrimento por serem fantasias arrogantes ou mesmo espírito acuado. A distância é abolida de certa forma, preenchida agora com diversos procedimentos coletivos e circunscritos. Mesmo assim há o intervalo. Distamos outros, mas como se procede?

Tenho por sina nos últimos anos algo de andarilho. Não tanto desgarrado como poderíamos supor numa imagem romantizada do nômade. Algo mais próximo de sustentar uma vida rotineira até, mas que se aloca em locais distantes no globo entre si em simultâneo. Figura próxima das “vidas” e perfis virtuais nos quais temos estado

imersos em nossos tempos, mas acesso aqui minha imersão como laboratório dos efeitos distantes e distais dessas concretudes. Viver em quatro cidades pelo menos – a ver: Rio de Janeiro–RJ, Niterói–RJ, Cachoeiro de Itapemirim–ES e Vitória–ES – é o que tenho percorrido nos últimos tempos. Anedota do contemporâneo, pois não fujo em nada da corrente de deslocamento e efemeridade das vivências subjetivas atuais, mas busco fazer desse deslocamento repetido uma dobra em meio a essa cooptação. A paradoxal distância se apresenta a mim ligeiramente mais fragilizada, e o importante aqui é o balanço, o movimento ao qual não consigo fugir desligando um aparelho eletrônico ou enviando uma mensagem curta de boa noite. A distância me abate ao mesmo tempo em que perde seu efeito em meus dias. Por estar em traslado concreto, as virtuais presenças se tornam ainda mais efêmeras, ao passo que também mais necessárias. Por estar a deslocar meu corpo, os entornos me transpassam de modo mais pungente e acessos tantas cidades mais que os mais fixos não tocam. Meu rosto se estica, a paisagem caduca, transpassados pelas desterritorializações de uma máquina abstrata constante e também pelas jardas percorridas.

Tenho rosto, temos. Habito paisagens, estamos todos imersos. Mas com Deleuze e Guattari (2007) novamente busco contactar e habitar essa sobrecodificação onde ela se desfaz em distância, onde ela é trampolim consistente para que o rosto-paisagem não me fixe. “Rosto-*bunker*. A tal ponto que, se o homem tem um destino, esse será mais o de escapar ao rosto, desfazer o rosto e as rostificações, tornar-se imperceptível, (...)” (DELEUZE e GUATTARI, 2007, p 36) A nossos autores o processo de constituir um rosto e uma paisagem é inerente à vontade, e o desafio seria, mais do que negá-los, escapar. Reencontrar a distância, refundá-la, e, nela, as rotas de movimento em desenrolo. O que sobeja, enfim, é o movimento, esse nossa brecha de escape.

Tantos são os companheiros de minha vida que possuem certa similitude de caminho. Muitos são de cidades diferentes das que moram atualmente. Muitos trabalham longe de seus portos “natais”, muitos fazem dos amigos a família que não os rodeia fisicamente mais, muitos os que migram em expulsões e ostracismos das urbanidades contemporâneas, muitos os que vão a buscar florescimento em outras terras, muitos os que se deslocam o tempo todo, cada qual com sua singular estratégia de companhia e escape. Cada um de nós comunga com a distância criando sua maneira. Não abolir a distância em si, pois esta é necessária para singularização – se não há mais um intervalo estamos em identificação e parada completa –, mas a “passar a perna” nas diversas

capturas de fixação ou indiferenciação. Onde aí criar territórios? Por sobre emissões de ondas a cruzar a atmosfera? Sendo somente o próprio corpo em repertórios curtos e controláveis? Temos somente a pele e o entorno como confirmação de realidade ou as telas de cristal líquido possuem sim alguma pregnância desgarrada? Ampliar é colecionar distâncias, diluir é movimentar-se em diversos modos, maquinar é experimentar em meio a criação. Aqui se inseriu o pensamento de como se fazem essas estratégias de lidar com o espaço-tempo. Todo rosto é uma política (DELEUZE e GUATTARI, 2007), e por tal é com estratégias de singularização que traçamos linhas de fuga, entrando diretamente numa estética de nossa movimentação, formatando nossas distâncias em um estrangeirismo veloz. Nomeio de sabotagem, pois plástica e maleável. Escapes a emperrar certa máquina sobrecodificadora ou atalhos outros a parar nossa atenção e sensibilidade. Tantos rostos, tantas paisagens. Como, então, sabotamos as distâncias?

Solidão... que nada. Sem cristalizar isolamento, pois de ranzinza ou mesmo sociabilidade fátua já basta a rotina. A vida é dobra sobre dobra, relação, mistura e coletividade. Nessa suspeita concreta e gelatinosa dos deslocamentos em minha vida, acabei por tecer um experimento. Fui a perguntar aos “amigos de caminho” partículas dessas suas estratégias singulares, para que esse ensaio não se tornasse somente Alvarenga-caminho, e sim, um certo “manual coletivo de como sabotar as distâncias”. Fiz a eles um pedido, de escreverem ou dizerem a mim qualquer coisa que os acesasse com relação a três simples palavras: *Partida, Retorno e Distância*. Simples de tamanho gramatical, mas cortantes quando os fiz o pedido. Ninguém recebeu as palavrinhas com habitual tranqüilidade. Eu sabia da intensidade delas, pois pra mim também não são simplórias, mas não imaginava tamanha movimentação em outrem.

Alguns respondiam em bate papos rápidos e claudicantes, outros pediam tempo para pensar, sinto que ainda estamos todos a digerir... Não devemos circunscrever tais efeitos, nunca esperaria deles fechamentos rápidos e noções claras de como lidar com esses substantivos. Mas também não cogitava toda a potência de deslocamento que o experimento causou em mim e neles. Um processo de devir não se traduz com facilidade, e se estamos a escapar de nossos rostos e paisagens como sugerem Deleuze e Guattari (2007), só em devir múltiplos, devir-animal, planta, devir-imperceptível, um devir-clandestino...

Listo as impressões e expressões desses nossos clandestinos⁴⁰. Acesso para remarcar todas as distâncias possíveis, em dispersão e adensamento. Reescrevo para incorporar, para deixar vibrarem junto, para dar fôlego a todos nós:

Partida –

Exortação, retorno a Ítaca, seguir o movimento dos olhos, ainda que eles estejam movidos pelo anseio. O sempre já, mas ainda não.

Partida, sempre me dá um medo danado partir, e eu lembro daquela música do Milton Nascimento que a Maria Rita canta ‘mande notícias do mundo de lá, diz quem fica’, é... Mas como eu tenho partido né, eu tava falando com o outro amigo esse final de semana do quanto que eu morro de medo de ir, mas eu sempre vou. De que eu encaro essas partidas sempre com muito medo, sempre muito ansiosa, mas chego lá – tem um certo sofrimento tem uma coisa meio enfadonha que você fala ‘Ah, será que era isso que eu queria? Será que era isso que eu queria escolher pra minha vida?’ – mas do quanto partir tem me tornado uma ‘canela de cachorro’, uma viajante, eu não grudo em lugar nenhum. (...) eu to sempre com vontade de partir, mas ao mesmo tempo to sempre com vontade de retornar, to sempre com vontade de ver as pessoas (...) o retorno é sempre importante.

É o que acontece. Certa como vento de outono que vem pra arrancar as folhas secas que a árvore soltou. Necessária. Faz com que novas folhas possam nascer adiante. Partir não é ir embora. As folhas não caem, elas apenas vão necessariamente de um lugar para outro. Partir é isso, ir de um lugar para outro. Às vezes somos folha de outono e às vezes somos a árvore. Não importa qual sejamos. Importa, sobretudo, que saibamos partir e também deixar partir aquilo que seca em nós e perde a liga. Quando o apego é maior, contemos com o vento de outono e seu laranja que aquece o céu e o peito. Façamo-nos outono quando chegar a estação.

Pra mim entre todas essas, pra mim é a que mais me toca é a partida, porque durante todo esse processo de decidir vir pra China, de decidir uma coisa nova, em nenhum momento eu tava pensando na minha chegada à China. Eu só tava pensando como é que eu iria lidar com o fato de partir. Por que a partida pra mim não é só um movimento meu de transação, de transição, de ir a de um lugar pro outro só, egoísta. A partida ela ta muito relacionada às pessoas que ficam, então a minha dor que eu me refiro á partida, é uma dor de deixar as pessoas e as coisas pra trás. Você deixa pra trás, e é um sentimento que dói no meu coração até hoje. (...) Também relaciono muito a partida com a questão da despedida. Eu odeio despedida, tenho um terror, tenho um pavor de despedida, porque tanto a partida quando a despedida estão ligadas a dar um “tchau”, alguma coisa vai sumir, vai desaparecer, vai deixar de existir. (...) ta relacionada a uma respiração muito forte, sabe aquela respiração do diafragma mesmo, que você respira bem fundo, respira muito e você, sabe, você desmonta... A partida só existe porque eu quis que ela existisse, eu colhi isso... Ela é muito legítima, se o sentimento é esse, eu respeito isso, eu vivo isso e da forma como ela deve ser encarada...

⁴⁰ As falas são listadas no formato direto e sem nomeação com uma intenção: não identificar seus autores, ter a liberdade de colocar diretamente a forma como falaram e não terem pretensão de transcrição. Efeito interessante, pois as palavras foram absorvidas e reverberadas pelos amigos de diferentes formas, misturando significados e interpretações diferentes – como exemplo de tomarem a palavra retorno pela palavra chegada. Dei a eles autonomia, a nós importa mais as marcações singulares do que recolher entrevistas documentais e informações precisas para núcleos de significado.

Os relatos são de comparsas com traçados diversos: pontilhados em diversas cidades do ES – Vitória, Nova Venécia, Piúma, dentre outras; São Paulo – São Paulo, Assis; Rio de Janeiro – diversas localidades; Paraíba; Bahia; Rio Grande do Sul; Montreal no Canadá; Chongqing na China; além de todos os outros percursos que são indetectáveis para mim. Vários itinerários, uma polifonia de deambulações.

Mulher nordestina aprende a conjugar partir e chegar como pão e água. Aliás, também como uma espécie de cachaça.

Retorno –

“Quando eu morrer voltarei para buscar os instantes que não vivi junto ao mar” Sophia de Melo Breiner – poeta portuguesa do século XX.

Eu acho que essas três palavras, elas tão juntas o tempo, que a gente tenta sabotar a distância e sabotar a saudade, que a gente parte o tempo todo, então de alguma forma a gente reafirma essa questão de distância e de partida, mas que é sempre muito bom retornar.

É aquilo que parte com a gente. Quando é folha seca, é paixão triste, apego. Quando é saudade, é paixão meio alegre e meio triste, pois traz consigo a presença da ausência. Quando é serenidade, leveza, certeza no peito, é liberdade. Quando é por essência (e não por apego e fraqueza) inevitável, é destino.

Não tenho expectativa nenhuma. Quando eu parto, quando eu saio de um lugar eu realmente não tenho expectativa, eu simplesmente vou. Eu chego, eu faço as coisas, porque eu não tenho escolha, eu só tenho essa escolha: fazer. Na verdade eu só tenho uma escolha, que é chegar. (...) Eu só chego e vivo. (...) Eu acho bom, acho aventureiro, acho gostoso apesar de sentir um medinho as vezes no começo.

Distância –

Toda distância, efetivamente, é demarcada de dentro pra fora, na capacidade de contração e expansão dos alvéolos pulmonares.

Dis-tanto, né, a gente que mora num lugar, que forma em outro, que vai trabalhar em outro, que tem amor num lugar e que tem amigo em outro, e de quanto que essa distância impossibilita uma convivência um pouco mais próxima, mas que, no nosso caso de amigos, como a distância não nos impossibilitou de nada, né, a gente só não consegue tomar cerveja junto, mas a gente se fala todos os dias e você deve ser a pessoa mais próxima de mim nos últimos seis anos que é desde quanto você mora no Rio de Janeiro-Niterói. Essa coisa física, de distância, eu sempre penso em escala, é, tá tudo tão longe, mas dependendo de onde você olhar tá tudo tão perto. E eu que não gosto de avião, as distâncias são um pouco maiores, mas é só montar no carro e ir pra qualquer lugar.

É o que diz o quanto se está perto ou longe; ou até mesmo faz com que nos percamos em meio a isso. É como o movimento do mar... Como a onda que parece próxima e demora ou como a onda que parece distante e nos engole. Distância desconhece exatidão e, no entanto, está sempre posta. É o “encontro das águas”.

No começo, quando eu cheguei aqui em 2013, a distância pesada demais, a distância pesava muito. Pesou no momento que eu entrei no avião em São Paulo pra vir pra cá... Não dormi o vôo inteiro... Eu lembro que a cada 30 minuto passava na minha cabeça: eu to a 30 minutos mais longe da minha zona de conforto...Eu to muito longe, muito muito longe... Hoje em dia, depois de quase 5 anos, eu te digo que eu não penso mais nisso não, eu não acho que eu esteja tão longe, não se por causa das redes sociais (...) não sei se seja uma questão de poder me comunicar (...) mas eu me sinto muito mais segura agora, a questão da distância ela não é uma questão mais, já foi uma questão.

De lonjuras e cheganças nos fazemos, negociando com a distância, com a poesia do deslocamento.

Um farol múltiplo. Sinais, marcações, suspiros e afoqueamentos. “Corpo canteiro de saudade. Banzo e bom augúrio do que se anuncia e não se sabe.” Disse ainda uma das amigas – frase solta, aglutinante e de talho preciso. Essas falas não pertencem a ninguém, nos são em dispersão, daí a escolha de não nomeá-las em autoria. Coletivas, dispersas, clandestinas todas elas. Fogem, marcam e se esvaem em potência nova.

Nossos comparsas, Deleuze e Guattari (2007), já haviam afirmado que só se escapa da rostidade, só se ativa um processo de devir-clandestino, com todas as armas da arte. Cores, melodias, luzes angulosas, afetos depurados, coreografias inusitadas, palavras que correm conosco. Sem ser a aventura do amador ou do esteta (DELEUZE e GUATTARI, 2007), é o constante desafio de se embrenhar em nossos processos e manejar as sabotagens que nos dispersem, que nos ampliem singulares. Como um programa da esquizo-análise, sendo essa a tarefa do vivo, saber-nos de nossos buracos-negros subjetivantes e nossos muros brancos de significação (DELEUZE e GUATTARI, 2007). Não poderia ir a “interpretar” as falas dos confabuladores, seria como encapsular os devires tantos que elas desfraldam. Prefiro os cortes, a pungência de cada fragmento e os efeitos dinâmicos de cada processo. As velocidades são múltiplas, mas isso não impede que as influências e misturas ocorram, uma linha de devir mais lenta pode se acoplar a uma mais veloz (DELEUZE e GUATTARI, 2007), o que buscamos são os deslocamentos dessas distâncias intervalares. Saber em movimento, com o corpo, com o entorno, em clandestinidade rasteira e afirmativa.

Outono. Ítaca. Lá. Física. Folhas. Cachaça. Coração. Amigos. Necessário. Junto. Tchau. Exatidão. Desconhecimento. Mar. Movimento. Instantes. Liberdade. Pão e água. Serenidade. Olhos. Medo. Apego. Fora. Questão. Lonjuras e cheganças. Pavor. Cerveja. Encontro das águas. Ficam. Vivo. Deslocamento. Desaparecer. Engole. Demarca. Próximo. Perto. Paixão. Peito. Importantes. Egoísta. Anseio. Colhi. Lembro. Morro. Muito. Vontade. Árvore. Fala. Trabalhar. Comunicar. Amor. Destino. Pesava. Expectativa nenhuma. Queria. Viajante. Diafragma. Já. Tudo. Convivência. Contração. Cabeça. Negociando. Leveza. Segura. Vivi. Pra trás. Demarcada. Tempo. Gente. Triste. Zona de conforto. Expansão. Estação. Sobretudo. Alegre. Exortação. Fazer. Partir.

Lugar. Espécie. Chegar. Quando. Bom. Certeza. Demarcada. Dentro. Diz-tanto. Tomar.
Posta. Poesia.

Ao preço de um *devenir-animal*, de um *devenir-flor ou rochedo*, e, mais ainda, de um estranho *devenir-imperceptível*, de um *devenir-duro que não é senão o mesmo que amar*.” (...) *Devenir-clandestino*, fazer rizoma por toda a parte, para a maravilha de uma vida não humana a ser criada. *Rosto meu amor*, mas enfim tornado cabeça pesquisadora... Ano zen, ano ômega, ano Ω ... (Deleuze e Guattari, 2007, p 57 e 61)

Saudades. Alvéolos pulmonares.

Tantos instrumentos para devires reais, linhas pictóricas, musicais, animais, vegetais... Fugir na arte, desfazer o rosto, romper a paisagem... Imperceptíveis... linhas de amor... (DELEUEZE e GUATTARI, 2007). Nossas sabotagens se apresentam, nos questionam que rostos são esses que configuramos a mirar estas mesmas paisagens longínquas. Estamos a sabotar: as distâncias que a sobrecodificação nos envolve, nossas rugas e expressões reutilizáveis, horizontes que não devem mais ter ilusão mais além, na ativação de devires reais, a ilusória fronteira dos processos a nos dar à distância heterogênea que o clandestino habita em sabotagem e peregrinação.

Uma dispersão. As clandestinidades permanecem e seguimos a maquinar outros modos de viver fazendo um transbordo vivaz. Como partir outra vez? Chegar e sair somente são orientações para quem está estático. Como se retorna então? Presentes, sorrisos, calor de abraço, um ponto de parada e uma nova carreira. O cultivo do movimento é ativação estética. Usamos os instrumentos à mão, nossa carne em presença, os caminhos em traçado amplo, e deve-se seguir.

Vibra ainda, sentimos que o retorno é partida orbital, que as distâncias estão ao alcance dos dedos. A volta de novo e de novo que se mostra maior que qualquer entrada ou saída. Circunvolução, revolução imperceptível, cósmica, que daqui a pouco revolverá a por tudo em movimento mais uma vez...

Pelo ar em transmutação.

RESPIRAÇÃO

Como se comungam todos esses caminhos? O que esse procedimento vai a produzir?

De carne, chão, tantos métodos de pensamento e modos de vida, como respirarmos enfim?

As ativações do plano estético vão se expandindo em conexão e é agora que devemos recolher suas marcas e processos. Memórias, experimentos, explosões literárias e sempre a afeição a nos ativar.

Sufocamentos – aragens contemporâneas

Como dizer da vida? Como cuidar dela? Com que fôlego nos dias atuais? Se a vida respira, se esse um indício de sua persistência, os sufocamentos – seculares e/ou renovados – que temos vivenciado estão a todo vapor empenhados em diminuir esse sinal.

O cuidado de si e do coletivo deve ser efetivado pela via da parresía aponta Foucault (2010), nessa coragem da verdade a ser emitida a denunciar as dominações. Nada de verdades essenciais, nada de fixações finais do que efetivamente controla e determina a realidade, pois isso seriam ilusões covardes. A fala incitada aqui vem como via do desvelamento, que não apazigua e sim expõe os conflitos. Essa a verdade-desafio de Foucault – trazer à tona o jogo político, fazendo dessa dobra das forças componentes uma escolha ética e a efetivar novos arranjos práticos de liberdade e modos de vida. Desafio, pois é essa verdade negada das forças subjugadas e oprimidas que, frente aos cânones que se apresentam cristalizados no real, desestabiliza os acordos usuais, e que vai a regurgitar por sobre todo o diagrama muito bem arranjado em poder todos os seus microfascismos e estrangulamentos de sustentação. Essas elaborações parresiásticas, que habitualmente precisam ser silenciadas à força e emudecem por pressão para que nada mude por contaminação e para que as verdades permaneçam fixas e puras, nosso autor acessa como potência de afirmação e muitas vezes única via de sobrevivência. Falar do que se passa de modo convicto, num risco de extermínio e contato extremado. Expor a verdade dos processos, estar nessa verdade, é sempre fio de navalha. Ir muito próximo da proposição de Nietzsche de transvaloração de todos os valores, buscando cultivar parques experimentos de espíritos livres em potência (NIETZSCHE, 2005b), pois vivemos entre hipocrisias e isso sim parece ter sido tolerável. Não importa ao jogo das estabilidades se há quem morra para a parasita sobrevivência de outros. O poder e sua paixão⁴¹ estão sempre a emanar ódio, extermínio e dominação.

Diante disso, essa incitação a falar do diagrama no qual estamos inseridos, que fôlego temos tido no hoje? Que atmosfera nos rodeia? Em tempos de desolação, ou digamos de

⁴¹ Aqui acessamos o conhecido e afiado texto de Foucault que foi Prefácio da edição americana do Anti-Édipo de Deleuze e Guattari, “Introdução à vida não-fascista”. Preface in: Gilles Deleuze e Félix Guattari. *Anti-Oedipus: Capitalism and Schizophrenia*, New York, Viking Press, 1977, pp. XI-XIV. Traduzido por Wanderson Flor do Nascimento.

enterrada final dos ossos de certos processos de fortalecimento de políticas dos direitos humanos e combate às opressões em diversos níveis que vínhamos cunhando num Brasil das últimas décadas, tenho sentido na carne o veneno. Não se trata aqui de adentrar as coordenadas precisas de processos político-sociais ou mesmo panoramas de extrema importância para pensar que Brasil tem se feito no início do século XIX – quero farejar, perscrutar que odor tem nos entrado pelo peito, que filamentos fétidos ou perfumados emanam dos nós, esse invisível e penetrante ar que respiramos. Miríades de nosso contemporâneo: as sutilezas do odores não se fazem em menor poder de destruição, visto que muitas vezes são o principal combustível de efetivas transformações e atos macropolíticos de aniquilamento da vida, como gás inodoro a nos envenenar. Os discursos, sempre presentes em nosso meio parecem estar a estuporar e emanando miasmas – as frases radicais sobre ódio, silenciamento, eliminação e apatia, sempre tidas por inflamadas demais e necessitando de parcimônia, essas mesmas mostram-se estupefatas ou entrando numa volta tão destrutível que vão a se diferenciar de si em monstruosidades. Os atos embrutecidos de chacina e de eliminação que são mão rude em diversos pontos de nossa sociedade, pulverizam-se em amparo coletivo de que sim, alguns devem morrer. Como um entorpecente isso se espalha – das violências aberrantes vamos a transformar em tolerável o fim do outro, como castigo muito bem pago, e se é tortura que se precisa, que se torture à luz do dia. Nada muito diferente em nosso panorama quinhentista colonial tupiniquim, mas os efeitos contemporâneos, como índices de incidência em disseminações epidêmicas, parece estar se propagando pelo vento.

Não somente eu, mas muitos parceiros descrevem da mesma maneira, como se “tosses de pânico” e “melancolias infecciosas” estivessem a penetrar pelos pulmões de todos. Diversos caminhos diferentes de militância, campos de trabalho, e mesmo cotidianos particulares andam maculados com um “tremor de febre constante” e certa “asma afetiva”. Cogitar a defesa da vida, modos de convívio e construção coletiva, formas de lidar com a vida e seus desafios seguiam seu fluxo – mesmo que em rarefação progressiva e constante –, mas interrupções atuais “tetanizaram” muitos, subindo em calafrios de impotência e confusão motora. O vivo como alvo de nossas energias, em seus floresceres inusitados e cuidadosos, vai se transparentizando em vapores lerdos e danosos, ao ponto de falas de finalização e desfecho pairarem a nosso redor – indo desde declaração de extermínio das populações aos suicidas afetos que sobem como

bolhas na pele de muitos companheiros. As reações adversas vêm em mudez, fadiga, paralisia parcial ou completa, sono sem fim, isolamento social, queda de cabelo, insônia, ataques de ódio, cegueira parcial ou total, delírios, mas o mais cruel de todos os sinais é o sufocamento. Falta-nos ar. De diversas maneiras, não conseguimos respirar.

Porque, pasmados, não conseguimos compreender como a violência e a morte do outro saem com tanta facilidade da boca de todos – enfisema irradiado.

Porque o tempo escorre muito mais rápido do que nossas pernas conseguem acompanhar – dor diafragmática abaixo das costelas.

Porque a distância é tão grande que o abandono parece a forma menos dolorosa de sobreviver – esbaforidos ofegamos, a garganta arde ressecada.

Porque nosso corpo não cabe, nosso cabelo não cabe, nosso sexo não cabe e devem todos serem bem aparados e escondidos – asfixia por compressão.

Porque a fala é cassada em todos os níveis de codificação possível, te escolhendo cerceado antes mesmo de qualquer escuta – lábios feridos e selados em paralisia.

Porque alertas ficamos a esperar que todos os nossos atos estejam errados, e que nossa falta de forma seja mais uma vez reafirmada pelos padrões sociais – câibras intercostais persistentes.

Porque a resposta imediata tem ficado cada vez mais acuada e os arcos reflexos embotados ao ponto de não sabermos como agir – extremidades arroxeadas e falta de sensibilidade tátil.

Porque a avalanche de informação e de tarefas em atraso nunca se juntam em finalização, nos colocando em velocidades ilusórias de incompetência – Baixa oxigenação e hiperventilação, em paradoxal fenômeno.

Porque as palavras têm perdido o gosto em nossa língua, a barriga parece fria e deglutimos rápido para não pensar demais – refluxo severo e bruxismo.

Porque desmaios ocasionais nos tomam a todo instante, seja pelo aperto nas ruas ou pelas preocupações cumulativas – arritmia cardíaca e pneumotórax ocasionais.

Porque pulsar mais alto não é permitido, não respire fundo e não tenha ritmo; inspire baixo e, se puder, somente pelas narinas – caixa torácica, ombros e externo em rigidez pétrea.

Uma geração inteira de asfixiados. Uma mais dentre tantas precedentes, cada vez mais escassos e asmáticos. Bronquíticos de nascimento, seja de poluição ou moralismo. Faladores profissionais, com o sangue a fluir para o esôfago ou para detrás dos olhos, esvaziando as pontas dos dedos e o coração, “hipotermizando” nas extremidades por falta de oxigênio e presença. A língua amolece nas repetições, incha, não articula problema, só funciona no mesmo chicote queixoso e acusador – a afasia adestrada de todos nós. Curtos se fazem nossos foles alveolares e nosso interesse, ambos a suspirar tédio como se tudo não passasse de um lapso, vivendo de futuro e a tossir todo o tempo nesse presente de subsolo. Sedentários, inflexíveis, corcundas, mesmo que tenhamos corpos mecânicos e esbeltos – falta pulso pra respiração celular.

Alérgicos. Reagindo a tudo, ao ponto de atacarmos e consumir nossos próprios corpos. Apartados, defendidos de um ambiente externo que nos machuca por nossa fragilidade, num isolamento distrativo que não denuncie nossa bolha hermética. Roucos de tanto lamentar, afônicos pelo uso duma voz que sai por todos os lados em uma extrema ressonância hipnótica, mas que se gasta e entra em falência por não ser jamais desdobrada em debate ou conversa – a ampliação dessa mesma voz parece ser uma resposta ao assédio sonoro perene de nossos dias. O resultado é o mesmo, a fala pouco faz diferença, como se o ar, de tanto que chacoalha pelo barulho, deixasse de reverberar e passasse somente a conter todas as vibrações. Onde aí a parresía? Ou antes, como não sufocar nesse ar viciado? Como “falar” uma verdade em um contemporâneo de exposição, extirpação e intolerância?

Seguimos Foucault ao indicar o cuidado e a noção de parresía dentro de todo um processo imanente de entrada nos processos, de destrinchamento das forças presentes e de escolhas e práticas de liberdades possíveis e de ampliação. Aqui, então, ajunto a noção de Deleuze e Guattari (2008b) sobre a máquina de guerra, nessa indicação de processos bélicos de destruição e revolução das opressões e linhas duras que se efetivam no real. Máquina de guerra esta de funcionamento peculiar, pois não se firma em uma estratégia de resistência, em somente uma dobra dos discursos e invenção de

combinatórias singulares, ou mesmo que se fixa por sobre uma pessoa ou grupo revolucionário. Uma máquina não necessariamente se constitui em um artefato, em um objeto ou pessoa, ela é uma máquina, um encaixe e um funcionamento, que se instaura no entre dos processos. Contra o Aparelho de Estado, em seus correlatos de dominação e organização endurecida, uma máquina situacional de guerra, de desmonte e reinvenção. Agenciamento maquínico não subjetivado (DELEUZE e GUATTARI, 2008b), que se apresente situacionalmente no entre das estruturas, entre as cabeças do Estado, a maquina muitas das vezes afectos e criação potente em ato “(...) cuja única função é anônima, coletiva ou de terceira pessoa: ‘Ele’ avança, pode ser um homem, uma mulher, uma pulga ou um elefante.” (DELEUZE e GUATTARI, 2008b) Ativações que efetivam resistência e invenção, mas que nomadizam, se reinventando em potência em agenciamentos múltiplos e não domáveis, sendo “(...) apenas um meio de exterioridade, ou relações extrínsecas com nebulosas, constelações, segundo as quais desempenha funções de inserção ou de situação, como margear, cercear, arrebentar.” (DELEUZE e GUATTARI, 2008b). Mais do que uma fala, então, seria fazer passar, ativar, efetivar outros arranjos pelas brechas com uma máquina de guerra frente a essa densa atmosfera contemporânea. Se pouco respiramos e se o sufocamento se espraia em todos nós, há de se criar *estratégias-fole*, *práticas-fôlego*, a efetivar caixas de ressonância mais elásticas de existência e oxigenação coletiva do que somente conceber que certas posturas vocais de acesso a uma coragem de verdade que transmutará as formas atuais. Máquina de guerra eólica, sopros coletivos de revolução, vibrações tão aéreas quanto esse contemporâneo pestilento, mas prenes de ventania criativa e turbilhonante.

As travestis são esmagadas por asfixia, e elas criam entre si artificios de cuidado coletivo e passagem de palavra. Os movimentos sociais sentem suas práticas não surtirem tanto efeito mais, e buscam, no contato corporal coletivo e em falas antes abafadas, formas de ativar estratégias antigas e novas de convocação. As crianças são medicadas, mas permanecem a berrar risos de deboche e novas brincadeiras num recreio escolar. Frente ao tráfico, canta-se rap. Os tambores retumbam em irradiação e nosso corpo vibra junto com o couro e o ar. O silêncio por vezes dá a medida do espaço, do intervalo do suspiro onde se descansa a carcaça e afia a audição. Uma ativação concreta de minha carne, nesse contato com o chão que me sustenta, mas que só vibra e pulsa com ar, respirando. Sopros, brisas, colunas ascendentes, maresias, friagens da floresta,

pé-de-vento, roda-moinho, tudo é movimento. Uma história que suspenda o ar pesado e me faça ter o mundo a invadir os pulmões em boa composição.

Diluir, ampliar e, mais do que tudo, respirar. Isto, o movimento em nós.

*

Em tempo – um apertão, um grito, alaridos

Ela está morta. Mais uma, que se for jogada dentro de uma estatística pouco aglomera no contingente tão vasto da vala comum dos assassinatos, e assassinatos negros e de origem favelada nessa cidade do Rio de Janeiro – que aqui se faz exemplo nada destoante da violência em todo o país. Faz mínima diferença se juntarmos também aos números gerais de feminicídio desse país onde ser mulher é extremamente perigoso, sendo gratuitamente objeto de abuso e eliminação. Adiciona, sim, mais um entre os milhares de assassinatos LGBTTQ's, mas sem diferenciar-se em um contingente geral de extermínio num Brasil que possui o maior índice de assassinato de população transexual do mundo e onde o homicídio homofóbico é alarmante. Não são variáveis, são trilhas de risco em nossa sociedade, que extingue torturantemente suas linhas marginais sem titubear, e onde ter em si marcas de algumas dessas identidades marginalizadas significa muitas vezes sentença de morte. Matamos pretos, pobres, mulheres, LGBTTQ's em larga escala. E os barulhentos, os levantadores de poeira então, é eliminação certa. Existir nessas linhas é perigoso – nossa respiração, em si, já incomoda.

Há certo tempo venho a refletir como estamos sem ar, apnéicos, em desmaio constante, com aquele olhar de desespero de quem se afoga, pronto a se agarrar em qualquer possibilidade de vencer o esgoelamento aéreo que nos ronda. Mas fomos todos a perceber que miraculosamente deve haver certo tipo de anestésico, certo tipo de ansiolítico na atmosfera em que estamos mergulhados, pois o desespero vai diminuindo e o cérebro parece começar a se acostumar a ter menos oxigênio a rodar no sangue. Essa miraculosa substância chama-se medo. Esse que faz a adrenalina congelar nas veias, esse que corta os pés a altura dos calcanhares, esse que arregala mais os olhos e os injeta

sem rolar quase nenhuma lágrima. Esse que vai craquelando a pele e fazer com que os cômodos cada vez mais estreitos se tornem os mais confortáveis, na tentativa desesperada de manter alguma forma de calor e umidade contida. Esse que não precisa nos selar os lábios, vai direto na garganta com tesoura e a corta, fende na altura das cordas vocais.

Pensei em apagar esse ensaio, pareceu inflamado demais e ao mesmo tempo frouxo demais. Parecia sufocar e só. A busca do movimento ia a se perder, penetrando o terreno da paralisia e do despojo. A situação atmosférica não favorecia, cada vez mais sufocados todos, e junto com isso uma dificuldade de escuta endêmica a se alastrar por sobre nós. E então Marielle Franco, vereadora do Rio de Janeiro, é assassinada⁴². Um choque, um assombro; uma comoção, uma convocação. Jamais apagaria esse ensaio, ele tem data, foi feito há quase dois anos. Em 2016/17 o Brasil estava sem ar. Não recobramos fôlego nenhum, só venho a sentir com meus comparsas que a situação vai em mutação tanto quanto qualquer processo vital, mesmo que esse seja de extrema virulência e subjugação.

Percebi primeiramente que da falta de ar migramos para um pavor e, junto a isso, era com uma forma de surdez cadavérica que estávamos a conviver. Há uma dificuldade de escuta que nos acompanha, individualistas-dramático-modelares-ocidentais que somos, onde é meu drama que dói muito mais que qualquer violência externa, e esse meu único modo de “refletir” sobre o poderia acontecer com um outro. Disso já sabíamos e, rodados e rebordados com uma psicanálise embebida em consumo, machismo e competitividade, fica fácil até entender a surdez que nos invade. Mas essa parece mais pungente. Essa vem montada na falta de ar e no medo. Vem feroz. Ou somente não escutamos qualquer barulho num completo fechamento dos canais exteriores de comunicação, ou então entramos em batalhas violentas de seguir gritando nossos individuais problemas desesperados para não ouvir deliberadamente o que vem de fora. Não importa se é o outro, e muito menos o que ele vai a pensar, essa surdez não é só de tímpano, é lesão de lobo temporal, desconexão feita à brasa. Vai entrando pelos lados da cabeça primeiro na dificuldade de entendimento, corrói o ouvido interno quando

⁴² Marielle Franco, vereadora da cidade do Rio de Janeiro pelo PSOL, executada com 5 tiros na cabeça – sendo que o veículo onde estava foi alvejado por mais de 13 tiros – em um atentado na noite de 14 de março de 2018 por volta das 21:30h no bairro do Estácio, Rio de Janeiro. Marielle foi assassinada junto a seu motorista Anderson Gomes ao retornar do evento “Jovens Negras Movendo as Estruturas” no bairro da Lapa, em um cenário de crime premeditado e execução sumária. Até o dia de hoje, 20 de maio de 2018, a polícia não possui nenhum indício dos executores ou mandantes do caso.

desistimos de falar com outros surdos e daí a migração para a entrada cortical é baseada nas ilusões sonoras e no abismo cavado entre nós e a rua.

Afetações de memória. Afogados. Amedrontados. Surdos. Sem corpo. Nem uma cabeça flutuante mais, e sim uma idéia virtual de perfil icônico a flutuar entre as ondas de wi-fi. O ar ainda falta, mas o pavor surdo vai a nos deixar em velocidade de cruzeiro, onde o apego rareia e a cacofonia pessoal brande em curtos ritornelos homogêneos.

Mas o assassinado de Marielle me eletrificou. Uma convulsão coletiva que estremeceu o pavor e essa falta de fôlego, e como que começou a rebentar lento algo em nós. Não digo isso a reificar o martírio de uma companheira de luta como Marielle ou mesmo a minimizar as mortes e militâncias cortantes que temos espalhados ao nosso redor. É só uma marca a qual quero intensificar, na busca de perceber que miríade lançou ao ar, que potência se fez espalhar. Algo rachou minimamente uma superfície em meio a essa anestesia apavorante – nos sensibilizamos. Sentimos, não todos, mas doeu coletivamente esse extermínio. Precederia da morte de Marielle, precederíamos de toda e qualquer morte. Todos nós preferiríamos ela viva, mas ela vive como marca em muitos de nós há alguns meses...

Choros, silêncios, aglomerações, o pavor nos junta um pouco, o calar geral nos fez escutar um pouco. Como não suportar mais o sufocamento e a surdez? A sensibilização renovada de nossas subjetivações não será feita a atos de heroísmo ou grandes personalidades que nos salvem. É nessa brecha da vida que resiste que se funda algo que persiste, essa respiração que todos, que ainda vivos estamos, compartilhamos.

Uma amiga há alguns dias atrás⁴³ veio a ler um poema seu sobre as bacantes, sobre diversas materialidades e modos de ritual para Dionísio. Foi de doer na carne, nós que andamos muito sensíveis esses dias. Em suas leituras e estudos sobre a divindade grega, e inspirada pelos relatos e reconstruções de Marcel de Etienne sobre o Dionísio insular, essa cara amiga refaz esse mito em poema curto e inteso. Dizia sobre as mulheres,

⁴³ Digo isso em um contexto preciso, pois vivemos em um Rio de Janeiro sob intervenção militar e onde as mortes de extermínio são permanente – indico um elo entre a morte de Cláudia Silva Pereira em 2014, arrastada pelo camburão da polícia após ser alvejada no bairro de Madureira, e o assassinato de Matheusa Passareli estudante assassinada em maio de 2018 no bairro de Quintino. Poderíamos preencher com mais centenas de mortes semelhantes nesse pequeno recorte temporal, mas só busco marcar esse intervalo onde ainda vivemos extermínios e torturas cotidianas. Não quero preceder dos fatos concretos, das conexões sócio-históricas do momento, ou mesmo me afastar dos desdobramentos que circundam esses acontecimentos. Mas por agora é mais uma marcação fidedigna do contexto desse ensaio, dessa tese enfim, que nos dê ao ato e ao pensamento que se encarna no agora, mas que mira na potência da mutação estética e efetiva.

bacantes, que todo ano deveriam reconstruir o telhado do templo do deus para os rituais e festividades, quando uma delas cai morta em exaustão. As outras mulheres, imediatamente, caem por cima dela, se jogam por sobre a morta, e cantam e dançam em festejo... Ela dizia no poema algo como “é preciso tomar rasteira do deus para que algo morra e dance”... Um tombamento, o limite, os outros corpos e o seguir gritado da vida. Como renascer um corpo, uma vida, em tempos brutos? Como não fenecer em medo e solidão em meio a tantas falências produzidas à violência? Como respirar em temporadas insalubres?

Se algo há de tombar, que seja nossa surdez. Se algo há de morrer que seja a dominação incrustada em nós. Se algo há de fechar-se para que os festejos se façam que seja o medo e o ódio de nossos tempos. A parresía, a máquina de guerra, conceitos que nos pedem sensibilidade enfim. Não iria jamais a proclamar que hoje sim chegamos ao conclave crucial onde tudo parece ter tomado o caminho da ação fiel e da militância verdadeira por agora. Jamais. Nuvens de afetos em sensibilização, uma ativação estética irradiante, névoas de afeto e toque diferente, e nós a habitar essa atmosfera. Não é o ar que adoenta, ele em si não envenena, mas sim o que se suspende nele. Por tal, é infestando a atmosfera de potência que ampliamos, zéfiros, janelas abertas, algo mais arejado. Bafejos, viração. Ainda não sei, mas juntos, com os corpos, com os afetos, só assim, é possível olhar o dia e ver a rua sem desistir de antemão. Ter um corpo e sensível não é só uma questão de sobrevivência, é estratégia de luta. Entre a concretude dos fatos e nossos afetos potentes jaz uma brecha – a sensibilização que nos presentifica. Esse ensaio não é sobre nós ou sobre as opressões tão somente, é sobre esse vácuo, essa bolsa vazia que temos todos, esse intervalo miraculosamente cheio de nada que dá a medida da existência: o fole estratégico é nosso peito. Não me importam por agora concretudes de um lado e afetos voláteis de outro, pois só pulsamos nesse alvéolo fendido entre nós e o ar. O hálito de nossas bocas é perfume de resistência, as reverberações roncadas são a máquina de guerra a se transmutar por entre nossas brechas, nosso sopro que faz viver algo não nosso em sim de todos.

Esse peito, plural, conspira.

Impregnação

É preciso ser para si mesmo, ao longo de toda sua vida, seu próprio objeto.

(Foucault, 2010)

Agora vozes perdidas em fitas magnéticas de K7, papéis fotográficos gelatinosos e movimentos gravados por câmeras sem rosto. Sorrisos simples em formação de braços dados, poses para um futuro que perde completamente o sentido no instante da captura. Relatórios, declarações, diplomas e documentações que tocam só a ponta dos acontecimentos, mesmo que repletos de empenho e informações. Longas conversas ou silêncios lacunares bordados em preciosas palavras, refazendo um toque, fazendo sua função de execução e memorização, mas que aprumam parcos frente à experiência que é vivida. Persistências, sim, do que se passou, mas os acontecimentos duram diferente se tentamos estabilizá-los. É deles seguir, marcar e desfazer, encarnando cada partícula do tempo que segue.

Não se trata de capturas nesse momento, retratar uma vivência fidedignamente para as gerações futuras, documentar os mínimos detalhes dos fatos concreta ou tecnicamente em um campo de trabalho *psi*. Isso sempre escapa. É contagiar, usar da escrita, que revisita e rememora a experiência, como um trampolim de pensamento e bifurcação. Que a diferença daqueles momentos reverbere e invada o agora, presentificando a potência da vida estética e radical daqueles dias sem relógio ou prazo de validade. Não possuímos os acontecimentos, mas sim seguimos impregnados deles.

Assim foi o tempo coletivo nas experimentações de projeto de intervenção e implantação das primeiras Residências Terapêuticas no ES entre os anos de 2003 e 2007, que agora acesso. Não uma memória precisa do que se passou nesses anos, muito menos a resignificação completa de alguém que pode agora olhar com experiência uma época “pueril” de formação. Vou a construir uma memorização sensibilizante, uma orbitação de diversos tempos simultâneos, uma re-vivência que ative o agora. Nem ontem, nem amanhã ou hoje – mas tempo de atrações, faces iluminadas e encobertas, notícias fulgorosas e matérias obscuras. Uma conjunção, múltipla e de materiais diversos – instante de alinhamento e absorção. O campo de trabalho da saúde mental se

faz nó de encontros que não se fixam numa linha de formação, e sim que saturam as vivências e misturam os códigos com sua potência.

Projeto de extensão – em meu tempo de universidade definiam-se assim ações extra-disciplinares que propunham atividades e intervenções diversas orientadas pelos professores sem necessariamente ter ligação direta a uma pesquisa ou a matérias da grade curricular. Um campo a se fazer na experiência, no contato e com certa liberdade de experimentação que os alunos acessam para “conhecer”, “incrementar” sua formação prática ou tão somente contabilizar “horas” curriculares. Atuar como extensionista é via fundamental de ação das universidades federais no Brasil, mesmo que passem muitas vezes por local de ensino menos relevante frente ao ensino disciplinar e à pesquisa formal tão mais incentivados. Entre uma tarefa devolutiva à sociedade por parte da academia e uma atuação prática mais simplificada em pretensão, a extensão universitária possui a radicalidade do choque e da intervenção nos problemas *in loco*. Tem o contato com o campo de intervenção como indeterminado ponto de criatividade, susto e potência. A mim esse se fez com um chamado ao manicômio, ao universo denso da loucura, despreziosamente aberto pelo convite de um veterano a um aluno de segundo período de Psicologia. A visita ao asilo – que surgia como curiosa diligência – mostrou-se uma potência sem precedentes. Fui ao manicômio, nunca mais voltei, pois fomos dali a traçar diversos outros caminhos inimagináveis.

Fiz parte do “Projeto de Intervenção no Hospital Adauto Botelho – *hecceidades*” por quatro dos cinco anos de minha formação como psicólogo. A extensão se impôs, integrando vivências e efetivações outras além da curricular, num revés do hábito formativo (sejam os projetos de pesquisa muito valorizados ou mesmo o curso das grades curriculares), se tornando via de aglutinação do que é ser estudante universitário e intervir. Pensar o manicômio como instituição disciplinar de dominação, os processos de produção da doença mental com Michel Foucault (1978 e 2003, tomando somente duas referências principais) e todo o questionamento das políticas públicas de atenção em saúde mental ganhavam presença, densidade, e dimensões em minha experiência que o debate conceitual sequer supunha. Os conceitos vieram juntos ao dia a dia, os

olhos vidrados antes mesmo da noção de iatrogenia⁴⁴, os gritos e atos repetitivos antes da institucionalização, os abraços antes dos suplícios documentados.

Estar semanalmente em um manicômio estadual, num mergulho intenso e todas as empreitadas que surgiam, rachava minha formação. Estar ali poderia ser feito por diversas entradas e maneiras: habitar o espaço asilar, estar com os internos, participar de reuniões com a equipe, pensar saídas para o cuidado em saúde e toda sua rede de atenção em movimento, participar de uma supervisão coletiva... Práticas estas que foram concretas em meu percurso, mas que pulsavam para além de técnicas e compromissos. Tais bifurcações se fizeram, contundentes, mas não devemos achar que garantem certa formação precisa e preciosa. As atividades de estendiam de outro modo, nos encaixando e esgarçando de outro modo, e a formação técnica vinha como efeito de uma vivência bem mais ampliada. Tocávamos esta matéria viva de outra maneira. Havia uma coletividade em nós e uma ética que, sim, nos impulsionava diferente, nos salvava de sermos “especialistas em expedição” e nos davam menos “protegidos” aos agenciamentos e processos. A experiência de um pensamento em constante deslocamento, um pensamento arfado a todo instante – por vezes expiração de falência, amplas inspirações em grupo, aquele susto que suspende o ar por dentro – era uma constante entre nós. E nisso também uma persistente experimentação e sensibilizações diversas – práticas impensadas, ousadas de proposições com os internos, acolhimentos mútuos também entre todos os participantes do projeto – se faziam como suspiro conjunto, uma brisa que arrefecia os espaços do manicômio. Assim íamos a pensar e repensar, maquinar e recombinao todo o tempo, muito próximos duma prática como a que indica Peter Pál Pelbart um pensamento quando “praticado com audácia, quando há coragem de levar as questões até seu extremo, aí o pensamento necessariamente deixa de ser um sonífero da prática para tornar-se ele mesmo ato político” (PELBART, 1993). Político por estar imiscuído às forças circundantes, a sofrer efeitos de combate e

⁴⁴ Iatrogenia, conceito que indica prejuízos ou agravos em situações patológicas causadas pelos serviços médicos e/ou de cuidado. Este termo é reiteradamente utilizado no âmbito manicomial e de saúde mental no sentido de indicar como o “quadro” de transtorno dos internos de uma instituição psiquiátrica está muito ligado, em termos de agravo e até mesmo produção, a partir do ambiente e práticas asilares. Resgatamos tal conceito aqui no sentido deste se aproximar muito de todos os afetos e forças presentes na instituição manicomial, havendo muito de uma homogeneização dos pacientes concretamente – com suas roupas, horários, medicações, replicados e unificados em larga escala – e na produção de uma subjetividade asilar – falas e queixas repetitivas, ausência de escuta, hábitos que se estendem dos internos à equipe técnica. Tal conceito é precioso na análise do manicômio e para ampliar o debate indico os trabalhos da Prof.^a Dr.^a Maria Cristina Campello Lavrador, docente da UFES no departamento de Psicologia e minha orientadora durante todo o período de atuação no projeto de extensão e estágio aqui acessados.

combinação e a fazer força de afirmação também. Parcerias, enfrentamento, e muitos encontros inusitados. Toda a opressão, o silenciamento e o sofrimento que emanavam, não só dos humanos, mas de todo o espaço manicomial, nos transpassava e mesmo assim, em meio à falência que todos sentem dentro de uma estrutura tão cruel, conseguíamos nos apoiar em coletivo e maquinar estratégias outras de vida.

“Abrir as portas do manicômio” ganhava outro corpo, estávamos ali e a prática das liberdades se desdobrava em diversos desafios, que resolvemos enfrentar juntos e com presença. O combate à lógica manicomial se estendia, nos englobava e fazia-se desafio constante. E se acesso a noção de prática de liberdade (FOUCAULT, 2006) é no sentido da vivência epidérmica que tínhamos ao estar dentro da instituição. Não há liberdade como um estado conquistável como indica Foucault ao propor a liberdade como uma prática constante, e estar em uma instituição total – como ele mesmo define em *Vigiar e Punir* (2003) – nos dá a magnitude de tal proposição. Ali, onde tudo é baseado em controle e vigilância, qualquer movimento demonstra uma liberdade em prática potente e frágil. Nossa ética de contato era maquinada, combinada, coletivizada com os internos e equipe, e assim íamos a minar as opressões não somente com palavras, mas juntos e em diversos modos. Essa uma primeira impregnação daqueles tempos, a vivência dos modos e estratégias coletivos de viver, e em constante embate para experimentarmos outras liberdades, outras potências. O desafio se ampliava, mas antes de tudo, nos adentrava para além de experiências em saúde mental ou psicologia. Vidas em dominação, becos sem saída, mas ali também vidas plásticas, impensadas potências a nos co-formar em ética e estética de desafio. Não se destrói a instituição somente ao se abrir portas do Hospital; há o tempo posterior, que nos premia em como, então, desmanicomializar nossas práticas.

A tarefa prescrita era multifacetada, na idéia de estar em algumas enfermarias pré combinadas com a equipe técnica e “acompanhar” os pacientes. Nas enfermarias, femininas e masculinas, convivíamos com uma média de 10 a 15 internos com suas diferenças – histórias de vida diversas, tempo de internação e percursos singulares, afetos e ritmos múltiplos –, além de estar por todo o hospital em contato com os outros pacientes. Acompanhar em diversos sentidos, desde atividades terapêutico-ocupacionais dentro do espaço hospitalar (oficinas de produção artesanal de tapetes e outros produtos, pinturas, etc), como também, a partir desse contato, criarmos atividades diversas, indo de festas, longas conversas e voltas pela cidade. Acompanhar era uma postura de

abertura, de lateralidade se quisermos pensar junto a Guattari (1987) e suas provocativas “instruções” para uma esquizoanálise, que nos colocava dentro do ambiente asilar, não tão aderidos a este assim, e a acompanhar processos. A maleabilidade das tarefas também atuava como lacuna na intervenção: planejávamos meticulosamente diversas técnicas e assuntos a serem postos em prática, mas era a experiência concreta que ditava o ritmo e o rumo de nosso acompanhamento, nos salvando duma cegueira acadêmica (conceitos, objetivos e o fantasma da “cura”, da “doença”) e possibilitando outros contatos com os internos e equipe. Encontrar Franco Basaglia (1985), Paulo Amarante (1994) e Alfredo Moffatt (1986) era combustível para seguir na peleja de pensar práticas de liberdade, numa composição entre a militância e o cuidado. As leituras e debates não preenchiam, mas sim incidiam em irmos mais fundo nessa lacuna, nesse intervalo em nossa atuação. Esta, talvez, uma segunda impregnação. Esse intervalo, seja ele temporal ou mesmo o entre de nossos corpos em contato, era cultivada, numa sistemática sensibilização de um outro modo de estar ao lado, fazendo do estar dentro do manicômio em pequenas frestas e de mãos dadas.

Um relato de memória, não mais os fatos já perdidos no tempo ou mesmo caros pedaços que isolamos intocáveis. Um relato que está a me compor ainda hoje, a despejar ainda influências e combinações no agora. Eu aos pedaços e toda essa vivência a caminhar junto a mim. Impregnado, como os neurônios dos usuários de saúde mental. Impregnado como aroma de conforto da pele dos que amamos. Impregnado como sarda de sol. Caminhamos, ofegantes, mas caminhamos.

Durante os dois primeiros anos de minha participação atuávamos em duplas dentro do Hospital Psiquiátrico Adauto Botelho. Dois anos de idas ao asilo, dois anos de expedições e experimentos. Anos de reuniões, de estudo, de escuta desarazoadas, de institucionalização e contestação, mas anos onde o sofrimento manicomial nos tocava, envolvia, rondava com olhos medicamentosos, e nos mostrava pulso ainda, ainda. Em meio a isso, a lei Paulo Delgado de 2001 aprovada com muita luta de todo o setor da saúde mental brasileira, iniciava suas mudanças no hospital que deveria encerrar sua atuação com pacientes de longa internação e não receber mais internos permanentes. Fato esse que mudou e intensificou nosso trabalho bem como todo o funcionamento do hospital, em termos concreto de financiamento e reorganização de pacientes, equipe e modos de ação. Para tal empreitada a equipe atuou inicialmente no encaminhamento dos internos que possuíam família para suas residências e na busca de soluções para os

remanescentes já sem vínculos possíveis para o acolhimento fora da instituição. Tarefa titânica frente à realidade da instituição, os moradores do local, a pouca equipe presente e o processo de fechamento de um manicômio com mais de 50 anos de atuação não só na saúde, mas funcionando como único referencial de tratamento para a maioria da população e técnicos do Estado. Nossa equipe de extensionistas, juntamente com a professora orientadora Maria Cristina Campello Lavrador da UFES, se envolveu em tais processos, principalmente na preparação dos primeiros dispositivos residenciais terapêuticos⁴⁵ do ES. A estratégia das Residências Terapêuticas⁴⁶ surge como alternativa na saúde mental principalmente para amparar os internos que não possuíam mais referências fora da instituição, buscando efetivar o fechamento do manicômio e criar outras estratégias substitutivas para tal população. Nossa militância sempre esteve presente e não se furtaria em estar junto de equipe e usuários nessa estratégia contundente, mesmo que ainda sem forma. Fixamo-nos em enfermarias chamadas “pré-lares”, uma feminina e uma masculina, onde pacientes mais autônomos se colocavam mais intensamente nessa preparação para a saída para as residências terapêuticas. Nesses espaços já se iniciava, timidamente, a separação do espaço pessoal, a rotina de afazeres de casa, uma área de quintal, além de tais internos terem como rotina as idas ao CAPS Moxuara que os receberia após a saída definitiva. Um ano de vivência nesse espaço híbrido, todos os extensionistas intensificaram sua presença ali. Com eles nos preparamos e com eles saímos para as primeiras residências terapêuticas do ES, uma masculina e uma feminina nos bairros de Itacibá e Santana, em Cariacica-ES, vizinhos do Manicômio e do CAPS de referência. Tivemos como resultado dessa parceria a criação de 4 vagas de estágio em Psicologia da Secretaria Estadual de Saúde – ES e fui um dos que ingressou em tal colocação. Trabalhei durante um ano junto com a parceira Sabrina Ribeiro Cordeiro, estagiária em Psicologia na época também, na residência feminina por todas as manhãs. Metade de meus dias em Itacibá, na residência de 5

⁴⁵ Tal termo “dispositivo residencial” foi efetivado por Maria Cristina Lavrador, nossa orientadora em seu trabalho de tese, onde ela explora o terreno da saúde mental e suas estratégias não manicomial, colocando a residência terapêutica como um dispositivo que aciona dimensões comunitárias, residenciais, de autonomia, buscando afastar o termo terapêutico em sua possível captura em práticas de tratamento e/ou ainda asilares.

⁴⁶ Portaria nº 106/GM/MS de 11 de fevereiro de 2000, portaria essa completamente atrelada à Lei 10.216 (Paulo Delgado), bem como outras legislações sobre benefícios aos internos como o Programa De Volta pra Casa – Lei nº 10.708, de 31 de julho de 2003. Trago aqui referências às legislações para dar amplitude e conexão tanto à prática no chão da instituição e o fomento das leis e portarias que configuram o processo de desinstitucionalização em saúde mental. Assinalo aqui que não são dimensões afastadas e sim intimamente co-dependentes e em apoio mútuo ao se pensar todo o campo da luta antimanicomial, seus avanços e desafios.

mulheres e muito desafio. Metade de minha vida por ali, mais do que trabalhando, vivendo com elas.

Mas isso ainda é memória objetivada, fato e relato. O que ainda me marca e dá nova corda a meu coração? Reafirmando toda a relevância dessa história percorrida pelos usuários e por nossa equipe, bem como todos os profissionais e coordenações responsáveis por essa empreitada no ES, ainda parece parco circunscrever esse tempo e esses espaços a um desafio do campo da atenção em saúde mental. Ainda assim esses acontecimentos mostram-se transformadores tanto para mim quanto para todos os companheiros à época. Algo que nos deslocou radicalmente do percurso da vida, vivências que ainda nos deslocam e parecem insuflar um sopro diferente ainda, ainda. Mas retorna a indagação, como isso ainda se presentifica? Como tais *flashbacks*, feito droga lisérgica entre as sinapses, ainda endossam os dias e as práticas de hoje?

Memórias, apostas, vivências – impregnações. É bem claro a mim que o interesse no campo da estética – da criação e sua íntima relação com a subjetivação – se apresenta em desafio não somente por aprofundamentos e conjectura intelectual e sim como possibilidade de resistência, efetivação e ruptura. Mas ainda, como se fez em questão-problema-ativação essa estética em meu percurso? Pesquisar e se aparceirar de conceitos a mim se chegou pela via da abertura efetiva do pensamento, da potencia, de um encontro que amplia: acessar a criação de modos de vida e toda a sua pungência artística veio a partir dos encontros da vida, da parecença estranha entre um verso e um ato cotidiano, pelo elo potente e misterioso entre nossos modos de viver e a intensidade de algumas obras e procedimentos artísticos. E se faço esse acesso à vivência na saúde mental é porque não me formei por consequência de Guattari, não foram somente as matérias e leituras de filosofia e psicologia que me constituíram hoje, não foram os quadros no museu ou os livros na biblioteca que tão somente me abriram a criação, toda essa estética potente veio desse recorte no tempo-espaço: a residência terapêutica feminina em Itacibá, Cariacica – ES. Minha atuação como psicólogo formado emana daí. Meu mestrado emana daí e essa tese brota também com esse tortuoso e afirmativo desafio. Certa órbita caótica e originária, certo movimento inicial de dispersão enérgico. Tenho sido junto ao que me impregnou desde aí.

Eu achei graça que depois que eu vim pra cá eu me alegrei, eu fiquei alegre. Por que, eu não sei. Porque tinha um lugar que era meu e eu não sabia, que tava fechado, que tinha que limpar, que eu podia ficar à vontade depois, a senhora compreende? Se a senhora trabalha muito a senhora morre, se a

senhora trabalha pouco a mesma coisa, a senhora tem que trabalhar um tanto que a senhora sabe que dá pra senhora viver a sua vida, a senhora compreende? Se eu não tivesse vindo pra cá não ia acontecer não, o pessoal ia ficar tudo na mão, o pessoal ia ficar triste, chorando... Eu acreditei numa coisa, aconteceu. (Fala de uma moradora da residência terapêutica em Cariacica ES ao falar sobre sua vida na nova casa, presente no documentário *De volta pra casa*, 2003, 10')

Um cadeado que se abre. Uma faca e um garfo sobre a mesa. Uma caminhada no quarteirão de casa. Uma viagem de ônibus lotado. Uma ida à praia em dia nublado. Armários para organizar, panos no varal. Retalhos sobre a mesa, vassoura tirando poeira. Abraços, gritos, lágrimas, gagueira e convulsões. Um CAPS em uma imensa ladeira, um enfisema pulmonar, uma sanfona concertada. O barulho da rua, a cama que escolhi, roupas novas e sem a numeração vermelha nos ombros. Dentes amarelos e faltando, cabelos pintados pra ir à festa. Bolos de aniversário e lágrimas de emoção sem palavra. A vizinhança espiando pelas frestas, uma música na varanda de casa. A praça, a cachaça. A família, o sono, a cebola que pico. A briga, a ambulância, a correria, o casamento. A faca, os anéis, as risadas. A televisão, a janela. Um banco de madeira sob uma magra árvore, o valão, a enchente. Medo, sorriso e respiros. Mulheres e vida livre, respirando, ainda.

Nomeei a ética prática como minha primeira impregnação, a lacuna experimental sendo a segunda, mas todas elas se fundem e se dispersam quando penso nas vivências junto às moradoras e parceiros na Residência Terapêutica feminina de Itacibá. Penso que se existe algo demarcável, certo marco em suspensão que me faz gravitar com imensa paixão entre a vida e arte, foram tais vivências. Ali, durante esse tempo, naqueles espaços, fui a me constituir em esgarçamento dos conceitos e num ser sensível que ainda vibram em mim. Como que, com elas, fui a eletrizar uma estética da vida, a encarnar essa matéria movente. Guattari (2012) assinala uma função poética quando tocamos o paradigma estético do real. Complexa função, vendo que Guattari está a pensar os procedimentos presentes na produção de subjetividade, com seus processos de reprodução massificada e escapes singularizáveis. Em meio aos Fluxos, *Phyluns*, Universos de referência e Territórios existenciais, dimensões presentes na produção do real pela perspectiva do paradigma estético, pensamos a produção subjetiva como constante processo de interpenetração de tais dimensões que efetiva a produção duma função existencial (GUATTARI, 2012). E ao pensar em tal procedimento constante de criação estética que inserimos a subjetivação humana, temos de considerar uma transversalização constante entre coordenadas valoradas como referência, fluxos de

desejo, *phyluns* replicáveis de modelos e signos e territórios de existência, e tal transversalização possui potencia de singularização, ou mesmo de precipitar a singularização em meio à produção. Uma imensa ampliação complexa a que Guattari propõe, mas essa estética é via prática de intervenção e defloramento dos processos de produção, e encontramos uma inusitada proximidade ao desenrolar dos acontecimentos e a produção subjetiva que vivenciamos. O que nosso autor nomeia como *função poética* se configura como catalisadores de operadores existenciais suscetíveis de adquirir consistência e permanência. Há a territorialização, a concretização em processo de nossas existências, e suas constantes desterritorialização, e a isso temos de considerar a produção massificada de subjetividade a qual estamos inseridos e sendo afetados constantemente, mas também aí há a brecha de possível singularização que Guattari (2012) indicou com uma parceria catalizadora poética. Criar vida singular é poetizar de certa forma os processos que nos transpassam. Seu debate leva muito em consideração as dimensões do discurso, dos operadores semióticos, mas reside em seus debates um ponto de toque e adensamento da interferência nos processos de subjetivação, por ele mesmo associada a uma poética dos processos que buscamos acessar por agora. Se buscamos ativar essa singular criação em meio à subjetivação – no sentido de promover rupturas ativas nas cadeias de produção e fomentar a efetivação de subjetivações em singularidade –, percebemos a importância de uma sensibilização e experimentação constante de nossos limites, afetos, choques e crises que envolvem pulsar um modo de vida humano. Catalizar a subjetivação em sua faceta produtiva e poética não se aproxima em rebocar nossos agenciamentos com discursos ou novas sobrecodificações “embelezantes” ou mais harmônicas. Ativar a função poética se dá em imersão nos processos, em texturizações do entorno, e muito fortemente em uma respiração em pulso por sobre nosso caminho imanente. Muitas vezes essa estética mistura nossas fronteiras, nos desestabiliza por profusão de contato, eletriza conexões que ainda não acessávamos, mas daí salta uma consistência vital crucial: o movimento de estar em nossos processos com intensidade, sensibilidade, impregnados de tudo e em potência respiratória de seguir a inventar possibilidades.

Em Itacibá alguma poética nos invadiu. Em momentos de parceria íamos a suspirar cada desafio subjetivo sem fazer idéia do que se construiria logo à frente e com uma enérgica presença. Magnitude, tudo era magnífico. As dimensões se diluíam, pois nessa estética da vida cada fôlego é um novo cosmos. As rotinas nos ajudavam a balizar a

deambulação, mas o termômetro era sempre a lateralidade e a empreitada tátil de seguir sem objetivo final. Cada um com seu limite tensionado, mas pronto a se aparcerar na mistura de construir e explorar uma outra possibilidade. E isso se traduzia dos mais diversos modos: eu, homem, jovem, branco de classe média alta, estudante universitário ia a me desafiar todo o tempo por caminhos e situações que jamais viveria em minhas bitolas usuais como andar por um bairro de periferia sob olhares de preconceito para com os “loucos”; algumas dessas mulheres, negras, idosas, asiladas por décadas, usuárias dos serviços de saúde mental, consumidoras de medicamentos psicoativos, iam e tocar novamente certa delicadeza dos dias como ir à rua comprar uma caixa de fósforos. Algumas pensavam sobre sua autonomia em bravos gritos de seguir sua vida, outras limpavam o piso como um encantamento completo de ter para si uma residência, outras riam ao ver os meninos novos como netos muito diferentes de si e afetuosos, outras ainda a misturar delírios sem ameaça com a rua cheia de gente do fim da tarde, ou ainda as funcionárias que habitavam a casa caótica a descobrir que o hábito é algo que se dilui em desconfiança, sim, mas com muita emoção por fim. Cursos de artesanato, calçadas de cimento quebrado, muitos balanços diferentes. Corpos de muitas formas, cansaços diferentes, mas um percurso conjunto. Interferências e criação em expansão: os acontecimentos nos traspassavam em simultâneo. Inventávamos-nos, com certo espanto risonho e encanto corajoso. Isso não tem marca que traduza, impregna em potência.

Quando começa o cuidado? Qual seu caminho, sua direção? Essa recordação é circular, elíptica. Uma recordação fractal e perene em seu desenrolar. Não sinaliza um só caminho, mas um zanzar circundante, vacilante, em risco giratório. Entre a militância e o cuidado, entre a intervenção e o efeito, entre a dominação e a liberdade... A delicadeza da saúde mental não lhe tira a aspereza, numa cambiância muito própria da vida. Em tempos de desmonte progressivo das estratégias de cuidado em saúde, que se estendem desde a diminuição progressiva do financiamento das estratégias em saúde mental⁴⁷ até

⁴⁷Atualmente em 2018 não vivemos ainda a revogação de nenhuma de nossas legislações anti-manicomiais, mas é premente o desinvestimento financeiro nos serviços e equipes mínimas de atuação nos serviços de saúde mental – desde equipes volantes do PSF aos CAPS de todos os níveis –, bem como o não avanço de algumas estratégias que solidificariam a desmanicomialização de nossa saúde mental – como exemplo a dificultosa implantação das RAPS em diversos municípios do país e a até a criação de redes estaduais de álcool e drogas que são avessas à legislação federal (Como exemplo temos a Rede ABRAÇO criada no ES há alguns anos que investia na criação e fomento das chamadas “comunidades terapêuticas” de internação em álcool e drogas em grande incentivo à institucionalização. Este programa atualmente está reformulado em maior conformidade junto à legislação federal, mas ainda persiste em movimento constante de possível captura e uso manicomial dos investimentos e tratamentos oferecidos).

a imensa medicalização que se extravasa por todos os cantos⁴⁸, vamos a sentir a fragilidade rude desse campo. Humanos a tomar mais de 12 medicações psiquiátricas diariamente, cirurgias de lobotomia repaginadas e receitadas oficialmente para transtornos como o TOC (Transtorno Obsessivo Compulsivo), a reconfiguração manicomial em clínicas de reabilitação de drogaditos por todo o país, o jogo constante de poder ao reencarcerar a loucura em guetos mornos e controláveis; todas essas prementes e concretas questões que orbitam o campo da saúde mental me acessam com uma dolorida preocupação. Reafirma a aspereza desse campo, a rudeza da dominação, a facilidade bruta da violência. Mas é nessa aspereza, muita vezes dos pés calejados e mãos duras dos usuários, onde devemos buscar o que ainda pulsa nessa vida, como ainda respira e cria saídas. As dimensões devem ser acessadas em simultâneo, ali onde se misturam os códigos e se dá um jeito pra seguir o rumo, junto aos usuários e técnicos ainda vivos na saúde mental. Delicado tecido, resistente presença e ainda assim, um combate a ser feito pelos afetos.

Entre o cuidado e a militância. Uma ética da vida nos pede presença, luta e proteção. Uma estética poética da vida nos pede sensibilidade, toque e respiração. Não devemos procurar a estética como algo a ser inserida na vida. Não se ativa a criação subjetiva somente a partir de nossos acadêmicos e artísticos dispositivos muito bem pensados. A vida é estética, é poética. Essa sim a impregnação mais ampla, persistente, diluída por sobre todo o meu percurso e ativada reiteradamente de diversos modos. Sensível impregnação, que me tomou a carne não de fora pra dentro, mas em desvelo conectivo intenso, como uma cumprida respiração. A memória perde importância a esse ponto, não precisamos gravar isso em imagens e pensamentos dentro de nosso cérebro organicamente humano – memória é a energia que se espalha, que ecoa, que replica e transmuta enquanto vai ribombando pelos corpos. Fazer-se desmemoriado não é erro, pois a consistência vai estar sempre a nos transpassar, a encharcar cada fibra de nosso corpo, a costurar cada novo passo, mesmo vacilante, e a exalar-se de nossas bocas. Esse

Tal panorama vai além da saúde mental e se configura em todo o SUS, além de afetar outras políticas como o Sistema Único de Assistência Social e conexões com a Justiça brasileira como o exemplo das internações compulsórias e as atuações junto à população de rua.

⁴⁸ Somente o consumo em larga escala de substâncias como o Cloridrato de Metilfenidato e do Clonazepan, medicamentos prescritos a todas as idades e a partir de diagnósticos múltiplos, já indica um exemplo da extrema medicalização em nossa população não entendida usualmente como usuária da saúde mental. Tais medicações são das mais distribuídas pelo SUS, outro fato que demonstra a imensa interferência em nossos processos de saúde e como tal questão extravasa e muito o território das políticas de saúde mental, bem como combina outros fatores sócio-econômico que muitas vezes não estão ainda contabilizados ao pensarmos nos efeitos populacionais.

o hálito, esse o alento que me impregnou desde minha vida nas residências terapêuticas. Elas me deram as mãos muitas vezes, seus olhos ainda me são presentes, nossas maquinações ainda vívidas para mim. Entre a militância e o cuidado, nossa vida pulsante. Essa poética respiração imanente foi o que se impregnou em mim. A vida a respirar, ainda, e além.

Citoplasma cósmico – algo para se ler com desleixo

Com que avidez esta onda se aproxima, como se houvesse algo a atingir!
Com que pressa aterradora se insinua pelos mais íntimos cantos das falésias!
É como se quisesse chegar antes de alguém; como se ali se ocultasse algo que tem valor, muito valor. E agora ela recua, um tanto mais devagar ainda branca de agitação – estará desiludida? Terá encontrado o que buscava? Toma um ar desiludido? Mas logo vem outra onda, ainda mais ávida e bravia do que a primeira, e também sua alma parece cheia de segredos e do apetite de desencavar tesouros. Assim vivem as ondas – assim vivemos nós, seres que têm vontade! – e mais não digo. (Nietzsche, 2001, p 310)

Ando cansado de pensar. As palavras na boca saem grossas, grudentas. Essa transformação dos pulsos do coração em inteligibilidade, esse hábito de processamento de intensidades amorfas em pensamento corriqueiro, possui um resto que sobra ou se perde. Como quando numa gravação de estúdio, uma fotografia ou tantos outros meios: a voz pode ser melhorada, ampliada, reverberada de veludos ou asperezas, mas perde qualquer coisa do fenômeno singular; a luz pode ser saturada, rebatida, filtrada, super exposta, capturando algo da irradiação, escolhendo uma dentre as infinitas perspectivas de todo espectro. Ou quando ao postar-se a pintar por dias seguidos uma natureza morta, que se eterniza, brilhando em composição e precisão luminosa, perde-se o descaimento das frutas, sua perecibilidade desgastável. Miraculoso poder que as “gravações” possuem; seu aprisionamento multifacetado é de uma técnica insuperável, mas devemos saber: pensamento, arte e escrita são outra coisa, requerem muito mais. Os atos podem sempre parecer semelhantes se não os mesmo, mas raciocinar é diferente de pensar, assim como as habilidades plásticas da arte e não resumem as obras em si mesmas ou a destreza gramatical das palavras encadeadas denotam por completo um poema. Chega a viciar raciocinar, arranjar, comunicar ou debater o que quer que seja: tirar conclusões do suor, ver as folhas e pensar fotossíntese, particionar o caminho do sol em períodos sexagenários, espectar a repetição dos padrões nesse caos desimportante, e por aí vai. Mas não se resume a isso...

É uma delicadeza diferente essa de tentar escutar a voz do tempo, o pulso do mundo, o murmúrio do coração – a escrita, alguma escrita. Das entradas precisas, fazer um rombo de intensidades. Sudários de afeto e imperfeições. Desapegos do progresso, abandono do controle, que doem nas têmporas, mas ataçam os olhos de bicho que somos também.

Escrever o que pendula, sem apreender. Marcar, *desescrever* e buscar outras vias dessa ânsia não documental que é grafar. Toda *grafia* é escrita, seja ela de luz, de tinta, de terra, de humanos.

Encontrar esse pêndulo é uma fineza paradoxal. Como algo impossível de se fazer, mas que se faz. A mutação invade, desfazendo o propósito e fazendo-nos espiar a incongruência de tudo, e assim se ama muito mais as coisas.

Eu escrevo para poder tocar realmente em tudo.

É cultivo. E é pelo cultivo que devemos abrir outros veios afetivos que nos parem⁴⁹ o pensamento. Temos vivido de forma inversa. Se não oposta, pelo menos uma forma de combate a isso de imperfeito e interferência as quais buscamos tocar anteriormente. Isso, esse incongruente e efusivo do que se faz a vida, aprendemos a desfalecer. Como numa dissecação, invertemos o corpo ao avesso: pomos a pele no profundo narcoléptico onde o toque só subsista de modo inócuo e anestesiado, e ostentamos o intelecto (ou coisa que o valha como a corrente coerente de discursos educacionalmente ensaiada) como a solitária antena de tradução para o abstrato sujeito que resida nesse corpo. Satélites que forçosamente se envolvem num vácuo e tem, na fragilidade silenciosa de débeis transmissores, o total suporte de um pulso fátuo – a tradução. Insistimos em não tocar, mas sim codificar e decodificar o que se toca, na deglutição parca do “ambiente” que deve se concatenar em plausíveis sinais e esteiras de entendimento. A tradução como única via vital, esse o *modus operandi* que temos efetivado.

Não procedemos aqui – nesse texto desleixado – para transformar em obsoletas tais funções ou mesmo rechaçá-las como bitolas fechadas ou aprisionantes. Retirar o brio plástico e criativo de tais funções que muitas vezes nomeamos de “cognitivas” – mesmo entendendo toda sua conexão coletivo-cultural-temporal – seria um “denunciísmo” fraco e uma falsa “liberação” da vida. Não. É mais a dissolução e a ampliação que se

⁴⁹ As palavras e seus mistérios, pois ao indicar a parada do pensamento também acaba ressoando o parir do pensamento. Esse que nos invade, que nos pensa, e que também habitamos a se confinar em raciocínio carrossel em nossos cérebros.

ativa por aqui para que a ferida do contato com o mundo possa respirar. Diluir. Ampliar. Respirar.

Lateralizar a codificação técnica e o maneirismo racional, esse o desleixo prático que acessamos, fazendo do contato um ponto de existência estética. Habitar a costura imanente e pulsante da vida com foco na descodificação e na criação é uma aposta que carece de preceito, apresentando um desafio muito maior para seu uso: um desafio ético, político, e, sobretudo estético. Cada conceito que acessamos de uma filosofia pós-estruturalista, ou mesmo uma cadeia de pensamento espinosista ou nietszchiana nos requer a dobra das ações (seu desafio ético de repensar as práticas e os processos que habitamos), uma contingência (pensada em todo o jogo político de forças constituintes de um real, ilimitado, mas contundente), e, sobremaneira, estético – as formas, os modos, pontos de ação das outras dimensões, onde as quebras do pensamento e os acontecimentos ganham consistência, nesse singular espaço de criação.

Como ativar o plano de consistência⁵⁰ que Guattari nos desafia a tocar? Como esse pensamento, já cansado e idiotizado, pode fazer-se fluir e interferir? Como fazer dos códigos e técnicas armas de usos múltiplos para fazer da criação potente uma concretude? Escrever? Não se trata de exercício de escrita ou de vida, é aquém desses dois conceitos: a diluição ampla que nos refaça o toque.

Como disse, para mim essa tarefa veio ao contrário. Escrevo antes – estético antes –, e tudo vibra vivo junto. Mas então como tocar o outro, como tocar o mundo? Como estabelecer algum contato? Clarice Lispector diria sempre que a solução é escrever distraidamente, que o seja.

Distraídos, diluídos do raciocínio vamos a criar certo procedimento, aqui mais intuitivo que prescrito. Seguir sem precisão, desfeitos duma compreensão, mas intensos como um fôlego antigo e premente.

Deixe estar, contato. Segue.

⁵⁰ Em Guattari (2012) encontramos diversas outras denominações semelhantes de articulação e uso como: micropolítica, esquizoanálise e plano estético. Aqui acesso plano de consistência nessa aproximação do pensamento da criação com os processos de subjetivação na criação de territórios existenciais em meio a planos de consistência, fluxos, *phyluns* e universos de referência.

Procedimento:

Deite os olhos aqui, mas perca completamente a atenção por um instante.

Quem você é – a primeira falsa questão. Deixe seu nome aqui _____, já se rompe pelo menos um dos firmes fios da concentração.

Eu começo pelos olhos, certo piscar pouco mais forte de pálpebras, que me resgatam uma seriedade sem humor e um suspirar mais dilatado, deixando-me temperado para o contato. Ligeiros e lerdos movimentos, fechar-abrir, sendo pálpebras para desligar o olhar. Deixe de novo _____, que fique aqui sua palavra nominal. Ir esquecendo o nome próprio é difícil, pois, logo nessa disposição primeira de deixar seu nome ir, percebemos como ele mesmo é refratado em tantas outras identidades, números, raízes, locais, afazeres, uma quantidade de outros fios. Mas, por agora, é deixar que essas amarras se afrouxem devagar pela perda do nó central, perdendo precisão e ganhando maleabilidade. Seu nome _____, deixe ele, mesmo. Logo sentimos que frágil rede ele sustenta, e que é simples, afinal, amolecer as retas de nossas identificações e deixar-se incólume por um momento. Deixe mais uma vez _____ e agora os outros fios vão se afastando lento enquanto você fica aqui, sem nome. Deixe e vamos pegar, desse tédio aflito, a petulância do desapego, e estar. Estar, restar.

Aí pulsa o coração, o corpo enfim tem 36,5° e temos sempre um solo e a gravidade. Dos olhos ao des-nome, do raciocínio ao toque. Ponto zero: olhe e tudo começa em esfera.

Escute. É vibração, silêncio cheio, som de qualquer maneira, espaço ao redor. Seu corpo engrandece e risca o ar, presente. Distraia-se, isso satura. Não é necessário fechar os olhos, só se vier tranqüilo esse fechar. Um coração, essa a vibração que se espraia. Cada instante se escancara e os pequenos teatros que emergem, na tentativa habitual de preencher a *lacuna*, devem ser abandonados por agora. Deixe as imagens perderem pregnância, escorrendo ao nulo, estando em intervalo, e só.

O nome de novo _____, mas agora deixe seu tempo também _____.

Perca-o. Seu tempo se faz aqui como as concretizações inominadas que moram nesse corpo seu, sejam elas o que já se passou, ilusões abstratas, “percorrências” todas ou alusões longas, tempos travestidos que afinal tem praticamente a mesma consistência.

Tantos anos vividos aqui _____ e tantos outros que virão _____ . Os tic-tacs ecoando a perder o ritmo da memória e da projeção. Deixe também todos os outros tempos que, mesmo você tendo um curso singularmente cronológico, te rodeiam em outras vias insuspeitas: eras, planejamentos, calendários, encadeamentos, deslocamentos, prazos; tudo isso aqui também _____ .

Pulso. O ar. As texturas. O horizonte. Os materiais. Pulso. Dias passados, horas futuras. Perdição de compromissos, acumulações de destino frágil, heranças e carmas – todas essas dimensões cronológicas amorfas que nos atravessam. Deixe perderem a aura temporal que nos infecta, até restar, estar somente. O tempo, aqui: _____ .

Movimento. Olhos-carne-coração-som-coragem-corpo-silêncio-respiro. TUDO. Quantos somos agora? Quantos vão emergindo dessa diluição? Não importa. Pega e respira tudo isso que o movimento apresenta numa singularidade titânica...

Esse toque pode se perder, tudo retornar em sobressalto, um alarme diurno que repuxe o nome de batismo, o barulho que nos “cerebralize” num alerta de rotina encadeada. Não assuste, pois ampliação não é hábito e a diluição fragiliza. Feche aqui, se precisar. Isso – a amplidão diluída – não finaliza, e se pode voltar eternamente.

Vamos? Vamos.

Perceba.

Perceber – certa etimologia faz dessa palavra calma um procedimento. *Per*: totalmente, adicionado de *Capere*: pegar, agarrar – ambos do latim. Quanta força em uma atitude que diversas vezes vivenciamos como uma parada, uma vírgula no fluxo da vida, aquela atitude que nos posta muito mais em recebimento do que num agarrão.

Per – ceba. Agarre enfim essa brecha de amplidão. Com a renúncia do nome, na dispersão do tempo cronológico, agora peço percepção. Sem essas duas “barragens” primeiras parecemos patinar em um presente sem sentido, quase pastoso de tanta falta de propósito. Abdicados do ponto de partida e das metas de origem e destino, o que resta? Perceba.

O som, esta a primeira volução que acolhe, que invade nossa pele quieta, perturbando com o momento presente – sem medição ou mediação alguma – essa pasta orgânica ligeiramente catatônica. Seja o som de outros corpos – rugidos baixos da noite,

burburinhos vegetais ou animais, água em diversas formas, vocalização falsas de eletricidade ou quentes próximas, ar em fantasmagórica movimentação ... – ou barulho de seu próprio – no mínimo o fole pulmonar que acalanta e o peito a bombear. Há som.

E pelo som vamos perdendo a delineação frágil que ilusoriamente mantemos – a qual nomeamos consciência ou algo de identidade – e vamos ganhando contorno. Perder delineio, para ganhar contorno. São instâncias sutilmente diferentes, mas que guardam maneiras bem distantes. Delinear pede precisão, estabilidades em objetivo final que, mesmo em relação, ficam a emanar essências intocáveis e classificáveis. O contorno nos faz fugazes, deixa que as membranas sejam, enfim, passagens e encaixes, todo esse toque que é perene e que as estabilidades nos infernizam em neutralizar. O laboratório científico precisa estabilizar os músculos para adentrá-los, mas, se temos nosso corpo como único canal vivo nesse texto, perceba. A carne, que chamamos de nossa, precisa engolir o mundo externo para nutrição, requer esse abraço do não-corpo para permanecer sendo algum corpo. Essa mesma carne troca a todo tempo, sendo porto de reações gasosas – mesmo em sutilha, respiramos. Sangue que é trilho de permutas ilimitadas em correntes cadenciadas de coquetéis químicos. Pele que só chamamos de nossa porque o tato insiste em alertar que somos pele porque se sente. Os bilhões de outros nervos todos a captar esse “exterior” para remodelar esse corpo “receptor”. E no centro? Um cérebro que não sente dor ou tato? Uma energia descarnada que se utiliza dessa massa humana? Nada. Nada.

Perceba, tudo é caminho e jeito de mover. Ou seja, tudo é um novo sentido transitório a cada instante, porto singular de trocas. Deixe os pólos por aqui, deixe as funções isoladas e as estabilizações aqui, _____.
Seja porto, rota comercial, aglomeração e transformação. Seja, perceba.

O nome. O tempo. O corpo. Externo-interno. Trânsito. Encontros e trocas. Toque e mistura.

Deixe tudo _____ . . .

Ao perder a delineação ganhamos contornos, e daí diluir é ampliar e viver propriamente.

O que fazer com isso? Falsa questão número dois. Aqui se pergunta como se faz isso.

Os olhos pesam, como uma sonolência que se instala entre o “entendimento” e as imagens concretas. Usualmente aí se monta a captura do olhar – pelo consumo em todas as suas utilizações: da desatenção ampla que nos lobotomiza, até mesmo o foco completo seja de uma idéia ou modo de viver. Mas por agora é utilizar essa lacuna com distração, esvaziando os trilhões de informação inútil, fazendo da falta de foco ocular um despojo de signos. Até que... reste só entorno. Ir limando devagar a consciência habitual para acessar camadas mais sutis de pensamento dos fluxos em movimento, tocar esse entorno que nos transita todo o tempo. Tocar em contorno e troca.

O entorno e certa clareza. Sem nome, sem tempo, sem corpo firme e agora sem entulhos forçados de informação. Nessa leveza a intuição – tal dimensão sutil e potente do pensamento – se adensa e a clareza nos apazigua. Paz enfurecida essa, mas ainda assim paz. Essa fúria pode surgir desses esbarrões nas mesquinhezas que nos atravessam, ela que se alimenta das delimitações emergem e amedrontadas enquanto ampliamos esse fluir constante de tantos outros caminhos. Fúria de estar, respirando pacífica potência. Toda a rede embutida em nossos hábitos e modos de vida, tão preciosos, agora caducos de sentido. As conversas informativas generalizadas a todos os campos, incluindo as nossas próprias locuções no silêncio do “pensamento”, agora em erupção cacofônica e esfarelante. A rua pública que é rio de carro frente nosso frágil arranjo do corpo orgânico, desejos que parecem amarrados num sujeito acuado tentando explosões outras, as conexões e suas transformações inundando os contatos controlados que teimamos em habitar. Respire.

Respirar acorda essa clareza, afia a intuição. Nome, tempo, corpo e entendimento, tudo num suspiro concreto de hálito seu. Respirar acaricia o corpo inteiro, é questão de insistir, de vencer a atmosfera e seguir ofegando nesse movimento.

O nome e suas coordenadas débeis e firmes. O tempo fugidivo em que se tornaram os instantes e a suspensão solitária que tantas vezes sentimos esfriar o peito e enrugam o rosto. O corpo que é emblema fluorescente de tantos discursos e incursões de codificação, mas que enfim processa e sustenta essa vida sua. A malha de interconexão entre tudo e você, sem pedido ou permissão, sem salvo-conduto. E a respiração a indicar seu singular movimento desprezioso.

Aí mora uma companhia bem maior, dessas que não se constata fácil, que se sente. A coletividade nos dilui, nos dissolve porque nos forma, porque nos marca, e solidão é pretensão de quem fica escondido fazendo fita. Essa consciência, que destituída de primazia desde que Espinosa denuncia suas ilusões autopostas e desvela a mutação relacional de corpo e idéias⁵¹, se dilui em intuição concreta. Percebemos as técnicas possíveis de ação, desde conceitos de filosofia, procedimentos psicológicos e mesmo o aparato de produção social que nos encarna. Mas nesse abandono no qual estamos não deve haver apego a fixações, e sim uso. E é, a partir desse ponto macio e movente, que a liberdade se mostra prática de carne, movimento de chão, respiração.

Encontrar a paixão em cada instante é pausar o pensamento, ampliando essa percepção para as órbitas dos acontecimentos. Espirais desordenadas, fractais que por hora talvez se mostrem alquebrados, mas onde o movimento torna-se possível. A matilha nos envolve e a máquina-código se transmuta em máquina-mutante.

Piscar os olhos, tocar essa amplidão para viver a perpetuação e a criação de movimentos, de vida. Que a experimentação do esquecimento nos amplie, que a diluição de nossas amarras seja sensível, que estar nos contorne em respiração. Não entenda, não busque exercícios estéticos para a vida, só respire essa perdição. O coração é guia, e só.

Dilua, amplie, maquine, e começa.

⁵¹ Se há algo a ser referenciado aqui é toda a extensão da exploração de Espinosa sobre os gêneros de pensamento, que aqui aportamos em sua afirmação da consciência como primeira e enganosa instância de um processo de pensamento para além dessa mesma consciência. Não buscamos reduzir Espinosa, nos apoiando em seu trabalho na *Ética* (2015) e os debates de Deleuze sobre tal filósofo (2002), pois é imensa e complexa sua exploração, e sim fazer dele um ponto de sensibilização.

Onde ainda a criação? – escrever como quem respira

Birds flying high you know how I feel
Sun in the sky you know how I feel
Breeze driftin' on by you know how I feel
(...)
And I'm feeling good
(...)
And this old world is a new world
And a bold world
For me
(...)
Oh freedom is mine
And I know how I feel
It's a new dawn
It's a new day
It's a new life
For me
And I'm feeling good
(Nina Simone, Feeling Good, 1965)

Leituras infinitas, escritos repetitivos, e ainda assim alguma insistência nisso. O código lingüístico tem estado cada vez mais presente a nossa volta, as palavras nos sobrepõem por vezes e a comunicação escrita é extremamente massificada em nosso contemporâneo – de aplicativos de conversa instantânea aos registros comuns de documentos oficiais, incluindo mercados de *best-sellers* que muito se resumem a modelos fechados e vendáveis em grande escala (DELEUZE, 2010). Nessa rede de captura, repetição e fechamento, como ainda pensar que há algo de disruptivo em meio à linguagem escrita? Onde ainda palavras potentes, pensando de dentro da universidade que se funda pela escrita e tendo em mim a escolha da literatura como motor de existência, onde ainda? Como re-engendrar uma escritura que mova para a criação e para a afirmação da diferença?

Uma oxigenação no discurso acadêmico e no hábito da calçada é necessária quando se pensa que ler é mera acumulação intelectual e escrever trata-se somente de tempo despendido em registros técnicos. Como se fosse uma simples escolha, essa de deitar os olhos, parar a voz por instantes para lidar com papel, letra, em tortuosas e encadeadas sentenças... Isso é ilusão, é convencimento de que tudo se estabiliza quando a frase se fixa. Há sim certas escolhas de aproximação, encaixes mais curtos e práticos, tateando as palavras nessa lida conosco, descobrindo devagar que modo elas se acoplam a nós. Mas não existe muito controle do que vai se passar quando o toque se inicia. Aponto

que não é com afastamento do real que se faz escrita, é entrando numa conexão de sortilégio, enxurrada e adensamento que se escreve no mundo.

Aqui me propus a escrever. Nessa tarefa de leitura e escrita, que muitas vezes é veículo ou continente do pensamento e das experiências, percebo que estamos a todo tempo lidando com múltiplas possibilidades, indo da ordenação racional de informações a inspirações das mais abstratas. Escrita e leitura são algo de técnica, de prática, mas sinto que em seu exercício, como diria Deleuze (2010) de um concreto atletismo afetivo, vamos a tocar outros pontos mais macios e intensamente disformes nisso que colocamos como a arrumação de letras em código inteligível. Propor-me a escrever em outro agenciamento com a língua – isso não é um estilo tão somente, um modelo mais “pós-moderno” de se aproximar da filosofia sem precisar tanto temor ou mesmo na tentativa duma “poetização” dos mesmos conceitos sérios. Olhar a escrita além e aquém de sua comunicabilidade a mim foi descobrir outra potência de existência e deslize do pensamento e aí, em meio ao movimento incessante, ir adensando potências em experimentos sensíveis. Há outros modos de escrever, de ler, tantos quantos infinitos modos a vida pode se desdobrar. Essa é a radical aproximação entre a escrita e a produção subjetiva, se podemos nomear nesse momento a vida assim, esse singular adensamento reiterado em meio ao movimento. A escrita é como uma ferida, certa conexão imensamente sensível e que a todo tempo buscamos cerzir, fechar e secar para que não prolifere em abertura. A leitura é como um arroubo de olhar, que desacomoda o re-visto e faz enxergar “demais”. A vida é duma fragilidade que espanta em resistência, a qual ladeamos em prudência para perdurância, mas que só se faz em ousadia e ânsia. Mesmo que escrever seja algo de indomável, pelo menos aqui é na escrita que tento habitar sobremaneira: pensemos, então, como se escreve? Escreve-se em perigo, em sobrevivência, em exuberância vivaz. Escrever em persistência, pausa e impregnação. Mas, sobremaneira, é com ela, a escrita, que também se respira.

Certo que se têm arranjos, manejos, alguns calos nos dedos e uma insistência para repetir palavras intermináveis, mesmo que muitas vezes fiquem a rolar na boca feito bagaço de cana ou fiapos de manga agarrados entre os dentes. Exercício de cultivo e exploração, onde escrever deve perder a dádiva intocável do “talento” ou do “dom” para ser campo de habitação, experimentação, afirmação e florescimento a partir de suor, poros abertos e permanência insistente. Não se escreve bem, isso é para ostentador pequeno, intelectual acuado em mísera fortaleza de papel. Eles sim escrevem bem,

fazem críticas primorosas, conhecem o que é terminante saber para uma real leitura do texto “além do texto”, e ver ainda mais além do que qualquer cidadão ludibriável pela arte do escrivão – arte esta dominada por estes mesmos sábios muito mais pelo ofício de escriba prestidigitador que por uma pretensa inspiração. Caducos Olavos Bilacs que encham de traços rebuscados essa covardia que é ser um intelectual. Se nossas palavras apontam-se somente para outras palavras já perdemos sumo, pois isso é bem curto.

Não quero isso. Eu, desde que aquele filho do carbono e do amoníaco me deu sina, diversas vezes perdi a voz frente a certo mercado editorial e às entradas e circulações monetárias dos escritos contemporâneos. Mas insisto. Faço petulância feito carrapato que coça leve só pra pedir ajuda e furar mais fundo a pele e engordar, enquanto nós todos, alheios, caminhamos no couro uns dos outros. A escrita em si não unifica o que busco afirmar aqui como uma estética-ética radical do escrever. Pode-se optar por funções da linguagem em diversas conexões, das arqueológicas às poesias concretas, passando por maneirismos infinitos, do jornal à cartas de amor. Não tento encontrar uma “verdadeira” escrita, alguma que seria fiel aos acontecimentos ou mesmo que encontrasse sua mágica função de desvelar alguma coisa. É um uso outro que busco, uma conexão da escrita que tem a produção de textos como uma das infinitas afirmações criativas presentes no processos vitais. Escrita como pose de sabotagem dos discursos, de invasão criativa nos processos e de vivência singular. A escrita como uma ativação estética da potência vital que não pertence a nós, mas sim é esse cosmos que nos envolve em desdobramento.

Muitos escreveram livros a partir somente da leitura de outros livros, tantos livros têm o cheiro de lugar fechado característico das bibliotecas. Com base em quê se avalia um livro? (...) Por seu cheiro: demasiados livros recendem ao ambiente pesado dos gabinetes de leitura ou escritórios. Cômodos sem luz, pouco arejados. (...) Outros livros respiram um ar revigorante: o ar revigorante dos espaços abertos, (...) Esses livros *respiram*. Não estão sobrecarregados, não estão saturados de erudição morta, vã. (Gros, 2010, p 25 e 26, grifo do autor)

Essas letras que respiram, que exalam sem se gastar, que se renovam gaseificadas, fervem, tanto corroem como renovam. Essas poses que me encantam, que me engajam. Escrevo como quem devassa a vida, num desejo tão grande de aproximação que fico a babar com um olhar da rua e espumo de tédio frente os grandessíssimos eloqüentes de nossos tempos. Esses inflados de *updates* e informações capciosas que transformam qualquer leitor em mero medíocre do contemporâneo que deve estar ludibriado pelos

sermões, e que, por repuxão, ou escrevem seu diário íntimo pronto a ser descoberto como obra prima ou saem em disparada para criar seu espaço inédito de poderio estilístico. De *post* em *post* perco completamente a vontade de ler, mesmo que esse seja um dos meus maiores prazeres. Leitura e escrita, arte e vida, a mim se misturam num mesmo, e tudo que tem fome e luxuria me atrai muito mais do que referências bibliográficas.

A vida mora em tudo, mas nas letras é artesanato inusitado fazer brotar um pulso bom, um rompante digno de suspiro e certo veneno anti-monotonia que dure gerações. Não recheio papéis, da mesma maneira como não amolo as facas cegas da violência. Minha bruteza é de outro gume, é de sorriso, de carne, de gente boiada viva, de ave de céu amplo, de galáxia e gota de suor. De luta corporal, seja no grito ou no afago.

Escrever, como viver, é uma viagem de descobrimento. A aventura é metafísica: é uma maneira de abordar a vida indiretamente, de adquirir uma visão global ao invés de uma visão parcial do universo. O escritor vive entre o mundo superior e o inferior: toma o caminho para no fim tornar-se o próprio caminho. (Miller, 1986, p 21)

Em tempos de mesquinaria e hipocrisia pra que escrever? Que artista é esse? Se aponto aqui afetos ruins em nosso contemporâneo não seria num fechamento ou conclusão remissiva, mas sim em certa multiplicação de discursos endurecidos e esvaziados, onde escrever ou ser algo de artista tem muitas facetas de captura e de propagação de mediocridade. Escrever é pra acordar afeto e nutrir. O mais é sanha de viver, de fazer gente e mundo feliz, no correr a vida em sua magia potente, e só. Como, então, chegar a essa ativação duma escrita fulgurante? Como acessar certa dimensão insuflosa das palavras, respirável das frases, oxigenada do escrevível?

Clarice Lispector estoura. Escreve como um silencioso som sideral, para chacoalhar. Ela, escritora que me transversaliza perenemente, fez de uma curta crônica de revista e nada usual em seus escritos – tanto devido à inspiração por um fato concreto, quanto pelo tom de análise direta e ligeiramente mais enfurecida – um corte vivaz quando traz *Mineirinho*, publicado na revista *Senhor* em junho de 1962. Poucas páginas, um texto que sangra. A crônica foi escrita à partir da morte de José Miranda Rosa, criminoso do Rio de Janeiro com a alcunha de Mineirinho, no dia 01 de maio de 1962. Clarice, a todo o tempo do texto, lança mão de uma estupefação, pois a morte de Mineirinho em uma emboscada policial aconteceu após diversas tentativas de captura, incluindo fugas da cadeia, diversos furtos e assassinatos atribuídos a ele e toda uma força tarefa para sua

detenção. Frases atiradas à pistola, uma crônica que expira. Uma fenda no correr dos dias apáticos, palavras tão vivas quanto um cachorro dócil ou mesmo nosso coração a bater insistente. Não se trata, em sua crônica, nem de documentar a primorosa erradicação de um criminoso ameaçador ou mesmo reverenciar certa beatitude heróica do homem flagelado pela sociedade. Não, Clarice aloja seu desespero no ato do assassinato, no pavor da execução e o que brota daí. Foram 13 tiros que o alvejaram. Lispector mesma diz que um só tiro já o mataria, e que a prisão de um homicida não significa sua execução, pois “qualquer que tivesse sido o crime dele uma bala bastava, o resto era vontade de matar” (Trecho da fala da autora no Programa Panorâma Especial TV Cultura, 1977, minuto 12’00”). Em desespero, segue Clarice a buscar o que abala tanto a ela e a outrem a morte de um facínora, como ela mesma o intitula. *A violenta compaixão da revolta*⁵², ela indica. “E no entanto, nós o queríamos vivo” (LISPECTOR, 1999), ela conclama. Numa torção em toda essa reflexão de uma função para a escrita, essa crônica de Clarice avança e desloca até mesmo a obra da própria autora. De uma primeira superfície de contato, as frases vão criando uma intimidade corrosiva e tentadora entre a vida e as letras, numa co-criação que mutaciona tanto a nós quanto às palavras. A escrita vai tornando-se uma lacuna perigosa de habitação, uma fenda viva:

Esta é a lei. Mas há alguma coisa que, se me faz ouvir o primeiro tiro e o segundo tiro com um alívio de segurança, no terceiro me deixa alerta, no quarto desassossega, o quinto e o sexto me cobrem de vergonha, o sétimo e o oitavo eu ouço com minha boca trêmula, no décimo segundo chamo meu irmão. O décimo terceiro tiro me assassina – porque eu sou o outro. Porque eu quero ser o outro. (Lispector, *Mineirinho*, 1999)

O encontro com essa Clarice Lispector nos drena, nos infla, pois há uma perda dos limites que normalmente traçamos entre “contar uma história” e viver a vida rotineira. Um cruel intervalo, talhado em afeto e mistura onde somos assassinados de certo modo, onde devassamos nossos limites em combinação. Lispector reabre a ferida em nós, limpa a visão, força uma inspiração que nos desliza no real, nos dando a uma experiência entre a vida e a literatura: uma respiração multi-dimensional. Como querer ser o outro nos atinge? Como estamos, enfim, nos constituindo? Inclui-se, ela mesma, no grupo dos *sonsos essenciais* que somos, *baluartes de alguma coisa*, que atribuem ao

⁵² Aqui sinalizo, em itálico, expressões retiradas da crônica de Clarice Lispector no intuito de indicar e utilizar suas próprias palavras como substrato para construção de nosso ensaio. Não pretendendo delimitar autorias, mas buscar na combinatória da escrita da autora o que reverbera em nossas frases. Utilizaremos tal marcação no correr desse texto.

outro certa monstruosidade que faça com que evitemos seu olhar de frente, evitemos perceber o outro como humano para seguir a habitar a *casa fraca que nos justifique*, como ela mesma indica. *O outro é o meu erro*, aqui onde se cria gente sem querer-se saber deles, sem apego, pois isso é um preço alto e que será cobrado.

(...) o que sustenta as paredes de minha casa é a certeza de que sempre me justificarei (...), o que me sustenta é saber que sempre fabricarei um Deus à imagem do que eu precisar para dormir tranqüila e que outros furtivamente fingirão que estamos todos certos e que nada há a fazer. (Lispector, *Mineirinho*, 1999)

Clarice avança nesse afogamento desesperado: o que se rompe com *Mineirinho* dentro dela mesma? O que está aí a romper sem que percebamos? Há *uma coisa pura e cheia de desamparo*, diz Lispector, algo que brilha na vida, algo que nos endoidece e que persiste por todos os lados, “essa coisa é um grão de vida que se for pisado se transforma em algo ameaçador – em amor pisado.” (LISPECTOR, 1999). *Um grão de ráduim* como ela conclama, que nos faz adorar alguém endoidecidamente, que nos encanta perigosamente à vida, que brilha em potência expansiva, que destrói e emana certo amor. Algo que busca, em nós, *adivinhar a bondade*. Tudo rui a volta de Clarice que nos carrega nessa hipnose pelo brilho da vida, pelo endoidecido amor, abrindo espaço para algo comum e potente que nos constitui em presença, e isso nos desorganiza. “Há alguma coisa em nós que desorganiza tudo, uma coisa que entende.” (LISPECTOR, 1999). Estamos sempre a evitar entender o outro, fazendo da violência dele em algo fugidio para nos tornamos sonsos. Mas a destruição vai além de nossos corpos e atinge algo mais candente, há algo que nos choca em toda morte e em toda vida. Desorganizadamente entendemos, estupefamos, endoidecemos. Somente entrando *na vida que tantas vezes não tem porta*, diz Clarice, é que tocamos um *amor profundo*, que incendiamos esse grão de *ráduim* que vai irradiar... “Essa coisa é o assassino em mim? Não, é o desespero em nós. Feito doidos, e não como sonsos, o conhecemos.” (LISPECTOR, 1999)

O que resta desse embate? O que se abre e talvez não feche mais após Clarice contaminar em radioatividade violenta e amorosa por *Mineirinho*? Como avançar? Não se trata disso. Não se interpreta um caminho de escrita, não se apreende uma única consumação de um texto, não se conclui um processo de vida: se suspira com ele, arfando e aderindo o que se desprende e nos compõe. *Mineirinho* é um texto que sangra e que pulsa para além do óbvio desconforto que Lispector fende em nós. O vitalismo

que se exala das frases ultrapassa os debates curtos sobre a sociedade, o humano e a crueldade, nos fazendo tocar um brilho insuportavelmente vivo. Mesmo assim, não se trata de deixar Clarice nos mudar, nos ensinar o que realmente é a vida, ou nos compadecermos com a perdição niilista a qual compartilhamos. É o endoidecer que sobeja, o incendeio que nos inflama, esse entendimento desorganizado, o como na escrita se abre a vida em mistério e potencia. Um modo oxidante da escrita, um salto aéreo de tocar firmemente o mundo.

Se há algo a se fazer com essa escrita em outro encaixe é a proliferação e o contágio. Nesse trabalho, reitero, me propus a escrever, mas com uma mira na estética ativadora da potencia da vida. Me aliancei à Guattari, Nietzsche, Espinosa e tantos comparsas na busca de adensar o desafio dos conceitos que rondam a produção da vida. Colabei-me à Lispector, Wollf, Miller, Estamira, Kahlo, Galeano e outros confabuladores, na afecção de vibrar dentro da explosão da vida. Desfazer as cristalizações de nossas aproximações da vida é tarefa de coragem e cuidado. Não que eu, autor aqui nessas palavras, tenha qualquer dádiva mais presente que outrem para tal intento; trata-se de estar nos movimentos, atentos e fortes, e deixar que o movimento se espalhe sem abolição. Os conceitos de distendem, os afetos se adensam, as maquinações se eletrificam, nessas movimentações múltiplas que vão dando uma impressão de desmonte. Guattari (2012), ao pensar no paradigma estético, lança mão de algo que se aproxima muito de tal proliferação e contágio que buscamos. Conclama que funções poéticas invadam a produção subjetiva, arranjos de arte e vida que desloquem a subjetividade. Estratégias essas que possuem tanta potência de mutação e ativação da estética vital quanto movimentações políticas grupais, técnicas de intervenção e mesmo os questionamentos éticos. Atacar o constrangimento da vida pode ser feito pela proliferação de funções poéticas, pelo contágio de ativações que engajem nossa potência em mutações expansivas, radicais e cuidadosas. Deslocar as serializações que nos conformam, em Guattari (2012), se daria por dispositivos de subjetivação, incitando singularizações mutacionais, reabrindo, em estratégias imanentes e singulares, a dimensão estética que refunda a política em nós. A poesia, para nosso autor, restituiria à experiência individual algo de deslocamento do discurso, dando potência à função existencial, potencializando a criação. Desafio delicado, pois não são receituários, e sim experimentações em ato de existência. Diríamos até, em ato de respiração. As funções poéticas de Guattari (2012) não devem ser encaradas como experimentos que nos libertem, que nos tirem do prumo

subjugado e nos dêem a vida em sua exuberância, e muito menos devem-se reduzir à poesia e a lida com discursividades linguísticas. Indico a respiração, essa escrita que extravasa a letra, pois é na insistência de uma sensibilização da vida que se cultiva estética potente. Em clínica, em amor, nos movimentos sociais? Em todo lugar, pois se há vida que inspira e expira, é possível ainda sensibilizar. Como?

Não, não é que eu queira o sublime, nem as coisas que foram se tornando as palavras que me fazem dormir tranqüila, mistura de perdão, de caridade vaga, nós que nos refugiamos no abstrato. O que eu quero é muito mais áspero e mais difícil. Quero o terreno. (Lispector, *Mineirinho*, 1999)

Clarice indica, há algo em nós que compreende em meio ao endoidecimento necessário para esse acesso, há paradoxos que nos habitam e que devem não trazer pavor em meio ao desespero, mas uma busca de transmutação e bondade. Escrever como se respira, no perigo da morte a todo segundo, e insuflado com o combustível invisível da vida. Querer esse terreno onde se habita, imanente pulsação, onde se soergue vivo e em contato. Não se compreende *Mineirinho*, não se trata de fazer do estilo de Clarice uma receita de atizar a vida. Não se transpõe as estratégias de Guattari numa garantia da “liberação” da produção subjetiva. É respirar com eles, aderir a pele esse endoidecer, fazer da escrita uma desobstrução, uma atmosfera que nos precipite e nos anime.

A distração desesperada e bondosa lispectoriana, a experimentação radical e ativa de Guattari, o agenciamento espinosista, a potência e o esquecimento de Nietzsche, junto com o coração de Miller, o sangue fervente de Estamira, os olhos de Frida Kahlo... tantos e o nosso peito, em sanfonagem. Insistir nesse fole da escrita é desafio de mutação, é preciso desfazer cada ponto, embeber o entorno com dispersão e aceitar que uma combinatória sensível invada o espaço infinito entre você e a caneta.

Destinação? Não, respiro.

Volúpia curiosa - por um porno-devir-libertino

You'll be given love
You'll be taken care of
You'll be given love
You have to trust it
(BJÖRK, *All is full of love*, 1997)⁵³

Pensar. É coisa de pele. Criar vivo. É coisa de pulso.

Arfar, sensibilizar, transpassar. Desejo.

Aí onde um corpo vivo dentro do mundo se movimenta, está-se a criar algo. Em meio a destruições, vai-se compondo. Mas, o que impele enfim? O que nos leva a criar? Propósito é falsa questão, trata-se muito mais de respiração do que qualquer outra coisa.

Flexões do corpo, movimento, lacuna, transmutação, suor – cada vez mais *phatos*, sede, exposição, consumo, graça. Apatia, falta de sentido, disciplina, obrigação, arrogância e desistência, atenção inexistente e hiperatividades repetitivas – cada vez menos energia, tamponamento dos sentidos, mastigação insossa, paralisia. Os processos de subjetivação e pensamento se assimilam muito ao considerarmos como maquinamos o erotismo em nosso contemporâneo. Mas é no entre, nos processos de conexão que se acessa a dimensão movente em meio a isso: o encontro. Uma cumplicidade erótica, uma exaustão física e ainda assim certa sanha curiosa do que o embate das línguas pode fazer brotar. Eros.

O que nos move a colocarmo-nos como junto a um corpo que se fragiliza e regurgita nova casca? Como nos ligamos ao corpo do outro e aceitamos a contaminação? Em que se aproximam a sexualidade e a criação de si? Este ensaio brota da similitude inusitada entre as dimensões do sexo e a experiência viva de criação e pensamento. Vamos a

⁵³ Faixa presente no álbum *Homogenic* (1997) da cantora islandesa Björk. Acessamos essa música por sua letra e melodia envolvente, mas também fortemente ao clipe onde a cantora é personificada por um robô e, em suavidades de cuidado e rudezas mecânicas, vai a burlar e embaçar e fundir divisórias entre o humano-máquina, erotismo-limite, toque-invasão, prazer-uso em imagens potentes para nossa ativação do erótico-pornô no real. Optamos por deixar a letra original em inglês e realizar uma tradução livre dos versos nas notas de rodapé, dando a possibilidade de vivência da música original e seus diversos sentidos e também um acesso às frases diretamente. Letra: A você será dado amor / Você será cuidado / A você será dado amor / Você tem que confiar.

Não é possível conter Björk em uma noção de abertura pornô da vida com só uma música, vamos então a deixar outros rastros de suas músicas para esse ensaio: *Big time sensuality* (1993), *Venus as a boy* (1993), *Pluto* (1997), *Lion song* (2015), várias do álbum *Biophilia* (2011), bem como recentes produções do álbum *Utopia* (2017).

explorar em que pontos tais conceitos possuem conexões e potência ao se pensar a dimensão de movimentação do vivo, a saber, o desejo.

Quando cogitamos o pensamento e seus processamentos vamos habitualmente a linhas de pensamento, retas e conclusões. Um pensamento atrelado muitas vezes a modos corretos de ensinar e aprender, comumente concebidos em afazeres de seriedade, silêncio e entendimento único. Cenas de doçura e cuidado se mesclam com rispidez e obrigação que a nós, ocidentais racionalizados, são um tanto afastados ou completamente apartados do que podemos chamar de uma dimensão erótica. Calamos e absorvemos para poder transpor em mímica de precisão, tábulas de inscrição nas prensas do cérebro tão somente. Mas sobeja aí, nesse intervalo, nesse vão donde perdemos as memórias, algo que se desdobra. Que cupido nos dana a pensar e criar? Nenhum, é uma multiplicidade de acontecimentos que fazem da lateralidade uma nova caminhada. Como o ato da escrita pelo olhar de Blanchot (2011) em empreendimento infinito, ou mesmo em Deleuze (1997a) ao indicar os olhos vermelhos dum criador em fazedura frágil, a curiosidade que nos embrenha no pensamento é erótica em si. Em ambos, criação e escrita, é-se transpassado pelo pensamento que busca demarcar algo que se esvai, que se faz em transformação e deixa rastros. Pensamento como abertura de mais problemas e não respostas, esse que se faz em ruptura (DELEUZE, 2010), mas que segue. Certa gota de agonia, certo tom de desconforto que tem como enleio a multiplicação da vida e o seguir do movimento. Essa fascinação pela mutação que nos impele curiosos sem saber fim algum como aponta Onetto (2017), onde “tudo aparece diante de nós de modo ao mesmo fascinante e embolado (...)” e é esta admiração fascinada que deve permanecer. Matutamos demasiado sobre resultados ou técnicas prévias, mas é em acontecimento quente e pulsante que o pensamento se gesta como ato de desejo.

Se há outro campo tão devassado quanto o do pensamento é o erotismo humano. Área científica, prática social, reflexo corporal, instintos animais, influências múltiplas, mas dentro dessa vasta dimensão percebemos que também procedemos com circunscrição quando tocamos a sexualidade. O amor cortês e a pornografia possuem conceitos e debates por vezes extremamente demarcados e de receituário tedioso, e só o desejo, esse Eros do acaso, é que faz do prazer uma experiência de morte invasiva e de abundância absurda de sempre mais vida em simultâneo. Mais do que um desejo usualmente taxado por âncoras – sejam de objetos elegidos em impossibilidades, seja pela ilusão de

consumação e descarga fácil –, o que se espraia é ainda uma continuidade em diferenciação. Como o intervalo do pensamento vivenciamos esse desejo intervalar, essa distância que nos impele à conexão de nós a um outro. Completo por ser fluxo, gratuito por ser do entre dos corpos e abundante a nos deslizar em transformações pululantes de criação e singularidade. O eterno retorno do erótico se aloja num processo siamês a essa *curiosidade* do pensamento, de atração pelo ainda não visitado e ainda por se fazer, pelas micro descobertas nas expedições. Uma *volúpia* intensa expansiva. Expedir o corpo, embarcar em pensamentos, mais do que procedimentos racionais e técnicos é uma sanha desejante que embebeda e faz do usual o mais inusitado e potente erotismo. Paixão alegre, dessas que acesa antes do cogito e que esfarela as margens do familiar, não por um procedimento de obscuração em desejo teatral, mas em gozo e deleite de pura potência de existência a se fazer. Devires, essa curiosa e voluptuosa faceta *erótica* do real que se contamina pelo contato, limiars de criação, acessos de potência.

Maybe not from the sources
You have poured yours
Maybe not from the directions
You are staring at⁵⁴

Buscamos uma noção de desejo mais ampla, mas sabemos que o erotismo se configura em campo espinhoso e para a entrada nesse plano erótico vamos a explorar um pouco mais do que se toca nele. Poderíamos aqui falar do humanamente erótico e suas profundezas individuais, esse erótico sexual do interdito, da sexualidade reprimida como fonte do erotismo e uma diferença cabal entre homem – ser da constrição – e animal – ser de instinto (BATAILLE, 1987). Há um humano com seu mundo interior, e o desejo, considerado em instância pessoal, como um perigo constante ao equilíbrio desejado, pois busca no exterior objetos de desejo que ameaçam esse eu íntimo. Em nosso contemporâneo é inegável que nossa vivência do desejo vem muito codificada em distorções e usos de conceitos psicanalíticos, bem como marcas morais sobre o sexo. Ainda assim, não são somente idéias simples de descartar, pois se firmam para além da cópula ou da carícia, vão a organizar mais profundamente nossa subjetivação sexualizada e, junto com isso, nossa vivência e conexão com o desejo. Foucault se embrenha nessa sexualidade moderna e contemporânea do ocidente, que incide nos corpos individuais dando-lhes certa visibilidade sexual e um exercício de poder que os

⁵⁴ Letra: Talvez não das fontes / Que você derramou o seu / Talvez não das direções / Que você está olhando.

molda em estreitos papéis, indo dos rituais de matrimônio heterossexuais em pactos de dominação até aos espartilhos estreitos em bustos fartos dos corpos femininos (FOUCAULT, 1977b). Mas proceder em intervalo nos dá mais carne, mais fluxo. Virando essa noção no mínimo do avesso percebemos como a estruturação do sexual e suas amarras parecem estar claras, mas colocadas em valências um tanto quanto perigosas, nessa desesperada defesa do *eu* interior, do traçado rente e civilizatório, nesse antropocentrismo exacerbado e extremamente psicanalisado.

O erotismo sim é uma ruína, ou requer certa ruína e brecha, mas o é em acontecimento transversal que demonstra a processualidade de nossa constituição. Se no ato de sexo e/ou amor percebemos que há um ataque a esse Eu tão bem costurado do humano racional, esse é feito muito mais pela potência abundante de um desejo de agenciamento que de uma invasão externa. Não há dentro e fora, é tudo questão de agenciamentos. Quando vazamos pelo erótico é a profusão que também nos constitui que toma frente, é o encontro que nos transmuta com pungência e gozo desenfreado. Não há uma morte sequer – talvez uma *petite mort*⁵⁵ –, a não ser desse homem do controle, desse humano que reprime qualquer forma de desejo e somente o genitaliza. Se fixar em um desejo interior e particular é buscar o controle a todo custo, ou pelo menos demonstrar os mecanismos de cerceamento muito bem amarrados em nossos habituais platôs de subjetivação. Como adentrar tal dimensão e avançar esse erotismo?

Twist your head around
It's all around you
All is full of love
All around you⁵⁶

O erótico como filho da sexualidade interdita, da sedução pelo proibido e pela tentação é certamente uma pequena parcela tímida do que poderíamos chamar de desejo. O que eletriza os agenciamentos, se não é muitas vezes da ordem do erótico como hipnose frente a uma “descarga”, deve ser sensibilizado. Aqui buscamos um acesso à noção de desejo de Deleuze e Guattari. Em combinatória os autores indicam inicialmente um desejo não egóico, ou seja, não partindo de qualquer delimitação interior de um eu que deseja e se projeta por sobre objetos – sempre parciais em sua satisfação a partir de uma estrutura de pensamento psicanalítica – exteriores. O desejo é entendido pelo agenciamento como dimensão do real, como o entre dos encontros, certo fluxo

⁵⁵ Expressão em francês que usualmente indica o período refratário e de exaustão após o orgasmo.

⁵⁶ Gira sua cabeça à sua volta / Está todo a sua volta / Tudo está cheio de amor / Todo a sua volta.

adensado-adensador dos encontros. Seguindo em cartografias dessa noção de desejo habitante do agenciamento (DELEUZE e GUATTARI, 1995b) encontramos os componentes desse agenciamento. Uma primeira dimensão, o agenciamentos coletivo de enunciação, indicando a coletividade evocativa dos signos e as produções em fluxo de repertórios os mais diversos, a ainda aí a possibilidade de evocação de signos outros. Mas talvez ao acesso pornô que buscamos por aqui, se faça na segunda dimensão que nos surge com grande pungência: o agenciamento maquínico de desejo. Faceta-fluxo essa que indica a maquínica, ou seja, a criação e a combinatória das máquinas em acoplamento-desmonte-reinvenção. Guattari⁵⁷ evoca muito a idéia de máquina para pensar o real, seres e instituições se afastando da noção de mecânica, pois busca acessar a criação e a re-combinação das máquinas e não uma mecânica em equilíbrio e especialidade usual no pensamento de características cartesianas. Somos máquina, múltiplas máquinas em co-funcionamento e sempre a criar novas e inusitadas conexões. Daí um desejo entre, movente e coletivo, que requer ou dispara processos de acoplamento-desmonte-reinvenção.

O nomeado por nós de plano erótico seria requerer uma entrada não em devir em direção a certa forma mais erotizável ou erotizada. Acessar a volúpia nas mutações não tem mira certa, e sim sensibilização porosa. Propomos então habitar um prefixo para a noção de devir, experimentar um porno-devir. Atingir certo grau pornô do desejo requer algum manejo de consistência, pois adentrar linhas desejantes não se sinonimiza com esfarelar-se no fluxo, e sim conseguir borrar seus próprios limites com processos de devir-diferença-mutação que se sobrepujam certa fixação de nosso território existencial habitual. Devir não se entende por “transformar-se em outra coisa” e sim compor seus materiais com linhas de mutação de outro tom a criar singularidades. Daí acoplar o sufixo pornô antes de devir injeta certa liberação, uma libertinagem, ao processo devir. Uma frialdade à combinatória. Nosso prefixo vai a rachar um pouco mais essas misturas em agenciamento, seja embaralhar mais códigos e signos que fervilham na linha a-significante persistente nas enunciações coletivas; seja a maquinar ainda mais as multi-

⁵⁷ Presente em diversas alturas da obra de Guattari – Inconsciente maquínico (1988), Anti-édipo (2011), Mil Platôs (todos os volumes) e tantas outras – a noção de máquina é bem mais complexa do que expomos por aqui, sendo chave ao construímos a noção de inconsciente maquínico a se contrapor a um inconsciente individual e metafórico da psicanálise freudiana, bem como em outros estudos sobre lingüística e produção subjetiva. Por agora requeremos a formação da máquina como recombinação e multiplicidade.

máquinas que os corpos performatizam, eletrizando novos encaixes e inusitadas dobradiças.

Esse modo pornô, é certo contraste, viagem acompanhada, certo sonho lúcido de nossa subjetivação que brinca em corda bamba ao agenciar e ver fluxos se ativarem para daí fazer filtro de singularidade desse encontro. O gozo é marca carnal de toda uma transmutação, mas sempre passagem. A técnica pode maleabilizar tal liberação, agregar sensivelmente poses de orgasmo e encaixe, mas não há desejo a brotar dum único peito ou repressão que nos civilize. Desejo é estouro em exuberância, é corpo em desdobre e essa aventura é assombrosamente deliciosa. Curiosidade e abismo, voluptuosamente impelidos a um desconhecido sem limite, pois mistério sempre há de pintar por aí...⁵⁸ Pensar a vida com seus fluxos de desejo não deve nos amedrontar em esfarelamentos e sim nos encantar. Como de contornos que se borram e um delineio lustroso friccional-ficcional brota e se desdobra vida? Como? Juntos.

A palavra pornografia possui uma ligação direta com a produção de materiais – publicações, fotos, filmes, e tantos outros meios – que são denominados como explicitamente sexuais. Ligado ao termo obsceno – com conotação sexual pejorativa - e também á prostituição. Porno – prostituição. Troca e comércio... A pornografia engloba muitas vezes todas as experiências e materiais que habitam a sexualidade humana, mas que ficam “nas sombras”, como que interdidas do uso comum, mas completamente atreladas à experiência corrente e aos códigos vigentes também. Desse pé percebemos que sim, muito do material pornográfico-erótico que acessamos está muito mais para facetas de manutenção e perpetuação de linhas duras de vida combinadas com cartazes muito bem delimitadas e focadas por completo em genitalidades heteronormativas em sua maioria. Como, então, fomentar daí linhas de revolução, luxúria e criação?

Referenciados às análises de Paul Beatriz Preciado (2018) sobre as políticas de desejo e produção subjetiva em nosso contemporâneo, estamos a lidar com o que o autor nomeia de fármaco-pornografia da gestão capitalística. Em adição ao conceito de biopoder de Foucault, o termo indica a mutação do capitalismo no século XX, que se monta à partir dessa gestão da vida biopolítica e que tem o corpo e a sexualidade como alvo. Preciado (2018) indica que a indústria farmacêutica, bem como os estudos de sexualidade, obteve

⁵⁸ Gilberto Gil, *Esotérico*. 1982.

grande incentivo e investimento no pós segunda guerra mundial – principalmente nos EUA –, em uma mutação da produção de objetos para a produção de modos de vida manipuláveis seja por medicações (Fluoxetina, Ritalina, pílula anticoncepcional, hormônios sintéticos) à definição da sexualidade e gênero a partir de padrões, scripts de comportamentos e sua conseqüente patologização. Tal análise acopla muito bem à nossa análise de vivencia do desejo como uma dimensão deliberadamente genital, padronizada em figuras polarizadas de homem e mulher e que se aparta quase que completamente de outros processos vitais, circunscrita a consumo de modos de satisfação instantânea e extremamente específicos. Temos de pronunciar que a dita indústria pornográfica – que se estende pela produção de filmes pornográficos, uma vasta variedade de produtos possíveis na internet, toda uma categoria de profissionais de atuação, produtos sexuais e outras modalidades – deve ser colocada de maneira parcial em nosso ensaio. Tal indústria é, para além de negócios e economias concretas, um modo de vida onde a sexualidade se monta por corpos homogeneizados (aqui também a cirurgia plástica, os remédios, o controle e a descarga) que só se sexualizam em função de consumo e descarte. Há uma deliberada prática misógina, homofóbica e violenta em diversas passagens, funcionando como uma economia selvagem que trucidava carnes, mucosas, orifícios e membros, tanto quanto subjetividades e se baseia muitas vezes na radical objetificação dos atores e consumidores perpetuando preconceitos e padrões fascistas de subjetivação. Aqui vamos a sabotar tais termos. Com o apoio novamente em Preciado e suas estratégias de resistência à fármaco-pornografia, vamos a performatizar o mesmo que os movimentos de resistência à padronização dos corpos, sexualidade e gênero que o autor demonstra. Tais resistências, sejam de não padronizar os humanos binariamente bem como negar um uso da sexualidade encaixotada e patologizada, se fazem muitas vezes por invasão. O uso da indústria das modificações corporais na produção de seu próprio corpo sexualizado sem referência padrão aponta aí uma entrada, uma sabotagem das ferramentas para produção de práticas de resistência e liberdade. Diríamos também de práticas de libertinagem e gozo, apontando muito para a produção pós-pornográfica e pornô-terrorista feminista e as explorações de fetiches e vivências sexuais que a população LGBTTTQs demonstra sempre. Além de toda a desmontagem dos artefatos pornográficos que não necessitam ser utilizados como um único propósito da “bula sexual”, mas sim picotados em seus signos e formas e refeitos como explorações da performance corporal do sexo. O pornô como ferramenta recombinante, a libertinagem

como expressão-afirmação-invasão do desejo, e ainda aí a afirmação de singularidades em mutação constante, um pornô-devir libertino da pornografia em si.

A ideia de consumo passivo dos produtos pornográficos é onde se abocanha e fenece a potência do pornô. Ali onde o corpo feminino ou certo um feminino é tratado de maneira completamente invasiva e violenta. Onde a dor é grau de comprometimento e monetário, vamos a nos afastar. Ali onde ser macho ou fêmea se colocam como balizas de opressão e subjulgamento não nos ligamos. Aqui orgasmos livres, coletivos e populares é o que gritamos⁵⁹. Aqui jamais adentraremos um terreno do uso do corpo do outro em dor e submetimento ou dominação, mas sim o giro libertino que a pornografia pode conter para uma experimentação de desejo fluxo, onde a transformação e a explosão em objetos parciais e partículas não controláveis da experiência orgástica não nos subsumam, mas sim que nos penetrem em movimentos e montagens mais flexíveis e alegres. Gozar é expansão, não constrangimento. Só se amarra se der tesão, pois aqui é pacto e abre potência. Um devir-mulher, devir-bicha e suas linhas minoritárias a serem deflagrados por um pornô que nos transmute em travestis felizes (GUATTARI, 1987) em sua velocidade, mutação e energia de alegria. Isso não desmerece os signos pornográficos, mas sim os dá a plasticidade de como entrar em contato, como pornocizar em libertinagem e não consumo. O relevante aqui é que os materiais presentes não garantem um desejo pleno ou efetivo, são peças, platôs de onde o pornô-devir vai a traçar linha de criação, mas sem impregnação, pois ao efetivar-se uma linha de criação logo outras já estão a fazer água. Trans-versalizações, o uso dos signos em combinatória outra, sem vergonha.

All is full of love
You just ain't receiving
All is full of love
Your phone is off the hook
All is full of love
Your doors are all shut⁶⁰

Porno-devir. Certo devir de exploração de combinatória, que possui como motor um desmonte – meticuloso, selvagerista e tantas outras posições –, de uma consistência sem mira focada em uma formatação final a não ser habitar essa lacuna corporal-afetivo-

⁵⁹ Resgato aqui uma frase de luta gritada em diversas marchas e manifestações onde o feminismo e o movimento LGBTQs se mostram presente: POR UM ORGASMO LIVRE, COLETIVO E POPULAR. Uma pauta que nos une é a da coletivização, da horizontalidade e do orgasmo.

⁶⁰ Letra: Tudo é cheio de amor / Você só não está recebendo / Tudo é cheio de amor / Seu telefone está fora do gancho / Tudo está cheio de amor / Suas portas estão fechadas.

criativa que é tocar os fluxos em energia. Nada de empreender um eu-pornográfico que vá a consumir a tudo em descarrego e egoísmo, mas sim uma coragem pelo desmonte, um enleio de desfalecimento atual para que, em ligeira perdição, linhas duras sejam sacudidas e emerjam novas combinatórias de corpo, de modo de vida, de devir tantos que sobejam. Não podemos negar a potencia de desmonte-combinatória que um corpo em excitação consegue demarcar, plasticizando a carne, aguçando sentidos, invertendo caminhos, entortando ossos duros, fluindo em lubrificações tantas para, em toques gentis e inimagináveis, habitar outras aragens. Não a toa muitos tem o sexo como ato de liberação-exploração de si, onde não se trata de genitalidade somente, mas de utilizar a ponte-pose sexual como caminho sensível de exploração de si e dos agenciamentos. O ato sexual possui sim grande tensão de acoplamento e manejo – sendo em si potente para a criação e exploração de nosso corpo e movimento –, mas ele não possui ou reduz por completo esse pornô do mundo. Ou mesmo não devemos pensar que o material pornográfico em suas múltiplas categorias deva ser colocado como somente imagens vazias, de consumo instantâneo *prêt-à-morrer*⁶¹... Muitos escrevem após uma foda, músicas e literatura são sobre amor e sexo, tesão que amplia território e nus em muitas cores. Um consolo não substitui um pênis, é instrumento de recombinação. Mamilos, vozes, pêlos, lábios aos montes, são convite. Um hormônio não te reduz, mas pode te ampliar. Uma foto é parcial, mas pode abrir uma fenda. Nossos corpos o são pelo desejo do mundo. É questão de entrada e cuidado.

Maquineta–contorno-delineio, tato, conexão múltipla e revezamento. O que te impele não brota de ti, são os fluxos do mundo que tomam forma na pele, que costuram as bordas ou rompem as casas dos botões. A invasão não pode existir como violação, e sim como desbunde de paixão. Um ritmo de conexão onde a paúra que aparece não se enrede em paralisia ou uso do outro, e sim caminho de partilha conjunta. Soa como maldição, né? Há algo de maldito no caos erótico e fluente do mundo. Mas ele é cais, borda de troca, onde respirar é sempre abrir outra torção muscular frente à atmosfera para estender a mão a alguém e perder-se junto.

Desse pornô buscamos ativar a volúpia da vida, pois se pensar é algo que se faz em nós (DELEUZE, 2010), é com desejo que devemos nos lambrecar ao adentrar os

⁶¹ Um trocadilho com a expressão *prêt-à-porter* muito utilizada sobre produtos de pronto consumo. Aqui acessamos essa dimensão do consumo e descarte instantâneo que marcam os produtos da indústria pornográfica.

agenciamentos. Dobrar as forças presentes é perceber que combinatória boa ou má isso se mostra, uma ética erótica, uma curiosa estética em volúpia. Pensa-se em desejo. Pensa-se em desmonte e exploração. Amplia-se vida com corpo e afeto. Cria-se com matéria prima em combinatória e mutação. Pornocizar nossos processos é dar-nos certa coragem de maquina, certa prudência de processo, mas ainda mais um imenso prazer vívido. Esses lados que nos orientam são cápsulas morais de sobrevivência, onde habitamos sem jeito ou bem confortáveis, depende de qual se ganha. Mas é percebendo a ficção de ser cápsula que algo de coletivo-conectivo abre outras possibilidades. Não precisamos perder um paraíso como experiência pessoal endossando certo niilismo para que se alimente a curiosidade e assim "aprender" algo. É dado de paixão, de exploração desejosa em encanto.

Expedição, experiência, extrapolar e estender. Espirar. É-se muito pouco, vai-se sendo em conexão muito mais. Agruras do desejo, que leva a fama de tudo de sujo e mortífero, somente por estar sendo usado como pólo onde ele é relação. Pensar nele, o desejo como algo a ser temido é no mínimo inocência ou fascismo. Se o que insurge em nós em relação à incontestável conexão feita em desejo – pelo-no-e-atraves do desejo agenciado em polimorfia – é medo e ressentimento, não culpemos o desejo e sim o fascista em nós (FOUCAULT, 1977a) apavorado pelas lacunas silenciosas potentes em plasticidade e por demais indiferenciadas.

Como um pensar sem raciocínio, um sexo sem cronograma, o erotismo abandona sua função policialesca de crivo da experiência e mostra-se atletismo carnal de plasticidade. Pensar mais pelo corpo do que pelas palavras somente. Deixar-se perder as formas em curiosidade abundante requer frialdade, nos pede entrega. Pensar na via do encontro não se resume a trazer à carne algo que elaboramos em encaixes racionais, mas acessar aí o encontro como um convite à desventura de remanejar seu corpo. Pensa-se em ato desejo, forçado ao deslocamento em liberdade de habitar essa lacuna⁶². Aprende-se em desmonte e exploração. Amplia-se vida com corpo e afeto. Cria-se com matéria prima em combinatória e transformação.

All is full of love!
All is full of love, all is full of love
All is full of love, all is full of love.⁶³

⁶² Michel Foucault, *Polêmica, política e problematizações*, 2006, p 232.

⁶³ Letra: Tudo está cheio de amor / Tudo está cheio de amor / Tudo está cheio de amor / Tudo está cheio de amor / Tudo está cheio de amor.

Jogo de cintura. Erotizar nossos processos é dar-nos certa coragem de maquina pornógrafa, cuidado de processo e prazer de mutação⁶⁴. Pensar como ato desejante, onde estar em desmonte e experiência epidérmica de transformação pelo pensamento-desejo-agenciamento seja estender a mão em entrega para embarcar juntos e curiosos em nova dobra de constituição. Volúpia.

⁶⁴ Félix Guattari, *Caosmose*, 2012. “Nada está pronto. Tudo deve ser sempre retomado do zero, do ponto de emergência caosmótica. Potência do eterno retorno do estado nascente. (...) A relação com o outro não procede por identificação de ícone preexistente, inerente a cada indivíduo. A imagem é transportada por um devir outro, ramificada em devir animal, devir planta, devir máquina e, se for o caso, devir humano. (...) Não apenas eu é um outro mas é uma multidão de modalidades de alteridade.” p 109, 110 e 111.

Laroiê Exu – os *uivos* do mundo

O povo da rua e seus mistérios. Não tem muita conversa não. Já dizia um sorrateiro sorriso de encruzilhada à Alice, “Então não importa que caminho tome’ disse o Gato. ‘Contanto que chegue a *algum lugar*’” (CARROL, 2009, p. 77, grifo do autor). Mesmo que não se trate de desorientação aqui, qualquer caminho é caminho sim e chegamos sempre em algum lugar.

O orixá, também nomeado como entidade em certas tradições⁶⁵, chamado de Exu, das religiões de matriz africana, tem por função característica serem mensageiros e guardarem os caminhos e encruzilhadas. Todo ritual, toda consulta ao oráculo, devem se iniciar com saudação e pedido de permissão para Exu, e todas as oferendas e pedidos aos outros orixás tem endereçamento e entrega rendidos a ele. Mesmo não sendo amplamente mencionado como divindade de centralidade na mitologia afro-brasileira em termos de fama e sincretismo⁶⁶, é Exu quem inicia qualquer caminho, qualquer pedido, qualquer demanda. Seguindo a fala de Reginaldo Prandi, “sem ele orixás e humanos não podem se comunicar. (...) sem sua participação não existe movimento, mudança ou reprodução, nem trocas mercantis, nem fecundação biológica.” (PRANDI, 2015). Ele quem habita e rege as encruzilhadas, mesmo que não seja dono dos caminhos compridos, é ele quem está ali em amparo, ao lado dando a mão ao desorientado, conectando as dimensões. Não define caminho, encontra, segue o fluxo e efetiva, pra seguir na próxima esquina.

Em sincretismos é associado à Mercúrio na mitologia romana, deus mensageiros dos deuses do Olimpo, de pés alados que não precisam tocar o chão para transladar. Exu bebe, fuma, gargalha, rodopia, numa semelhança aos humanos que tanto confunde

⁶⁵ Trago aqui as duas nomenclaturas, a saber entidade e Orixá, para poder englobar os termos utilizados tanto na religião da Umbanda quanto do Candomblé respectivamente. Tais definições não são objetivo nosso de debate, e sim a marcação de serem Deuses de referência e importância crucial nas duas tradições. Aqui remarcamos nosso respeito às tradições e ao uso dos termos de definição além de buscar evitar qualquer forma de apropriação indevida. Toda a potência desse Orixá e suas conexões com nosso pensamento em ato de criação que é nossa pulsação aqui.

⁶⁶ Essa afirmação se apóia na disseminação mais ampliada dos Orixás como Oxalá e Iemanjá para termos alguns exemplos, e não no sentido de retirar o Exu de sua parcela crucial na mitologia afro-brasileira. Sincretizados em figuras centrais da religião católica, como Deus e Nossa senhora dizendo dos orixás citados anteriormente, tornam-se divindades de maior conhecimento público e com um certo culto mais “tolerado” ao pensarmos as misturas regionais e evocação de suas características. Iremos aprofundar nossos estudos sobre os mitos e desdobramentos sobre o candomblé e Exu tomando como referência o livro *Mitologia dos Orixás*, de Reginaldo Prandi, 2015.

entidades e praticantes. Se apresenta sem delonga para, de ironia e balanço, fazer com que o pedido do clamante seja dobrado. Certa vez ouvi de uma entidade em uma festa de Exus em um terreiro de Candomblé:

– Que bom que você voltou!

– Que bom? Mas nunca estive por aqui.

– Esteve sim.

– Nunca estive, mas se você está dizendo, falou ta falado.

– Ah, é assim? Falou ta falado?!

– Não, desculpe. Só estou dizendo que aqui, nesse lugar, é a primeira vez que venho.

– Mas esse encontro aqui, esse pessoal aqui, se dá em outros lugares em outros tempos. E você já esteve aqui sim.

Insólita conversa, cheia de quebradas e ironias, e essa sinceridade afetuosa de Exu frente minhas respostas vacilantes. Há um acalanto no contato com o afeto exu do mundo. Esse afeto fugidio, intenso e imanente do mundo. Não se trata de bolar futuros ou desenrolar passados, trata-se de estar no caminho que se está e agir. E isso tudo bem cheio de mundanidade, fraqueza, dança, abraço e força. Toda a aparência com a humanidade é supra-sumo do que se passa nesse estar no mundo, numa imanência de encontros de diversas dimensões temporais e afetivas, mas mesmo assim radicalmente num aqui sem pudores anteriores. Esse Exu, que de tão gente, faz todos enrubescerem e sorrirem em instantâneo.

Entidade e noção muito negativada no processo de criação da “cultura brasileira”⁶⁷, o Exu e o povo da rua acabaram ganhando seus sincretismos em figuras maléficas ou espíritos considerados inferiores, agentes de “magia negra” e feitiços de maldade. Na tradição católica foi associado à figura do Diabo, peso e negatividade extremamente

⁶⁷ Indico aqui uma abertura na noção de cultura, ainda mais de uma dita cultura brasileira. Digo isso pelo aspecto homogeneizante na construção do termo cultura como indicam Guattari e Rolnik (2013), e ainda mais em se tratando de uma imagem de Brasil extremamente parcial, onde negros e índios se encontram em figuras de marginalidade e estamos a maioria do tempo referenciados a noções brancas, oligárquicas, católicas, dentre outras. Mas indicamos aqui a faceta de negativização e demonização do orixá Exu propriamente dito, entidade essa que sofre essa estigmatização não só no Brasil, pois há relatos que indicam que Exu já veio “demonizado” da África. Mesmo assim reforçamos os diversos caminhos de negativização, maldição e medo do mal no quais foram inseridas a figura e ações de Exu.

distante de sua existência na cultura ioruba africana e nas tradições gestadas no Brasil. O aspecto fugidio e influenciável de Exu foi negativado dentro do panteão, tomando pra si toda a fragilidade e volubilidade, encarnando o próprio malandro capcioso ou o “confusador” de caminhos. Certo de que a semelhança com aspectos cruciais do humano como desejo e inconstância, além de toda visão pejorativa de tais aspectos, em uma figura de mau agouro reforçam a produção culposa e cristianizada de uma premente faceta da subjetivação brasileira. Eles, que tanto sabem da rua, exerceriam sua influência a seu bel prazer no sentido de desviar-nos do “caminho do bem” e sempre em troca de resultados materiais e/ou fúteis. Grande embuste, Exu espelho do humano, desses que não distorcem nada, e que só desgastam cascas de hipocrisia e moralismos pequenos, deflorando potência matizada e a se fazer constantemente.

No cerne da vida, o descaminho encaminhado. Terráqueo espírito, desses que estão a rodear todo o tempo. Pobre acusado das “tentações”, sendo que o mundo sempre está em flor e túrgido de néctar. Talvez aqui sua maior “função”, ser caminho do mundo, ser nele o movimento. Das ilusões pra carne viva; sem delongas, só crueza. Abre o caminho, seja passagem, pois sou pequeno. Estende a mão, meus pés erram afoitos, mas o caminho está sempre aí, é questão de estar propriamente neles.

Sem praticância minha, sou desses humanos a quem falta a flama de uma fé. A conexão aqui se dá por paixão-amor. Paixão espinosista dessas que escancaram o mundo a nos penetrar em energia, e amor ação porque daí salta o ato de agarrá-lo em abraço e integração.

Não se deve procurar exu, ele sempre está. A frequência aos rituais deve vir suave, só se vibrar assim. Não é um pacto de aperto de mão, é o ventre do mundo do avesso. Legião. Fazendo-nos tantos que eu possa sumir em identidade e estar com relevância aqui, esse o encontro. Essa energia não se perde, ela migra. Aperreio nosso, certo interesse místico nos sortilégios africanos, porém isso não é algo de consumo como muitas vezes o uso contemporâneo vai a se apropriar. Consume-se a própria duração, a vida na palma de sua mão, então é muito mais um chacoalhão com o instante do que realmente apelar às auras. Exu corpo sem órgãos da rua, esse que a desfaz rebordando de texturas e tempo que passa. Exu sabotador e azeitador da máquina do mundo, faz ela traquinar, faz ela girar. Sem rosto necessário, nos invoca, nos evoca no instante equivocando o plano, rindo da ordem porque a vida nunca se importa – ela segue. Siga. Como?

Eu vi os expoentes da minha geração, destruídos pela
loucura, morrendo de fome, histéricos, nus,
arrastando-se pelas ruas do bairro negro de madrugada
em busca de uma dose violenta de qualquer coisa,
(Ginsberg, 1984)

Ginsberg uiva. A quem? A que? A nada, ele é uivado. Passamos décadas a ouvir seu uivo persistente no ar da noite do contemporâneo sem realmente o escutar. Caçamos ansiedades para não ser verme, para não deixar que todos nós e nossos amigos não nos tornemos vermes, pequenos corpo nas prensas da ordem geral.

incomparáveis ruas cegas sem saída de nuvem trêmula,
e clarão na mente pulando nos postes dos pólos de
Canadá & Paterson, iluminando completamente o
mundo imóvel do Tempo intermediário,
solidez de Peiote dos corredores, aurora de fundo de
quintal das verdes árvores do cemitério, porre de vinho
nos telhados, fachadas de lojas de subúrbio
na luz cintilante de neon do tráfego na
corrida de cabeça feita do prazer, vibrações de
sol e lua e árvore no tronco de crepúsculo de
inverno de Brooklyn, declamações entre latas
de lixo e a suave soberana luz da mente,
(Ibidem)

Ginsberg escreve o poema *Howl* em uma geração de meninos perdidos para utilizar a paródia infame de Peter pan por agora. Perdidos porque ele e tantos outros literários estadunidenses passavam a se intitular de geração *beat*, a geração filha do *welfare state*, desolada em sua inutilidade, cindida por crises existenciais, errante por excelência de má conformação, espremidos entre *hippies* e guerras, corredores de estradas, imorais libertinos, todos esses que encontraram a falência de um modelo estreito de vida a rachar por todos os cantos. Ele e outros companheiros, como Kerouac e Burroughs, tornam-se ícones dos degenerados sem propósito. Em 1956 surge *Howl*, poema que evoco aqui, como um som permanente na noite do século XX e toda sua falência.

batalhão perdido de debatedores platônicos saltando

dos gradis das escadas de emergência, dos parapeitos
das janelas do Empire State da Lua,
tagarelando, berrando, vomitando, sussurrando fatos
e lembranças e anedotas e viagens visuais e choques
nos hospitais e prisões e guerras,
intelectos inteiros regurgitados em recordação total
com os olhos brilhando por sete dias e noites,
carne para a sinagoga jogada à rua,
que desapareceram no Zen de Nova Jersey de
lugar algum deixando um rastro de postais ambíguos
do Centro Cívico de Atlantic City,
sofrendo suores orientais, pulverizações tangerianas
nos ossos e enxaquecas da China por causa da
falta da droga no quarto pobremente mobiliado de Newark,
que deram voltas e voltas à meia noite no pátio da
estação ferroviária perguntando-se onde ir e foram, sem
deixar corações partidos,
(Ibidem)

Sempre tive Ginsberg como um filho torto dos *beatnicks*. Torto não por ser ainda mais pervertido que todos os outros somente, mas sim por falta de encaixe numa identidade rebelde fraca de escritores com certa “ânsia de debandar”. Ginsberg, poeta homossexual, deslocado, faz de seu uivo algo mais estrondoso. Não é um fechamento na identidade *beatnick*, é a explosão dessa mesma. Na continuação do *Uivo*, o poeta vai mesmo a acessar a figura de Moloch, divindade fenícia e cartaginesa muito presente na tradição judaica (sendo Ginsberg de família judia) e retratado em diversas culturas e imagens como sendo um Deus de destruição e que recebia sacrifícios humanos como oferendas pagãs, possuindo uma conotação apocalíptica⁶⁸. Mas Ginsberg, em seu poema, vai a encarnar os tempos malfazejos que habitam na figura da divindade terrível.

Que esfinge de cimento e alumínio arrombou seus crânios e devorou seus cérebros e imaginação? Moloch! Solidão! Sujeira! Fealdade! Latas de lixo e dólares inatingíveis! Crianças berrando sob as escadarias! Garotos soluçando nos exércitos! Velhos chorando nos parques! (Ibidem)

⁶⁸ Tomamos como fonte as notas do tradutor Cláudio Willer, em nosso livro de referência *Uivo, Kaddish e outros poemas*, 1984. As informações constam que Ginsberg viu a feição de Moloch em um prédio de São Francisco ao estar sob o efeito de Peiote, e aqui evocamos o uso de tal figura na construção intensa e afetiva do poema *Uivo*.

De Moloch e suas encarnações numa América sessentista, Ginsberg endereça o final do poema ao amigo Carl Solomon que teve diversas internações no manicômio de Rockland. Ele se aparecera a Carl, esta junto na penúria, no desamparo, na paranóia, na violência, na perda dos sentidos, nas memórias, na risada, nos choques elétricos, nas lágrimas, nas insônias... Ginsberg se espalha, infecta tudo com um afeto de fúria e parceira. Uiva alto, longe, comunica, clama e lamenta. Dentro de uma decadência atinge outro lugar, outro cosmos onde se perdem um fascismo dos dias que o rondavam, onde a perdição se tornaria parceria e afeto.

Eu estou com você em Rockland

onde despertamos eletrocutados do coma pelos nossos próprios aeroplanos da mente roncando sobre o telhado eles vieram jogar bombas angelicais o hospital ilumina-se paredes imaginárias desabam Oh legiões esqueléticas correi para fora Oh choque de misericórdia salpicado de estrelas a guerra eterna chegou Oh vitória tua roupa de baixo estamos livres.

Eu estou com você em Rockland

Nos meus sonhos você caminha gotejante de volta de uma viagem marítima pela grande rodovia que atravessa a América em lágrimas até a porta do meu chalé dentro da Noite Ocidental.

(Ibiden)

Ginsberg em Exu, explodindo os caminhos pré-fabricados, a uivar frente todo um sedentarismo dos *beats*, ressonando longe um pan-americano tracejado novo cheio de mundo a se revolver. Não querer ser verme é ser verme muito mais porque resignação é pra gente morta. Acesso Ginsberg em sua conexão Exu, seu uivo persistente, imanente vez mais a nos acordar não somente de uma falência dos modelos e explorações trucidantes, mas muito mais numa energia que cinge a noite de nós mesmo e nos coloca agora. De dentro da noite ocidental é na busca do movimento, na fúria das demandas, no aceite das ofertas, mas principalmente no encontro acolhedor que vamos a tocar esse devir-exu uivado do real. Caminhar em expansão imanente, uivando nossos pulmões para tocar o mundo intensamente.

com o coração absoluto do poema da vida arrancado
de seus corpos bom para comer por mais mil anos.

(...)

Desabamentos! sobre o rio! saltos e crucifixões! descendo a correnteza!

Ligados! Epifanias! Desesperos! Dez anos de gritos animais e suicídios! Mentas!
Amores novos! Geração louca! jogados no rochedo do Tempo!

Verdadeiro riso santo no rio! Eles viram tudo! o olhar selvagem! os berros sagrados!
Eles deram adeus! Pularam do telhado! rumo a solidão! acenando! levando flores!
Rio abaixo! rua acima!
(Ibidem)

Exus, Ginsberg, caminhos a se abrir em coragem e acolhimento. Movimento.

Uivemos, Mojubá.

Sejamos legião.

SUAVIDADE-PULSAR – uma prática, uma afeição

Portanto, para mim, a *nova suavidade* é o fato de que, efetivamente, um devir-mulher, um devir-planta, um devir-animal, um devir-cosmos podem inserir-se nos rizomas de modos de semiotização, sem por isso comprometer o desenvolvimento de uma sociedade, o desenvolvimento das forças produtivas e coisas assim. (Guattari e Rolnik, 2013, p 341, grifo nosso.)

Expirar – rescaldos e sintetizações em desenrolo, uma prática

Deslocamentos. Desses que se fazem em infinitos modos, da imobilidade à correria. O que resta depois de tanta andança, o que fica das transmutações? Um caminho de tese se faz à guisa da vida, mimetizando vida – para que esse seja denso o bastante para perdurar e poroso o bastante para respirar. Como ele se fez é nossa constituição dinamizada, e saber o estado das coisas é demonstrar marcas indeléveis sem que isso nos encapsule. Por agora o interessante é saber o que pulsa dos entrecruzamentos. Ficar em silêncio, encarnar quantos caminhos, ressonar pelas reverberações, decorar pequenos trechos, num lembrar intenso e disperso. Um momento de expiração – intervalo dos afetos, desses de rescaldo e lavagem. Delicada aventura onde descobertas são raras e sem alarde. Impressão de que temos mudado nessas sensibilidades, onde o intenso permanece, mas vai a ganhar luxos de ritmos variados, texturas complexas e radical recombinação sobre a pele.

Um café, uma manhã de outono em São Paulo e a suavidade me venta.

Se há jornada, esta se faz aos saltos, pelos percursos, mas, intensamente, se espraia em imanência. E penso que isso pede sensibilidade, que faz com que a lacuna onde nos inserimos seja tocada, texturizada, adensada, respirada em pulsação – avivada enfim. Uma jornada pela estética de Guattari não termina, ela encarna-nos nesse intervalo de sensibilização, ativa nossa presença nos movimentos, nos escalda nos fluxos cambiantes que estão a nos atravessar. Ela, a jornada, é uma outra forma do vivo, do desenrolar dos acontecimentos onde estamos a participar não por um pertencimento acolhedor, mas por mistura e desejo em encontro. Daí retomar esse intervalo se faz numa atenção imanente que não transforma qualquer conceito em guia abstrato das concretudes, mas que, aferrados a tais jornadas, as ativações criativas – sejam elas as potências de interferência

de uma obra artística, a ternura e a intensidade do cuidado em Psicologia, as mutações afirmativas em nossos processos de subjetivação – se façam em amplidões, diluições e maquinações contagiosas. Como estar, assim sensível, nos acontecimentos? O que marca essa estética que vivenciamos e, ainda, como ativar tais presenças?

Guattari em seus diversos modos e materialidades afirma: criar não é escolha, é movimento do e no real... É questão de adentrar e ativar a estética no real... Ele instiga, desafia, apresentando a estética como recurso de mutação e avivamento. Plano estético⁶⁹ – paradoxo de habitação não-capturável, onde as dimensões do real se movem em composição. Face plástica de efetivação dos processos e brecha macia de onde vislumbramos a interferência efetiva nos processos de subjetivação. Reativar, reentrar nos fluxos da vida pela vida. Identidade e fixações mostram-se contra-fluxo, mesmo que estratégicas por vezes, pois a questão crucial é a mudança de paradigma. Como combater o cartesianismo que sobrecodifica nossas linhas de produção no contemporâneo em diversos modos? Não se combate racionalismo com razão, é questão de sensibilidade, de estética criativa e suavidades intervalares. Suavidade. Como que pedindo um instante de soltura de fôlego, essa palavra se repete imensa e singela ao redor de nossa jornada. Quase insuspeita, perene. Como estar nessas sensibilizações sem abolição, como pulsar a criação nessa dita suavidade? Suave não é macio ou lento aplacado. O suave do real mostra-se muito mais pela finura do singular, da micropolítica inusitada e inesperada onde a intensidade é marca de vivificação. Um paradigma estético (GUATTARI, 2012) sensibiliza o real em mistura e ativação, não buscando organizar estabilizações – mesmo que a leitura deste real seja deveras concreta por vezes, vamos a soerguer os encontros, as misturas, os afetos e a pulsação em meio a isso tudo... Em suavidade. Suave como um vento que escoia, da brisa ao furacão.

Dos cursos da vida devemos esperar curvas.

Rememorar as marcas de um caminho de tese aqui não se liga a documentar as conclusões que se fizeram. Antes de tudo, mesmo aquém dos escritos, há a vibração de nossa entrada: *o que fazer com uma vida?* A suavidade vem ao revés, não concluindo nossas deambulações, como se lhes fechasse feridas e esgarces em um acalanto de

⁶⁹ Tomo aqui a referência mais pronunciada de Caosmose (2012), mas o conceito de *plano estético* muito comunga com outras definições de Deleuze e Guattari (2008a) como *plano de consistência* e toda a exploração dum paradigma não racionalista e sim ético-estético-político.

calmaria, não. Reverter o que chamamos de problema de pesquisa é procedimento de re-energizar nossa mira, esse pensar da vida em seus infinitos modos de singularização. Expirar como quem se livra das obrigações, feito um corpo muscular que esqueceu ser coração e que, ao soltar o ar, vai a sentir as sístoles que o constituem também. Uma vida, rememorada, uma expiração, em suavidade.

Sensibilidade nos requer Guattari; mas antes dele, estar vivo é encontro e estímulo mútuo. O que fazer com um corpo que se mostra sensível demais ou impassível? Perguntas retóricas são perigosas, porque delas muitas vezes fazemos rachaduras inertes ou mesmo prepotências. Mas essa pergunta não será retórica, será reformulada, modulada, diluída até que ganhe vastidão, ampla como a pele e sua sensibilidade. Aportamos na palavra sinestesia – com origens significantes do fenômeno neurológico que consiste na mescla de sensações de diferentes naturezas ao processar um estímulo específico (como um som que acessa uma cor, ou uma imagem que traz um gosto); e a figura de linguagem em português que une diferentes descrições sensíveis ao construir uma cena ou figura (como em *doce raio de sol, um som gélido*)⁷⁰. Quando acessamos o que estamos a nomear por sensibilização não buscamos nos referir a alguma forma de treino ou trabalho de apuração dos sentidos, ou mesmo em forçar uma maior receptibilidade dos estímulos sensitivos. Mas sim apontamos para algo que avive um encontro sensível com o mundo que se faça de maneira inteiriça, ou antes, que não seja mediada de modo tão preciso e fatiado por nossas organizações cognitivas, uma “sensação ao mesmo tempo”. Sentir o mundo não é somente estar atento aos estímulos para reconhecê-los e decodificá-los de maneira mais efetiva, e sim um contato com o plano real de maneira sinestésica, numa união sensível, num encaixe receptivo, amplo e afetável. Quem sabe como estamos a conectar? Aqui não se busca resposta única, pois a conexão é tão singular quanto o acontecimento presente, num processo incessante de ir a acontecer e misturar, recombinar. *Quantas* de devir apontam Deleuze e Guattari (2007), tantos processos simultâneos de combinação, de sensibilização, de criação singular e pluri-estimulatória. O real se faz em heterogeneidade, e uma sensibilidade sinestésica aviva-nos em agenciamento.

⁷⁰ Etimologia: A palavra sinestesia tem origem no grego *synaísthesis*, que quer dizer “sentir junto”. O termo é resultado da combinação de *syn*, que significa “união”, “junto”, “ao mesmo tempo”, e *esthesia*, que quer dizer “sensação”.

Afeitos e refeitos a pensar em linhas, que mesmo inusitadas e obtusas se querem retas, nos constituímos. É-nos muito custoso um instante de respiração que nos englobe, que circunde fractal sem fechamento. Estamos a acontecer em esfera, em pulsações, em diluição radical. Questionar o corpo é pequeno, curto mesmo ao vislumbrarmos esse organismo que não se define; uma olhada mais vagarosa e ele mesmo não é corpo único e, multiplicando-se em agregado orgânico-maquínico-sensível, se mostra impensável em possibilidades e multifacetado em relações que o conformam. Questionar um social é parcial, inventando uma fixidez abstrata dos processamentos coletivos em linhas passíveis de leitura, como se “catalogássemos *as* forças” (numa ênfase em sua finitude e possível determinação única) que nos afetam e determinam, recriando um exterior isolável e ameaçador. Ou ainda, um pensar sobre as relações que procede à pauperização dos repertórios, ora se fundindo em modelos de agir, ora se derivando em justificavas individualmente isoladas e praticamente obrigatórias. Essas capturas repetem certo paradigma: se desenrolam em modalidades curtas, da anestesia distraída da rotina à somatização dolorosa populacional, secretando um humano só e culpabilizado à revelia. Adentrar e ativar o paradigma estético, ou mesmo uma esquizoanálise em prática, requer sensibilidade, sinestesia, criação não como produto, mas como efetivação do que já se processa. O crucial aqui é a modulação: sensível *como*, criação *como*? A diluição pode desfazer-nos e ser vivida como invasão; a sensibilidade pode tornar-se maneirismo tamponado ou então esgarçar-se em ataques de nossa superfície de conexão; a sinestesia estratégica pode nos apartar do mundo concreto e antolhar o movimento em curtos encantos distraídos... Ampliar pode tanto nos sumir quanto nos panicar em retração... Não estamos a lidar com técnicas a serem consumidas, mas percebendo os efeitos de uma ativação do Plano estético, seus desafios, marcas e sintetizações. Modular aqui é perder a necessidade de uma conclusão final e deixar que as polarizações binárias percam sua importância, deixando transparecer graus e singularidades em cada acontecimento múltiplo. Suspiro, exalar ar, uma suavidade...

(...) eis que voltamos à questão da esquizoanálise! Não se trata, como podemos perceber, de uma nova receita psicológica ou psicossociológica, mas de uma prática micropolítica que só tomará sentido em relação a um gigantesco rizoma de revoluções moleculares, proliferando a partir de uma multidão de devires mutantes: devir mulher, devir criança, devir velho, devir animal, planta, cosmos, devir invisível... – tantas maneiras de inventar, de “maquinar” novas sensibilidades, novas inteligências da existência, uma nova doçura. (Guattari, *Pistas para um esquizoanálise – os oito princípios*, 1987, p 139)

Nos pedindo proliferação, uma esquizoanálise não replicável é sempre desafio prático e constante. Como chegar à suavidade que Guattari nos indica? Assomamos a sensibilização e outros procedimentos por diversas entradas, mas para a suavidade devemos nos achegar ao sensível como atenção e conexão. Sensibilizar em plasticidade essa carne que nos constitui sim, mas muito mais como postura de exploração do real, onde duvidar de nossas convicções busca, nas sensibilidades (inauditas, impalpáveis, invisíveis, imperceptíveis até então...), camadas outras de habitação. A diluição nos propõe certo dismantelo das poses usuais que figuramos sim, mas também nos convida a vivenciar o pulso conectivo-afirmativo que vai a nos constituir por tantos cantos em simultâneo e onde ser em processo migra de um conceito propositivo-abstrato e é experimentado como encontro dinâmico do mundo concreto em nós. E a proposta de ampliação, que se mostra como esgarçamento de nosso “estado” suposto de coerência linear para uma vivência em esfera autopoietica⁷¹, ganha junto com isso a gravidade de ser exercício de pertencimento ético-estético-político e de confecção criativa desses atravessamentos. Não mais a retórica de “o que fazer com um corpo muito sensível?” e sim “como manejar nosso corpo em exploração sensível e conectiva, numa transmutação com um entorno, que se maquine em movimentos múltiplos?”. Sensível é certo cultivo, não imposição metódica. Convite de plasticidade e refazimento. E ainda além.

O que resta de todo esse palavrório conceitual que tem a vertigem como primeiro efeito? Como ficamos com toda essa desestabilização induzida tentando não perder o toque concreto dos encontros? Expirar esses efeitos, sentir as marcas e estar em conexão. Envolve-nos o dispositivo que maquinamos: as orbitações ampliadas e diluídas dos processos, o engendramento sensível de um experimento-carne, a habitação de um panorama-existencial e, como fole disso em movimento, *o respirar de uma suavidade*. Uma suavidade...

Essa suavidade que nos invade, esse respiro intenso de matéria e mutação, se faz em lacuna de proliferação. Restamos. Suely e Félix (2013) foram quem nos abriram essa

⁷¹ O termo autopoiese, se auto colocar ou se auto produzir, é utilizado em diversos encaixes no campo das ciências humanas, bem como áreas biológicas e também artísticas. Por agora acessamos, orientados ao trabalho de Maturana e Varela (2004), a dimensão autopoietica da vida orgânica, em seu procedimento de ser um processo permanente de auto-construção, de auto-invenção. Esse encaixe fazemos com a ampliação que propomos devido à busca de migrar para uma vivência do organismo como mecanismo fechado e compartimentado, para um modelo de relação e auto-criação que nos amplia tanto em termo de experiência quanto em termos de potência vital.

lacuna. Guattari utiliza o termo em diversas alturas e pontos de sua obra, criando um espaço de rescaldo da dimensão estética sem perda de potência, ligando desde camadas de produção subjetiva em clínica até ao considerar movimentos sócias em levante. Mas com Rolnik, em seu texto *Uma nova suavidade?* (2013) cria-se um tom de questionamento dos modos e linhas de repetição do amor neurótico frente à possibilidade de escape, por vezes abolitivo, das máquinas celibatárias. O enlace amoroso vai a ser explorado onde ele mesmo se engasta polarizado, sem que nossos autores fiquem a abstrair conceitos e projeções que se desfazem no ar, ou mesmo em proposições fracas de certo abandono do modelo heteronormativo-romântico-tradicional em prol de amores frugais e “libertados”. Cogitar as relações amorosas do humano não seria discutir possíveis instruções de como se ter “um amor mais moderninho”, mas sim adentrar como se processam tais ligações. O que sobeja nesse texto, e tantas outras composições no mesmo livro, é a proposição prática de estar em movimentos de criação e rearranjo dos processos de subjetivação, ou do que Suely indica como o *não tão demasiadamente humano* e o *não tão demasiadamente não humano* (GUATTARI e ROLNIK, 2013), uma ética da construção de territórios existenciais e conjugais que não sejam nem fixações-prisão ou mesmo inexistentes e sem consistência. *Territórios-pousada* como ela nomeia, ou ainda uma viagem solitária onde secretar territórios moventes, porém efetivos, seja escape da abolição e da cristalização. Movimentos constantes de criação, nessa ativação da parcela estética do real, onde é criando e re-criando nossos territórios existenciais – compostos de dimensões paisagísticas, agenciais, fluxos e phyluns em transversalização heterogênea (GUATTARI, 2012) – que se dá certa plasticidade à vida ao constituir formas e se des-formar em potência de expansão. Carregado de conceitos tal aproximação, não? Um nano-nó de encontro de todo um conglomerado conceitual e paradigmático, um posicionamento ético e um entrecruzamento político que fazem girar galáxias inteiras do real antes fixadas numa suposta eternidade. Mas sentimos o que resta ali, uma pose estética, um modo intenso do criar, que busca a porosidade dos territórios, bem como sua intesificação sensível apoiada como que sobre uma única molécula de oxigênio... A isso, nossos autores-confabuladores-conspiradores nomeiam de *uma nova suavidade*...

Suave estrondo, rarefeita efusão combinatória, imperceptível concretude em mutação... Toda uma militância pela transformação consistente e dinâmica incandescida numa palavra tão calma, por assim dizer. Tantos descaminhos em nossas vivências a se

eletrizarem intensos e caducos já em suas pretensas pregnancies, com um dizer tão inusitado em sua fragilidade. Suave, em um dos sentidos possíveis do português, trás em si “aquilo que se faz sem custo”. Ou mesmo em sua raiz do latim *suavis* remete a características do que é doce... Doce e sem custo... Viver? Mover e dar vazão a criações outras sem custo? Que doçura existe, ou mesmo persiste, no desenrolar da vida? Que custo inexistente em um pulso deveras violento em sua cadência na esteira de uma produção subjetiva? Um paradoxo. Expiramos, suavizamos. A enxurrada conceitual não deve nos destroçar, mas ser trampolim para isso que buscamos sensibilizar, uma suavidade respirável... Ampliar, diluir, expirar por agora em direção a um cosmos mais suave... Um devir-imperceptível, uma *hecceidade*...

Lembranças de uma hecceidade. – Um corpo não se define pela forma que o determina, nem como uma substância ou sujeito determinados, nem pelos órgãos que possui ou pelas funções que exerce. No plano de consistência, *um corpo se define somente por uma longitude e uma latitude*: isto é, pelo conjunto dos elementos materiais que lhe pertencem sob tais relações de movimento e de repouso, de velocidade e lentidão (longitude); pelo conjunto dos afectos intensivos de que ele é capaz sob tal poder ou grau de potência (latitude). Somente afectos e movimentos locais, velocidades diferenciais. (Deleuze e Guattari, 2008a, p 47)

Meridianos e paralelos... Velocidades diferenciais... tracejados num território existencial em movimento e que o ultrapassam, cruzamentos que dizem da singularidade de uma passagem de tempo, de uma paisagem, de uma “individualidade perfeita, à qual não falta nada, embora ela não se confunda com a individualidade de uma coisa ou de um sujeito” (DELEUZE e GUATTARI, 2008a, p 47). Tais junções, dos traços e velocidades, também se aproximam do processo de subjetivação, por vezes nomeado de singularização quando dizemos de um corpo em específico, seja uma pessoa, uma coletividade, uma temporada social. Mas na noção de hecceidade não se fixa em tais humanidades, indo em direção ao acontecimento. Hecceidade que é um acontecer, numa mescla, digamos, sinestésica do real em movimento, em dinâmicas de agitação e repouso, potências de afetar e ser afetado em ato. Deleuze e Guattari (2008a) exploram esse conceito ao adensar as noções de devir, aproximando a hecceidade e o sujeito por meio do debate sobre o tempo e os planos. A hecceidade, habitante do plano de consistência, se efetua no tempo *aion*, aponta para *uma vida*, tempo dos acontecimentos, velocidades vertiginosas e lentidões extremas, o absolutamente efêmero. E o sujeito aponta para o plano das formas, das substâncias e sujeitos, efetuando-se no tempo cronos, fixando as coisas e determina os sujeitos numa continuidade. Há um perigo quando nos aproximamos dessa noção: uma polarização furtiva que temos de expirar,

uma aparente divisão entre o plano das formas e o plano das intensidades em criação pode parece tentadora, mas resumir dessa maneira pouco dinamiza e até paralisa o pensamento. A noção de hecceidade, bem como a de *uma vida* (DELEUZE, 1997b), não estão apartados dos sujeitos, ou mesmo a funcionar como fonte inesgotável de excitação e caos por sobre o plano das formas. São facetas de um mesmo processo de pulsação formatável-destrutivo inerente à vida. Nossos autores remarcam isso a todo o tempo, indicando o perigo das capturas cristalizáveis do pensamento e do real. Nesse interstício, indicam a individuação como elo de junção conceitual, onde as diferenças entre hecceidade e sujeito se articulam:

Em suma, a diferença não passa absolutamente entre o efêmero e o duradouro, nem mesmo entre o regular e o irregular, mas entre os dois modos de individuação, dois modos de temporalidade. Com efeito, seria preciso evitar uma conciliação simples demais, como se houvesse de um lado sujeitos formados, do tipo coisas ou pessoas, e de outro lado, coordenadas espaço-temporais do tipo hecceidades. Pois você não dará nada às hecceidades sem perceber que você é uma hecceidade, e que não é nada além disso. (...) Você é longitude e latitude, um conjunto de velocidades e lentidões entre partículas não formadas, um conjunto de afectos não subjetivados. Você têm uma individuação de um dia, de uma estação, de um ano, de *uma vida* (independentemente da duração); de um clima, de um vento, de uma neblina, de um enxame, de uma matilha (independentemente da regularidade). OU pelo menos você pode tê-la, pode consegui-la. (Deleuze e Guattari, 2008a, p 49)

Estar em sujeito não nos aparta dos acontecimentos, mesmo que insistamos em fixar. Indivduar, singularizar, tantos outros conceitos que apontam em como relacionar e ativar a subjetivação de modo mais afirmativo e mutante... Somos uma vida em formações, atributos e desdobramentos da substância potente se nos aproximarmos de Espinosa; a singular individuação dessa uma vida que levamos ou suportamos.

A noção de suavidade se intensifica mais, nessa expiração sensível dos conceitos, nessa vivência ampla dos acontecimentos, em devires imperceptíveis que nos diluem em hecceidade. Os movimentos em nós se chocam a todo instante, múltiplas linhas a rodopiar, emanações nos desfazendo e integrando. Essa nossa suavidade, estética e em engendramento dos caminhos até aqui é deveras viva, demasiado viva e respiratória, além de ser expansiva, espaço-temporal e energizada... Mostra-se uma *suavidade-pulsar*⁷², imiscuída ao real em infinitos desdobramentos. Findamos nosso sujeito em devires múltiplos, nenhum nosso de direito, mas os sendo em coletivo, recombinação,

⁷² Mais a frente o delinear dessa pose-conceito será adensada, mas por agora ficamos com o efeito sob verbo pulsar junto a nossa suavidade e a conexão direta com a definição em astronomia da *Pulsar*, nome dado a estrelas de nêutrons com todas as suas características a se desvelar a nós.

singular cosmogonia em andamento e efetivação. Um suspiro esvaziante mais comprido, uma diluição veloz e lerda, ampliando em estares cambiante, estamos expirando em impregnação...

Pulsar, suavizar, por agora uma despressurização ampla. Soltar o ar, ruir as amarras, sensibilizar em sinestesia. G.H., a lateralidade de nossa jornada, diria de uma coragem de mudez, uma ânsia de queda que nos dê um pertencimento ao mundo. Lispector (1998) retorna em órbita ancestral, um rescaldo necessário nessa suavidade:

Chego à altura de cair, escolho, estremeço e desisto, e, finalmente me voltando à minha queda, despesoal, sem voz própria, finalmente sem mim – eis que tudo o que tenho é que é meu. Desisto e quanto menos sou mais vivo, quanto mais perco o meu nome mais me chamam, minha única missão secreta é a minha condição, desisto e quanto mais ignoro a senha mais cumpro o segredo, quanto menos sei mais a doçura do abismo é o meu destino. E então eu adoro. (...) Enfim, enfim quebrara-se realmente o meu invólucro, e sem limite eu era. Por não ser, eu era. Até o fim daquilo que eu não era, eu era. O que não sou eu, eu sou. Tudo estará em mim, se eu não for; pois “eu” é apenas um dos espasmos instantâneos do mundo. Minha vida não tem sentido apenas humano, é muito maior – é tão maior que, em relação ao humano, não tem sentido. Da organização geral que era maior que eu, eu só havia então percebido aos fragmentos. Mas agora, eu era muito menos que humana – e só realizaria o meu destino especificamente humano se me entregasse, como eu estava me entregando, ao que já não era eu, ao que já é inumano. (...) E tal entrega é o único ultrapassamento que não me exclui. Eu estava agora tão maior que já não me via mais. Tão grande como uma paisagem ao longe. Eu era ao longe. Mas perceptível nas minhas mais últimas montanhas e nos meus mais remotos rios: a atualidade simultânea não me assustava mais, e na mais última extremidade de mim eu podia enfim sorrir sem nem ao menos sorrir. Enfim eu me estendia para além de minha sensibilidade. (LISPECTOR, 1998, p 177, 178 e 179)

Uma atualidade simultânea, uma sensibilidade sinestésica, hecceidade em pulso, uma suavidade. Clarice faz de G.H. um pulso humano-inumano imemorial, descortinando algo de uma queda completa que nos dá aos acontecimentos, fazendo da linguagem uma plataforma para o indizível na doçura de uma fruição adorável. Eis que a suavidade em prática nos envolve, envolve todos esses escritos, pulsa em meio a tudo, suave, ela que não se define, mas a qual respiramos... Expirando, espiralando, expelindo, expandindo.

Suavidade. O que se corrói com o tempo. Aquilo que resta em intervalo nos encontros. Permanências, ali, onde não se percebe. A renda fina das forças que fazem o real em movimento. A incrível singularidade do ordinário. O que não fecha um significado por completo. O risco de sua caneta errante que ignora a formação das letras, mas as entrega. O magnífico fio de cabelo perdido nos canos de uma metrópole que não se apercebe precioso, resta somente. Ar que te define em dimensões que nossas chaves de entendimento fraquejam em sequer imaginar especulativamente. A substância irreal da

vida. O olfato. O suspiro. A cor cinza. O passo aquém da frustração de perceber que se perde muito em não acolher o outro, buscando somente entendimentos, fechamentos, opressões, e que disso só brota o desespero de acumular e saciar a imaginária falta que justifique essa violência. Gosto de lágrima. Ondas gravitacionais. Lá, onde não há fronteira, montado entre o que codificamos e que nos encanta em *non-sense* concreto. O segundo antes do abuso despedaçante de se afirmar uma certeza frente à amálgama borbulhante dos acontecimentos. O caminho não conhecido na cidade que não se sabe o nome, num momento de toque furtivo do tijolo de cristal⁷³. Antes de não espantar os devires, ausentar-se; antes de deglutir, lacunar-se, e estar. Encarnar. Pulsar. É amplo, é mais, dissolve e parece que jamais vamos re-tornar. O mistério de acontecer. A recepção de tantos sinais que fazem das organizações sinápticas somente poucas coleções de arcos-reflexos dos senhores da caverna. Aquele deslize. Um segundo de distração e o cosmos foca suavemente em máquina turbilhonante. A vida que não possui substância, que é ininteligível *per si*. O elétron inidentificável. Energia, que é matéria, que é energia, que é vácuo, que é transmissão. Calor. Passagens de ausências. Presenças irreais em concretas marcas. Veneno de perecibilidade. Bálsamo de vibração. Irrelevância vasta, som. Sina e pertencimento cataclísmico, mas que transforma as existências em singulares arranjos parciais. Estratégias de vida, uma folha, seiva e desperdício. Como quando frente ao mar onde tudo perde sentido e ganha necessidade. Não se toca a vida, se abraça a transformação. E tudo que pulsa segue, e lá onde se monta a selvageria das falsas seguranças muito se morre, sempre. Ali é combate de não esgoelar as suavidades, toque de superfícies incontroláveis, luta pelo movimento em expansão e florescimento. Prova, expira, que toda vida extrapola.

Eis o fio, eis o tempo, eis a batalha, pelo amplo pulso.

⁷³ Vivência furtiva do texto de abertura de *Histórias de cronópios e de famas* de Julio Cortázar (2009). O tijolo de cristal de Cortázar mostra-se como a entorno aéreo e luminoso do dia, instante onde estamos incrustados e que nos desafia a ir adiante, a misturar-nos com ele, a habitar o cotidiano e seus micros e titânicos desafios vivazes.

Inspirar – elipses cósmicas, singularidades mortais e vida em pulsação, uma afeição

Na oração, que desaterra ... a terra,
Quer Deus que a quem está o cuidado ... dado,
Pregue que a vida é emprestado ... estado,
Mistérios mil que desenterra ... enterra.
(Gregório de Matos Guerra, Oração “mortal loucura”, 1933)⁷⁴

A nossa volta, sem mais fronteiras, delineamos uma expiração que nos apaixone pelo acontecimento. A estética vai chegando às raias de sua vivência; sem mais entendimento, ativamos encontros que queremos pulsos potentes para novas ativações e singularizações. Um problema de pesquisa deve ser implodido – crescer em energia, aglomerar massa, irradiar e explodir em combinações químicas, ardendo e rodopiando em seu eixo, magnetizam seus arredores, e vai a dançar constelacionalmente errante. Mas deve implodir, perecer não num sumiço de inexistência, mas em transmutação.

A morte de uma estrela é nomeada como Supernova, evento de implosão-explosão desses corpos celestes em estágio final de combustão de sua constituição e no limite de sua estabilidade gravitacional. Em dispersão, tal Supernova ecoa no espaço sideral, liberando não somente matéria estelar (moléculas, partículas atômicas, nuvens de gás) como também irradiando a imensas velocidades uma infinita quantidade de energia de diversas qualidades, do fóton ao raio-x. Uma morte, a implosão expiratória de um corpo incandescente e luminoso. Mas é esse cataclisma que se faz berçário para tantas outras estrelas possíveis, pois muitas novas estrelas vão a ser geradas em lentos processos de aproximação e aglomeração dessas nuvens estelares. Desse evento também podem nascer os buracos negros – se a massa estelar for muito alta e sua implosão comprimir tal matéria a um extremo gravitacional que subsuma o entorno numa atração abolitiva –, ou tornar-se uma Pulsar⁷⁵. Essa última formação, a estrela de nêutrons resultante de uma Supernova com certa medida limite de massa, torna-se um corpo estelar com características a nós muito atrativas. Uma Pulsar possui massa em densidade muito

⁷⁴ Gregório de Matos Guerra (Salvador, 23 de dezembro de 1636 – Recife, 26 de novembro de 1696), alcunhado de Boca do Inferno ou Boca de Brasa, foi um advogado e poeta do Brasil colônia. Aqui seu soneto “Oração (Mortal Loucura)” embala nossa inspiração, numa potência satírica e cósmica que liga um homem do século XVII do Brasil colonial e sua reverberação ainda entre nossos tempos, apontando acontecimentos e misturas explosivas ainda, numa “oração ao mundo” como busco nomear esse soneto.

⁷⁵ Tomamos como referência para tal conceituação a cartilha do INPE (Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais) sobre Introdução à Astronomia e Astrofísica de 2003. Nosso intuito não é de aproximar a precisão matemática necessária ao entendimento das temáticas, mas sim nos apoiar em uma estética astronômica que pulse com nossa tese, que nos contamine as áreas afins em novas combinações e gere interferências potentes.

superior que a de nosso plante Terra ou mesmo de nosso Sol, mas inferior aos buracos negros, e tem como característica principal uma rotação extremamente acelerada em seu eixo iniciada a partir da implosão-explosão que a origina. Gira em velocidades vertiginosas, emanando um campo gravitacional a seu redor de extrema magnitude que chega a “desprender” matéria de sua superfície, em sua maioria elétrons. Desse rodopio também surgem em seus pólos emanações grandiosas de luz que giram assim como a estrela e, por estarmos a distâncias siderais, nos aparecem como “brilhos pulsantes” em intervalos precisos – origem de seu nome característico (INPE, 2003). Uma Pulsar *rotaciona, emana gravidade imensa, se desfaz em luz e pulsa por todo o universo sua vitalidade.*

De uma morte emergem combinatórias de movimento e emanações insuspeitadas, dando, de uma expiração final de energia, um novo giro florescente e intervalar em expansão. A Pulsar nos inspira, maquina uma ação de transmutação luminosa e seqüencial que traz a si e lança de volta toda uma imensidão de moléculas, radiações e presenças siderais.

Quem não cuida de si, que é terra, ... erra,
Que o alto Rei, por afamado ... amado,
É quem lhe assiste ao desvelado ... lado,
Da morte ao ar não desaferra, ... aferra.
(*Ibdem*)

Movimentos orbitais. Essas as constelações que nos compõem em distâncias e proximidades, dando inusitada configuração fenomenal a este trabalho, e que vai a seguir outros caminhos e composições. Revisitamos as expirações e rescaldos de nossa tese, mas por agora, o que ainda inspira? Como vibram nossos caminhos de escrita e pensamento? Se anteriormente nos foi necessário um momento de esvaziamento, devido tanto ao perigo intelectualizante de inflar e mesmo para sabermos da suavidade que nos constitui em sensibilidade, agora vamos a ver os pulsos dessa suavidade em vibração.

Uma pesquisa, essas que realizamos em espaços formais de produção acadêmica, parecia-me ser parca na pretensa capacidade de conter e documentar um caminho de pensamento. Há certa insistência em adentrar o terreno do pensamento de maneira não tradicional pela afirmação e experimentação do que não se “pensa” racionalmente, pois a função cognitiva humana da razão é dádiva se a vemos em meio aos processos, mas maldição de cristalização ao considerar os efeitos de produção subjetiva cerceante e os

desdobramentos de confinamento que dela partem. Aproximarmo-nos de um pensamento como diferença, junto a Deleuze (2010), e apostar que se maquina potência sim pela estética e pela experimentação sensível junto a Guattari (2012), foram energias constantes junto a esses textos. Um uso da ciência, da escrita, do pensamento formal para uma aproximação furtiva da potência vital a qual fazemos parte. Movimento inicial de expandir na cadência de uma inspiração, na medida de nosso peito em pose constricta a se relaxar e erguer-se.

Não se controla o que uma produção pode disparar, ou mesmo prever a que áreas e composições nosso trabalho irá se encaminhar. Mas é em nós mesmos que, dessas marcas iniciais, vamos a sentir irradiações. *Rotacionar* nosso trabalho é uma primeira inspiração Pulsar, dando a ver como os movimentos incitados vão a ritmar.

Na primeira porção de nosso trabalho, nas Órbitas, partimos de delineações e aproximações de nosso campo problemático, a saber, o plano estético de Guattari e suas ativações em múltiplas áreas. Destarte percebemos ser uma inflexão em metodologia a qual encampamos. Uma pesquisa tradicional, onde o trabalho conceitual e a escrita funcionassem como ordenação racional e informacional de uma exploração meticulosa, seria ignorar a mudança de paradigma que nosso autor-incidentador requeria. Foi necessário utilizar de outras inteligências e artifícios para que, de uma proposição de pesquisa de doutoramento em Psicologia, uma escrita viva e o empreendimento de um pensamento de ruptura pudesse tomar frente. Os ensaios foram o formato que emergiram, tendo as orbitações e as influências como tom de nosso empreendimento. Um encaixe com a pesquisa formal que a amplie, dilua e faça com que conectemos com nossas proposições não de maneira dominante a ditar verdades finais, ou mesmo subjugada a documentar uma experiência. Além disso, o adensamento de um problema de pesquisa se faz em imanência com um contexto mínimo, e pensar a estética da produção subjetiva em um contemporâneo “endividado” e velozmente produtor e violento, foi necessário para que as perguntas não pairassem como proposições meramente reflexivas, mas ativassem a prática direta que a esquisoanálise conclama (GUATTARI, 1987). As orbitações foram a lateralização necessária para a experiência dos ensaios, que aqui funcionam como estilhaços de um pensamento em Filosofia e Psicologia a serem ejetados em todas as direções sem prévio controle. Uma metodologia estética, sensível aos movimentos de composição, que nos tira do controle, mas nos intensifica na produção de interferência e na busca de ativação.

Na segunda seção, a CARNE de nossa tese, fomos buscar um trabalho direto com os humanos artistas nos quais vislumbrávamos uma singularização radical e potente, em termos de potência e contágio disso que chamamos de criação. Encarnar a criação foi árdua mimetização e remodelamento, mas aproximar-se da arte, por a entendermos como pensamento cortante e afirmativo, não deve ser feito em acolchados interpretacionismos. Os experimentos-carne são indomáveis, rizomatizados até onde não detectamos mais, e daí brota esse acoplamento. Arte não metafórica, não interpretável, mas ato de carne e criação densa, que nos abre, para além do pensamento, modos de vida em singularização.

Do CHÃO fizemos superfície de encontro. Ignorando a clássica divisão entre homem e mundo, nosso panorama-existencial nega as fimbrias classificatórias dos limites que colocamos entre os corpos e rotulações, buscando um cultivo transhumano (ROLNIK, 1995) dessa miscelânea singular no mundo. Diluir o humano na paisagem, cultivar agenciamentos em radicalidade e combinatória, além de intensificar a vivência de um processo de subjetivação, aproxima e maximiza a heterogeneidade do encontro – avivando o espaço a nossa volta, nos sendo em concretos atributos múltiplos e vivazes.

E em RESPIRAÇÃO é o vivo que toma a frente. Esse frágil e resistente conceito que interpenetra nossas práticas em modos dos mais inusitados. É o cuidado e a prática do cotidiano que sente uma invasão de nova energia de questionamento, mas também firmemente uma dinâmica de alimentação respiratória. Técnicas e experiências em Psicologia, um contemporâneo o qual habitamos vivos, tantos encaixes práticos de estar em vivência são singularizações as quais não devemos coordenar e sim, respirar, suavizar e pulsar em estética e acolhimento.

Em rotação os ensaios vão a maquinar uma estética que se quer ativa, que se quer pulsante. Mas não somente fragmentos errantes, aqui uma outra inspiração necessária, a inter-influência confabulatória de nossos caminhos. Entramos nessa tese com Guattari e com ele devemos seguir em ativação. Se há uma esquizoanálise a ser praticada, se há uma estética paradigmática e ativada, é percebendo o além das formas que mantemos o movimento. Aqui, montando a Pulsar de nossa suavidade, inspiramos então *a gravitação magnética* de nosso trabalho. Um texto sozinho é uma aposta de ativação; em sua singular composição vai a abrir encaixes e se desdobrar. Mas o intrincado desafio de Guattari, esse de fazer do Plano Estético uma chave de intensificação e plasticização

radical no terreno da produção subjetiva, pede uma gravitação. Gravidade entendida como as emanações, atrações, repulsas e influências múltiplas que reverberam em todo o universo sem necessariamente fecharem uma única materialidade, sendo a relação no entre das singularidades. Atingir uma das linhas da produção subjetiva não deve findar o fôlego estético, como também não deve ser entendida como especialidade estéril. A ativação só se faz se horizontalizarmos as perspectivas, afirmarmos a interconexão das diversas dimensões, e apostar não em uma materialidade, mas sim no *como* tais materialidades vão a se movimentar e entrar em influência. As meta-modelizações esquizo de Guattari (2012) vão a caotizar os universos de referência muito bem repetidos e reafirmados, mas numa potência caótica que não se aproxima jamais de uma desordem destrutiva tão somente. Um outro caos, que “torna-se o portador virtual de uma complexificação infinita” (GUATTARI, 2012), que vai a ativar a dimensão afetiva e a-significante dos discursos, diminuindo a incidência das massificações, na busca de cultivar-afirmar-ativar universos de alteridade. A gravitação das meta-modelizações esquizo não tem como intenção a substituição de um modelo considerado mais “duro” pelo nosso que operaria mais “flexível”. É um trabalho de discernibilização e intensificação dos componentes de subjetivação que está em ativação, esse trabalho de heterogênesse (GUATTARI, 2012). Gravitare e intensificar as “invisíveis” influências presentes na produção subjetiva é acoplar nossa singularização – seja ela em território existencial, a concretude de uma intervenção em Psicologia ou mesmo caminho de pensamento-militância – em relação de movimentação caótica e recombinante da e na produção do real. Nossos ensaios giram em carrosséis sem eixo, não à revelia, mas em magnéticas flutuações que nos multipliquem e vivifiquem a subjetivação contemporânea.

Quem do mundo a mortal loucura ... cura,
A vontade de Deus sagrada ... agrada
Firmar-lhe a vida em atadura ... dura.
(*Ibdem*)

O inspirar é dos reflexos mais selvagens que possuímos. Não nós somente, tudo inspira, quer *a mais*, se colocarmos a perspectiva da vontade de potência de Nietzsche (2006). Tudo troca, intensifica, pois pureza, mesmo forte, é fragilidade. Pulsar em estágio de emanação luminosa e energética é buscar expansão, sobrevivência e efetivação. Muitos feixes, irradiações, quenturas e cintilações se mostram nesses escritos, tantos que não ousa captá-los, e sim dar-los à expansão inspiratória. Como esses textos, e todos os

densos caminhos percorridos, estão *a se desfazer em luz e energia*? Uma outra inspiração nos faz pensar: para onde viajam, que interferências causam, onde fazem nova marca? Mesmo de diversas matizes e funcionamentos, há uma emanção da suavidade que deve ser reafirmada. Nada dessa suavidade que delimite velocidade, direção ou mesmo manutenções diversas. Nossa suavidade, desde sua aproximação sinestésica anterior, é aérea, é ampla, como uma atmosfera. Se há uma inspiração que nos aparece a essa altura, é a similitude potente com o trabalho de Hans Gumbrecht (2014) que lança mão do conceito de *Stimmung* para pensar inicialmente sobre a produção artístico-literária. Partindo de uma negação em pensar o campo literário seja a partir de um paradigma lingüístico – onde as relações de linguagem não se pareiam à realidade –, seja de um paradigma sócio-culturalista – relacionando quase que diretamente a representação da realidade pela literatura e as artes –, o autor propõe a aproximação da com a escrita literária por meio do conceito de *Stimmung*. Palavra alemã que evoca diversos significados, *Stimmung* tanto indica um clima atmosférico e/ou contingencial, quanto a noção de “estar correto” ou “afinar um instrumento”. A abertura de significado é crucial para o autor na busca de uma conexão com a literatura, onde “os estados de espírito e as atmosferas específicas são experimentados num *continuum*, como escalas de música. Apresenta-se a nós como nuances que desafiam nosso poder de discernimento e de descrição (...)” (GUMBRECHT, 2014). Nessa busca em vivenciar a potência da literatura em evocar tons, atmosferas e climas, Gumbrecht evita o hermetismo das palavras ou mesmo um processo de significação fixa da realidade, aproximando com muita potência de nossa noção da suavidade atmosférica e afetiva. Afastando-se do que ele nomeia como experiência cotidiana, que evocam efeitos de sentido e significação a partir dos estímulos sensitivos, Hans indica, através da noção de *Stimmung*, uma experiência estética, que evocaria além de sentidos também o que ele nomeia como presença.

(...) as atmosferas e os ambientes incluem a dimensão física dos fenômenos; inequivocamente, as suas formas de articulação pertencem à esfera da experiência estética. Pertencem, sem dúvida, àquela parte da existência relacionada com a presença, e as suas articulações valem como formas de experiência estética. (Claro que isso não significa que cada articulação da presença que vale como “estética” valha também como atmosfera ou como ambiente). (...) O que me interessa são os ambientes e as atmosferas absorvidos pelas obras literárias enquanto forma de “vida” – ambientes com substância física, que nos toca “como de dentro”. (...) A ânsia pelo ambiente e pela atmosfera é uma ânsia pela presença – talvez uma variante dessa ânsia pressuponha o prazer de lidar com o passado cultural. (...) Isso não importa quando estamos lendo com atenção voltada às atmosferas e aos ambientes:

eles pertencem à substância e à realidade do mundo. (Gumbrecht, 2014, p 16 e 33)

Método de pensamento intuitivo, uma experiência estética evocada por um ambiente, uma atmosfera. Gumbrecht vai a ligar a “análise literária” com diversos debates conceituais referentes à filósofos como Heidegger, e conceituações como presença, sempre-já e tantos outros. Mas o que nos evoca a noção de *Stimmung* é a ligação a uma dimensão dos acontecimentos que se desprende do tempo cronológico e perdura em intensidade em uma obra literária. Já exploramos por diversos caminhos toda a maquinação de Deleuze e Guattari sobre a arte como procedimento do pensamento diferencial (ALVARENGA, 2017), mas por agora gostaria de explorar essa presença atmosférica que Gumbrecht utiliza. Uma ambientação que muito se aproxima de uma forma de vida, estímulos físicos que se transmutam em estética potente, obras que se ligam a sons e à atmosfera. Uma faceta aérea com a contundência de “evitar” a significação cristalizada, que reverbera em expansão, em direção ao acontecimento. Luz, radiação, íons a inspirar o espaço-tempo circundante. Radioatividade. Inspiração, diminuir as fixações, pois se estamos a suavizar em pulso, é sempre uma questão da sensível presença respiratória que irradie energias em nossa dispersão.

As inspirações se adensam, rotacionam, gravitam, se dispersam, na fragilidade de permanecer a respirar, a pulsar sempre mais nossa suavidade. Não capturar a suavidade é trabalho de inspiração, de deixar-se nutrir de sua prática repetida e singular. Como um afeto disperso e heterogêneo, a suavidade nos envolve e só permanece em prática. Não há mais problema de pesquisa, mas uma jornada de escrita-pensamento-vida densa e energética. Nessas incursões sobre o espaço e a vida, fui a encontrar as palavras do astrofísico Carl Sagan em diversos momentos. Famoso por popularizar em diversos meios a astrofísica e as viagens espaciais na segunda metade do século XX, Sagan possui um discurso que, mesmo com toda a contextualização estadunidense da corrida espacial, de grande inspiração ao que toca nossa conexão com as imensidões espaciais. Nossa suavidade atmosférica e pulsar é conexão, do átomo à Via Láctea, e esses efeitos no humano são de ampliação e diluição, mas estamos sempre a maquinar um pertencimento. A ocasião da primeira foto de nosso planeta registrada de uma sonda espacial que passava por Saturno e outros planetas mais distantes no final da década de 1980, Sagan traz a tona, em seu livro *Pálido ponto azul* (1996) os efeitos que tal “representação” de nosso planeta causaria em nós humanos. Se a alteridade em relações

humanas e sócias já é desafio de prática constante, supor uma interconexão mais ampliada parece completamente impensável. Em suas palavras:

Parecia-me que outra fotografia da Terra, tirada de um ponto de centena de milhares de vezes mais distante, poderia ajudar no processo contínuo de revelar-nos nossa verdadeira circunstância e condição. Os cientistas e filósofos da Antiguidade clássica tinham compreendido muito bem que a Terra era um simples ponto num vasto cosmos circundante, mas ninguém jamais a *vira* nessa condição. Era a nossa primeira oportunidade (e também a última em várias décadas) (...) Para nós, no entanto, ele é diferente. Olhem de novo para o ponto. É ali. É a nossa casa. Somos nós. Nesse ponto, todos aqueles que amamos, que conhecemos, de quem já ouvimos falar, todos os seres humanos que já existiram, vivem ou viveram as suas vidas. Toda a nossa mistura de alegria e sofrimento, todas as inúmeras religiões, ideologias e doutrinas econômicas, todos os caçadores e saqueadores, heróis e covardes, criadores e destruidores de civilizações, reis e camponeses, jovens casais apaixonados, pais e mães, todas as crianças, todos os inventores e exploradores, professores de moral, políticos corruptos, “superastros”, “líderes supremos”, todos os santos e pecadores de nossa espécie, ali – num grão de poeira suspenso num raio de sol. (...) Nossa atitude, nossa pretensa importância, a ilusão de que temos uma posição privilegiada no Universo, tudo é posto em dúvida por esse ponto de luz pálida. O nosso planeta é um pontinho solitário na grande escuridão cósmica circundante. (...) Talvez não exista melhor comprovação da loucura das vaidades humanas do que esta imagem de nosso mundo minúsculo. Para mim ela sublima a responsabilidade de nos relacionarmos e amarmos o pálido ponto azul, o único lar que conhecemos. (Sagan, 1996, p 10)

Nossa suavidade-pulsar é afetiva, é uma questão de afeição. Ser um planeta, um humano, uma relação, um coração que bate, uma afeição a todas essas dimensões... Se afeição é caso de deixar que a dimensão afetivo-intensa-estética-criativa-mutante tome a frente, seja um elo imanente de nossos processos. Entre o cuidado e a intervenção, a criação. Não atrapalhar (GUATTARI, 1987), ser digno do que nos acontece. Naquelas dobras imanentes que aspiram algo numinoso, pois por agora *não temos mais nada a fazer com uma vida*, a não ser estar numa imanência transcendente estética e pulsante – *estar em uma vida suave e pulsátil*. Uma afeição que não se funda na bondade ou na complacência, mas somente como intensa ligação energética que está a nos dar testemunho de vivência. Afeicionados ao mundo, suavizamos e pulsamos um estética mais ativa e respirada. Como uma fita de Moebius, o soneto de Guerra repete e inspira:

O voz zelosa, que dobrada ... brada,
Já sei que a flor da formosura, ... usura,
Será no fim dessa jornada ... nada.

Por agora as magnitudes vão a perder densidade, ligando tempos, espaços e matérias de diferenças colossais, em uma prática que se quer suave e pulsante. O espaço sideral está em nós, a borda em movimento de expansão pulsa ainda dentro de cada átomo, os anéis de gravidade nos ligam ao cotidiano, as luminosidades não são flechas e sim elos de

conjugação, denso fluir das energias que nos fazem ativar a vida em sua expansão afirmativa e cuidadosa. Somos afeto estelar, complexidade de galáxia em modo terreno e humano, natureza caótica em rizoma, imperceptíveis feixes a transmutar a célula, força expansiva e ferrenhos cometas elípticos, e a singularidade marginal de um buraco negro no Big-bang de uma vida.

Expire, inspire... Sejam os pulsos, pois nada se mantém, vai a passar suave.

Exercício de desaparecimento – Cós mica pulsátil

“Não atrapalhar.” Em outras palavras, deixar como está. Ficar bem no limite, adjacência do devir em curso, e desaparecer o mais cedo possível. (Guattari, 1987, p 139)

Moinho sem eixo. Máquina estética em desmonte, mutação necessária, pois é o movimento quem perena, não nossas formas. Ativar a criação na vida é nosso intento, se ele se deu ou falhou é fora de nosso vislumbre. Levar Guattari e uma esquizoanálise ao limite não seria depurar nossos debates e montagens a uma fina precisão, mas tatear, incorporar, erguer inusitadamente o que se adensa, e seguir. Talvez estes finais os passos dos mais importantes – nessa de apostar que contagie, reverbere e que se desfaça –, adentrar um exercício de desaparecimento.

Uma ausência e um barulho a sutilmente se fazer vibrar. Daí infinitos brotamentos, velocidades, inusitadas matérias em explosão e multiplicação. Por agora outros sons reverberam nessa prática de desmonte, uma ampla órbita sem fechamento e sim em pulsação.

Space Oddity, David Bowie (1969) – um impulso de partida numa jornada infinita ao esquecimento onde a experiência, mesmo que documentada, jamais será repetida. A vida é uma das mimetizações afirmativas dum movimento imanente e universal. Desaparecer como uma forma, a ser tantas outras. Um caos heterogêneo que se afirma, intensidades ferozes que gravitam, implosões que vão pairando um movimento em resplendor. Destroçando as formas, de nossas carnes respirosas ao chão movente, vai a sobejar uma reverberação afeiçoada, mas em desaparecimento... “Está me ouvindo, Major Tom? Está me... Aqui estou eu, flutuando em volta da minha lata, bem acima da lua. O planeta Terra é azul e não há nada que eu possa fazer.” (David Bowie, *Space Oditty*, 1969, tradução livre). Ir. Bowie faz da jornada uma melodia em ritornelo multifacetado e exilante. Ir. Documentar sem esperar réplica, e ir.

Cosmogonias múltiplas e incansáveis, a estética como chave ativa de estar em desaparecimento. Certo desapego, desses de não agarrar tão forte às produções, tendo como revolução essa micropolítica da mutação. Seguir Guattari (1987) a desfazer identidades fixas suspeitando de toda idéia de princípio, pois se vamos a deslizar por caminhos de multiplicidades reais, estejamos em agenciamento refeito e heterogêneo de

novo, e de novo. Do capitalismo em suas maquinações de dominação planetária ao afeto corporal em nós mesmo, é desfazendo durezas que atingimos certo grau cósmico e pulsátil dessa estética. Não seguir passos, mas pulsar mutátil num devir-cosmos, ativando um estar em processo estético imanente, uma vida cosmo-pulsátil. Flutuamos em meio à letra de Janis Joplin (1969) que agora nos vibra o corpo em desmonte:

Tem um fogo dentro de todos. É melhor você precisar dele, agora. Eu tenho que segurá-lo, yeah. É melhor eu usá-lo até o dia em que eu morrer. (...) Ah baby por que você não segura o que vai mudar. Eu disse, irá desaparecer quando você virar as costas. Eu disse, você sabe que não estará aqui, quando você quiser alcançar e agarrar.(...) Oh mas continue indo... (Janis Joplin, *Kosmic Blues*, 1969, tradução livre)

Do agenciamento esquizoanalítico, em sua precariedade essencial (GUATTARI, 1987), vamos a sentir esse pulso migratório. Manter o movimento é desfazer-se, estar na parca forma em esfarelamento que já se encaminha em criação outra. Emergem recursos de ultrapassamento, nessa sensibilização suave e cuidadosa a eclodir explosões de amplidão. Uma diluição ostensiva e borbulhante, uma terrenação aérea e pulsante – irradiar em todas as direções a ativar tantas outras combinações insuspeitas. Estar atento a um encaixe estético é caso de desfazimento, desaparecimento e afeição que nos abram em outros, tantos devires e um pulso criativo estético e consistente. Um exercício que se iniciou com esquecimento e recordação em Nietzsche, agora se aponta para a o desaparecimento e a dispersão. Björk é som que retumba nesse ciclo de dispersão com sua música *The Gate* (2017). Abandonar o conhecido com Bowie, flutuar e desfazer o corpo com Joplin, e agora entrar em dispersões quando Björk canta:

A ferida curada no meu peito transformou-se num portal. Por onde recebo amor. Por onde eu dou amor. E eu, me importo com você. Eu me importo com você. (...) Dividida em muitas partes. Feixes luminosos salpicados em prismas. Que se reunirão (...) (Björk, *The Gate*, 2017)

Exercício sonoro de despedaçamento, de vibração cosmogônica, desaparecimentos em afeição. Esse trabalho não se iniciou em ponto único e, por tal, é em dispersão que se encerra. A estética jamais se encarcera, máquina de guerra fugidia de abertura e avivamento, vai a transpassar, num parecer tão intenso com a vida e os movimentos do cosmos, que espaço e tempo serão sempre relativos. Três sons que nos dissolvem em carne, chão e respiração. Vibração, e só.

Precisa morrer o autor, uma fuga final em sumiço. Não uma escapada covarde, mas ir longe na maquinação do artifício cada vez mais (GUATTARI, 1987), atingindo

distraidamente adensamentos da criação nessa contaminação de certo florescimento. Fractal. Mas algo persiste, dessa afeição amorosa pelos e nos acontecimentos e dessa intensa mutação. E é a literatura, essa que nos iniciou e que nos abre uma última fuga. Clarice Lispector (1978) e Valter Hugo Mãe (2016). Ela com a mão fantasmagórica que se mutaciona em escrita rumo ao nada; ele a descosturar um romance que irradia amor e perda.

Ela, desaparecimento explosivo:

Cheguei finalmente ao nada. E na minha satisfação de ter alcançado em mim o mínimo de existência, apenas a necessária respiração – então estou livre. Só me resta inventar. Mas aviso-me logo: eu sou incômodo. Incômodo para mim mesmo. Sinto-me desconfortável neste corpo que é bagagem minha. Mas esse desconforto é que é o primeiro passo para a minha – para a minha o quê? verdade? Eu lá tenho verdade? (...) Eu não digo nada assim como a música verdadeira. Não diz palavras. Não tenho nenhuma saudade de mim – o que já fui não mais me interessa! E se eu falar, que eu me permita ser descontínuo: não tenho compromisso comigo. Eu vou me acumulando, me acumulando, me acumulando – até que não caibo em mim e estouro em palavras. (Lispector, 1978, p 77)

Ele, afeição intensa em dispersão:

Quem tem menos medo de sofrer, tem maiores possibilidades de ser feliz. (...) Ser o que se pode é a felicidade. (...) O Antonino disse à Isaura que amasse. Que amasse, pelos dois, o pescador, que ele cuidasse como quem cuida do importante destino do mundo. O toque de alguém, dizia ele, é o verdadeiro lado de cá da pele. Quem não é tocado não se cobre nunca, ando como nu. De ossos à mostra. E amar uma pessoa é o destino do mundo. (Mãe, 2016, p 27, 86 e 135)

Um micro texto, uma despedida de viagem, a morte do autor, as constelações numinosas radicalmente imanentes. Tudo se fragmenta, replica, refaz, derrete em direções múltiplas ao cosmos, emanando uma afeição pulsátil. Só assim desaparecemos para estar em processos estéticos efetivos.

Sumir, irradiações caóticas, ruínas de uma habitação que se transmuta em som e nada. Nada fica, vai a se fazer outro, é caso de pulsar junto. Precisas de uma mão? Toque quantas precisar, mas lembre que toque é mistura, então desaparecemos na palma dos outros. Do caos cósmico ao carrossel atômico, estamos num nada denso que pulsa em formas percíveis.

Nada, e tudo reinicia. Mão estendida e dispersão, pois o que perdura é potente afeto. Imanente amor, esse de desaparecer e brotar. Uma cósmica pulsátil. Máquina de sortilégio, mas seja, pois, tu és também pulso cósmico. Persisto e desapareço, enfim. Amor por tudo isso, amor.

3, 2, 1... pulso.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ALLIEZ, Eric. *A Cidade Sofisticada*. IN: *Contratempo. Ensaio Sobre Algumas Metamorfoses Do Capital*. Tradução: Maria De Lourdes Menezes Rio De Janeiro: 1988, Forense-Universitária.

ALVARENGA, G. *Vida e arte – criação na borda, no balanço paradoxal*. Niterói: EdUFF, 2017.

AMARANTE, P. Org. *Psiquiatria Social e Reforma Psiquiátrica*. Organização. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1994.

ARTAUD, A. *Os escritos de Antonin Artaud*. Tradução, prefácio, seleção e notas de Cláudio Willer. Coleção Rebeldes e Malditos. Porto alegre: L&PM Editores, 1983.

BARRICO, A. *Oceano Mar*. Tradução Roberta Barni. São Paulo: Editora Iluminuras, 1997.

BASAGLIA, Franco (Coord). *A instituição negada: relato de um hospital psiquiátrico*. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

BATAILLE, Georges. *O erotismo*. Tradução de Antonio Carlos Viana. Porto Alegre: L&PM, 1987.

BEDIN, L. *Cartografia: uma outra forma de pesquisar*. Revista Digital do LAV - Santa Maria - vol. 7, n.2, p. 66-77 - mai./ago.2014.

BLANCHOT, M. *O espaço literário*. Rio de janeiro: Editora Rocco, 2011.

BRETON, A. *Manifestos do Surrealismo / André Breton*. Tradução Sérgio Pachá. Rio de Janeiro: Nau Editora, 2001.

CARROL, L. *Aventuras de Alice no País das Maravilhas e Através do espelho e o que Alice encontrou por lá*. Tradução: Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

CORTÁZAR, J. *Histórias de cronópios e de famas*. Tradução de Glória Rodriguez. – 12ª Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

CUNNINGHAM, M. *As horas*. Tradução: Beth Vieira. Teresópolis: Companhia das Letras, 2003.

D'Ó, Jorge. *Foucault e o problema da escrita: uma introdução*. 2011.

DELEUZE, G. *Conversações*. Tradução: Peter Pál Pelbart. 2ª Ed. São Paulo: Ed. 34, 2010.

_____. *Crítica e clínica*. Tradução de Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 1997a.

_____. *Espinosa: filosofia prática*. São Paulo, SP: Editora Escuta, 2002.

_____. *Lógica do sentido*. Tradução: Luis Roberto Salinas Fortes. 5. Ed. São Paulo: Perspectiva, 2009.

_____. *A imanência: uma vida... in: Gilles Deleuze: imagens de um filósofo da imanência*. Tradução e organização de Jorge Vasconcelos. Londrina: Editora da Universidade Estadual de Londrina, 1997b.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *O que é a filosofia?* Tradução: Bento Padro Jr. e Alberto Alonso Munoz. Coleção (TRANS). São Paulo: Ed. 34, 1992.

_____. *O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia 1*. Tradução Tradução de Luis B. L. Orlandi. 2ª ed. São Paulo: Ed. 34, 2011.

_____. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia, vol. 1*. Tradução Aurélio Guerra Neto e Celia Pinto Costa. Coleção (TRANS). São Paulo: Ed. 34, 1995a.

_____. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia, vol. 2*. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira e Cláudia Leão. São Paulo: Ed 34, 1995b.

_____. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia, vol. 3*. Tradução Aurélio Guerra Neto, Ana Lúcia de Oliveira, Lúcia Cláudia Leão e Suely Rolnik. Coleção (TRANS). São Paulo: Ed. 34, 2007.

_____. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia, vol. 4*. Tradução Suely Rolnik. Coleção (TRANS). São Paulo: Ed. 34, 2008a.

_____. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia, vol. 5*. Tradução: Peter Pál Pelbart e Janice Caiafa. Coleção (TRANS). São Paulo: Ed. 34, 2008b.

DIAS, R. *Nietzsche, vida como obra de arte*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2011.

ENDE, M. *A história sem fim*. Tradução: Maria do Carmo Cury. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2010.

_____. *Momo e o senhor do tempo ou A extraordinária história dos ladrões do tempo e da criança que trouxe de volta às pessoas o tempo roubado: um conto-romance*. Tradução Monica Stahel. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012.

ESPINOSA, B. *Ética / Espinosa*. Tradução Grupo de Estudos Espinosanos; coordenação Marilena Chaui. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015, c. 1677.

FERREIRA, A. B. H. *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. 3ª.ed. São Paulo: Positivo, 2004.

FOUCAULT, Michel. *A hermenêutica do sujeito*. Tradução: Márcio Alves da Fonseca, Salma annus Muchail. 3ª Ed. São Paulo: WMF Marins Fontes, 2010.

_____. *Ditos e Escritos II – Arqueologia das Ciências e História dos Sistemas de Pensamento*. Rio de Janeiro: Forense universitária, 2005.

_____. *Introdução à vida não-fascista*. In: Gilles Deleuze e Félix Guattari. *Anti-Oedipus: Capitalism and Schizophrenia*. New York: Viking Press, 1977a, p. XI-XIV. Traduzido por Wanderson Flor do Nascimento. Revisado e formatado por Alfredo Veiga-Neto.

_____. *História da loucura na Idade Clássica*. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1978.

_____. *História da Sexualidade I: A Vontade de Saber*. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1977b.

_____. *Polêmica, política e problematizações*. Em: *Ditos e Escritos V: ética, sexualidade, política*. Organização e seleção de textos Manoel Barros da Motta; tradução Elisa Monteiro, Inês Autran Dourado Barbosa, 2ª Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

_____. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Tradução: Raquel Ramalhe. 27ª Ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

FUENTES, C; LOWE, S. M. *El diário de Frida Kahlo – um íntimo autorretrato*. VERSAL, A. G., S. L.: Madrid, 2001.

GALEANO, E. *As veias abertas da América Latina*. Tradução: Galeno de Freitas. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

_____. *De pernas pro ar: a escola do mundo ao avesso*. Tradução Sergio Faraco; com gravuras de José Guadalupe Posada. Porto Alegre: L&PM, 2013a.

_____. *Los hijos de los días*. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 2013b.

_____. *O Livro dos Abraços*. Porto Alegre: L&PM, 1995.

_____. *Vagamundo*. Tradução Eric Nepomuceno. Porto Alegre: L&PM, 2014.

_____. *Úselo y tírelo*. Buenos Aires: Booket, 2012.

GINSBERG, A. *Uivo - Kaddish e outros poemas*. Prefácio, seleção, tradução e notas: Cláudio Willer. Porto Alegre: L&PM, 1984.

GROS, F. *Caminhar, uma filosofia*. Tradução: Lília Ledon da Silva. São Paulo: É Realizações Editora, 2010.

GUATTARI, F. *As três ecologias*. Tradução: Maria Cristina F. Bittencourt. São Paulo: Papyrus Editora, 1989.

_____. *Caosmose: um novo paradigma estético*. Tradução: Ana Lúcia Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. Coleção (TRANSN). 2ª Ed. São Paulo: Ed. 34, 2012.

_____. *O inconsciente maquínico – ensaios sobre esquizoanálise* (1979). Campinas: Papyrus Editora, 1988.

_____. *Revolução molecular: pulsações políticas do desejo*. Tradução: Suely Rolnik. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

_____. *¿Que és la ecosofia?* Buenos Aires: Cactus, 2015.

GUATTARI, F.; ROLNIK, S. *Micropolítica: cartografias do desejo*. 12ª Ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

GUMBRECHT, H. U. *Atmosfera, ambiência, Stimmung: sobre o potencial oculto da literatura*. Tradução Ana Isabel Soares. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Contraponto: Editora PUC Rio, 2014.

HERRERA, H. *Frida – a biografia*. Tradução: Renato Marques. 4ª reimpressão. São Paulo: Globo, 2015.

KAHLO, F. *O diário de Frida Kahlo: um autorretrato íntimo*. tradução de Mário Pontes; introdução de Frederico Moraes. 3ª ed., Rio de Janeiro: José Olympio, 2012.

KRAKAUERS, J. *Na natureza selvagem*. Tradução: Pedro Maia Soares. 22ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

KUNDERA, M. *A insustentável leveza do ser*. Tradução: Teresa B. Carvalho da Fonseca. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

LAPOUJADE, D. *Deleuze, os movimentos aberrantes*. Tradução: Laymert Garcia dos Santos. São Paulo: n-1 edições, 2015.

LISPECTOR, C. *A paixão segundo G.H.* Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

_____. *Água viva*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1990.

_____. *Para não esquecer*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

_____. *Um sopro de vida*. São Paulo: Circulo do livro S.A., 1978.

LARROSA, J. *A operação ensaio: sobre o ensaiar e o ensaiar-se no pensamento, na escrita e na vida*. A operação ensaio: sobre o ensaiar e o ensaiar-se no pensamento, na escrita e na vida. In: Educação & Realidade. Porto Alegre: Ed. UFRGS. 2004. V. 29, n. 1, p. 27-44.

MASSEY, D. *Pelo Espaço: uma nova política da espacialidade*. Tradução: Hilda Pareto Maciel, Rogério Haesbaert. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

MATOS. Obras de Gregório de Matos. Dir. de Afrânio Peixoto. 6 vols. Rio de Janeiro: Publicações da Academia Brasileira, 1923-1933 (Sacra, I, 1929; Lírica, II, 1923; Graciosa, III, 1930; Satírica, IV e V, 1930; Última, VI, 1933).

MATURANA, H. R.; VARELA, F. J. *A árvore do conhecimento: as bases biológicas da compreensão humana*. Tradução Humberto Mariotti e Lia Diskin. 4ª Ed. São Paulo: Palas Atenas, 2004.

MÃE, V. H. *O filho de mil homens*. 2ª Ed. São Paulo: Biblioteca Azul, 2016.

MILLER, H. *A sabedoria do coração*. Tradução: Lya Wyler. Porto Alegre: L&PM, 1986.

_____. *Sexus*. Tradução: Roberto Muggiati. 5ª Ed. Rio de Janeiro: Gráfica Record Editôra, 1967.

MOFFATT, A. *Psicoterapia do oprimido: ideologia e técnica da psiquiatria popular*. 6.ed. São Paulo: Cortez, 1986.

NEGRI, Antonio; HARDT, Michael. *O império*. Tradução de Berilo Vargas, 8ª edição. Rio de Janeiro: Ed Record, 2006.

NIETZSCHE, F. *A gaia ciência*. Tradução, notas e posfácio: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das letras, 2001.

_____. *Além do Bem e do Mal*. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das letras, 2005a.

_____. *Assim falou Zaratustra*. Tradução Alex Marins. São Paulo: Editora Martin Claret, 2003.

_____. *Crepúsculo dos Ídolos*. Tradução, notas e posfácio: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das letras, 2006.

_____. *Ecce Homo*. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

_____. *A Genealogia da Moral*. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia Das Letras, 2009

_____. *Humano, demasiado humano: um livro para espíritos livres*. Tradução, notas e posfácio: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das letras, 2005b.

_____. *O Nascimento da Tragédia*. Tradução de J. Guinsburg. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

OLIVEIRA, Fernando Bonadia. *Coerência e Comunidade em Espinosa*. Tese de Doutorado, Departamento de Filosofia da USP. São Paulo, 2015.

PERLBART, P. P. *A nau do tempo-rei: sete ensaios sobre o tempo da loucura*. Rio de Janeiro, RJ: Imago Ed., 1993.

_____. *Vida capital: ensaios sobre biopolítica*. São Paulo: Iluminuras, 2009.

PRANDI, R. *Mitologia dos Orixás*. 20ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

ROLNIK, S. *O mal estar na diferença*. Publicado na França, in Chimères no 25. Association Chimères, Paris, outono 1995. Versão ligeiramente modificada do ensaio publicado no Anuário Brasileiro de Psicanálise. Relume-Dumará, Rio de Janeiro, 1995 e, na Argentina, in Zona Erógena, Revista abierta de Psicoanálisis y Pensamiento Contemporaneo, no 24. Buenos Aires, inverno 1995.

SAGAN, C. *Pálido ponto azul: uma visão do futuro da humanidade no espaço*. Tradução Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia das letras, 1996.

SANTIAGO, S. *Stella Manhattan*. Rio de Janeiro: Rocco, 1991.

SOFFREDINI, C. A. *Hoje é dia de Maria / da obra de Carlos Alberto Soffredini; escrito por Luís Alberto de Abreu e Luiz Fernando Carvalho*. São Paulo: Globo, 2006.

SOUZA, E. *Estamira – fragmentos de um mundo em abismo*. Baseado no documentário homônimo de Marcos Prado. São Paulo: N-1 Edições, 2013.

TOURNIER, M. *Sexta-feira ou Os limbos do pacífico*. Tradução: Fernanda Botelho. São Paulo: DIFEL, 1985.

VAN GOGH, V. *Cartas a Théo*. Tradução Pierre Ruprecht. São Paulo: L&PM Editores, 1986.

WOOLF, V. *A arte da brevidade - contos*. Seleção e tradução Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

_____. *As ondas*. Tradução Lyz Luft. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

_____. *Mrs Dalloway*. Tradução e notas Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

ARTIGOS ACESSADOS NA INTERNET:

CERRO, Sandra M^a. *El legado manuscrito de Frida Kahlo: Viva la vida*. Artigo publicado no blog <http://www.sandracerro.com/files/Articulos/artic-arte/frida.pdf> acessado dia outubro de 2016.

ONETO, Paulo Domenech. *A fascinação do começo*. Publicado em <http://claudioulpiano.org.br/paulo-domenech-oneto/4027/>, acessado em abril de 2017.

PRECIADO, Paul Beatriz. *Pharmaco-pornographic politics: towards a new gender ecology*. Parallax, vol. 14, n. 01, 105-117. 2008. Artigo presente no site <http://uome.miami.edu/media/college-of-arts-and-sciences/content-assets/center-for-humanities/docs/irg-pdfs/Preciado.pdf>, cessado em fevereiro de 2018.

CARTILHAS:

INPE-7177-PUD/38. *Introdução à astronomia e astrofísica*. Diversos autores. Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais, Ministério da Ciência e Tecnologia. São José dos Campos, SP, 2003.

VÍDEOS:

Blade Runner. Direção: Ridley Scott, 1982.

De volta pra casa, 2003.

Estamira. Direção: Marcos Paulo, 2006.

Com Amor, Vincent. Direção: Dorota Kobiela e Hugh Welchman, 2017.

Ghost in the Shell. Direção: Masamune Shirow, 1995.

Hoje é dia de Maria. Primeira temporada. Direção: Luis Fernando Carvalho, 2005.

Koyaanisqatsi – trilogia Qatsi. Direção: Godfrey Reggio, 1983.

Powwaqatsi – trilogia Qatsi. Direção: Godfrey Reggio, 1988.

Naqoyqatsi – trilogia Qatsi. Direção: Godfrey Reggio, 2002.

O sal da Terra – uma viagem com Sebastião Salgado. Direção: Win Wenders e Juliano Salgado, 2015.

Sangue latino: entrevista com Eduardo Galeano. Canal Brasil. Apresentação: jornalista e escritor Eric Nepomuceno, 2009.

The life and times of Frida Kahlo. Daylightfilms produções, 2004, acessado dia 22/09/16: https://www.youtube.com/watch?v=8ZZC5XBO_WQ

2046 – os segredos do amor. Direção: Wong Kar-Wai, 2006.

Entrevista de Clarice Lispector para o programa Panorama Especial, da TV Cultura no ano de 1977. Disponível em:

<http://www.youtube.com/watch?v=TvLrJMGlnF4&feature=related>>

MÚSICAS:

- Faixa: *Geni e o Zeppelin*. Álbum: Ópera do Malandro. Chico Buarque, 1979.
- Faixa: *À palo seco*. Álbum: Belchior. Belchior, 1974.
- Faixa: *Libertango*. Astor Piazzolla, 1974.
- Faixa: *Boi Luzeiro (ou A Pega de Violento, Vaidoso e Avoador)*. Álbum: Cordel do fogo encantado. Cordel do Fogo Encantado, 2001.
- Faixa: *Feeling Good*. Álbum: I Put a Spell on you. Nina Simone, 1965.
- Faixa: *Esotérico*. Álbum: Um banda um, Gilberto Gil, 1982.
- Faixa: *Big time sensuality, Venus as a boy*. Álbum: Debut. Björk, 1993.
- Faixas: *All is full of love, Pluto*. Álbum: Homogenic, Björk, 1997.
- Faixa: *Lion song*. Álbum: Vulcanira. Björk, 2015.
- Álbum: *Biophilia*. Björk, 2011.
- Faixa: *The Gate*. Álbum: Utopia. Björk, 2017.
- Faixa: *Space oddity*. Álbum de estúdio. David Bowie, 1969.
- Faixa: *Kosmic blues*. Álbum: I Got Dem Ol' Kozmic Blues Again Mama! Janis Joplin, 1969.